ARNE DAHL

PERSEGUIDOS



D.QUIXOTE

«Arne Dahl combina intriga global com inteligência, *suspense* e genuína qualidade literária.»
LARS KEPLER

Ficha Técnica

Título: *Perseguidos*
Título original: Inland
Autor: Arne Dahl
Edição: Maria da Piedade Ferreira
Tradução: Ricardo Gonçalves
traduzido da versão inglesa © Neil Smith
Revisão: Catarina Sacramento
Capa: Rui Garrido
ISBN: 9789722068864

Publicações Dom Quixote
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Arne Dahl, 2019
© Publicações Dom Quixote, 2019
Publicado originalmente na Suécia por Albert Bonniers Förlag em 2017
Publicado em Portugal com o acordo de Salomonsson Agency
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.dquixote.leya
com www.leya.pt

Este livro foi traduzido segundo o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

PERSEGUIDOS

Arne Dahl

Tradução do inglês
Ricardo Gonçalves

PARTE I

1

Para a superintendente Desiré Rosenkvist

A primeira vez que ouvi o ruído foi há dois meses. É difícil de descrever. É como se estivesse alguém dentro da parede. O ruído não parece vir de dentro de casa, mas também não parece vir de fora, e é impossível que seja humano. Mas agora que tive tempo para pensar nisso, a sugestão dos agentes que cá estiveram na semana passada, aqueles dois jovens enfiados em uniformes, pareceu-me bastante insultuosa. Na altura, nem sequer sabia o que era o caruncho.

Agora sei.

As larvas do caruncho vivem alojadas no interior da madeira de pinho seca durante um período que pode ir até dez anos antes de se transformarem em pupas e se metamorfosearem em caruncho. A madeira acaba por ficar crivada de buracos, embora pareça intacta do lado de fora. A única maneira de combater as larvas do caruncho é queimar a madeira afetada e fumigar a casa com gás tóxico.

E parece que conseguimos ouvir os bichos a roer a madeira infestada. O caruncho não está lá dentro, mas também não está fora; está escondido algures na escuridão.

Mas não é isso que eu consigo ouvir. A não ser que tenha um caruncho perverso só meu. Porque realmente parece que alguém anda por aí a querer caçar-me.

Moro num local muito isolado. Ninguém aparece por aqui espontaneamente, nem caminhantes que se perderam nem agentes imobiliários a tentar a sua sorte, nem equipas de gestores que fingem relaxar praticando desportos de uma dureza a rondar o heroísmo. Mas há bastantes animais, por isso, como é óbvio, o meu primeiro pensamento foi que uma rena, talvez até mesmo um alce, tivesse conseguido atravessar a

cerca e estivesse a revolver as minhas plantas perenes cuidadosamente escolhidas. Mas não havia vestígios nos canteiros nem sinais de danos na cerca. E eu sei que as renas e os alces não conseguem saltar a cerca: foi uma das principais razões para a ter instalado.

Portanto, se o barulho foi feito por um animal, esse animal tinha de ser humano. Porque os seres humanos também podem ser desumanos. Não é insensato pensar que nós, entre todos os milhões de espécies animais do planeta, possamos realmente deter o recorde mundial da desumanidade. Mesmo que seja suposto personificarmos a humanidade.

E os cientistas ainda creem que apenas conseguimos descobrir, no máximo, metade das espécies existentes no planeta.

Seja como for, dificilmente poderá ser outra coisa que não uma pessoa a perseguir-me. E ele – suponho que seja um homem – dificilmente poderá ter outro motivo para estar aqui no planalto. A neve já chegou e estou sempre a examinar a superfície, mas não encontrei nenhum rasto de vida, exceto o que eu mesma deixei. Mas, apesar disso, sei que está a acontecer – que está constantemente a acontecer.

Anda alguém a espiar-me.

Estou na Escuridão.

No século XIX, as mulheres que lutavam pela liberdade e pela igualdade eram presas e consideradas histéricas, e infelizmente não parecemos ter feito grandes progressos desde então. Sei que há muito que a Polícia acha que sou histérica, mesmo que hoje em dia o disfarcem com rótulos como «teórica da conspiração» e «agitadora», e terão, sem dúvida, algum diagnóstico neuropsicológico à mão que possam aplicar ao meu caso. Bem, boa sorte, é tudo o que vos posso dizer – espero que se engasguem com isso tudo quando estiverem a olhar embasbacados para o meu cadáver depois de eu ter sido espancada até à morte.

Porque não há dúvida de que este homem não me quer bem.

Entristece-me genuinamente que ninguém acredite no que digo. Ou, pior ainda, que pensem que estou louca. Detetei-o no tom de voz dos dois agentes que aqui estiveram. Ouvi-os a gozarem por causa do caruncho quando se dirigiam para o carro-patrulha. Como se o meu ouvido não conseguisse perceber a diferença entre um homem irritado e as larvas desses escaravelhos de chifres compridos. Como se eu, de alguma forma, pudesse confundir os dois ruídos.

Já tentei tantas vezes, mas ninguém me dá ouvidos. Estou completamente às aranhas.

Sabe tão bem como eu que a Operação Gládio existiu e que as tabaqueiras americanas acrescentaram aos seus cigarros substâncias que causam dependência. A CIA tem mesmo uma pistola que provoca ataques cardíacos sem deixar vestígios, e os membros da Igreja da Cientologia levaram realmente a cabo a Operação Branca de Neve, embora ninguém tivesse acreditado.

Já referi várias vezes que Victor Gunnarsson foi visto na Luntmakargatan logo depois de Olof Palme ter sido assassinado – há provas disso – e eu falei pessoalmente com um agente que admitiu que naquela tarde de julho duas testemunhas, que não se conheciam, viram um carro desportivo branco, pertencente a um detetive de Estocolmo, estacionado na rua junto ao café em Kinnekulle.

Também dei o meu melhor para fazer com que percebessem que não havia qualquer vestígio de ADN de Essam Qasim na faca que foi encontrada no ralo da casa em Strömstad, e que, três anos antes do homicídio de Anders Larsson, Penny Grundfelt participava no fórum Flashback sob o perfil de DeathStar, a geradora de ódio. Que a marca de tinta na nádega de Lisa Widstrand chegou até a ser mencionada nos jornais locais sem que a Polícia se incomodasse em saber se isso tinha implicações na culpabilidade de Karl Hedblom, e eu vi parte de uma troca de e-mails *entre os gémeos Abubakir em que são explicitamente mencionadas as munições para a* Ruger Mini 14 *que rebentou a cabeça de Sanchez.*

Mas vocês estão-se nas tintas para tudo isso.

Só irão importar-se depois de eu ter sido assassinada. Quando for um cadáver.

Sim, estou a utilizar uma máquina de escrever para compor este texto. Deixei de utilizar computadores quando descobri a verdade sobre a NSA[1]*. Foi assim que Edward Snowden conseguiu permanecer incógnito na Rússia: nunca utiliza computadores. E Snowden, mais do que ninguém, deve ter sofrido graves sintomas de abstinência, mas tudo é perfeitamente possível de gerir. Utilizo um* tablet *para aceder à Internet, escondido, obviamente, mas nunca escrevo uma palavra eletronicamente. Ficaria tudo registado para sempre na nuvem, e poderia ser infinitamente copiado*

e difundido. Se os gémeos Abubakir descobrissem onde estou, por exemplo, ficaria numa posição extremamente perigosa.

Acabei uma vez mais de ouvir o barulho, agora mesmo. Valha-me Deus.

O pior de estar a escrever estas coisas enquanto isto está a acontecer é que, de certeza, ele vai levar estas folhas. Salpicadas com o meu sangue. Depois vai livrar-se delas como quem não quer a coisa, como se isto não tivesse a mais pequena importância.

E eu para aqui sentada a escrever com o meu próprio sangue.

A parede exterior, na cave. Um barulho arrastado, como se houvesse realmente alguém a mover-se dentro da parede, profundamente embrenhado na escuridão. É óbvio que percebo que ele tem de estar do lado de fora, a andar pela neve, nos canteiros de flores. Só não percebo o que quer.

Será que deixei mesmo escapar algumas verdades indesejáveis na Internet antes de desistir dos computadores? Será que algum culpado foi libertado e se sentiu ameaçado pelos meus atos? Ou é apenas algum sádico vulgar que não tem qualquer tipo de motivação para além do ato em si? Um ladrão, um violador, um assassino – francamente estou-me nas tintas para qual deles seja, mas gostava de saber o motivo.

Quero saber porque é que vou morrer.

Recuso-me a levantar-me, recuso-me a parar de escrever. O crepúsculo já caiu, hoje outra vez mais cedo, mas ainda consigo ver que o céu está coberto de nuvens, que há alguma outra espécie de escuridão além desta.

Outra vez o ruído. Deslocou-se. Um som rápido e arrastado ao longo da parede, claramente a mover-se em direção à porta.

Se ao menos tivessem sido as larvas do caruncho.

Não quero desviar o olhar do que estou a escrever. Mas não posso deixar de sentir que devia estar à procura de uma saída. A minha vela cintila suavemente na escuridão, quase se apaga. Agora não se ouve qualquer outro ruído além do barulho das teclas da máquina de escrever, um som que, noutra circunstância qualquer, seria capaz de me acalmar os nervos em franja.

Mas não desta vez.

Porque consigo ouvir novamente o barulho, aquele arrastar rápido. Nunca esteve tão perto.

Andamos nisto há dois meses. Umas vezes diariamente, outras com um

intervalo insuportável de alguns dias. E agora que estou a ouvir o ruído nos degraus do alpendre quase me sinto aliviada: não conseguiria suportar a incerteza durante muito mais tempo.

A cave que deixei de utilizar há alguns anos: nem sequer lá voltei desde então. Quando olho para a porta da cave, um vento frio e repentino varre o quarto. No preciso momento em que a fraca chama da vela se apaga, ouço…

---

[1] Sigla da National Security Agency. A Agência Nacional de Segurança foi criada nos EUA em 1952 com funções que incluem a intercetação de sinais e a criptoanálise. Também é um dos organismos responsáveis pela segurança das comunicações norte-americanas. *(N. do T.)*

2

Quinta-feira, 12 de novembro, 14h17

Chama-se Berger. Sam Berger.

Era tudo o que sabia. Para além do facto de ter de sair dali.

De fugir para longe.

Encostou a mão à janela da cozinha. Estava tão fria que ele pensou que o suor iria fazer com que as pontas dos dedos ficassem coladas ao vidro. Quando retirou rapidamente a mão, a impressão digital era tão nítida que Sam Berger se interrogou se não seria maioritariamente de pele.

A primeira coisa que viu na janela foi o próprio reflexo. Ergueu a mão direita e esticou os dedos médio e indicador, fazendo com que a mão parecesse um revólver de cano duplo.

E disparou sobre si próprio.

Do lado de fora da janela estava tudo branco. Completamente branco.

A espessa camada de neve era plana. Cobria um campo ou talvez um prado, e parecia estender-se até ao infinito. Então, Sam Berger detetou movimento muito ao longe, num ponto que a visão mal podia alcançar. Se forçasse a vista, conseguia ver que o bloco retangular que se deslocava ao longo da orla do terreno era um autocarro.

Era ali que tinha de chegar.

Havia ali uma estrada. Uma estrada para sair dali. Para longe.

A porta do quarto fora deixada destrancada pela primeira vez, e Sam Berger conseguira escapar na hora certa, durante a acalmia a seguir ao almoço, e conseguira alcançar a cozinha, onde – pelo menos era o que julgava – nunca tinha estado antes.

O pessoal da cozinha tinha preparado tudo para o lanche; havia garrafas térmicas num carrinho ao lado de um tabuleiro com pãezinhos de canela cobertos por película aderente. Viam-se várias batas brancas penduradas

ao lado do carrinho.

Olhou novamente pela janela, chegando-se muito perto do vidro: o frio atingiu-lhe o rosto. Olhou para baixo, para o próprio corpo. Sob aquilo que, noutras circunstâncias, poderia ter sido confundido com umas calças de fato de treino, os pés estavam descalços. Mexeu rapidamente os dedos. Era como se percebessem que Sam Berger nunca chegaria à estrada sem sapatos.

Mas tinha de sair. Tinha de fugir. Já estava ali há demasiado tempo.

Estava longe há demasiado tempo.

Foi procurar na despensa. Por sorte, no canto mais distante havia umas galochas e Sam Berger calçou-as, embora fossem pelo menos três tamanhos abaixo. Os dedos ficaram todos comprimidos, mas conseguia andar, talvez até correr.

Quando regressou à cozinha, Sam Berger ouviu gritos para lá da porta que dava para o corredor principal. A porta estava fechada, mas não era provável que permanecesse assim por muito tempo.

Pegou nas três batas brancas penduradas ao lado do carrinho e precipitou-se para a outra porta. A dor nos dedos comprimidos manteve-o alerta.

Vestiu a primeira bata branca, depois a segunda, porém, no momento em que estava prestes a vestir a terceira por cima das restantes, os ruídos do outro lado da porta da cozinha começaram a aproximar-se demasiado. Rodou cuidadosamente o puxador da porta e esgueirou-se para o corredor lateral. Fechou a porta atrás de si tão suavemente quanto pôde, quando ouviu a porta principal da cozinha a abrir-se. Enquanto corria pelo corredor escuro, Sam Berger vestiu a terceira bata. O seu estilo de corrida, normalmente fluido, com aquelas botas parecia-se mais com os passos arrastados de um louco.

Normalmente? Não havia «normalmente». Muito menos um estilo de corrida. Era como se tivesse despertado para um mundo completamente vazio e completamente em branco.

Um mundo sem referências.

O que pareciam memórias não passavam de dores-fantasma da própria alma. Tudo desaparecera, tudo fora varrido. Era como se o cérebro tivesse apagado conscientemente todos os vestígios do passado.

Mas ainda se lembrava da porta, até se lembrava da pequena fresta que

deixava entrar uma corrente fria no último metro do corredor escuro.

Abriu a porta. O terraço era grande, enorme até, como se fosse próprio de um palácio real, mas apenas um pequeno quadrado em redor da porta tinha sido limpo de neve. Estava coberto de beatas.

Possivelmente fora para ali fumar quando ainda se encontrava na escuridão. Deve ter sido isso. De que outra forma teria conseguido encontrar o caminho até ali?

Mas não tinha deixado de fumar?

Para lá do quadrado limpo, a neve no terraço tinha um metro de espessura. Havia sido varrida para o lado em camadas, formando um íngreme lanço de escadas com neve densamente acumulada, que conduzia a um planalto de neve. O limite do terraço ficava a seis metros dali e Sam Berger não sabia a que distância ficava o chão.

Não sabia a que distância ficava o campo que conduzia à estrada. A estrada que o levaria para fora dali.

Para longe.

Começou a avançar pela neve funda. A crosta era tão dura que nem mesmo as galochas desproporcionalmente pequenas conseguiam quebrá-la. Sobretudo na parte final, quando a luta para chegar ao parapeito se transformou num esforço desesperado para conseguir mover-se. Sam Berger alcançou o parapeito no preciso momento em que ouviu ruídos atrás de si, vindos da porta do terraço.

A queda até ao que avaliara como um vasto campo era de pelo menos cinco metros. Ali, a neve parecia ser mais profunda do que a do terraço, e se fosse tão dura como essa, poderia facilmente partir as pernas. Mas não tinha alternativa.

Sem olhar para trás, Sam Berger balançou primeiro uma perna e depois a outra por cima do parapeito. As três camadas de batas esvoaçaram à sua volta como estranhas asas brancas. E agitaram-se durante um momento absurdamente longo.

Atingiu a neve e afundou-se nela. Sim, afundou-se, e a neve, de um metro de espessura, absorveu o impacto. Caiu para a frente e deu uma cambalhota para dentro do pó branco. A boca ficou cheia de neve e Sam Berger não conseguia respirar.

A situação prolongou-se por demasiado tempo. Começou a entrar em pânico. Uma avalanche de pânico. Mas levantou-se e, dessa vez, as pernas

não cederam. Cuspiu neve, soprou a neve do nariz, vomitou neve, mas conseguiu começar a correr pelo campo. Em direção à estrada. A progressão era dolorosamente lenta. Como se estivesse a caminhar sobre areias movediças.

Depois de percorrer cerca de dez metros, olhou por cima do ombro. Estavam dois homens entroncados junto ao gradeamento do terraço a olhar para ele. Depois desapareceram.

Sam Berger continuou. O pó branco era simultaneamente compacto e poroso, fácil de atravessar horizontalmente, difícil de penetrar na vertical. Era uma batalha contra os elementos. E, apesar das três camadas de batas, estava um frio de loucos.

Começou a nevar. Grandes flocos caíam do céu que escurecia. O sol já se tinha posto quando Sam Berger reparou noutro som que não o da própria respiração ofegante. Parou e virou o rosto para o céu, deixou que os flocos de neve assentassem nele como uma máscara facial fragmentada, prendeu a respiração e pôs-se à escuta.

A ouvir com muita atenção.

Na fraca luminosidade que se seguia ao pôr do sol, conseguia vislumbrar movimento ao longe. Passado algum tempo conseguiu distinguir uma forma. Um bloco retangular movia-se através da brancura.

Seguia na sua direção. Sam Berger recomeçou a andar, deu um passo excessivamente entusiástico e tropeçou de imediato. Depois de ter tentado sem sucesso equilibrar-se, balançando-se para trás, caiu de costas e ficou com as pernas bem enterradas na neve. Não conseguia levantar-se e flocos de neve dançantes pousaram-lhe nos olhos, fazendo com que lacrimejasse.

Não conseguia mesmo levantar-se.

Teve de cavar muito fundo dentro de si para encontrar um núcleo ardente de determinação, uma reserva escondida de energia. Um centro de força comprimida e violenta. Levantou-se com um rugido, espalhando neve em seu redor enquanto as batas batiam como asas. Era um anjo de neve caído, agora ressuscitado.

Apressou-se. O autocarro aproximava-se, completamente coberto de neve dos lados, que levantava ao deslocar-se, sendo apenas visíveis fragmentos das janelas. O motorista levava os máximos ligados e cones de luz eram projetados do retângulo. E o barulho do motor a gasóleo ia ficando cada vez mais alto.

O improvável som da liberdade.

Agora já conseguia ver a estrada, sinuosa, quase afundada no meio da vastidão branca. Correu, de repente conseguia realmente correr, a neve já não oferecia resistência. Sam Berger viu o autocarro a aproximar-se. Ainda faltavam dez metros para a berma da estrada. Caiu de joelhos, levantou-se novamente. Agora, o autocarro estava perto. Sam Berger ergueu os braços e acenou freneticamente. Era impossível que o motorista não conseguisse ver aquela criatura branca alada envolta numa aura de neve esvoaçante.

Continuou a correr, ainda a acenar, chegou à berma da estrada, juntou as últimas forças que lhe restavam para saltar a vala. O autocarro estava a chegar, por um momento julgou ter chamado a atenção do motorista.

Mas ele não abrandou.

O autocarro não abrandou.

Estendeu a mão para o lado coberto de neve do autocarro, formando uma garra, como se pudesse parar o veículo de várias toneladas recorrendo apenas à própria força de vontade. O autocarro passou por ele como um trovão, sem alterar a velocidade. Quando virou ligeiramente, Sam Berger viu cinco riscas claras, mas irregulares, na carroçaria de um dos lados do autocarro, feitas pelos seus cinco dedos.

Olhou fixamente para a mão direita enregelada, as pontas dos dedos a sangrar, mas não sentiu nada. Nada mesmo. Deixou-se cair de joelhos. Já nem sequer tinha força para gritar.

Enquanto se distanciava, o autocarro deixava para trás uma nuvem impenetrável; Sam Berger deu por si no meio de uma súbita tempestade de neve. Lentamente, a tempestade dissipou-se.

Do outro lado dessa névoa provocada pela neve, começou a materializar-se gradualmente uma forma. Movimento, aparentemente focado nele. Surgiram dois seres, dois homens entroncados. Um deles ainda acenava ao autocarro, como se o tempo estivesse desfasado.

O outro homem atravessou a estrada, ergueu o punho e deu-lhe um murro na cara. Sam Berger estava convencido de que já estava inconsciente quando o golpe o atingiu.

A última coisa que ouviu foi a neve a cair incansavelmente pelo espaço.

3

Quinta-feira, 12 de novembro, 17h48

Uma vastidão branca. Nada acontecia ali, não havia nada para se ver.

Porém, à medida que o seu campo de visão se expandia, um par de lâmpadas fluorescentes paralelas foi-se sobrepondo à brancura. Uma delas, cuja luz era fraca, embora piscasse rapidamente, espalhava um brilho nervoso e pulsante no teto branco.

Reconheceu o brilho. Já o tinha visto. Mesmo assim, dificilmente se poderia chamar àquilo uma memória.

Um primeiro pensamento consciente: como era estranho estar tão vazio, tão desprovido de tudo. Era apenas um corpo. Havia uma liberdade grotesca naquilo. Uma liberdade do passado.

Mas agora havia outra sensação, completamente diferente. Como se, pouco a pouco, se fosse abrindo no seu cérebro uma porta atrás de outra. Como se pela primeira vez *quisesse* realmente recordar-se.

Uma voz masculina autoritária dizia: «Gravemente congelada, mas não chegou a ulcerar.»

Sam Berger baixou o olhar do teto. O homem vestido de branco, que também tinha uma profusão de cabelos brancos, voltou a envolver a mão direita de Sam Berger na ligadura e prendeu-a com dois pedaços de fita adesiva. Depois encarou-o.

O homem fitou-o durante muito tempo, depois revirou os olhos pensativamente, e disse:

– Sou o doutor Stenbom. Reconhece-me, Sam?

Sam Berger abanou a cabeça. Não reconhecia o homem de branco.

Mas algo lhe dizia que devia reconhecê-lo.

– Bem, seja como for, a sua mão parece estar bem – disse o Dr. Stenbom, voltando a pousá-la na coxa de Sam Berger. Na verdade, fê-lo de

modo bastante afetuoso. – A ligadura não tem nada que ver com o frio. As pontas dos seus dedos ficaram gravemente feridas quando tentou agarrar a lateral do autocarro que serve esta zona. Ligámos cada dedo individualmente. Parece que o autocarro seguia a cerca de oitenta à hora, o que pode explicar a natureza das lesões. Mas daqui a uma semana, mais ou menos, terão sarado. Lembra-se de tentar parar o autocarro, Sam?

Para sua surpresa, Sam Berger assentiu. Realmente lembrava-se. Lembrava-se de toda aquela louca incursão. Recordava-se da cozinha, da zona de fumadores, do terraço, do campo. Lembrava-se da neve a encher-lhe a boca. Lembrava-se do autocarro. E dos dois homens corpulentos.

– O que não consigo perceber – prosseguiu Stenbom – são os ferimentos na sua cara.

Mas eu percebo, pensou Sam Berger, e sorriu brevemente. Para si. Isso fez com que o rosto se contraísse de uma maneira peculiar. Levou a mão esquerda à face – parecia ter a cabeça toda envolta em ligaduras.

– Recorda-se de como magoou a cara? – perguntou o médico.

Sam Berger abanou a cabeça.

O Dr. Stenbom assentiu devagar em resposta, com alguma cautela.

– Julguei que tinha voltado a detetar consciência nos seus olhos, Sam, mas afinal a sua memória ainda parece estar a falhar-lhe. Sabe em que dia da semana nos encontramos?

Sam Berger tornou a abanar a cabeça. Nem sequer tinha a certeza de saber os nomes de todos os dias da semana. Eram sete, não eram?

– Segunda-feira – disse.

– Por acaso, não – disse o Dr. Stenbom, e franziu a testa.

– Terça-feira – prosseguiu Sam Berger. – Quarta, quinta, sexta, domingo.

– Esqueceu-se do sábado, Sam.

Sam Berger voltou a olhar para o teto. Tinha-se esquecido do sábado. Nem sequer conseguia contar até sete.

– Tem um traumatismo craniano, Sam – disse o Dr. Stenbom. – Pode ser por causa disso e não por causa… da sua atual condição. Consegue dizer o seu nome?

– Sam Berger – respondeu.

– Muito bem. E lembra-se de como chegou aqui?

Movimento vago dentro dele, algures na nuca e não na cabeça. Na medula? Uma imagem: neve a cair intensamente num para-brisas, um

reflexo rápido no mesmo para-brisas, a cabeça de alguém. Depois tudo de desvaneceu mais uma vez.

Abanou a cabeça. O Dr. Stenbom assentiu.

– Mas lembra-se de tentar fugir?

Sam Berger assentiu.

– Claro que tentei fugir – disse. – Não faço a mais pálida ideia de onde raio me encontro! No polo Norte?

O Dr. Stenbom riu-se, mas voltou rapidamente a adotar a sua postura séria.

– Lembra-se de quem o trouxe até aqui?

Memórias vagas mais uma vez, imagens incompletas como fotografias rasgadas. Sam Berger abanou a cabeça.

– Lembra-se se era homem ou mulher?

– Mulher – respondeu imediatamente, para sua própria surpresa.

– Muito bem, Sam. Lembra-se de como ela era?

– Loura.

– Temos imagens da câmara de segurança do lado de fora da entrada principal – disse Stenbom. – E isso encaixa bem, havia uma mulher loura. Mas ela deixou-o do lado de fora, na neve. Tivemos de sair e trazê-lo para dentro, Sam. Quem era a mulher?

Sam Berger podia sentir-se a pestanejar. Cada piscadela fazia a ligadura parecer mais apertada. Estaria toda a cabeça realmente envolta em ligaduras?

– Não sei – respondeu.

– Nós também não – disse o Dr. Stenbom, estendendo as mãos. – E não temos o nome de nenhum familiar seu com quem possamos entrar em contacto, agora que começa a melhorar.

– Estou a melhorar? – perguntou Sam Berger.

– Julgo que posso dizer isso, sim. – O Dr. Stenbom sorriu e levantou-se. – Acho que começamos a chegar a algum lado, Sam.

– Não faço ideia de onde é esse «algum lado».

– Vamos tentar fazer um progresso lento e constante, Sam. Se ainda não sabe onde é esse «algum lado», provavelmente não há pressa em lá chegar.

– Que está agora a fazer?

– Estou a administrar-lhe outra vez a solução intravenosa que temos utilizado nas últimas duas semanas. A mesma dose. Podemos começar a

diminuir gradualmente.

– E o que é isso?

– É sobretudo uma solução nutritiva – respondeu Stenbom. – Não está em condições de absorver alimentos de outra maneira, Sam. Mas também é um sedativo. Não há dúvida de que precisava disto antes, e continua a precisar agora que lentamente começa a regressar à realidade.

Olhou para as tiras de adesivo na dobra do braço esquerdo. Eram coroadas por uma cânula amarela. O médico inseriu nela o tubo da solução intravenosa pendurada por cima da cabeça de Sam. Então deixou cair as mãos ao lado do corpo, ficou a olhar para ele e disse com uma careta:

– O Sam tentou escapar. Se a equipa não o tivesse encontrado, teria morrido de frio lá fora. O procedimento normal seria amarrá-lo, mantê-lo preso à cama para seu próprio bem. Decidi não fazer isso, porque acho que consegue perceber que não é de nós que está a tentar escapar. Está a tentar escapar das suas memórias, da própria realidade. E a julgar pelo que eu e o resto da equipa ouvimos nas últimas semanas, recuperar essas memórias não será um processo indolor. Quero que pense nisso, Sam. Talvez até que se consiga lembrar disso. *Não* vai ser indolor.

O Dr. Stenbom olhou para Sam Berger durante algum tempo, estudando-o. Depois retirou-se. Pode ter havido um estalido quando a porta se fechou atrás dele.

Deitado na cama, Sam Berger limitou-se a olhar fixamente para o objeto amarelo que lhe despontava do braço. Muito lentamente começou a puxar as tiras de adesivo que o mantinham no lugar.

A pele em redor do ponto onde a grossa agulha lhe penetrava no braço não estava apenas azul, mas também coberta por muitas outras marcas de agulha em várias fases do processo de cura; não havia dúvida de que já estava ali há algum tempo. Um par de semanas, dissera o sacana do Dr. Stenbom, mas podia ser há consideravelmente mais tempo do que isso. O tempo ainda não tinha verdadeiro significado para si.

Arrancou a agulha do braço com um puxão. Um jato relativamente fraco de sangue esguichou da dobra do braço, como se já não tivesse grande pressão. Rapidamente diminuiu para um gotejar e Sam Berger puxou a almofada que tinha por baixo da cabeça, retirou a fronha e pôs a almofada por baixo do cotovelo. O sangue gotejou lentamente e espalhou-se devagar até formar uma mancha.

Dobrou a grossa agulha: era mais difícil do que esperara. Acabou por conseguir formar uma leve curva. Ergueu-a e examinou-a à luz. Depois inseriu-a no buraco ainda a sangrar e remexeu um pouco, esgravatando ao longo da veia.

A dor manteve-o alerta.

Olhou para a sua pele. Alguns centímetros abaixo do furo de entrada havia uma ligeira protuberância. Sam Berger pressionou um pouco mais e a protuberância cresceu. A pele acabou por rebentar de dentro para fora. A agulha torta emergiu da pele. O sangue escorreu dos dois orifícios, o do furo de entrada e o do novo orifício de saída.

Viu um buraco feito por uma bala. A imagem passou-lhe pela retina, tentou ficar, insistiu em ficar.

Mas um líquido claro no meio do fluxo de sangue afastou a imagem para o lado. O líquido estava a pingar da ponta da agulha torta. «Pingue», «pingue». O líquido da solução. Já não lhe fluía para as veias, a envenenar-lhe o corpo.

Nem a alma.

Voltou a colar o adesivo nas feridas, formando um pequeno túnel na superfície de um pedaço de adesivo, e esperou até ver a primeira gota clara a escorrer do túnel para a almofada. Então ajustou a cânula amarela e tudo voltou a parecer exatamente como antes.

Pôs a almofada manchada de sangue do outro lado da cama, para a deixar secar, balançou as pernas para o lado e sentou-se na borda da cama. Depois mudou o peso do corpo para os membros inferiores e levantou-se. Oscilou suavemente e clarões de dor percorreram-lhe a cabeça, mas permaneceu de pé. Então deu um primeiro passo hesitante, depois outro. Os passos foram instáveis e Sam Berger teve de agarrar com força o suporte de soro, mas as pernas não cederam.

No outro extremo do quarto despido havia uma bacia com um espelho por cima. Cambaleou em direção ao espelho, viu a peculiar cara de múmia e achou que era lógico. O homem sem memória, o homem sem rosto. Não era o reflexo de Sam Berger. Tocou ao de leve nas ligaduras; era como se estivesse a ver no espelho uma pessoa completamente diferente.

Alguém completamente diferente. O reflexo de outra pessoa. De repente, o espelho era um para-brisas, provavelmente de um carro, e de repente não era claro, mas opaco. Flocos de neve, grandes flocos de neve a atingir o

para-brisas, como se o carro estivesse a passar por uma confusão de raios de luz a faiscar rapidamente. E, num reflexo momentâneo, viu algo diferente. Não era o seu reflexo, não era Sam Berger. Cabelo louro. Mas não havia rosto, apenas cabelo. E depois desapareceu, tudo aquilo. Ficou a olhar fixamente para o bizarro rosto de múmia. E não para um para-brisas, mas para um espelho num quarto despido e desconfortável localizado no que devia ser uma espécie de clínica.

Afastou-se do espelho, não queria ver mais. Cambaleou até à janela. Olhou lá para fora. O campo que antes era tão branco estava agora completamente negro. Não havia lá nada, nem lua, nem uma única estrela, apenas escuridão total. Não era possível ver se estava a nevar.

Provavelmente estava.

Não conseguia escapar ao próprio reflexo. Lá estava outra vez a múmia. Mas agora fazia um gesto à Sam Berger: ergueu a mão enfaixada e disparou sobre si próprio com um revólver de cano duplo.

Então imobilizou-se repentinamente. Como uma figura sentada à mesa.

Um lampejo momentâneo de confusão. Mesa? Figura?

A sensação terrível de recordar algo de que não se lembrava de todo. Apenas o enorme vazio onde aquilo devia estar.

Permaneceu de pé junto à janela negra como breu. Podia ver o próprio reflexo, a sua imagem mumificada. Ao fundo, as coisas emergiam lentamente, materializando-se diante dos seus olhos. Um quarto, uma casa grande e quase vazia. A chuva a bater com força nas janelas. Uma figura sentada numa cadeira no meio da sala. Um vazio, uma quietude que era diferente de qualquer outra coisa. Os móveis da sala emergiram gradualmente – ou melhor, a falta deles. Um interior quase sem mobília. Um grito de origem incerta a elevar-se em direção ao teto relativamente alto. Mas não mais do que isso. Nada mais. A não ser uma coisa, talvez.

Uma cabeleira. Loura. O cérebro de Sam Berger andava às voltas.

A figura sentada. Tudo difuso.

Um trevo de quatro folhas. E uma súbita explosão de sangue. Violência e sangue. Uma casa cheia de dor. Buracos de bala por toda a parte. No chão.

Buracos de bala no chão.

Uma figura sentada. Uma mulher. Quietude.

Depois havia um lanço de escadas, degraus escuros que conduziam a uma cave. Sam Berger não conseguia obrigar-se a descer. O cérebro

começou a recuar.

Começou a soar um zumbido, não fazia ideia de onde vinha o ruído. Duas pessoas, ainda mais distantes, como se as olhasse de muito longe, através do espaço e do tempo. De início estavam a caminhar, mas depois foram sentar-se muito quietas, muito perto uma da outra.

O zumbido era muito alto.

Talvez aquela fosse a realidade: a lua esgueirou-se para trás de uma nuvem, os flocos de neve que caíam lentamente ficaram iluminados. Dançavam em vez de atingirem o para-brisas. Na verdade, era possível seguir cada um dos flocos, intocados pelo tempo, por qualquer sensação de velocidade.

Porque não havia velocidade. Tudo se passava dentro dele, em mais lado nenhum.

E lá dentro as coisas moviam-se rapidamente.

A insondável imprecisão das memórias: tudo se escapava. Assim que Sam Berger estava prestes a capturar uma imagem, esta deslizava para fora do seu alcance.

Outra vez as duas pessoas, uma alta, outra baixa. Colegas próximos, parceiros. O obrigou-se a ficar com eles, embora se dirigissem à mesa. A figura maior era ele, era Sam Berger, e ao lado encontrava-se uma mulher. Não era a loura, mas uma mulher, bastante pequena de cabelo escuro, cortado acima dos ombros. Tentou em vão lembrar-se do nome dela. Desiré?

Sim, isso fazia e não fazia qualquer sentido. Um nome diferente, uma alcunha, talvez? Sim. Deer. Era isso, não era? E então, de repente, viu-os de fora, Sam e Deer, parceiros.

Polícias.

Depois estavam sentados no mesmo lado da mesa numa sala de interrogatórios. O próprio Sam à esquerda, Deer à direita. Rosenkvist. Desiré Rosenkvist.

Viu a sua expressão, sombria. Viu o ar de Deer, encorajador. Polícia bom, polícia mau. Viu o gesto zombeteiro à Sam Berger.

Havia três mulheres. Uma delas, sentada, perfeitamente imóvel, numa cadeira numa sala sem mobília, com chuva a bater nas janelas, e sangue no chão crivado de buracos de bala.

Ou será que eram quatro?

Ainda mais?

E então desapareceu tudo.

Abruptamente. Como se o cérebro destreinado tivesse sofrido uma *overdose* de impressões e se tivesse simplesmente desligado.

Deu um passo instável para o lado. O suporte de soro abanou. O braço doera-lhe quando a agulha entrou. Sam Berger olhou para as tiras de adesivo no braço. Não parecia ter acontecido nada. Esperou. Uma gota de líquido claro acabou por sair do pequeno túnel no adesivo.

Ainda estava a funcionar.

Virou-se e olhou para o quarto. Tinha deixado um rasto no chão. Não havia sangue, apenas algumas gotas de líquido claro. Um rasto de gotas. Um rasto de solução intravenosa. Esperava que tivesse tempo de secar antes que algum membro da equipa clínica regressasse ao quarto.

Cambaleou em direção à cama. Lá estava a almofada, despojada da sua fronha, marcada com uma óbvia mancha de sangue. Apalpou-a. A mancha ainda estava molhada. Pôs a fronha ao lado da almofada e decidiu esperar que o sangue secasse antes de voltar a enfiá-la.

Para não deixar qualquer vestígio. Um rasto de sangue.

Contornou a cama até ao ponto de partida, ergueu as pernas e deitou-se nela.

Fitou o teto. Para lá da luz nervosamente pulsante, tudo era branco. No entanto, ainda havia lá muitas referências. Referências que começavam a assemelhar-se a memórias.

Faria uma pausa. Esvaziaria outra vez a mente, deixá-la-ia a carregar. Mas depois tinha de começar a lembrar-se.

Rapidamente.

4

Sexta-feira, 13 de novembro, 07h33

Não havia janelas na sala. Mas havia muita gente. E ainda mais ecrãs. Era como se estivessem num abrigo subterrâneo. Bem, pelo menos abaixo do nível do solo.

A um canto da grande sala onde a atividade era frenética estavam sentados dois homens, ligeiramente afastados dos demais; cada um sentava-se do seu lado da mesa e olhavam para o rosto um do outro com a mesma frequência com que olhavam para os ecrãs dos computadores. Um dos homens estava de frente para a parede, o outro tinha vista para o resto da sala; revezavam-se, porque ambos preferiam olhar para a sala.

O homem musculado que tirara a palha mais curta naquela semana e estava virado para a parede olhou para o relógio de mergulhador barato que tinha no pulso largo, como se tivesse acabado de atingir a superfície e estivesse a verificar quanto tempo conseguira prender a respiração. Respirou fundo algumas vezes e depois mergulhou novamente. Nas profundezas do oceano do seu computador.

Ao lado do ecrã havia uma placa de metal a anunciar o nome do homem: Roy Grahn.

O homem do outro lado da mesa olhou de relance para ele. Nenhum dos dois estaria preparado para o admitir, mas havia uma luta contínua entre ambos, uma batalha privada para ver qual deles seria o primeiro a ganhar estatuto oficial e ser promovido a quadro interno.

Porque, por enquanto, ambos estavam ainda fora do sistema.

Ao lado do ecrã de computador virado para a parede havia uma placa de metal praticamente idêntica que dizia Kent Döös. E Kent Döös mergulhou no seu próprio computador equipado com os mesmos parâmetros de pesquisa que o de Roy Grahn para averiguar se havia alguma novidade.

Como sempre, a pesquisa estava longe de ser simples. Se, contra todas as expetativas, aparecesse algum sujeito que procuravam, isso quereria dizer que alguém tinha cometido um erro. E eram esses erros que Roy e Kent procuravam: utilização de cartões bancários, atividade na Internet, pequenos deslizes que revelassem as suas identidades.

Molly Blom, pensou Kent Döös.

Roy e Kent tinham trabalhado com ela, e Molly havia sido verdadeiramente impressionante. Nunca cometeria um erro daquele género. Pertencia ao quadro, era uma das colaboradoras mais conceituadas, um dos agentes secretos quase lendários. Fora autorizada a utilizar uma série de identidades secretas que nem o Serviço de Segurança conhecia – se quisesse, Molly seria capaz de permanecer incógnita para sempre. Era o parceiro dela, se assim se pode dizer, o ex-detetive Sam Berger, que era o elo mais fraco. Quase todos os esforços de Roy e de Kent eram desenvolvidos no sentido de tentar localizar eventuais erros que Sam Berger pudesse ter cometido. E, nas duas últimas semanas, era como se Sam Berger tivesse desaparecido da face da Terra.

Ou Molly conseguia mantê-lo debaixo de olho ou Sam Berger desaparecera de circulação por iniciativa própria. Esta última hipótese parecia improvável. *De certeza* que Sam Berger iria cometer um erro, era absolutamente inevitável. Era tudo uma questão de paciência. Mas, por outro lado, a paciência não era exatamente o ponto forte de Kent e de Roy.

O método mais comum era procurar estabelecimentos pouco frequentados, e que tivessem uma presença *online* diminuta. Hotéis que não geriam reservas pela Internet, clínicas de saúde discretas e ginásios em locais isolados. Além disso, havia também os bilhetes de avião, que quando comprados com documentos de identificação duvidosos acionavam o alarme demasiado tarde, as fronteiras mal vigiadas e todos os locais dentro do Espaço Schengen onde não houvesse controlo de passaportes. E, claro, fora do Espaço Schengen. Pensava-se que Sam Berger e Molly Blom estivessem algures na UE, no Espaço Schengen, e provavelmente – em novembro, o mês mais desagradável de todos – nalgum sítio com um clima decente.

Mesmo assim, Kent não estava completamente convencido de que tivessem fugido para o estrangeiro. Trabalhara durante muito tempo com Molly Blom. Não lhe parecia que tivesse saído do país. Concentrava as

buscas na Suécia, nos cantos mais isolados do país. Talvez algures no interior?

Roy Grahn e Kent Döös não tinham autorização para aceder às informações mais confidenciais. Portanto, não sabiam exatamente o que Molly Blom e Sam Berger tinham feito. Apenas que tinham garantido uma presença no *top* da lista dos mais procurados pelos Serviços de Segurança.

Em breve, Kent iria arrepender-se de ter feito uma pausa de alguns segundos, mas não pôde evitar várias memórias contraditórias. Recordou-se claramente de uma enorme discussão quando Sam Berger invadira o apartamento de Molly Blom. Sam Berger lutara como um velho e forte recluso e tinham sido forçados a tranquilizá-lo. Lembrava-se de Molly Blom ter interrogado Sam Berger com rispidez, mas por algum motivo tinha sabotado a gravação do encontro. Por fim, lembrou-se da incursão a um arrepiante apartamento em Sollentuna.

Sam e Molly tinham estado lá os dois, tendo levado a cabo um resgate heroico.

Kent não conseguiu encaixar as memórias numa narrativa coerente. No entanto, não pôde deixar de sorrir ao recordar-se de que Roy vomitara. Ele não.

Tudo isto queria dizer que não estava totalmente concentrado quando apareceram os resultados da pesquisa. Não sabia quanto tempo estivera a piscar a janela no ecrã, mas assim que percebeu foi rápido a agir. Clicou em várias bases de dados, passou por um par de *firewalls*, ultrapassou alguns pedidos de palavra-passe e, de seguida, quando já ia embalado, viu algo que realmente não queria ver. Uma mão.

Uma mão à frente do ecrã do computador. Uma mão e um relógio de mergulhador barato. Os dedos indicador e médio a formar um V.

Roy levantou-se de um pulo e exclamou:

– Arjeplog!

Já quase saíra da sala quando Kent, com ar desgostoso, conseguiu terminar a sua pesquisa. No ecrã podia ler-se: «Sam Berger, Clínica de Lindstorp, Arjeplog.»

* * *

Como era habitual, demorou um pouco até que a porta produzisse o

zumbido fraco que lhes dava acesso ao mais sagrado dos sagrados. Nessa altura, já estavam especados no corredor há mais de um minuto. Kent não pôde deixar de pensar no que o chefe do Serviço de Informações de Segurança teria estado a fazer durante aquele tempo. Seria realmente apenas uma demonstração de poder?

Roy abriu a porta e entrou. August Steen, o chefe do departamento, estava sentado à secretária com as costas perfeitamente direitas. O cabelo grisalho, muito curto, não mostrava qualquer sinal de enfraquecimento e os olhos cinzento-pálidos pareciam ter sido esculpidos em rocha gelada.

– Apanhámo-lo – disse Roy.

August Steen retirou muito lentamente os óculos de leitura, bateu com eles na secretária e disse:

– Quem é que apanhou o quê?

– O Sam Berger – explicou Roy. – O Sam Berger. Apanhámo-lo. Está numa clínica nos arredores de Arjeplog.

As sobrancelhas de Steen franziram-se por um instante, mas a expressão do seu rosto permaneceu impassível. E nem uma palavra lhe cruzou os lábios.

– Posso sugerir o meio de transporte mais rápido possível, chefe? – prosseguiu Roy. – O risco de ele escapar aumenta a cada segundo.

August Steen estudou-o cuidadosamente. Depois olhou para Kent. Nunca era uma experiência agradável.

Então assentiu brevemente.

Roy e Kent saíram do gabinete em menos de um segundo. Steen observou a porta a fechar-se atrás deles. Fitou-a durante muito tempo.

Esticou o pescoço, fazendo-o dar um estalido audível, e então enfiou a mão na última gaveta da secretária. Depois de vasculhar um pouco, retirou dela um telemóvel antigo. Esperou que se ligasse com uma expressão distante no rosto. Em seguida, pegou nele e fez uma chamada.

* * *

Roy Grahn esperara que «o meio de transporte mais rápido possível» quisesse dizer um helicóptero direto ao destino. Todavia, Arjeplog ficava a novecentos e quarenta quilómetros da sede da Polícia em Estocolmo, embora Roy não soubesse disso.

Mas estavam a tempo do voo da manhã e, se tudo corresse de acordo com os planos, deveria haver um helicóptero à espera deles no Aeroporto de Arvidsjaur para os transportar nos restantes cento e cinquenta quilómetros até Arjeplog.

Quando saíram do avião quase vazio, foram confrontados com uma tempestade de neve que parecia muito mais forte do que quando tinham aterrado; era evidente que estava a piorar. E o vento soprava com uma força alarmante.

Subiram para um helicóptero muito pequeno e foram sendo arremessados para um lado e para o outro através de um céu branco rodopiante que por vezes ficava suficientemente desanuviado a ponto de lhes permitir vislumbrar por instantes as montanhas intermináveis. Sabendo que Sam Berger possuía determinadas capacidades – ainda que limitadas – quando se tratava de combate corpo a corpo, ambos inspecionaram as armas, um par de *Glock* bem resistentes e, por precaução, algumas seringas à mão, com agulhas grossas que poderiam ser rapidamente espetadas numa carótida, por exemplo.

Era quase impossível distinguir a pequena localidade gelada por onde o helicóptero passava naquele momento, antes de voltar a sobrevoar campo aberto. Kent viu uma forma estreita, semelhante a uma caixa, a mover-se por uma linha que serpenteava. Examinada mais ao pormenor, a linha parecia uma estrada. Portanto, a forma que se assemelhava a uma caixa provavelmente era um autocarro.

Por entre a neve que caía emergiu gradualmente um edifício que foi crescendo. Parecia um antigo solar e, diante da construção, estendia-se um campo, plano e incaraterístico, com um círculo de onde a neve fora limpa para que o helicóptero pudesse pousar. O piloto taciturno pairou mesmo por cima do círculo, desceu lentamente e ficou tudo branco. Os motores e as pás do rotor silenciaram-se muito antes de a neve rodopiante voltar por fim a assentar. Enfrentando a neve que caía, três pessoas envergando casacos grossos precipitaram-se para o helicóptero. A porta abriu-se e Kent e Roy foram atingidos pelo frio e pela constatação de que a roupa que usavam era demasiado fina; ambos se aperceberam de que deviam ter calculado que, em meados de novembro, Arjeplog seria uma parte da Suécia particularmente fria.

O homem de cabelo branco que encabeçava a delegação dirigiu-se aos

recém-chegados de mão estendida.

– Sou o médico, Stenbom – disse. – Bem-vindos a Lindstorp.

– Roy Grahn, dos Serviços de Segurança – retorquiu Roy, apertando-lhe a mão. – E o meu colega, Kent Döös.

– Também dos Serviços de Segurança – acrescentou Kent.

O Dr. Stenbom não se deu ao trabalho de apresentar os dois homens que estavam por trás dele, mas não havia necessidade. Kent e Roy conheciam o género: carcereiros, guardas. Em vez disso, o médico virou-se e conduziu os visitantes até ao solar por um caminho de onde a neve fora limpa à pressa.

– Quer dizer que vieram por causa do Sam Berger? – perguntou o médico enquanto se deslocavam na neve. – Talvez não estejam a par do que aconteceu. Ontem, o Sam tentou fugir. Conseguimos encontrá-lo na altura certa, senão teria ficado enregelado até à morte.

– Fugir? – perguntou Roy. – O Sam Berger está preso?

– Sim, temporariamente – respondeu o Dr. Stenbom. – Ele estava muito mal quando cá chegou. Foi deixado aqui por uma pessoa não identificada, num estado de grande confusão mental e com um comportamento bastante agressivo. Tivemos de sedá-lo. Quando voltou a si, estava muito perturbado, fez ameaças e parecia extremamente ansioso. Foi tão difícil de controlar que optámos por mantê-lo sedado.

– E quando foi que isso aconteceu?

– Há cerca de quinze dias.

– Mantiveram-no sedado durante quinze dias?

– Embora esta clínica seja especializada em tratamento psiquiátrico avançado, não temos recursos para servir de prisão vinte e quatro horas por dia. De tempos a tempos, reduzimos a dosagem e examinamos o estado do paciente. Ontem de manhã, pela primeira vez, mostrou-se suficientemente calmo para o deixarmos despertar, muito gradualmente. Mas claro que aquela calma era apenas o prelúdio de uma tentativa de fuga. Uma tentativa de fuga bastante absurda, devo acrescentar. Tentou parar um autocarro com as próprias mãos.

– Em que estado está ele neste momento?

– Como sofreu várias lesões, decidimos voltar à dose máxima. Está completamente sedado.

– Lesões? – perguntou Kent, a tremer. – Ulceração por causa do frio?

– Não, o principal problema não é esse – respondeu o Dr. Stenbom. – Como eu disse, tentou parar um autocarro com as próprias mãos. Parece que o autocarro em questão também o atingiu e lhe causou várias lesões faciais. Está bastante enfaixado.

– Enfaixado?

– Ligaduras de gaze na cabeça, sim. – Por fim, alcançaram o que parecia ser uma porta das traseiras. O Dr. Stenbom introduziu um código, passou o cartão por um leitor e continuou: – Por isso, receio que ainda não possam interrogá-lo, independentemente das suspeitas que possam ter em relação a ele…

Roy e Kent optaram por ignorar a curiosidade do médico e sacudiram a neve dos blusões finos. O corredor por onde seguiam encontrava-se completamente vazio e as lâmpadas fluorescentes no teto lançavam uma luz fria e sombria pela passagem desolada. Desembocaram num corredor maior. Viram uma enfermeira a empurrar um carrinho de medicamentos, mas era tudo; não havia um único paciente à vista.

Por fim, o Dr. Stenbom parou diante de uma das portas idênticas e sacou uma argola antiquada com chaves. Introduziu uma delas no que devia ser uma fechadura de alta segurança. Então, Kent e Roy viram-no, por um breve – mas indubitável momento – franzir a testa. Como se tivessem combinado, ambos abriram os fechos dos blusões e desapertaram as tiras que prendiam os coldres de ombro. O Dr. Stenbom abriu a porta, que na verdade não precisara de destrancar.

Na cama solitária encostada à parede em frente, estava uma figura tapada com uma manta.

Roy sacou a pistola e certificou-se rapidamente de que não estava mais ninguém no quarto. Kent também sacou a sua *Glock* enquanto percorria os poucos metros até à cama. Puxou repentinamente a manta e o lençol.

A pessoa ali deitada dormia profundamente.

Vestida de branco.

Uma enfermeira.

Uma seringa vazia despontava-lhe do braço. Stenbom verificou rapidamente os sinais vitais para se certificar de que a mulher estava bem.

– Que porra é esta? – gritou Roy, virando-se para os dois auxiliares que acabavam de entrar no quarto. Ambos encolheram os ombros, surpreendidos.

Ao lado da enfermeira adormecida, no lençol de baixo, espalhara-se uma grande mancha molhada.

– Mas que merda! – exclamou Kent. – O sacana mijou-se todo, ou foi a enfermeira?

O Dr. Stenbom aproximou-se da mancha molhada e cheirou-a quase impercetivelmente. Depois abanou a cabeça e virou-se para o suporte de soro ao lado da cama. Pegou no tubo e olhou-o até onde devia estar inserido na cânula no braço de Sam Berger. E lá estava a cânula amarela, com sangue fresco. O Dr. Stenbom olhou para a agulha e viu que estava dobrada.

– A solução não foi corretamente administrada – disse.

– Traduza lá isso! – berrou Roy.

– O Sam dobrou a agulha – explicou Stenbom, pensativo. – E o líquido do tubo escorreu para fora da veia. Ele não foi sedado. Quando a enfermeira entrou para lhe dar...

– O tipo estava à espera dela – interrompeu Kent, e apontou para os dois guardas. – Ontem, o Sam Berger também fugiu. Para onde é que ele foi?

Os guardas entreolharam-se durante demasiado tempo.

– Respondam, porra! – gritou Roy.

– Para a cozinha – respondeu o mais alto dos dois. – Depois dirigiu-se ao terraço e atravessou o descampado até à estrada.

– Então vamos, mexam-se! – vociferou Roy.

Correram pela passagem. O Dr. Stenbom disse, ofegante:

– Há sangue fresco na agulha. O Sam Berger saiu dali há poucos minutos.

Subiram apressadamente alguns degraus que conduziam a outro corredor. Um dos auxiliares abriu a porta que dava para uma cozinha. Lá estava o carrinho do costume, carregado com garrafas térmicas e um tabuleiro de pãezinhos de canela cobertos com película aderente, mas de resto a cozinha estava vazia.

– Comecem a procurar! – gritou Roy.

De forma um pouco desajeitada, os funcionários da clínica seguiram o exemplo de Kent e começaram a vasculhar a cozinha. O auxiliar mais baixo disse:

– Aqui.

Dirigiram-se à janela onde estava o homem. Através do vidro sujo

podiam ver o helicóptero. O piloto tinha saído e estava na neve a fumar um cigarro. O fumo parecia ser aspirado pelos flocos de neve e atraído para o chão.

– Aqui – repetiu o guarda, e todos olharam da janela para a bancada da cozinha. Numa das quatro chávenas de café sujas, uma gota de sangue formara um padrão estrelado.

E era sangue fresco.

Havia mais duas portas na cozinha. Roy correu até uma delas e abriu-a, vendo uma despensa. Não estava lá ninguém.

– Certifiquem-se de que está mesmo vazia – gritou e correu em direção à segunda porta. Abriu-a. Um corredor sombrio partia em duas direções. Roy saiu da cozinha quando ouviu uma voz nas suas costas exclamar:

– Também há sangue aqui.

Roy descobriu rapidamente onde estava o helicóptero e correu para a esquerda ao longo do corredor. Dez metros mais à frente, parou e olhou para o desmaiado papel de parede, bege com relevos. Kent alcançou-o e viu o dedo do colega a apontar para uma leve mancha vermelha desbotada na parede.

– Está zonzo – disse Roy. – Bateu na parede.

Correram lado a lado em direção a uma porta ao fundo do corredor. Abriram-na e foram recebidos pela tempestade de neve. Demoraram um momento a recobrar o fôlego e ainda mais tempo até conseguirem ver alguma coisa. Havia neve a rodopiar por toda a parte.

Estavam numa espécie de terraço, mas apenas alguns metros quadrados tinham sido limpos de neve, formando uma zona de estar provisória, provavelmente uma área para fumadores. Podiam ver pegadas frescas na neve mais espessa e era provável que houvesse alguma espécie de gradeamento ou balaustrada ali perto. Depois uma maneira qualquer de descer até ao campo, onde mal conseguiam distinguir o helicóptero à esquerda.

Roy ergueu a pistola como se a sua visão melhorasse se tivesse algo a que apontar, mas isso significou perder terreno para Kent, que avançava já pela neve mais espessa, equilibrando-se sobre a crosta, que parecia estar prestes a rachar a qualquer momento. Kent chegou à beira do terraço e lançou-se por cima do gradeamento coberto de branco. Afundou-se na neve, esbracejou para se libertar dela e em seguida embrenhou-se na

tempestade de neve cada vez mais violenta. Conseguia ver uma espécie de movimento ondulante no meio da tempestade furiosa. Era uma visão tão estranha que, em qualquer outra circunstância, teria parado para a contemplar, mas naquele momento estava a perseguir alguém e nada iria interferir nisso. Não ia deixar que alguém lhe escapasse.

Nem sequer aquele anjo.

Porque era o que ele parecia. As asas estendiam-se, brancas contra a brancura que tudo envolvia, e parecia que a figura ia levantar voo a qualquer momento. Que ia desafiar as leis da natureza e atravessar a tempestade de neve rápida como um tiro, e rodopiar triunfalmente pelo céu atormentado, mergulhando depois na direção dele, lançando-lhe aquele sorriso rasgado e convencido à Sam Berger, antes de se afastar na neve e desaparecer.

Mas isso não aconteceu. A figura à frente dele aproximava-se. Não, era Kent quem se aproximava, era Kent quem ganhava terreno, e naquele momento encontrava-se suficientemente perto para que conseguisse vê-lo bem. Podia ver um fino rasto de sangue na neve que ele atravessava a custo, e estava agora tão perto que quase podia tocar na figura esvoaçante.

Kent fez um cálculo rápido. Teria uma, e só uma oportunidade. Tentou calcular o momento certo para se atirar ao homem em fuga, porém, quando se lançou para a frente com os dois pés no ar, a figura pareceu encontrar alguma energia extra e escapuliu-se. Virou-se e Kent viu o rosto branco esborratado a fitá-lo como se nunca o tivesse visto antes, como se nunca tivesse lutado selvaticamente com ele no apartamento de Molly Blom, na Stenbocksgatan, numa Estocolmo sem neve.

Era como se fosse uma pessoa completamente diferente. Uma múmia. E a múmia ergueu a mão enfaixada como se fosse disparar sobre ele com os dedos.

Isso fez com que a múmia tropeçasse e, de repente, a oportunidade era aquela. Kent equilibrou-se o melhor que pôde na neve traiçoeira, saltou para a frente e estendeu a mão, agarrou um dos braços e puxou a figura para baixo, para a neve, que cedeu imediatamente. Deu por si olhos nos olhos com a figura bem enterrada na neve, segurou-a com firmeza utilizando a proibida pega quebra-ombro, e obrigou o sacana a ficar deitado na brancura fofa.

Os olhos fitaram-no através da ligadura de gaze. Azuis, teimosos,

levemente em pânico. Kent virou o homem de costas e pressionou-lhe os membros inferiores com os joelhos. Agarrou a ligadura algures na parte de trás da cabeça do homem. Começou a desenrolá-la. Avistou uma bochecha, um bocado do rosto em carne viva e um queixo com vários ferimentos.

Kent tinha o rosto odiado de Sam Berger gravado na retina; estava na altura de se vingar da humilhação das últimas semanas. Queria ver aquela maldita cara assustada a transformar-se lentamente no rosto maltratado de Sam Berger.

Sentia um certo prazer ao desenrolar lentamente a ligadura. Cada vez mais pele ia ficando visível por detrás do curativo. Os grandes flocos de neve derretiam-se na pele vagarosamente revelada.

Mas a taça do vencedor começou a deixar um sabor cada vez mais amargo. Assim que o maxilar ficou visível, Kent começou a sentir que algo não batia certo. Não conseguiu prolongar mais aquilo e retirou a ligadura o mais depressa que pôde.

E, de repente, a taça estava cheia de veneno.

Kent olhou para o rosto ferido e contundido durante um bom bocado. Então berrou para o ar:

– Porra, este não é o sacana do Sam Berger!

5

Quarta-feira, 18 de novembro, 10h28

A neve já deixara de cair. Agora apenas permanecia ali. Parada, imóvel. O mundo era branco. Era como pisar terreno virgem.

Algo se movia através da brancura. Uma mulher.

Os seus passos laboriosos formavam os primeiros sinais de civilização. Sinais de luta, de sobrevivência. Desafiando os elementos atrozes. Tinha sido uma longa noite e só de manhã a tempestade de neve se deslocara finalmente para sul. O caminho muito bem limpo de neve já não estava particularmente limpo.

A mulher chegou ao topo de uma colina e viu a cabana encolhida no seu novo disfarce e olhou de relance para o telemóvel. Tinha dois minutos. Mais do que o suficiente.

Foi então que o viu. Avançava aos tropeções pela neve, aferrado às abas do blusão vermelho-vivo acolchoado que o envolvia e com que procurava proteger-se.

A mulher abrandou, lançou uma rápida olhadela ao céu azul límpido e depois correu atrás dele. As pegadas que o homem deixava atrás de si eram profundas e nítidas, mas os passos dela eram retardados pela espessa camada de neve. Mais do que realmente a correr abria caminho penosamente, e o homem a afastar-se aos esses à sua frente, como se o rasto em ziguezague que deixava também desse uma indicação do estado mental em que se encontrava.

Apesar disso, a mulher estava a ganhar terreno. Sacou novamente o telemóvel, mas não fazia ideia de há quanto tempo mostrava que eram 10h29; as 10h30 podiam aparecer a qualquer momento e então seria demasiado tarde.

Enquanto corria os últimos metros, mais como um limpa-neves do que

como uma gazela, desabotoou o blusão branco comprido. O vento enfunou-o, fazendo com que se assemelhasse a uma vela balão num lago tempestuoso. O homem virou-se. Nos olhos, que mal se viam por cima da barba grisalha e revolta, tinha uma expressão confusa de medo primitivo.

Aterrou em cima dele, pressionando toda aquela vermelhidão contra a neve espessa, deixando que a vela balão branca velejasse sobre ele enquanto olhava de relance para o telemóvel, que deu um estalido para indicar que eram 10h30.

Acabaram cara a cara debaixo daquela tenda apressadamente improvisada. O homem olhou fixamente para ela. A mulher levou o dedo aos lábios para o mandar calar; ele obedeceu sem uma palavra.

Era estranho vê-lo assim. Mudara muito. Ter a barba tão desgrenhada era menos surpreendente do que ter mudado de cor. O cabelo escuro também estava mais grisalho do que antes; era como se duas semanas no polo de inacessibilidade da Suécia o tivessem transformado numa pessoa diferente.

Ainda tinha o dedo colado aos lábios e o homem continuava deitado em silêncio, imóvel, subitamente colaborante. A mulher olhou para o telemóvel, deixou o tempo passar. Tudo o que podia ouvir eram as duas respirações ofegantes, a dois ritmos muito diferentes.

Estava deitada em cima dele. O corpo parecia flácido. Na caverna de neve do seu grande blusão branco deu conta de que tinha conseguido comunicar com ele quase pela primeira vez desde a cabana de pesca. Os olhos por cima de toda aquela barba já não eram tão límpidos há muito tempo.

Uma última olhadela ao telemóvel; agora estava tudo bem, tinha passado. Levantou-se devagar, o blusão que já não camuflava nada ficando-lhe surpreendentemente apertado em torno do corpo ereto. Como que em resposta, o blusão vermelho acolchoado jazia aberto na neve.

O homem pôs-se lentamente de pé e ficou à frente dela, olhos nos olhos.

– Satélite – disse a mulher. – Um de vários.

O homem pestanejou várias vezes, como se estivesse a tentar afastar fisicamente os restos da confusão que sentia. Abriu a boca para falar, mas a comunicação verbal ainda parecia impossível. Em vez disso, a mulher deu-lhe o braço e conduziu-o cuidadosamente de volta à cabana.

Um polo de inacessibilidade é o ponto mais distante de qualquer posto

avançado da civilização. Por exemplo, um dos polos de inacessibilidade do mar, no Pacífico Sul, o ponto mais distante de terra de todos os mares do planeta, é conhecido como Ponto Nemo.

Mas cada país tem o seu próprio polo de inacessibilidade. O da Suécia está localizado na entrada sudeste do lago Kåbtåjaure, no Parque Nacional de Padjelanta, na municipalidade de Jokkmokk, a poucos metros da caverna de neve improvisada que o casal acabara de deixar.

Quando a mulher abriu a porta da pequena cabana, a lufada de ar vinda de dentro levantou-lhe o cabelo louro.

A cama estava desfeita, os lençóis e as cobertas todos amontoados. Os comprimidos ainda se encontravam na mesa de cabeceira. O estojo retangular para relógios estava aberto pela primeira vez desde que tinham chegado; uma correia de crómio dourada emitia um brilho fraco à luz do sol de inverno filtrada pelas janelas.

O homem passou por ela e deixou-se cair no chão por detrás da casa de banho rudimentar, onde se encolheu de costas contra a parede, com os braços em torno dos joelhos, os olhos muito abertos perdidos no vazio. Usava um relógio no pulso pela primeira vez em muito tempo.

– Já passaram mais de duas semanas, Sam – disse a mulher. – Mas ainda não estamos completamente seguros. Tenho um cronograma da passagem de potenciais satélites. É importante não estarmos lá fora nessas alturas.

Sam Berger olhou para ela, cofiou a barba espessa, endireitou o pescoço e disse, desviando o olhar:

– Esta porra tem de acabar.

– Não foi propriamente fácil comunicar contigo durante este tempo, Sam. Deixaste de tomar a medicação?

Sam Berger abanou a cabeça:

– Molly, por amor de Deus.

Molly agachou-se ao lado dele. Ficaram sentados durante algum tempo, Molly de cócoras, Sam encostado à parede. Nada mais se ouvia além dos estalidos do radiador.

– Acho que está nas últimas – disse Sam Berger, apontando para a bateria de automóvel.

– Tirando aquele *stress* do satélite, escolheste um bom momento para despertar – disse Molly Blom. – Isso faz com que o futuro pareça um pouco mais radioso.

– Não faço ideia do que acabaste de dizer.

– Tens razão – disse Molly, levantando-se. – É a tua quinta bateria e está nas últimas. Está quase na altura de um pouco de civilização. Desde que nunca nos esqueçamos de que não podemos andar livremente por aí. Andamos a esconder-nos. Estamos a ser perseguidos. Lembras-te desta parte, não é?

Sam Berger olhou para Molly, que aguentou o olhar sem vacilar. O olhar de Sam era uma cornucópia de perguntas.

– Tantos pesadelos e alucinações – disse Sam. – Estou constantemente a ver uma cara completamente inexpressiva. Quer dizer que a Syl está morta? Foi assassinada pelo Serviço de Segurança? E enfiaram-lhe uma porra de uma meia na boca?

Molly Blom observou Sam Berger. Também parecia estar nas últimas.

– Espero realmente que não te tenha dado doses demasiado fortes, Sam. Mas tens estado impossível de aturar. Não te lembras de nada disso?

– Lembro-me de termos apanhado um assassino no obscuro e distante passado. Lembro-me de libertar uma data de reféns. Lembro-me de sermos demitidos da Polícia. Lembro-me de estarmos num barco a remos, a fazer planos para o futuro. Mas o meu cérebro não quer ir além disso.

Molly Blom baixou-se ao lado de Sam Berger, ergueu um fogão de campismo sujo do chão e pousou-o na mesa. Depois puxou uma das cadeiras desengonçadas e sentou-se. Deitou um pouco de água de uma garrafa de plástico numa panela muito amolgada que estava à mão e acendeu o fogão a gás. O ruído abafou o do radiador.

– Tens de comer – disse ela.

– Que merda é esta que tenho vestida? – murmurou Sam Berger, levantando-se com dificuldade e olhando para o próprio corpo. – Um blusão acolchoado vermelho-vivo esburacado e umas calças polares nojentas? Que aconteceu? Assaltei um sem-abrigo, ou quê?

– Comprámos roupa pelo caminho – explicou Molly Blom. – Em lojas que garantidamente não tinham câmaras de segurança. E isso restringiu a escolha. Já não precisas de usar esse blusão vermelho, tens um branco.

Molly tirou um pequeno saco de um dos bolsos do blusão, sacudiu-o suavemente e mostrou-o a Sam Berger.

– Sopa de carne?

Sam encolheu os ombros e sentou-se do outro lado da mesa. Molly viu a

confusão estampada nos olhos dele, mas pelo menos agora a confusão entrelaçava-se finalmente com o desejo de saber mais. O desejo de saber em vez da vontade de fugir.

A vontade de confrontar os factos.

– Sei que vivo nesta barraca no cu de judas há uma data de tempo – disse Sam. – Servi-me daquela sanita de compostagem nojenta várias vezes por dia, bebi água do lago fervida até poder substituí-la pela neve, comi aquela sopa instantânea inacreditavelmente má. Não tomei um único banho. Sei disso tudo. Mas nada mais. Onde estamos?

– Tenho-te ajudado a lavares-te – disse Molly Blom.

Sam olhou para Molly e pestanejou várias vezes. Molly prosseguiu:

– O lago chama-se Kåbtåjaure e fica no Parque Nacional de Padjelanta. Foi o sítio mais longe da civilização que consegui encontrar.

– Padjelanta? – exclamou Sam Berger. – Lapónia? A norte do Círculo Polar Ártico?

– Sim – respondeu Molly Blom. – Tivemos de fugir, de fugir mesmo a sério. Porque os assassinos da Sylvia Andersson parecem ter muito jeito para encontrar pessoas.

– O Serviço de Segurança.

– Ou uma organização de alguma forma ligada ao Serviço de Segurança, sim. Lembras-te das circunstâncias?

– Não muito bem – respondeu Sam Berger. – Os tipos assassinaram a Syl e deixaram a Moira, a filha de cinco anos, órfã. E foi tudo por minha culpa.

– A Sylvia era adulta – retorquiu Molly Blom, fervendo a sopa. – Além disso era polícia. Era capaz de tomar as suas próprias decisões. Uma condição essencial para podermos seguir em frente é parares de te recriminar. E voltares a focar-te.

– Pressionei-a demasiado.

– Lembras-te da razão para teres feito isso?

– Os ficheiros do Serviço de Segurança. A Syl ia tentar sacar da Internet alguns documentos que tinham sido apagados dos arquivos do Serviço de Segurança.

– E lembras-te porquê?

Sam fechou os olhos com força. Molly mal o reconhecia. Era realmente uma pessoa diferente.

– Teve que ver com o nosso assassino – acabou por desembuchar. – O caso Ellen Savinger.

– Então, já estás preparado para ouvir? Pela primeira vez em mais de duas semanas?

Sam assentiu. Molly respirou fundo.

– O assassino no caso Ellen Savinger trabalhava indiretamente para o Serviço de Segurança, para o fornecedor de equipamentos tecnológicos do serviço, lembras-te disto?

Sam Berger assentiu novamente. Molly Blom prosseguiu:

– Pensámos que era uma coincidência até percebermos que o tipo também tinha trabalhado mais ativamente para o Serviço de Segurança, como guarda-costas de uma família chamada Pachachi, e foi esse trabalho que o fez passar-se. Continuas a acompanhar o que estou a dizer?

– Sim – respondeu Sam. – Continuo. A primeira rapariga que raptou. Aisha Pachachi.

– Boa – disse elogiosamente Molly. – Também conseguimos identificar o pai dele como um mercenário norueguês chamado Nils Gundersen. Este Gundersen foi recrutado nos anos 70 por um jovem agente do Serviço de Segurança chamado August Steen, e passou a fornecer informações vitais do Médio Oriente. Ainda estás a acompanhar-me?

Sam Berger assentiu, franzindo a testa.

– August Steen. O atual chefe do Serviço de Segurança?

– O chefe da Secreta do Serviço de Segurança – confirmou Molly Blom. – E foi ele quem nos demitiu.

– Mas nada disso aparece nos arquivos do Serviço de Segurança.

– É óbvio que foi removido, e muito recentemente. A Syl estava a tentar localizar esses dados. Incluindo a misteriosa chegada da Ali Pachachi e respetiva família do Iraque durante a Guerra do Golfo. Porque é que isso era tão secreto? E porque é que o August Steen parece estar preparado para matar, de modo a manter o trabalho secreto do Gundersen longe de todos os registos oficiais?

Sam Berger não tinha parado de fazer que sim com a cabeça.

– Que aconteceu? – perguntou. – Como é que viemos aqui parar?

– Lembras-te do barco a remos? – perguntou Molly. – Pensámos que podíamos descontrair, estávamos a fazer planos para o futuro. Lembras-te da cabana de pesca?

– Sim – respondeu Sam. – É pouco provável que me esqueça daquela cabana.

– Até chegámos a falar em comprá-la, em criar lá uma empresa, uma espécie de agência de detetives privados. Mas, em vez disso, a Sylvia Andersson, a tua amiga Syl, estava sentada na cabana de pesca à nossa espera. Morta. Com uma meia preta grossa enfiada na boca, como uma das vítimas anteriores, a velhinha senil que nos deu o nome do Nils Gundersen.

– Que grande merda – disse Sam.

Não falaram durante algum tempo, deixando o passado há muito suprimido infiltrar-se no presente até que começou a tornar-se difícil respirar.

– Aconteceu-te alguma coisa lá, Sam – acabou por dizer Molly Bom. – Tornaste-te uma pessoa diferente.

– Depois do barco a remos, só me lembro de fragmentos.

– Tínhamos passado por um caso que abriu todas as persianas de par em par, que demoliu todas as *firewalls* que tu e eu tínhamos construído para manter o passado ao largo. Os teus sentimentos de culpa alcançaram-te. A culpa em relação a mim e a muitas outras raparigas. Mas já ultrapassámos isso. As coisas até estavam a começar a parecer um pouco mais animadoras. Mas depois ficaste completamente desequilibrado porque te sentiste responsável pelo que aconteceu à Syl e à Moira. Não é de surpreender que te tenhas ido completamente abaixo, Sam, e tudo mudou.

– Fui-me abaixo?

– Não consigo encontrar melhor maneira de descrever o que aconteceu – afirmou Molly Blom, servindo a sopa. – Reagi muito por instinto; se calhar, o meu treino como agente secreta assumiu o controlo. Só sabia que tínhamos de sair dali o mais invisivelmente possível. Os tipos deixaram lá a Syl por algum motivo. Ou para nos incriminarem pelo homicídio dela ou como um aviso, um sinal de que também tínhamos sido condenados à morte; podiam ter-nos eliminado na altura, enquanto estavam lá: éramos alvos fáceis naquele barco a remos em Edsviken. Seja lá o que isto for, é grave a este ponto. Esbarrámos contra isto enquanto seguíamos o rasto de um assassino louco, mas que não era a personagem principal no que quer que esta coisa toda seja. Algo em grande estava a acontecer e, no máximo dos máximos, éramos carne para canhão. Por isso tivemos de sair dali, era

a única coisa em que eu conseguia pensar.

– Tu reagiste instintivamente e eu… fui-me abaixo?

– Come um bocado de sopa, vais precisar.

Relutante, Sam Berger pegou na caneca e bebeu um gole do líquido quente. Tornou-se logo óbvio, como sempre, que não havia muita carne envolvida naquela zurrapa. Molly bebeu um pouco da sua sopa e prosseguiu:

– Tu desmoronaste-te literalmente. Como se tivesses sido atingido na cara por uma bigorna. Fiquei para ali com o cadáver da Syl e tu inconsciente no chão, e sabia que estavam a observar-me, de uma forma ou de outra. Podia ter conseguido fugir, mas assim teria sido obrigada a deixar-te lá. Tive de te reanimar rapidamente, Sam. E, de qualquer maneira, a ferida já sarou.

– O quê, cortaste-me para me reanimares?

– Sim, encontrei uma fonte eficaz de dor. Mas tu estavas impossível. Não parecias compreender o que era melhor para ti, o melhor para nós. Estavas absolutamente determinado em ir atrás de August Steen, custasse o que custasse. Querias ir aos jornais e à televisão, gritar aos quatro ventos. Tive de te acalmar.

– Deixa-me adivinhar – disse Sam Berger. – Injetaste-me no pescoço?

– Não podia dar-me ao luxo de ficares outra vez inconsciente, mas tive de te pôr sob controlo. Dei-te meia dose. Resultou, ficaste mais colaborante. Tonto, mas colaborante. Escapámos pela floresta. As faias-pretas, lembras-te delas?

– O restolhar das folhas das faias-pretas – disse Sam. – Mas agora já caíram todas.

– Ajudei-te a manteres-te de pé e fomos aos tropeções pela floresta, deixámos o nosso carro estacionado junto da cabana de pesca. Arrombámos uma casa e encontrámos a chave de outro carro.

– A sério? *Eu* fiz isso?

– Não, deixei-te nos degraus do alpendre e esperei que ninguém te visse ali sentado, porque parecias um bêbedo suspeito. Troquei de carro várias vezes desde então. E agora temos este.

Molly Blom abanou um porta-chaves à frente do rosto de Sam Berger: o logótipo era inconfundível.

– Um jipe – disse, e assentiu. – Calculo que seja de tração às quatro

rodas?

– Demorei um pouco a descobrir para onde havíamos de ir. Não podia contactar ninguém, nem sequer uma única vez, isso era o principal. Tínhamos de estar sempre abaixo do radar. De ser autossuficientes. Acabei por conseguir encontrar estas duas cabanas, porque me lembrava delas de um passeio que fiz numas férias há alguns anos. Nunca vem aqui ninguém, pelo menos em novembro. Desde então, estamos a ser tão discretos quanto possível, sem Internet, sem telefonemas, sem transações, sem nada de nada do mundo exterior. Mas angústia existencial não nos tem faltado. E um pouco de esqui.

Sam Berger gesticulou para a chave do carro:

– Mas agora vamos embora daqui?

– Como assim? – perguntou Molly Blom.

– «Come um bocado de sopa, vais precisar», disseste tu.

Molly esvaziou a caneca e olhou para Sam. Os olhos de ambos encontraram-se, como se cada um estivesse a estudar o outro ao pormenor.

Por fim, Sam bebeu o resto da sopa e perguntou:

– Então porque é que preciso de mais energia do que o habitual?

Molly Blom pousou a caneca vazia na mesa com estrondo.

– Porque tenho uma surpresa para ti.

6

Quarta-feira, 18 de novembro, 11h14

A sala é despida, claustrofóbica e gelada, como se tivesse sido aberta a dinamite nas rochas. Só a luz dos ecrãs impede que fique completamente escura.

Há dois ecrãs, um por cima do outro, e mostram a mesma vista, mas de diferentes alturas. A distância de visionamento do ecrã foi otimizada com precisão para a pequena secretária, onde um joystick *controla a direção, o* zoom *e a focagem. Os ecrãs relevam imagens estáticas, sobretudo neve. O ecrã de cima exibe duas cabanas cobertas de neve, uma mais distante do que a outra, e o ecrã de baixo mostra apenas a mais próxima.*

Então a quietude é quebrada, um pouco mais longe, junto da outra cabana. Duas pessoas emergem do interior, muito pequenas, muito distantes.

A mão que usa a fina luva de pele amplia com gestos experientes a imagem no ponto onde estão as pessoas; mesmo àquela distância, a resolução é boa. A mulher usa roupa branca e grossa, equipamento de esqui moderno, assim como um gorro de lã justo. O homem está descalço e não tem nada vestido, a não ser uma toalha enrolada à *cintura. A mulher condu-lo a um dos lados da cabana, entrega-lhe um balde e depois dobra novamente a esquina em sentido inverso.*

A câmara permanece focada na mulher durante algum tempo.

Então, a mão esquerda amplia o homem. A mão direita, também guarnecida por uma luva fina, digita anotações num pequeno teclado por baixo de um pequeno ecrã:

«*11h15: ♂ evidentemente desperto; ♂ prováveis abluções; ♀ a ajudar a uma certa distância.*»

Então, o homem ao lado da cabana tira a toalha e pendura-a num prego

na parede. Tem a barba castanha listada de cinzento. Equilibra-se, faz uma pausa por alguns instantes, olhando para o balde.

Depois ergue-o por cima da cabeça.

7

Quarta-feira, 18 de novembro, 11h16

O despertar tem muitas fases. Normalmente, a vigília extrema apenas é alcançada por um choque súbito, sobretudo devido ao frio.

Quando o balde de neve derretida se entornou sobre o corpo nu, sem dúvida que Sam Berger se sentiu desperto, no mínimo. Como se o tivesse pedido, um frasco de gel de banho apareceu à esquina da cabana. Trocou-o pelo balde vazio e a mão feminina desapareceu novamente.

Ensaboou todo o corpo enquanto o frio o consumia, milímetro a milímetro, exceto nos pés onde parecia avançar mais depressa. Passado algum tempo, a mão apareceu outra vez à esquina, agora com o balde cheio. Sam Berger inclinou-o rapidamente sobre a cabeça e voltou a pendurá-lo na mão estendida.

– Mais um? – perguntou Molly Blom.

– Se não for pedir muito – respondeu Sam Berger, batendo os dentes.

O balde voltou uma vez mais. Sam esvaziou-o sobre si próprio, tirou a toalha do prego na parede e já tinha começado a secar-se enquanto a água lhe escorria das canelas preparando-se para lhe congelar os pés.

Mas a água não foi suficientemente rápida. Sam Berger libertou-se numa questão de segundos, passou apressadamente por Molly Blom e entrou na cabana, quase seco.

– A tua roupa normal está no saco – disse Molly em voz alta do lado de fora.

Sam encontrou rapidamente a roupa e vestiu-a; tudo parecia desconcertadamente normal, exceto as grossas botas de neve que nunca tinha visto, mas que lhe serviam na perfeição. Quando saiu para a paisagem invernal completamente silenciosa, vestiu um casacão branco por cima do blusão branco acolchoado. Molly examinou-o com ar crítico.

– O que vamos fazer a essa barba?

– Depende do que estamos a planear fazer – respondeu Sam. Molly limitou-se a assentir e afastou-se. Um caminho relativamente limpo de neve conduziu-os colina acima, através do que parecia um terreno árido. Mas, em vez disso, apareceu outra cabana, ligeiramente maior do que a dele. Havia uma pá para neve do lado de fora, mas nada mais. Molly Blom abriu a porta e entrou. Sam Berger ficou à entrada enquanto Molly juntava algumas coisas e as enfiava à pressa numa mochila.

Sam percorreu a cabana com os olhos. Logo à entrada havia um monte de baterias de automóvel e, no topo, um grande número de pilhas, provavelmente para candeeiros portáteis e lanternas. Como na sua própria cabana, muito mais despojada, havia um fogão a lenha que, como era óbvio, não podia ser utilizado. Sam Berger percebeu, apesar do estado miserável em que tinha o cérebro, que era por causa do fumo. O fumo e os satélites.

Então era ali que Molly estivera escondida nas últimas duas semanas, sem qualquer forma de contacto com o mundo exterior, com um louco a uma distância apropriada e controlável. Sam tentou ver algum indício do que Molly tinha andado a fazer. Havia uma bateria de automóvel ao lado da cama ligada por cabos a um transformador, do qual mais fios iam por sua vez dar a um computador portátil na mesa de cabeceira e a uma impressora básica logo por baixo.

– Não há ligação à Internet? – perguntou Sam.

– Mínima – respondeu Molly. – E extremamente segura. Era inevitável.

– Pesquisaste a rota dos satélites no *Google*?

– Sim, agora sei a quais deles o Serviço de Segurança pode ter acesso. Passam a horas fixas, enviei-te o horário para o telemóvel.

– Então, vais manter-me na expetativa?

Molly pôs a mochila às costas e, quando passou por ele, entregou-lhe uns óculos escuros. O caminho pela neve estendia-se ao longo da paisagem até se desvanecer gradualmente. Sam seguiu-a e em breve caminhavam pela neve.

– Ainda bem que não é muito profunda – disse Molly, seguindo na dianteira. – Mesmo assim, ainda são cinquenta quilómetros até à estrada mais próxima.

Seguiram em frente. O sol ainda brilhava e a luz gelada refletia-se na

neve, que de alguma forma ainda se tornava mais fria. Os óculos escuros mantinham a cegueira da neve ao largo, mas não conseguiam impedir que o brilho os encandeasse.

Sam Berger olhou para o telemóvel e, apesar dos óculos escuros, conseguiu ver o horário dos satélites. Passavam três vezes ao dia. Mas nenhum nas duas horas seguintes.

A paisagem era áspera, irregular, selvagem e montanhosa. Nenhum veículo seria capaz de atravessá-la, nem sequer um 4x4.

– Como raio é que me conseguiste trazer até aqui? – perguntou Sam sem fôlego. – Não consigo recordar-me nada de ter vindo a pé.

– Da mesma forma que atravessámos a floresta em Edsviken – respondeu Molly. – Injeções regulares e dosagens controladas. Conseguias andar, mas não muito mais do que isso. Na altura não havia neve, a paisagem parecia completamente diferente.

Molly Blom verificou a bússola no telemóvel e ajustou a rota ligeiramente para sul. Caminharam por um período de tempo indeterminado sem trocar qualquer palavra.

Passado um bocado, a neve ficou mais fina e tornou-se mais fácil caminhar; era óbvio que tinham chegado a uma zona mais ventosa. Começaram a aparecer árvores; podiam ser pequenas e retorcidas, mas era evidente que tinham acabado de entrar na zona arborizada.

Ao longe, Sam viu algo que parecia um abrigo contra o vento. Molly começou a limpar a neve e dirigiu-se confiantemente para lá. Quando conseguiu alcançar abrigo e começou a afastar alguns troncos de árvores, Sam juntou-se a ela. Não estava em forma, era mais do que evidente. Pela primeira vez na vida, começava a ter consciência da fragilidade do próprio corpo.

– Tu é que construíste isto? – perguntou Sam, lançando um ramo de bétula raquítico para o lado.

– Caso decidam começar a levar mesmo a sério a vigilância por satélite – disse Molly. – Embora duvide disso. Até o Serviço de Segurança tem de pensar no orçamento. E, como eu disse, esta não é propriamente a época das caminhadas. Mas não quis correr riscos.

A parte de trás do jipe ficou visível. Verde-azeitona – só podia. Será que o desviara de alguma base militar?

Molly Blom abriu um caminho até à porta do condutor, ligou o motor

sem problemas e saiu do jipe. Enquanto Sam entrava no lugar do morto, Molly revolvia a mochila. Tirou uma folha e entregou-lha.

– No princípio há muitos altos e baixos – disse Molly Blom. – Segura-te bem.

– Que faço com isto? – perguntou Sam, abanando o papel.

– Lê a carta, não? – disse Molly, e baixou o pé.

– «Para a superintendente Desiré Rosenkvist»? – exclamou Sam Berger, e começou a ler.

* * *

Quando o caminho intermitentemente inexistente começou a assemelhar-se a um trilho pela primeira vez em muitos quilómetros, Molly Blom parou e mudou as matrículas do jipe. Não muito tempo depois, chegaram à povoação.

No verão, Kvikkjokk era o ponto de partida natural para as caminhadas nas zonas de Sarek e de Padjelanta, mas no início do inverno a vila ficava consideravelmente mais deserta. No momento em que o jipe entrou no que poderia ser descrito como uma área urbanizada, ainda não tinham visto uma única pessoa.

Uma viagem acidentada de cinquenta quilómetros pelas vastidões desoladas da Lapónia, em novembro, devia ter deixado Sam Berger mais atarantado do que na realidade deixou. O motivo era simples. Acabara de ler um texto notável redigido numa máquina de escrever. Até o fez esquecer-se de que devia estar a sentir-se enjoado da viagem.

Leu em voz alta: «A primeira vez que ouvi o ruído foi há dois meses. É difícil de descrever. É como se estivesse alguém dentro da parede. O ruído não parece vir de dentro de casa, mas também não parece vir de fora, e é impossível que seja humano.»

Molly Blom olhou-o de relance, mas foi a sua única reação.

– Quem escreveu isto? – perguntou Sam ao passarem por uma placa que anunciava que em breve chegariam à Estalagem de Montanha de Kvikkjokk.

– E o que aconteceu à mulher que escreveu? – respondeu Molly, entrando num parque de estacionamento entre vários edifícios compridos de madeira pintados de vermelho. A água, na parte mais teimosa de alguns

rápidos, ainda abria caminho à força através de uma cobertura de gelo em expansão, mas era claro que o rio em breve, e durante os seis meses que se seguiriam, deixaria de fluir.

– Estás mesmo a responder-me com uma pergunta? – inquiriu Sam. – Foste tu quem me deu esta carta. Que foi endereçada à minha ex-colega Deer? Utilizando a patente errada?

– O detetive que há em ti reformou-se de repente? – perguntou Molly Blom. – Sim, foi escrito numa máquina de escrever, mas será um documento original? Não poderia ter sido eu a produzi-lo com a pequena impressora que viste na cabana?

Sam Berger olhou para a colega que saía do jipe.

– Isto aqui é seguro? – perguntou Sam Berger, fazendo um gesto largo com o braço.

– Parece que sim – respondeu Molly. – Guarda as perguntas para ti. E, por favor, tem cuidado com o que dizes nos próximos minutos.

– Parece que sim? – repetiu Sam, mas estava a falar para a porta fechada do jipe.

Saiu. O ar gelado infiltrou-se-lhe na boca e no nariz e teve de correr para alcançar Molly. Parecia estranhamente refrescante. Chegaram a um lanço de escadas que conduzia a uma espécie de sótão, o andar superior de um dos edifícios de madeira vermelho-ferrugem. Ainda não havia ninguém à vista; era como se todo o universo tivesse congelado. Molly Blom avançou até uma porta e bateu. Enquanto esperavam por uma resposta virou-se para Sam Berger:

– Espero que o teu coração já esteja mais forte.

Sam Berger limitou-se a fitá-la.

A porta abriu-se. Sam deu por si a olhar para uma mulher com olhos castanho-claros e o cabelo escuro cortado acima dos ombros. A mulher fez uma careta e gesticulou um pouco relutantemente para lhes indicar que entrassem.

Molly entrou, Sam não. Só nesse momento é que os pés ficaram pregados ao chão, como se estivessem apenas à espera do momento certo.

– Deer? – perguntou timidamente.

– Sim, sim – respondeu a mulher de cabelo escuro. – Agora, entrem antes que alguém veja essa barba e chame a Polícia.

– Que porra estás a fazer em Kvikkjokk?

– Entrem – repetiu pacientemente Desiré Rosenkvist, como se já tivesse feito aquele género de coisa muitas vezes.

Gesticulou secamente na direção de duas cadeiras que tinham sido postas ao lado do que parecia ser uma escrivaninha minúscula. Sobre esta havia uns binóculos, três pastas de diferentes espessuras e uma carta datilografada que se parecia muito com a que Sam Berger ainda segurava na mão. Deer sentou-se à frente deles e fixou os olhos em Sam.

– É óbvio que estou mesmo em Kvikkjokk – disse Deer. – Nós concluímos que era um sítio razoável para nos encontrarmos.

– Nós? – perguntou Sam, olhando pela janela para a paisagem desolada das montanhas. – Razoável?

– Chega-se cá depressa, sai-se igualmente depressa – afirmou enigmaticamente Deer. – Dia de folga depois de uma reunião de fim de semana sob os auspícios do Departamento Nacional de Operações, voo direto para Kiruna, carro alugado, voo para casa. Que porra estão vocês os dois aqui a fazer?

Sam Berger encontrou o olhar de Deer e sentiu quão vazio o próprio olhar era.

– Mesmo que perceba cada palavra que estás a dizer, Deer, nada disso faz qualquer sentido para mim, exceto talvez a palavra porra, que parece bastante apropriada.

Deer fez uma pausa, olhou atentamente para Sam e por fim respondeu:

– Foste demitido, como eu previ. Desapareceste na sequência da morte trágica da Syl. Passados alguns dias, enviei um SMS para o teu telemóvel particular. E aqui a Molly Blom respondeu. Matutei nessa resposta durante bastante tempo.

Sam Berger estudou a vista da janela. Naquele momento, essa era a coisa mais compreensível na vizinhança.

– Há outra vez demasiadas perguntas – disse. – Vou fechar a loja.

– Pelo que percebi, já fechaste a loja há algum tempo. E, pelo que também percebi, ias investir o dinheiro da indemnização no setor privado. Também me pareceu extremamente duvidoso que realmente comparecesses a esta reunião.

– Eu nem sequer sabia que ia haver esta reunião – disse Sam Berger.

– Mas viste a carta datilografada?

– Acabei de a ler, sim. Quem a escreveu?

– Isso não é o mais importante. O mais importante é saber se reagiste a alguma coisa.

– A uma quantidade de coisas, obviamente. A mulher que escreveu isto está viva?

– A mulher está bem – respondeu Deer. – A carta foi escrita há algumas semanas e ela telefonou dos degraus que vão dar à cave dela. A Polícia de Jokkmokk chegou lá em pouco mais de uma hora. Não havia nada que indicasse que mais alguém lá estivesse. E era certo que não havia caruncho.

– Mas depois a mulher endereçou-te diretamente a carta inacabada? – perguntou Sam Berger. – E chamou-te superintendente?

– Eu sou superintendente – disse Deer. – Um posto temporário no Departamento Nacional de Operações.

– No DNO? Como é que isso aconteceu?

– A nossa unidade ficou feita em pedaços. O Allan reformou-se, a Syl teve o AVC…

– O AVC? – exclamou Sam, e sentiu a mão de Molly apertar-lhe a coxa. Foi o suficiente para o fazer calar a boca.

– Sim – disse Deer, olhando atentamente para ele.

– Não sabia a causa da morte, só isso – afirmou Sam em voz baixa.

– E também não estiveste no funeral… Que raio estão aqui a fazer? A esconder-se? A amar-se ternamente num iglu?

Molly antecipou-se a Sam.

– Reunimo-nos em paz e sossego para discutir o futuro depois do fim das nossas respetivas carreiras na Polícia. O nosso relacionamento é estritamente profissional.

Deer olhou para Molly Blom, abanou a cabeça e, em seguida, virou-se para Sam Berger:

– Quando foi anunciada uma vaga no DNO, para começar imediatamente, candidatei-me e consegui o emprego.

– Parabéns – disse Sam Berger.

– E a primeira coisa que me caiu no colo foi Jessica Johnsson, de Porjus. Tal como escreve, é uma famigerada agitadora. Todos no DNO se limitaram a abanar a cabeça quando lhes mostrei a carta. Disseram-me para a queimar.

– Mas não a queimaste.

– E tu sabes porquê, não sabes, Sam?

Sam Berger franziu o nariz, mas não disse nada.

– Se esta carta me é dirigida – disse Deer –, então também te é endereçada a ti, não é?

– Tudo o que vejo é uma data de teorias da conspiração – disse Molly Blom.

Os olhos de Sam Berger e de Deer estavam cravados uns nos outros. Demorou algum tempo até Deer desviar o olhar e dizer:

– Sim, sem dúvida que a Jessica Johnsson se refere a várias conspirações. Mas há um nome que se destaca, não é, Sam?

– Karl Hedblom – murmurou Sam Berger.

– A carta diz: «…que a marca de tinta na nádega de Lisa Widstrand chegou até a ser mencionada nos jornais locais sem que a Polícia se incomodasse em saber se isso tinha implicações na culpabilidade de Karl Hedblom.»

– O primeiro caso em que trabalhámos juntos, Deer – disse Sam Berger.

– E foi um caso bem tramado – afirmou Deer. – Deixou a sua marca. Uma marca profunda. Apesar de já ter sido há oito anos, lembro-me como se tivesse sido ontem. E depois disso passei muitas noites sem dormir.

– E achas que a Jessica te enviou a carta pessoalmente por causa do Karl Hedblom?

– Não consigo ver nenhum outro motivo. Assumindo que foi realmente enviada pela Jessica.

– Ah – disse Molly Blom.

Sam Berger e Deer viraram-se para a encarar.

– Não fiz a ligação com o apelido Hedblom – explicou Molly. – Foi um duplo homicídio, não foi? Uma mãe e uma criança?

– Fomos destacados para a Unidade Nacional de Investigação Criminal, como era conhecida na altura – explicou Deer. – Os restos mortais horrivelmente brutalizados da Helena Gradén, de trinta e cinco anos, e do Rasmus, o filho de catorze meses, foram encontrados numa vala nos arredores de Orsa. A criança ainda estava no carrinho, pelo menos parcialmente. Que género de homicídio era aquele? Seria sobretudo o homicídio de uma criança ou o de uma mulher? Os detetives andavam a arrancar os cabelos, examinando absolutamente todas as opções. Foi de partir o coração. O pai, Emmanuel Gradén, foi o principal suspeito durante

muito tempo, enquanto tentava, simultaneamente, lidar com a dor avassaladora que sentia. Só quando a equipa de investigação começou a olhar para as coisas de um ângulo diferente e a explorar hipóteses mais arrojadas é que começou a fazer alguns progressos. O alvo principal não era nem a criança nem a mulher individualmente: a equipa andava à procura de alguém que quisesse matar uma mãe, uma mãe e um filho. Foi preciso muita experiência psicológica – talvez através do maior afastamento possível face ao caso Thomas Quick[2] – para mudar o foco da investigação. Mas, por fim, foi encontrado um homem profundamente perturbado e que ao mesmo tempo tinha estado de férias não muito longe de Orsa durante algumas semanas naquele verão, juntamente com outros residentes da casa de repouso onde vivia. O nome do homem era Karl Hedblom, de vinte e quatro anos. Carregava às costas o peso de uma infância verdadeiramente horrível passada com uma mãe infernal. A Helena e o Rasmus Gradén só foram encontrados dois dias depois de terem desaparecido. Karl Hedblom pôde andar por aí como bem entendeu e no fim descobriram um abrigo recém-construído na floresta entre a vala onde foram encontrados e o local onde os residentes da casa de repouso estavam hospedados. E foram encontrados vestígios de sangue e de ADN de Hedblom no abrigo.

Molly assentiu, mas estava a franzir a testa.

– Isto pode ser um preconceito, uma vez que a Jessica Johnsson é uma famigerada agitadora – disse Deer. – Mas, na verdade, isso é uma preocupação secundária. A principal razão pela qual não se pode tocar nisto é que a captura do Karl Hedblom foi a coroa de glória da carreira de muitos agentes, entre eles o Allan Gudmundsson. Seria preciso muito para o arrancar ao seu torneio de *bridge* no Taiti.

– Torneio de *bridge*? – exclamou Sam Berger.

– Não sabias que o Allan e a mulher estão entre os melhores jogadores de *bridge* da Suécia? Desde que se reformaram que jogam por todo o mundo.

– Grande merda – disse Sam Berger.

Molly Blom abriu as mãos e disse:

– Mas porque é que uma breve referência, de passagem, numa carta de uma teórica da conspiração haveria de ter graves implicações?

– Havia um ponto de interrogação na investigação que nunca foi

esclarecido – afirmou Sam Berger. – Algo que nunca foi explicado, que a Polícia guardou para si e acabou por ser completamente ignorado. Um pequeno desenho a tinta na nádega esquerda de Helena Gradén.

– Nunca tinha ouvido falar da Lisa Widstrand – afirmou Deer. – A Jessica Johnsson refere-a na carta. Afinal trata-se de uma prostituta de Gotemburgo que foi brutalmente assassinada por um cliente desconhecido. O caso nunca foi resolvido, mas vi fotografias. E sem dúvida que há uma marca de tinta na nádega esquerda dela.

– Mas então que género de desenho é esse? – perguntou Molly. – E como é que a Polícia não detetou a ligação?

Deer ergueu as mãos e disse:

– As prostitutas assassinadas são mais comuns do que as pessoas pensam e muitas vezes não recebem qualquer cobertura mediática. Não lhes é dada prioridade máxima, infelizmente.

– Era um desenho muito preciso de um trevo de quatro folhas – explicou Sam Berger.

Todos ficaram em silêncio e olharam uns para os outros. Atentamente.

– A Jessica Johnsson remeteu a carta ao DNO e escreveu *superintendente* Desiré Rosenkvist. Eu fui promovida a superintendente pouco antes de a Jessica enviar a carta. O que significa que, de alguma forma, está de olho em mim. O que quer dizer que provavelmente sabe que eu estive envolvida no caso Gradén. Há uma forte probabilidade de que tenha sido apenas isso que quis dizer ao escrever a carta: que o Karl Hedblom pode ser inocente. E queria dizer-mo especificamente a mim. Porquê?

Sam Berger assentiu.

– E porque é que estás aqui sentada numa reunião secreta com dois polícias que perderam o emprego e que achas que estão a *esconder-se*?

– Foi emitida uma diretiva pelo chefe do Departamento Nacional de Operações a dizer que ninguém deve dar crédito à Jessica Johnsson. É uma marginal clássica. Por outras palavras, não posso fazer nada. Mas acho que a Jessica ficaria tão feliz em falar convosco como ficaria em falar comigo, Sam. Ela sabe de alguma coisa. Quero que vocês os dois a questionem, oficiosamente, como é óbvio. Quero saber se o esforço e a ansiedade que a reabertura do caso causaria valem a pena.

– Vocês as duas já concordaram com isso? – perguntou Sam. – Não sei se estou suficientemente capaz de brincar aos detetives privados.

Deer empurrou as três pastas pela pequena mesa na direção dos dois; a da esquerda era consideravelmente mais grossa do que as outras.

– O caso Gradén – disse Deer, batendo com o dedo na pasta. – O caso Widstrand. E este é o processo sobre a própria Jessica Johnsson. Vão encontrar-se com ela como representantes do DNO e vão referir o meu nome e mais nenhum. Vou enviar-vos identidades falsas e cartões de visita. E tudo tem de acontecer de modo completamente oficioso; negarei absolutamente estar envolvida nisto, se falharem. Liguei à Jessica Johnsson e disse-lhe que iam fazer-lhe uma visita. Tem de parecer que estão a investigar esse homem misterioso que ela alega estar a vigiá-la. Mas, na verdade, vão lá para descobrir o que a Jessica sabe sobre os homicídios de Helena Gradén, Rasmus Gradén e Lisa Widstrand.

Sam virou-se para Molly, que assentiu lentamente.

– Onde raio é Porjus? – perguntou Sam.

– É a próxima povoação – disse Deer, e levantou-se.

Depois entregou-lhes um robusto telefone por satélite.

---

[2] O sueco Sture Bergwall, nascido em 1950, também conhecido como Thomas Quick, confessou ter cometido mais de 30 homicídios entre 1964 e 1993. Sem quaisquer provas a confirmar as ocorrências, Bergwall foi condenado apenas com base na sua confissão por oito dos crimes, mas em 2008 retratou-se e negou ter cometido qualquer um deles. *(N. do T.)*

8

Quarta-feira, 18 de novembro, 14h08

Na Lapónia, a «próxima povoação» não significa perto. Pelo contrário, a expressão é usada com uma ironia consciente.

Mas comparada com o caminho sinuoso a partir do polo de inacessibilidade, a estrada de Kvikkjokk até Vaikijaur estava extremamente bem conservada. Enquanto o sol se punha por detrás das montanhas num caldeirão encantado de cores, pouco depois das duas da tarde, Sam Berger e Molly Blom tinham praticamente chegado ao destino na estrada mais comprida da Europa.

Estradas designadas como autoestradas europeias atravessam o continente de lés a lés, mas nenhuma delas é tão reta e se estende por tantos quilómetros a ligar o Norte e o Sul como a E45. Prolonga-se por cinco mil quilómetros, desde Gela, na costa sul da Sicília, até Karesuando, a zona mais a norte da Suécia; desde a ponta sul da UE até ao seu ponto mais setentrional. No norte da Suécia, é conhecida como a Autoestrada Interior e, de Vaikijaur, na Lapónia, segue para norte em direção a Porjus.

O jipe tinha estado mergulhado no silêncio desde Kvikkjokk. As informações eram processadas de ambos os lados da caixa de velocidades.

– Então não sabias? – perguntou Sam Berger.

– Sabia que a Rosenkvist queria falar contigo por algum motivo – disse Molly Blom. – Mas não sabia qual era.

– A Deer enviou-me um SMS para o meu telemóvel privado. Do telemóvel privado dela, presumo? Dois telemóveis anónimos pré-pagos na infinidade do ciberespaço. Que foi exatamente que disse?

– «Como estás? Não consigo contactar-te de outra maneira. Importante.»

– «Importante?»

– Foi isso que me levou a responder – disse Molly Blom. – Brevemente.

Como se tu não quisesses ser incomodado.

– Então quer dizer que havia rede em Cabajaura?

– É *Kåbtåjaure*. Não, na verdade não. Mas sob certas condições atmosféricas há alguma rede, se estivermos no sítio certo. A Rosenkvist pediu-me para enviar um *e-mail* para um endereço que não parecia ser oficial. Consegui rede indo ao lugar certo, admiti que era eu quem estava a escrever, mas de muito longe, disse que tu estavas fora de jogo durante algum tempo... fingi que estavas com dores de estômago... e recebi aquela carta datilografada como resposta. Quando a Deer perguntou se estávamos no norte eu fechei-me em copas. Porque receei que o Serviço de Segurança também a tivesse apanhado. Mas a Deer explicou a situação e dei o meu melhor para descobrir o grau de veracidade do que estava a dizer. Respondi que éramos flexíveis e depois sugeri que nos encontrássemos em Kvikkjokk, por ser uma espécie de território neutro entre nós e Porjus.

– Presumo que tenhas visto o nome da Jessica Johnsson no *e-mail* – disse Sam Berger. – Investigaste-a? Quem é ela?

– Marginal, como a Rosenkvist disse. Há anos que envia cartas à Polícia. É daquelas pessoas que levam tudo longe de mais. Completamente impossível.

– Reli a carta. A nossa Jessica está realmente no escuro.

– Sim, Escuridão com maiúscula inicial e tudo – disse Molly. – Fala-me de Helena Gradén.

Sam Berger olhou fixamente para a escuridão total em que já estavam mergulhados.

– Tentei não pensar nisso – disse passado algum tempo.

– Foi muito mau?

– Havia um vídeo… – O silêncio instalou-se no jipe. Passou meio minuto antes que Sam Berger prosseguisse: – o Rasmus, de catorze meses, estava a dar os primeiros passos. A Helena Gradén estava tão feliz, a rir-se tanto que Rasmus também começou a rir-se. Aquele riso atormentou-me. Uma mãe e uma gargalhada infantil, entrelaçados nalgum tipo de inegável... tapeçaria da vida. Não consigo bem explicar. Aquilo *mexeu* comigo. Uma semana depois, estavam ambos mortos. Assassinados.

Molly não abriu a boca durante algum tempo. Depois acabou por lançar uma olhadela a Sam e disse:

– Podemos dar meia-volta, se quiseres.

– Não – retorquiu Sam com firmeza. – Fui parceiro do Allan durante o interrogatório decisivo com o Karl Hedblom. O Allan estava tão empenhado naqueles dias… conseguiu fazer sobressair o pior que havia no Karl, que acabou por revelar-se ao mesmo tempo louco e violento. Odiava profundamente as mães. Ter sido internado numa casa de repouso mal vigiada foi obviamente um erro, e foi um erro ainda maior deixá-lo participar numa excursão com os outros residentes. Algo tinha corrido muito mal com o diagnóstico do estado mental dele... um médico prestigiado perdeu o emprego por causa disso..., mas ao mesmo tempo havia algo no próprio ato a que o Karl parecia completamente alheio. O Allan pressionou-o muito e tudo fazia sentido até à altura de falar sobre os dois dias naquele abrigo.

– O que aconteceu? – perguntou Molly Blom.

– O Karl Hedblom confessou. Sem reservas. Mas o relato que fez das circunstâncias deixou muito a desejar. Como as provas físicas eram esmagadoras, o tribunal alegou que Hedblom parecia ter estado num estado psicótico e era pura e simplesmente incapaz de se recordar dos pormenores.

– E tu também estavas convencido disso?

– Sim, na altura também estava – respondeu Sam. – Por causa de todo o contexto.

– O Hedblom disse alguma coisa sobre o desenho a tinta?

– Admitiu tê-lo feito, mas isso não voltou a ser referido. Comparado com o resto, um pequeno desenho na nádega parecia completamente insignificante.

– Calculo que vais contar-me *o resto*…

– Se não contar, atrevo-me a dizer que está tudo aqui – disse Sam Berger erguendo as pastas na escuridão do interior do jipe. Um par de cartões de visita caiu de uma das três pastas. Sam apanhou-os do colo e conseguiu focar as letras. Fez uma careta de repugnância.

– Chegámos – disse Molly Blom.

Os faróis do jipe iluminaram a parede de uma casa a cerca de cinquenta metros de distância. Quando Molly tirou a chave da ignição, restou apenas um brilho muito fraco. Vinha do alpendre, do cimo de um lanço de escadas que conduzia a uma velha casa incaraterística num planalto no meio da planície estéril. Não havia outras luzes à vista, nem sequer estrelas, e não

havia qualquer vestígio de luar.

Molly saiu e Sam seguiu-a. Ao lado do lugar de estacionamento conseguiam distinguir a parede de uma garagem e, do outro lado do jipe, um caminho conduzia à casa; Molly Blom ligou a lanterna. A neve era espessa e estava completamente intacta. Não havia dúvida de que qualquer perseguidor teria deixado rastos óbvios.

Subiram cautelosamente os degraus e tocaram à campainha. Sam Berger virou as costas ao alpendre fracamente iluminado e olhou para a noite asperamente fria da Lapónia. Não passava das três da tarde, mas já estava completamente escuro. Tentou permanecer no presente, mas a escuridão arrastava-o inexoravelmente para uma vala nos arredores de Orsa.

O carrinho de bebé. A mão da mãe ainda a segurá-lo, apesar da posição em que estava o cadáver. O sangue.

Sam Berger não tinha visto o local do crime. Não na altura. Mas tinha visto fotografias, fotografias muito nítidas e em grande plano. E tinha visitado o local do crime mais tarde, quando a mãe e o filho já lá não estavam. Isso piorou ainda mais as coisas; a imaginação de Sam preencheu as lacunas.

A abertura da porta arrancou-o rapidamente às profundezas escuras da memória. A mulher que apareceu à entrada não causou grande impressão, virou-se antes que Sam Berger a pudesse ter visto bem. Só conseguiu ver uma grossa camisola de malha e umas meias-pantufa a condizer.

Entraram e sentaram-se a uma mesa de refeições mal iluminada numa sala ainda mais mal iluminada. Sam Berger pousou o telemóvel na mesa e, com um gesto distraído, tocou na chávena de chá enquanto olhava subrepticiamente para um quarto. Viu uma secretária com uma velha máquina de escrever em cima.

– Vão falar sobre o caruncho? – perguntou a mulher, acendendo uma vela.

Aquele foi o momento em que Sam Berger viu Jessica Johnsson como devia ser pela primeira vez. A luz da vela iluminava-lhe o rosto pálido. Tinha entre trinta e quarenta anos, e todo o seu ser emanava uma certa inquietude. Não estava maquilhada, tinha o cabelo razoavelmente curto e os olhos azuis eram perspicazes, mesmo que não parassem quietos.

– Não vamos tocar nessa história do caruncho – disse Molly Blom.

– Fico-vos muito grata.

– O que aconteceu quando parou de escrever? – perguntou Sam Berger. – Deixou uma frase a meio.

– Não compreendo o que quer dizer.

– Aqui. A última frase da sua carta diz: «No preciso momento em que a fraca chama da vela se apaga, ouço…» Depois termina abruptamente. E a seguir envia-a inacabada à Polícia. Porquê?

Jessica Johnsson optou por fitar o cartão de visita à sua frente em vez de encarar o homem do outro lado da mesa.

– Detetive Lindbergh? – disse. – Com «h»? Que significa o C? «C. Lindbergh»?

– Por favor limite-se a responder à pergunta – retorquiu Sam Berger. – O que ouviu quando a brisa gelada varreu o quarto? No preciso momento em que a vela se apagou?

– Ouvi a porta principal a abrir-se – respondeu Jessica Johnsson, e encarou Sam pela primeira vez; o olhar parecia simultaneamente aberto e reservado.

– E o que fez nesse momento?

– Corri para a porta que vai dar à cave e entrei rapidamente. Então chamei a Polícia dos degraus. Não queria ir lá abaixo; há alguns anos que não vou à cave.

– Se pensou que um assassino louco lhe tinha acabado de entrar pela porta principal, não seria natural que o seu primeiro instinto fosse esconder-se?

– Desculpe lá, eu não estava a pensar racionalmente. E o telemóvel apanha melhor a rede nas escadas que vão dar à cave.

– Quer dizer que, afinal, estava a pensar racionalmente?

– Instintivamente. Não sabia que estava a pensar racionalmente.

Sam Berger assentiu e olhou para a mulher. Na sua carreira policial tinha sido um bom avaliador de pessoas. Essa capacidade dificilmente poderia ter desaparecido no período de duas semanas. Mas Jessica Johnsson era difícil de decifrar. Não havia sinal da energia maníaca que brilhava nos olhos das pessoas verdadeiramente paranoicas. Por outro lado, não havia vestígio do brilho da inteligência cristalina que os olhos de Molly Blom, sentada ao seu lado, emitiam. Era quase como se o olhar de Jessica Johnsson tivesse entrado em hibernação, fosse simultaneamente apático e nervoso, e um pequeno sorriso estranho bailava-lhe nos cantos da boca.

Sam viu Molly a olhar analiticamente para Jessica Johnsson. Interrogou-se se estaria a ter tanta dificuldade em avaliá-la como ele.

– Quanto tempo ficou sentada nos degraus da cave? –−perguntou ele.

– Até a Polícia chegar.

– E durante esse tempo não ouviu nada.

– Ouvi a caldeira.

– A caldeira?

– A caldeira a óleo – respondeu Jessica Johnsson. – Faz um estrondo. Não gosto do barulho. Por isso deixei de utilizar a cave.

– Mas não ouviu nada no andar de cima?

– Como eu disse aos agentes: nada. Tranquei a porta que vai dar à cave e encontrei um velho machado de incêndio encostado à parede. Estava a segurá-lo com tanta força que tiveram de separar-me os dedos um a um.

– Então não voltou a subir as escadas até a Polícia chegar?

– Não. Só quando os agentes gritaram: «É a Polícia, Jessica, onde está?»

– Pareciam preocupados?

– Não. Sei o que pensam de mim. Uma das primeiras coisas que ouvi foi «caruncho».

– E a carta ainda estava na máquina de escrever?

– Sim, os agentes nem sequer olharam para ela. Quando saíram, tive a ideia de enviá-la. Por isso, percebem a minha dificuldade. Em conseguir que venha cá alguém que não seja da inútil Polícia de Jokkmokk.

– Mas agora estamos cá nós – disse Sam Berger. – Portanto fale connosco. Porque é que endereçou a carta especificamente à superintendente Desiré Rosenkvist?

– Via-a na televisão há algumas semanas – respondeu Jessica. – Houve um rapto em Estocolmo, uma tal Ellen, ou assim. Desiré foi entrevistada. Saiu-se bem e, quando a pesquisei na Internet, um pouco mais tarde, descobri que era superintendente do DNO. Pensei que poderia levar-me mais a sério do que a Polícia local.

Sam Berger assentiu e disse:

– Obviamente que o homem que anda a persegui-la não é um estranho. Sabe quem ele é, não sabe? Porque não quer contar-nos?

Jessica Johnsson olhou para Sam. Sim, havia perspicácia naquele olhar quando Jessica conseguia concentrar-se, mas também havia outra coisa. Medo? Será que se notava que Jessica sabia que alguém andava atrás dela?

– Não sei mesmo – respondeu.

Sam Berger recostou-se na cadeira e manteve-se calado. Esperava que Molly Blom apanhasse a deixa e assumisse as rédeas do interrogatório.

E foi o que ela fez.

– Optou por morar num sítio extremamente isolado, Jessica – afirmou Molly Blom. – Julgo saber que não tem emprego, nem marido nem filhos. Está a fugir de alguma coisa?

– Só quero que me deixem em paz – murmurou Jessica Johnsson.

– Por causa de quê? Mudou-se para cá para se afastar de alguém?

– Das pessoas em geral. Como eu disse, só quero que me deixem estar sozinha.

Molly Blom fixou os olhos na mulher. Sam Berger reparou e continuou a olhar atentamente para Jessica, lançando apenas um rápido olhar ao telemóvel: o gravador parecia estar a funcionar.

– A Jessica é de Estocolmo – disse Molly. – Cresceu em Rågsved, mas grande parte do seu processo está em branco.

– Porque é que haveriam sequer de ter um processo sobre mim? Não fui acusada de nada.

– Tentamos ficar de olho nas pessoas que contactam a Polícia com uma frequência desproporcionada – afirmou Molly. – Mas quando há suspeita de crime, temos de olhar com mais atenção para o indivíduo.

– Suspeita de crime?

– Retenção de provas – afirmou Molly, e virou-se para Sam.

Sam Berger assentiu com firmeza e disse:

– Pois, acho que vamos ter de aprofundar um pouco mais o passado de Jessica Johnsson. Provavelmente é aí que vamos encontrar o caruncho.

Os olhos de Jessica Johnsson voltaram-se para Sam Berger, que aguentou o olhar da mulher. Ninguém gosta tanto de falar como os teóricos da conspiração; é quase uma lei da natureza para eles terem de dar voz a todas as verdades que as pessoas no poder estão a tentar silenciar. Mas Johnsson fora contida, não tinha dito nada que já não tivesse dito. Mesmo assim, tinha gritado muito alto para atrair polícias que não fossem os agentes locais.

Para levar Deer até ali.

E agora não falava.

Porquê?

– Quem é que acha que anda a observá-la? – perguntou Sam Berger.

Jessica Johnsson limitou-se a abanar a cabeça com ar infeliz. Sam Berger tentou captar todas as cambiantes dos seus movimentos, as constantes mudanças no olhar, as palavras não ditas. Havia discrepâncias entre o que Jessica escrevera e o modo como estava a comportar-se naquele momento, entre o temperamento paranoico e a expressão atual.

Sam Berger precisava de aprofundar aquelas diferenças.

Lembrou-se de um interrogatório anterior, um interrogatório que lhe mudara a vida com uma mulher chamada Nathalie Fredén, contra a qual não haviam encontrado o suficiente para a deter. Voltou a olhar de relance para Molly, que agora lhe retribuiu o olhar e assentiu quase impercetivelmente.

Sam assentiu com mais ênfase, desligou o gravador do telemóvel e guardou o aparelho no bolso de dentro do velho casaco. Depois levantou-se e disse:

– Acho que vamos ter de realizar um interrogatório mais formal, com câmaras de vídeo e melhor iluminação. Podemos fazer isso na esquadra de Jokkmokk, se quiser. Afinal de contas, é aqui a dois passos.

Jessica Johnsson limitou-se a olhar para ele.

– Ou podemos fazê-lo aqui – prosseguiu Sam Berger. – Assim vê-se livre de nós mais depressa. A Jessica é que sabe.

– Aqui – disse Johnsson.

– Está bem – disse Sam Berger. – Vamos instalar umas luzes e essas coisas. Mas primeiro temos de revistar a casa.

– Revistar a casa?

– A Jessica mostra-nos a casa e as imediações. Julgo que a Polícia de Jokkmokk não se deu ao trabalho de fazer isso, pois não?

Jessica Johnsson levantou-se e lançou-lhe um olhar inescrutável. Pela segunda vez em pouco tempo, Sam Berger lamentou que não estivessem a gravar tudo em vídeo.

Conduziu-os ao andar de cima. Não havia muito que ver. Molly Blom manteve sempre o telemóvel erguido, tirando fotografias. Sam Berger espreitou para dentro de um sótão nas águas-furtadas. A lanterna que fizera parte do equipamento de fuga de Molly não captou nada além de bocados de cotão levantados por correntes de ar para lá da perceção humana. Rodopiaram durante algum tempo, antes de assentarem sobre

quatro baús antigos, algo parecidos com os que os emigrantes que partiram para a América costumavam fazer arrastar por cavalos exaustos através das pradarias.

– Já cá estavam quando vim para esta casa – explicou Jessica Johnsson.

– E nunca espreitou para ver o que havia dentro deles?

A mulher abanou a cabeça. Prosseguiram a revista. Dois quartos, os dois nas águas-furtadas, na parte mais baixa do telhado. No primeiro, a cama solitária não tinha colchão, o estrado de ripas de madeira à mostra como costelas expostas. No segundo, o sótão estava cheio de pó, mas vazio, enquanto a cama e uma poltrona estavam cobertas por lençóis brancos, como as famílias abastadas do século XIX faziam para cobrir os móveis no fim das férias de verão.

– Foi a Jessica quem fez isto? – perguntou Sam Berger.

Jessica Johnsson limitou-se a abanar novamente a cabeça. Mas Sam Berger não recuou. Continuou a observá-la à luz forte da lanterna.

– Estava assim quando me mudei – acabou por dizer. – Apenas lavei os lençóis algumas vezes.

Saíram do quarto. Sam Berger demorou-se por um momento e passou o dedo pela capa branca do sofá. Depois voltaram para o patamar. Havia ali poltronas e um sofá onde parecia que ninguém se sentava desde o início do século xx. Desceram as escadas e entraram na cozinha. Estava limpa, um pouco deteriorada, mas não havia sinais de negligência. Sam Berger viu Molly passar sub-repticiamente um dedo por uma superfície menos acessível.

A maior parte da restante área do rés do chão era ocupada pela grande sala, que se curvava em torno das escadas e estava dividida em três zonas distintas: um alpendre onde o salão se fundia num espaço com um conjunto de três cadeiras; um espaço aberto onde havia uma pequena televisão montada na parede em frente de um sofá; e, por fim, a zona de jantar onde o curto interrogatório tivera lugar. Finalmente entraram no quarto do rés do chão; Sam Berger olhou para a velha máquina de escrever e lançou uma olhadela à cama, tão bem feita quanto suspeitara.

– A cave – disse.

– Temos mesmo de lá ir? – perguntou Jessica Johnsson.

– Sim – respondeu Molly Blom, ligando o telemóvel. – Estamos consigo, não há motivo para se alarmar.

Johnsson conduziu-os a uma porta pintada de branco com uma chave antiga na fechadura. Rodou-a e lançou-lhes um olhar cauteloso, quase ligeiramente divertido. Fez o seu estranho sorrisinho e abriu a porta.

– Normalmente não sou tão medricas – disse.

A escuridão que emanava lá de baixo quase parecia abrir caminho pela porta. Sam Berger viu Molly Blom dar um passo para o lado, como se estivesse a deixar passar a escuridão e, ao descerem os primeiros degraus das escadas, foram recebidos por um cheiro a abandono.

Molly Blom ligou a lanterna, varreu as escadas com a luz e deixou os outros passarem por ela. Nas costas deles enfiou o telemóvel entre o corrimão e a parede.

Então desceram mais um degrau.

9

Quarta-feira, 18 de novembro, 21h44

No início está tudo muito tremido. Uma porta branca com uma chave antiga. Uma mão a rodá-la.

Depois a escuridão, uma escuridão espessa. Uma luz forte de lanterna, ruído de passos, uns a seguir aos outros. A cave estende-se para fora do campo de visão de ambos os lados das escadas. Tudo está ainda muito tremido.

Então a imagem deixa de mover-se, estabiliza um pouco. O canto superior direito é subitamente ocultado por uma superfície escura, provavelmente uma viga algures junto das escadas. A imagem está agora completamente estável.

Uma mulher aparece na imagem, a descer as escadas. Depois outra figura, um homem, e por fim outra mulher, loura com cabelo mais comprido; é quem empunha a lanterna. A meio caminho vira-se e olha para cima, para o lanço de escadas, como que para se certificar de que tudo continua em posição.

Parece ser quem tem a melhor perspetiva do que está a acontecer.

Todos param ao fundo das escadas, agora já a alguma distância. Mas há muito pouco espaço entre eles. Estão a ser atraídos uns para os outros de forma quase magnética. Palavras em surdina são trocadas; o único ruído é um ribombar que parece ser provocado por uma velha caldeira a óleo. Outra lanterna é ligada.

Feixes de luz espalham-se pela cave.

O homem que acaba de ligar a lanterna segue a primeira mulher, a de cabelo mais escuro. O outro feixe de luz move-se noutra direção, para a direita. A mulher loura raramente se vê na imagem, mas quando aparece está a vasculhar no meio da tralha: móveis de jardim antigos, bicicletas

enferrujadas, um número surpreendente de pneus de automóvel, lonas comidas por traças que cobrem objetos indistintos.

O homem e a mulher à esquerda saem do enquadramento. De vez em quando, o feixe da lanterna aparece, mas pouco mais. Então avançam para a porta que parece ser a fonte do barulho. Param à frente dela. A mulher de cabelo mais escuro acena à mulher loura para que se aproxime. O homem segue-as. Fragmentos de vozes abafam ocasionalmente o ruído da caldeira.

O homem ergue a mão para o puxador. Mas não o alcança.

Não chega a alcançá-lo.

Em vez disso, a porta é aberta com força a partir de dentro, e o barulho da caldeira torna-se repentinamente muito mais alto. A porta bate na cabeça do homem, que tropeça para trás. A mulher loura ergue a lanterna como que preparada para golpear alguém com ela, e a luz varre o teto, mas a mulher é demasiado lenta e o que parece ser um pedaço de madeira atinge-a na têmpora. O homem põe-se de pé a custo e é atingido na cabeça pelo mesmo pedaço de madeira. Cai.

Só então surge uma figura da escuridão compacta da sala da caldeira. Uma figura grande e sombria, quase uma silhueta. A caldeira está a rugir demasiado alto para que qualquer voz seja audível, é como uma pantomima, um filme mudo, e todos os movimentos parecem estranhamente angulosos.

A figura atinge novamente o homem de bruços com o bloco de madeira, depois vira-se para a mulher loura, que está ajoelhada. Bate-lhe na parte de trás da cabeça e a mulher cai no chão da cave e ali fica.

O homem olha rapidamente para os dois corpos caídos e depois tira alguma coisa do bolso. A mulher de cabelo escuro está a cobrir o rosto com as mãos e a figura puxa-a rapidamente para o lado e prende-lhe as mãos ao corrimão com uma abraçadeira. A mulher cai de joelhos com os braços puxados desajeitadamente para cima, obscurecendo-lhe o rosto.

A figura arrasta o homem caído até à parede da direita e prende-lhe os pulsos a um aquecedor, depois repete o procedimento com a mulher loura. Ficam para ali sentados, amarrados aos respetivos aquecedores, a cinco metros de distância um do outro, e o homem volta a atenção para a mulher de cabelo escuro junto das escadas. Saca uma grande faca de mato do bolso e caminha em direção a ela. Pela primeira vez, uma voz abafa claramente o barulho da caldeira enquanto os gritos estridentes de uma

mulher invadem a cave.

A silhueta aproxima-se e ergue a faca em direção à mulher. Então corta a abraçadeira, agarra na mulher e carrega o corpo a espernear escadas acima. Assim que passa pela câmara, à luz fraca da porta entreaberta da cave, o rosto fica visível. E não é um rosto.

É um passa-montanha negro e só é visível por uma fração de segundo antes de o homem passar. Ouve-se uma porta a fechar-se com estrondo e seguem-se movimentos caóticos. Então tudo fica novamente em silêncio; a única coisa à vista parece ser o canto extremamente mal iluminado de um saco de plástico.

Uma voz metálica de mulher sobrepõe-se ao barulho da caldeira:

– Acaba assim?

– A câmara caiu – explica uma voz feminina num tom mais normal.

– E a Jessica Johnsson? Que raio lhe aconteceu?

– Vestígios de sangue na casa e na neve, e uma porta de garagem aberta. Demasiado sangue para que ainda esteja viva, foi um verdadeiro banho de sangue. Todas as provas sugerem que o atacante a assassinou e se foi embora de carro com o cadáver.

Só quando a voz metálica de mulher solta um gemido profundo é que Sam Berger reconhece devidamente a voz de Deer vinda do telefone por satélite. A base do aparelho está pousada em cima da mesa de refeições à qual tinham estado sentados a tentar interrogar Jessica Johnsson algumas horas antes. Sam Berger baixou o guardanapo da cabeça e olhou para o sangue. Havia vários tons diferentes de vermelho, em diferentes fases de coagulação; era como uma experiência de *déjà vu*.

Molly Blom estava sentada do outro lado da mesa com um guardanapo semelhante pressionado contra a cabeça e com o telefone por satélite encostado ao ouvido.

– Caramba, a ideia era apenas ir ter com a Jessica e fazer-lhe algumas perguntas – disparou Deer ao telefone. – Em vez disso, puseram-me uma batata quente no colo.

– O tipo atacou-nos, Desiré – disse Molly. – Fomos apanhados completamente desprevenidos.

Seguiu-se um silêncio. Mesmo ao longe, Sam Berger pensou poder ouvir Deer a engolir uma grande massa de palavras. Depois acabou por falar.

– Quer dizer que desceram a uma cave escura como breu, numa casa

isolada, com uma pessoa que tinha relatado que estava a ser perseguida, *completamente desprevenidos*?

O silêncio era já uma terceira pessoa na sala, e por sinal alguém muito intrometido.

– E não há mais nada na gravação? – perguntou Desiré passado algum tempo.

– Continua durante mais dez minutos – respondeu Molly Blom. – Até a bateria do telemóvel acabar. Apontado a um saco de plástico apanhado nas escadas. Recobrei os sentidos antes do Sam. Estava desmaiada há quase três horas. Depois passei vinte minutos a morder a abraçadeira. Acabei por conseguir chegar ao Sam e abaná-lo até que ele recobrasse a consciência.

Sam Berger percorreu a escuridão com o olhar. A casa era agora um lugar completamente diferente. Tal como o mundo.

– E têm a certeza de que não ficou ninguém aí em casa? – perguntou Deer.

– Estávamos muito atordoados quando acordámos – respondeu Molly. – E, como eu disse, tinham passado três horas. Não tínhamos a certeza de qual era o nosso estado físico, podíamos ter um traumatismo craniano. Acabámos por levantar-nos com grande esforço e demos o nosso melhor para revistar a casa. Pus o telemóvel a carregar e fui buscar o telefone por satélite ao jipe, e foi então que vi o rasto de sangue na neve. Não era um rasto normal, parecia mais alguém que estava a ser carregado e pousado na neve de vez em quando, num género de caixão.

– Mas não subiram?

– Nós realmente tentámos…

– Por amor de Deus, digam-me que têm mais alguma coisa – rugiu Deer.

Molly Blom fechou brevemente os olhos e franziu o nariz ainda mais depressa.

– Como eu disse, não procurámos lá em cima. Mas cobrimos o rés do chão.

– Com a câmara?

– Sim.

Deer soltou um suspiro audível. Sam Berger fez uma careta e sentiu o gosto a sangue no canto da boca. Limpou novamente o rosto, mas o guardanapo estava praticamente inutilizado. Precisava de um novo.

Molly Blom bateu com o dedo no telemóvel e ligou-o à base de

carregamento do telefone por satélite.

– Vai começar – disse.

A sala está muito bem iluminada, como se alguém quisesse expulsar um longo período de pesadelos. A câmara oscila e a imagem mostra a mesa de refeições. Não se vê nenhum telefone por satélite, mas há uma enorme quantidade de guardanapos manchados de sangue. Em seguida, a câmara move-se pela ampla sala, vira à esquerda em direção à salinha com a televisão e o sofá. O chão junto ao sofá brilha de repente e o candeeiro de leitura ao lado do sofá está refletido numa grande poça no chão. Quando a câmara se aproxima, torna-se óbvio que é uma poça de sangue. No seu centro é completamente lisa, com uma superfície levemente coagulada. Várias faixas se afastam da poça, incluindo três pegadas de um sapato de tamanho 45, pelo menos. Mas também duas linhas relativamente nítidas, como se alguém tivesse sido arrastado dali. Estas linhas paralelas conduzem ao corredor, porém, de repente, desviam-se para as escadas para o andar de cima. A câmara segue-as até ao primeiro andar. Então, a imagem já instável torna-se ainda mais tremida e tudo começa a girar, e de repente o ecrã mostra apenas o teto. O rosto de Sam Berger passa, os olhos repletos de preocupação. Uma gota esvoaça do rosto de Sam e vai-se tornando cada vez maior. Houve-se o som da gota a atingir o ecrã, que fica vermelho.

– Desmaiaste? – pergunta Deer ao telefone.

– Digamos apenas que não fomos lá acima – afirmou Molly.

– Temos estado a revezar-nos para desmaiar – disse Sam Berger em voz alta.

Deer, evidentemente, ouviu-o, porque afirmou:

– Deixaram muito ADN vosso pela casa, provavelmente vai ser muito difícil livrarmo-nos de todo. Mas não posso dar-me ao luxo de vocês aparecerem nesta investigação, sob nenhuma forma. E muito menos como suspeitos.

– Podemos passar algumas horas a livrar-nos das provas – disse Molly Blom.

– Apagaram as luzes? – perguntou Deer. – A gravação estava tão bem iluminada que a casa deve ter-se destacado como um farol. Não apareceu nenhum vizinho curioso?

– Todas as luzes estão agora apagadas – repondeu Molly. – E não há

vizinhos curiosos. Eu diria que ninguém consegue ver a casa, a menos que já esteja a caminho daqui.

– Qual é o teu melhor palpite em relação à sequência de acontecimentos?

– O agressor invadiu a casa nalgum momento desconhecido, provavelmente quando a Jessica Johnsson não estava. Instalou-se na sala da caldeira e esperou. Enquanto lá estava, encontrou um bloco de madeira com que estava preparado para lhe bater quando a Jessica se dignasse aparecer.

– Encontraram o pedaço de madeira?

– Não – respondeu Molly Blom.

– Não parece particularmente premeditado – afirmou Deer. – Um bloco de madeira?

– Vamos ter de ver isso melhor.

– Nem pensar. Vão é sair dessa casa e manter-se longe dela, mais nada. Agora tomamos nós o controlo das operações.

– O Departamento Nacional de Operações? – perguntou Sam Berger, tirando o telefone a Molly.

– Dificilmente podemos manter a Polícia de Jokkmokk fora disto – afirmou Deer –, mas vamos trabalhar com eles. Por amor de Deus, certifiquem-se de que vão lá acima para sabermos com o que temos de lidar. Vou ter de passar o resto da noite a tentar descobrir uma solução, uma maneira de reportar esta merda e de voltar à Lapónia. Nunca deveria ter-vos envolvido. Amadores do caraças. Tenham é em mente que há uma pequena hipótese de o agressor ainda estar por aí. Pode ser completamente louco. Quem sabe, talvez esteja à vossa espera no andar de cima vestindo a pele da Jessica Johnsson?

– Então e o sangue na neve? As marcas de pneus a partir da garagem?

– Já ouviste falar em manobras de diversão, Sam? Pelo menos leva uma faca de cozinha. Liga-me mais tarde.

– Depois enviamos uma gravação – disse Sam Berger ao telefone já desligado.

Naquele preciso momento, ouviu-se um estrépito na mesa de refeições à sua frente. Uma faca de cozinha girou sobre o tampo até parar. Molly Blom também empunhava uma.

– Duas – disse. – Vamos levar duas.

Então partiram. Sam foi à frente; Molly filmou-lhe os movimentos por cima do ombro. Na salinha escura, a poça de sangue, agora completamente coagulada, parecia estar a espalhar escuridão a partir do chão. Sam Berger ligou a lanterna e começou a subir as escadas. Havia sinais de alguém ter sido arrastado praticamente em cada degrau, marcas que podiam ter sido deixadas pelos calcanhares antiderrapantes das meias-pantufa.

Chegaram ao patamar. Tudo parecia muito diferente à luz pálida da lanterna, como se não fossem os mesmos quartos, a mesma casa, o mesmo universo. O rasto conduzia ao quarto da esquerda. A porta estava aberta.

Sam Berger ergueu a faca de cozinha, mas manteve-a longe do feixe da lanterna. Podia sentir a respiração de Molly Blom contra o ombro; estava muito perto dele. Avançaram em direção à porta.

A primeira coisa que apareceu foi a colcha, que emitia um brilho sobrenaturalmente branco na noite. Sam apontou a lanterna para a poltrona. Não havia qualquer ruído, nada que indicasse a presença de alguém além deles. Então virou a lanterna para a cama feita. E viu o contorno.

O contorno de um corpo. Parecia que havia alguém deitado no meio da cama com os braços e as pernas esticados, como se estivesse a tentar fazer um anjo da neve naquela brancura.

Apesar disso, não era um corpo. O contorno não tinha profundidade suficiente. Sam Berger sentiu a lanterna a tremer e deu mais um passo na direção da cama. Apalpou o lençol, o contorno. Parecia que tinha sido pintado no tecido do lençol. O que quer que tenha sido utilizado para o pintar tinha secado.

E, algumas horas antes, fora consideravelmente mais vermelho do que era naquele momento. O sangue agora coagulara. E coagulara na forma de uma figura humana deitada.

O contorno destacava-se sombriamente no quarto. Sam ouviu Molly a gemer nas suas costas. Quem quer que ali estivesse deitado dificilmente poderia ainda estar vivo na altura e certamente que não estaria agora, várias horas depois.

Sam Berger percorreu o quarto com o feixe da lanterna e abriu a porta do sótão nas águas-furtadas, ainda empunhando a faca. Apontou a lanterna para o pequeno espaço, que continuava tão vazio e com o mesmo aspeto que tivera algumas horas antes. A camada de poeira estava intacta.

Entraram no outro quarto, onde a cama parecia agora ainda mais nua, as ripas do estrado a assemelharem-se mais a costelas descarnadas. Mas a porta baixa e estreita que dava para o sótão nas águas-furtadas parecia diferente.

Estava ligeiramente aberta.

Posicionaram-se à frente da porta, facas a postos.

Sam respirou fundo, abriu-a e apontou a lanterna para o interior. A camada de poeira que ali havia também não parecia ter sido levantada, mas alguma coisa tinha mudado. Sam olhou em redor. Molly continuou a filmar durante algum tempo, depois afastou-se.

Sam permaneceu onde estava e contou os baús antigos. Agora havia três e não quatro.

– Um dos baús desapareceu – disse.

Recuou lentamente do sótão. Molly Blom pousara a faca e ligara a lanterna. Estava a movimentar o feixe pelo quarto sombrio. Então pareceu ter avistado algo a um canto. Aproximou-se, agachou-se e metade do corpo desapareceu por detrás da estrutura da cama.

Então soltou um gemido profundo.

– Valha-me Deus – disse.

Sam Berger contornou a cama e aproximou-se. Agachou-se ao lado de Molly. Era difícil perceber para o que é que estavam a olhar. À primeira vista, parecia uma alforreca que dera à costa.

O objeto jazia em cima de um tapete e uma mancha vermelha circular tinha-se espalhado em seu redor. Aproximaram-se um pouco. Molly Blom iluminou-o de perto com a lanterna.

– Que raio? – perguntou Sam. – Isto é pele humana?

Molly ampliou a imagem com o telemóvel, focando um pequeno pedaço de pele de cor diferente. Parecia um desenho.

E então Sam Berger viu o que era. Era um pequeno desenho feito a tinta.

Um trevo de quatro folhas.

Levantou-se rapidamente, o que fez com que a cabeça que lhe doía muito ficasse com tonturas. Fechou os olhos e pensou que ia cair. A visão parecia formar um louco mosaico rodopiante.

Mas não caiu. Voltou a abrir os olhos. Como que através de uma névoa vermelha, viu um homem parado a poucos metros de distância. Parecia completamente louco. Sam Berger ergueu a faca. O homem fez o mesmo.

Os segundos que se passaram antes que reconhecesse o próprio reflexo no vidro escuro da janela iriam assombrar-lhe os pesadelos durante muito tempo.

PARTE II

10

Quinta-feira, 19 de novembro, 10h02

Reina a quietude. Nenhum dos dois ecrãs na sala gelada mostra qualquer movimento. Nem o vento assobia. A cabana da frente está tão *silenciosa como a mais distante.*

Esperar é a chave. Há momentos em que outras coisas aparecem, outras imagens. Imagens internas. Imagens invocadas pela espera.

O cheiro dos pinheiros segue os raios do sol da manhã enquanto dançam pelo amplo terraço, véus suaves de luz da alvorada. O rochedo alto ao longe destaca-se da névoa do mar; uma silhueta suave que parece flutuar nas águas paradas.

É a casa. É aquela casa. Ainda ser capaz de estar sentado durante algum tempo no calor da manhã no terraço e ver. Ver como deve ser. Ser capaz de ver. Todo o movimento, todo o esforço é gasto nessa finalidade. Há um limite de tempo. Um prazo.

Há um desfecho para aquilo. Um final feliz.

O fim da solidão; trocam olhares, veem-se um ao outro e, por um breve momento, a fronteira entre duas pessoas deixa de ser absoluta.

E isso nunca foi vivido como devia ser. Apenas no sonho. Nas imagens invocadas pela espera. Em minutos que passam, impossíveis de contar.

Há um objetivo. Há um momento em que tudo está pronto. Quando a tensão dos últimos meses diminui de repente. E então a solidão já não reina, como foi decidido há muito tempo.

É quando o homem aparece no ecrã de cima, já a dez passos da cabana mais afastada. As imagens da espera desaparecem, a dura realidade regressa, as luvas finas apertam-lhe mais as mãos. Ampliar.

O homem veste um casaco branco, aconchega-se mais nele, avança pela neve. Não há neve acabada de cair, nem vento, apenas a estranha silhueta

branca do homem. Como um anjo de neve.

Agora o homem aparece no ecrã de baixo, vira a cabeça para um lado, fica parado, vê ou ouve alguma coisa. Então, ela entra na imagem.

No ecrã de cima, a mulher aproxima-se. Ampliar. O esquiar dela tornou-se quase perfeito nas últimas semanas. Os músculos fletem-se sob as apertadas roupas de esqui. Ampliar por um momento.

É ela. A mulher que vai dissolver a fronteira entre duas pessoas.

Em seguida, a luva de couro fino clica no joystick*, muda de ecrã. As duas figuras estão agora no ecrã de baixo. Um suspiro perpassa pela sala gelada. Teclado, palavrões.*

A outra mão escreve: «*10h24:* ♂ *e* ♀ *chegam juntos* à *cabana de* ♀*. Nenhuma atividade urgente detetada. Presumida colaboração iniciada.*

A mão para de escrever. Em vez disso, põe uma pistola Sig Sauer P226 *em cima da mesa.*

11

Quinta-feira, 19 de novembro, 10h02

Sam Berger acordou. Fragmentos de sonhos esvoaçaram por ele como uma chuva de neve rodopiante. Mas não conseguiu distinguir um único floco de neve individual, não conseguiu ver um padrão unificado. A única coisa de que tinha a certeza era da dor de cabeça, que latejava de forma lancinante.

Sentou-se na cama e pela primeira vez percebeu que a cabana era pequena; o saco-cama em torno do corpo não parecia muito mais pequeno do que o próprio edifício. As paredes estavam a comprimi-lo. Por um breve momento, a mão pareceu estender-se para uma porta desconhecida que parecia fundir-se com a porta da casa de banho, mas antes que alcançasse o puxador, a porta abriu-se e bateu-lhe com força na testa. E então voltou a confusão. Um rugido que veio simultaneamente do lado de fora, da caldeira de repente revelada, e de dentro, de um cérebro que parecia estar a ser lançado de um lado para o outro, arrancado das suas amarras. E do chão frio Sam viu o bloco de madeira a atingir a têmpora de Molly. Começou a levantar-se, mas o cérebro não o acompanhava, o corpo não o acompanhava. O único resultado foi ter sido atingido uma vez mais e ter sentido a consciência a esfumar-se. Concentrou o que restava dela no esforço de olhar para cima, tentou – para o caso de, contra as probabilidades, conseguir sobreviver – fixar o campo de visão, que se estreitava rapidamente, no rosto da figura, mas não se via nenhum rosto, estava demasiado escuro. Apenas conseguia ver o bloco de madeira na mão da figura negra fugidia, que voltou a aproximar-se. E depois já não havia mais nada, apenas escuridão.

Desprevenidos, afirmara Deer. Sam Berger lembrou-se, palavra por palavra: «Quer dizer que desceram a uma cave escura como breu, numa

casa isolada, com uma pessoa que tinha relatado que estava a ser perseguida, *completamente desprevenidos*?»

Mas não estavam lá por Jessica Johnsson ter relatado que julgava estar a ser perseguida; havia um único propósito naquela visita, e isso conseguira bloquear qualquer ameaça, sobretudo porque a atenção deles estiveram completamente focada no caráter de Jessica Johnsson, que tinha sido tão difícil de definir. O ponto de partida deles fora a ideia de que Jessica Johnsson era uma teórica da conspiração, uma agitadora, e que o perseguidor apenas existia na consciência paranoica da mulher, mas depois tornou-se muito claro que Jessica também estava a esticar a verdade para direções muito diferentes.

E tinha sido ele, Sam Berger, quem interrompera o interrogatório, em vez de montar simplesmente uma câmara de vídeo e continuar a questioná-la sem interrupções. Tinha sido sua a ideia idiota de revistar a casa antes sequer de a questão do desenho a tinta ter sido posta.

E agora havia outro.

E parecia ter sido desenhado numa fatia da nádega de Jessica Johnsson.

A dor dominou-o; não tinha nada que ver com a cabeça a latejar. Encolheu-se, pensando em como era inútil e no absurdo que era aquela equipa que formava com Molly. Derrubados por um louco, talvez dois, e incapazes até da mais rudimentar autodefesa. Ainda por cima a monte, por causa de uma justiça que deixara de ser justa.

A cabana voltou a parecer-lhe como era. Vazia. Completamente vazia. Mesmo que ele próprio estivesse dentro dela.

Tentou pensar em algo que pudesse acalmá-lo. Não em medicação nem em bebida, nada disso. Algo que lhe pudesse acalmar a turbulenta paisagem interior. Pegou no estojo, olhou para os seis relógios de pulso, que continuavam a funcionar despreocupadamente, e esperou até que a passagem impiedosa do tempo abrandasse para um tiquetaque suave e quase sincronizado. Exausto depois da louca caminhada pela noite invernal, tonto devido aos golpes que recebera na cabeça, apagado pela explosão de violência que atingira os dois, mesmo assim tinha reajustado os relógios um a um para que todos mostrassem a data certa. Para que todos mostrassem a hora certa. Demorara um pouco, mas acalmara-o. A ressurreição assustadora das pequenas engrenagens, como se estivessem à espera de entrar no ritmo certo, à espera da oportunidade de, com uma

suavidade terrível, o ir aproximando da morte.

Pressionou a orelha contra o estojo, distinguindo cada tiquetaque: dois *IWC*, dois *Rolex*, um *Jaeger-LeCoultre*, um *Patek Philippe*. Como se estivessem a medir um tempo mais amigável do que o nosso.

Mas os relógios não foram suficientes para o acalmar. Na verdade, não. Seria preciso qualquer coisa mais forte.

Pegou no telemóvel. Carregou no ícone das imagens. Passou o dedo pelo ecrã. Encontrou a fotografia certa. Os gémeos na vala cheia de tussilagem. Tinham oito anos e vestiam roupa demasiado grossa, porque não fazia assim tanto frio. Oscar estava a sorrir, Marcus a rir. A última foto, o ponto fixo. Antes de adquirirem o apelido Babineaux. Antes de terem ido viver para Paris e de terem de forma lenta mas inexorável deixado o verdadeiro pai resvalar para o impiedoso reino do esquecimento. Mas, para Sam Berger, os gémeos continuavam a ser a Estrela Polar, o ponto imóvel do mundo a girar.

Estavam lá como o céu que nunca alcançaria.

O polo de inacessibilidade, pensou. Era onde estava. O mais longe que era possível estar das outras pessoas. A marca da maré baixa. O fundo. O zero absoluto.

A dor absoluta.

Era onde estava.

Olhou pela janela, viu a vasta brancura. O vazio. Parecia refletir o desempenho de Sam como pai. Agora, Marcus e Oscar tinham uma figura paterna diferente, um francês. Era provável que Sam Berger tivesse sido extraordinariamente fácil de substituir.

O papel de pai, tão diferente do papel de polícia, o único papel que nunca teve de desempenhar. Mas Sam Berger, o polícia, era, ainda assim, um pai mais plausível do que Sam Berger, o ser humano.

Precisava de voltar a tornar-se polícia, era o único caminho para voltar a ser um ser humano. Tinha tantas saudades dos filhos que doía muito mais do que o traumatismo ou qualquer sensação de fracasso profissional. Sentia a falta do lado físico deles, dos sorrisos, das brigas, de os observar a viver as suas vidas. Já não fazia parte da vida de ninguém. Era um solitário, um solitário falhado.

Que fora salvo por Molly Blom. Molly conseguira mantê-los longe do Serviço de Segurança, de toda a trapalhada que os levara ao ponto onde

estavam. E Sam confiara nela, implícita e completamente. Mesmo que tudo o que acontecera depois do primeiro vislumbre do cadáver de Syl fosse extremamente incerto. Tinha estado praticamente inconsciente durante mais de duas semanas. Seria possível que uma coisa daquelas tivesse acontecido?

Mas *tinha* de confiar nela. Era a ponta do último cabo de salvação.

Levantou-se, vestiu-se, pôs o *Patek Philippe* no pulso, enfiou os pés nas estranhas botas e viu-se por mero acaso no espelho sujo. Sem contar com a barba revolta, não parecia que o penteado tinha mudado? Parecia tão assimétrico que teve de desviar o olhar. Devia ter transpirado muito enquanto dormia.

Então abriu a porta para a paisagem invernal.

O interior do país. Como era desolado.

Um mundo sem referências.

Aconchegando-se muito no estranho casaco branco, Sam Berger partiu pelo caminho através da neve. Pelo menos não nevara desde que fizera o caminho até à cabana, aos tropeções e meio morto. A cabana de Molly Blom não tardou a aparecer sob a sua cobertura branca. Parecia completamente abandonada.

Até que avistou a certa distância uma figura branca a mover-se rapidamente pela neve. Por um momento, achou inquietantes os movimentos irregulares, até que compreendeu que a figura andava a esquiar.

Aproximaram-se da cabana de direções diferentes e chegaram mais ou menos ao mesmo tempo. A respiração de Molly Blom pairava em nuvens em seu redor enquanto desprendia os esquis.

– Esta agora! – disse Sam Berger.

– Bem, tinha de fazer alguma coisa enquanto estava à tua espera – arfou Molly Blom. – Os satélites não conseguem detetar rastos de esquis.

– Mas ontem não os vi.

– Não vês tudo o que eu faço.

– Claro que não – disse Sam Berger, tentando não imprimir demasiados subentendidos àquelas palavras.

Abriu uma porta estreita ao lado da porta principal. Havia um pequeno espaço que parecia destinar-se a esquis e nada mais.

– Também tens um – disse Molly Blom, depois fechou a pequena porta e

abriu a maior.

– Com ou sem esquis? – perguntou Sam.

– Com – respondeu Molly com um leve sorriso, e depois entrou na cabana.

O computador estava ligado e o padrão estranho do protetor de ecrã dançava nele. Sam Berger reparou que estava ligado ao telefone por satélite de Deer.

– Estiveste a esquiar – afirmou Sam. – Quer dizer que a tua cabeça está perfeitamente bem?

Molly bateu com o dedo no capacete de esqui branco e disse:

– Tenho algum receio de poder tê-la partido. De ter uma racha fininha no crânio.

– Então, em resposta a essa preocupação, foste esquiar neste deserto? E se tivesses desmaiado? Terias congelado até à morte. No mínimo, o satélite das dez e meia teria visto o teu corpo caído.

– Tinha de mexer-me um bocado – disse Molly pelos lábios azulados.

Sam Berger abanou a cabeça, apontou para o computador e afirmou, para a fazer falar:

– A Deer disse-nos para nos mantermos afastados do caso.

Molly não disse nada, limitando-se e tirar a grossa luva de esqui e a bater no rato do portátil com um dedo transpirado. O padrão rodopiante do protetor de ecrã foi substituído por um rosto.

Era Jessica Johnsson.

Foi como ficar cara a cara com os mortos.

No entanto, ainda não tinham passado vinte e quatro horas desde que fizera exatamente isso: sentara-se à frente dela e, na altura, Jessica estava bem viva. Com aquela mesma expressão no rosto. Inesperadamente perspicaz, mas inquieta, com o esboço de um sorriso aos cantos da boca. E simultaneamente muito obstinada, determinada a não deixar ninguém entrar.

– Há lacunas enormes na biografia da Jessica Johnsson – disse Molly Blom, despindo o blusão branco e sentando-se.

Sam Berger puxou a outra cadeira e sentou-se ao lado dela. As informações corriam pelo ecrã.

– Nasceu em 1980 – disse Molly Blom, apontando. – Parece ter tido uma infância perfeitamente normal em Rågsved. Não tem cadastro. Escolheu

Saúde no ensino secundário, estudou Enfermagem. Passou os verões a trabalhar em hospitais enquanto estudava, turnos noturnos em enfermarias psiquiátricas e geriátricas.

– Ou seja, sem lacunas até fazer vinte e cinco, não é?

– Parece que passou um ano nos EUA. Celebrou lá o décimo nono aniversário. Não é claro onde esteve e com que objetivo partiu. Mas parece um ano sabático padrão; regressou e recomeçou a estudar Enfermagem. Trabalhou no Hospital de St. Göran durante alguns anos, estava inscrita numa espécie de agência de emprego. Depois houve um incidente que consegui desenterrar enquanto fazias o teu sono de beleza.

– Duvido de que até a minha mãe pudesse chamar àquilo sono de beleza – resmungou Sam Berger. – Um incidente?

– Não foi no material que a Rosenkvist nos deu. Consegui descobrir de outra maneira. Aos vinte e cinco anos, a Jessica Johnsson conheceu o que normalmente se classifica como «o homem errado». Chamava-se Eddy Karlsson e parece ter sido ao mesmo tempo um toxicodependente inveterado e um perfeito psicopata. Isto já aconteceu há dez anos. A Jessica fez queixa dele por violência doméstica. O Eddy foi proibido de entrar em contacto com ela. Seguiram-se mais incidentes. A Jessica queixou-se de que o Eddy a tinha violado, por isso, a Polícia de Estocolmo Sul tentou prendê-lo. E depois não há mais nada.

– Como assim?

– O Eddy Karlsson tem cadastro desde os tempos em que vivia em Mora, mas há dez anos não foi apanhado. Desapareceu, pura e simplesmente. A última coisa que o processo da Polícia tem a dizer sobre o Karlsson é que provavelmente fugiu para o estrangeiro sob identidade falsa.

– Presumo que é aí que as lacunas na biografia da Jessica Johnsson começam a aparecer?

– Sim – respondeu Molly Blom. – Um caso clássico de identidade protegida.

– Mas a Jessica voltou a utilizar o nome verdadeiro? Isso deve significar que o Eddy Karlsson está morto, uma vez que a Jessica se atreveu a voltar à antiga vida. Portanto, o Eddy Karlsson não pode ser o tipo que nos deu com o bloco de madeira. Não pode ser o tipo de quem a Jessica tinha tanto medo a ponto de se ter mudado para Porjus e se ter escondido numa casa

isolada na Lapónia.

Molly Blom olhou para Sam Berger durante algum tempo, franzindo a testa.

– É bom ter-te de volta – disse.

– Nenhum de nós voltou – disparou Sam Berger. – Não depois do que aconteceu naquela maldita cave. Como é possível que tenhamos sido apanhados de surpresa daquela maneira? Como é possível termos sido tão desprevenidos?

– Já te ocorreu que possa ter sido a tua Desiré Rosenkvist quem *não nos preveniu*? Que foi ela quem fez com que fôssemos apanhados desprevenidos?

Foi a vez de Sam Berger fazer uma pausa. Olhou fixamente para Molly.

– Como assim? – acabou por perguntar.

– O Serviço de Segurança anda atrás de nós – explicou Molly Blom. – Provavelmente podemos contar com algumas táticas pouco ortodoxas por parte deles. Se tivéssemos recebido o trabalho sem comentários, sem a Dersiré nos ter dito que a Jessica não passava de uma maluca, não teríamos estado mais alerta na cave?

– Mas se a Deer estivesse a trabalhar para o Serviço de Segurança, nunca teríamos recebido o trabalho. Limitavam-se a dar cabo de nós em Kvikkjokk. A Deer nunca teria lá aparecido, só o sacana do Kent e o sacana do Roy.

– Bem, voltando ao Eddy Karlsson – disse Molly Blom, batendo novamente no rato do computador. – O teu palpite está certo: o Eddy Karlsson está morto. Morreu de *overdose* há quatro anos, ninguém sabia sequer que tinha regressado à Suécia: vindo da Tailândia, claro.

– E, logo depois disso, a Jessica Johnsson reaparece?

– O número de identificação desaparecido reaparece, sim. Mas sem qualquer fonte de rendimento aparente. Não tinha emprego quando estivemos com ela e não consigo compreender como se sustentava.

Não vejo qualquer apoio estatal, nem pensões nem subsídio de desemprego. Mas parece que a primeira utilização documentada do número de identificação ressuscitado foi na compra de uma casa. Em numerário.

– Porjus? – exclamou Sam Berger.

– Sim.

– Quer dizer que no momento em que a ameaça desaparece, a Jessica isola-se? Não parece um paradoxo?

– Talvez estivesse a dizer a verdade – afirmou Molly Blom. – Talvez quisesse apenas afastar-se das «pessoas em geral».

– Mas essa não foi a impressão com que ficámos quando conversámos com ela, pois não?

– Não. A Jessica tinha conhecido alguém novo. Provavelmente aconteceu enquanto a identidade dela estava protegida, o que torna mais difícil escavar o passado dela.

– Mas não impossível?

– Não, se nos atrevermos a confiar nesta coisa – disse Molly Blom, indicando o telefone por satélite.

– Se a Deer *n*ão nos prevenir, queres tu dizer? – perguntou sombriamente Sam Berger. – Seja qual for o ângulo pelo qual tente analisar a situação, não vejo motivo para isso. Complica tudo desnecessariamente. O Serviço de Segurança está a tentar caçar-nos, conseguem virar a Deer contra nós, talvez comprá-la com uma promoção e a transferência para o DNO, e então fazem com que nos dê aquele serviço estranho e certificam-se de que *não nos previne* para podermos ser assassinados por um louco violento qualquer na maldita Porjus. Não, é demasiado rebuscado.

Molly encolheu os ombros.

– Tenho a sensação de que nada é o que parece.

Sam Berger mordeu a língua e abanou a cabeça. Molly Blom prosseguiu:

– Se pudermos confiar no telefone por satélite, ainda posso entrar no arquivo. Aquilo aconteceu nos meus tempos como agente infiltrada, por isso é completamente seguro pesquisar no arquivo. Podemos montar o teu computador do outro lado da mesa e ligar-te também a ti. E depois vamos ver se chegamos ao fundo disto. Concordas?

Sam Berger tentou recompor-se o melhor que pôde.

Depois assentiu.

12

Quinta-feira, 19 de novembro, 13h47

A imagem treme e uma sala razoavelmente desarrumada aparece e desaparece rapidamente. Então vê-se uma criança, um rapazinho a poucos metros de distância. Usa umas calças de ganga minúsculas e uma *T-shirt* amarela com uma banana. Quando se levanta, apoiando-se numa pilha de livros, os movimentos são muito hesitantes. Mas consegue manter-se de pé, embora esteja vacilante. Um dos livros ilustrados pende-lhe da mão. Olha para cima com curiosidade e sorri como se tivesse um segredo. A voz de uma mulher diz com um suave sotaque de Dalarna: «Queres que te leia esse livro sobre animais, Rasmus?» E o rapazinho dá um passo, depois outro, com o livro ainda na mão. Tropeça, mas permanece de pé. Depois de ter dado cinco passos, lança-se para a frente em direção ao sofá que acaba de aparecer na imagem. Duas mãos de mulher agarram-no e a voz diz triunfante: «Foram os teus primeiros passos, Rasmus! És um menino muito inteligente!» Quando o rapazinho se instala no colo da mãe, Rasmus abre o livro e diz: «Lê os animais!» Então, o rosto da mulher entra em cena; está a sorrir e a limpar os cantos dos olhos. Tem cabelo castanho bastante curto e faces rosadas, e abre o livro. O menino olha para ela, esperançoso, e repete: «Lê os animais!» Mas a mulher está a olhar fixamente para os olhos do filho. Inclina-se para a frente e abraça-o ternamente, e a pequena mão da criança solta o livro e toca-lhe no cabelo. A mulher ri-se calorosamente das profundezas do coração e isso faz o rapazinho rir-se também; o riso deles entrelaça-se. Então a mulher beija-o na bochecha e tudo para.

– Pronta para o próximo? – perguntou Sam.

– Nem por isso – respondeu Molly.

A imagem dos lábios da mãe pressionados contra a bochecha

rechonchuda da criança é substituída por uma imagem completamente diferente. Uma vala verde, escura e húmida, o corpo de uma mulher e um carrinho de bebé virado cuja pega a mulher ainda segura. A *T-shirt* com a banana ainda se vê parcialmente, mas já não é particularmente amarela.

– Valha-me Deus – gemeu Molly, olhando para Sam Berger. Quando este ampliou a imagem, uma lágrima rolou-lhe lentamente pela face esquerda; Sam não se deu ao trabalho de a limpar.

– Este foi o primeiro caso em que a Deer e eu trabalhámos juntos – disse em voz baixa. – E só estávamos levemente envolvidos. O Allan Gudmundsson foi um dos três detetives responsáveis pela investigação aberta pelo procurador Ragnar Ling. Este contraste abrupto é uma das coisas de que melhor me recordo, entre o Rasmus Gradén, de catorze meses, a dar os primeiros passos... o deleite incontido da mãe, o amor óbvio entre ambos..., e os dois para ali assassinados na vala. Acho que nunca ultrapassei isto.

– Alguma vez identificaram a arma do crime? – perguntou Molly, assumindo a tarefa de ampliar a imagem.

– Não, nunca foi encontrada – respondeu Sam, e apontou para o ecrã. – Mas no meio da lama, na vala, havia lascas de madeira. De bétula.

– De bétula? Como num... num bloco de madeira?

– Potencialmente, sim. Foram encontradas mais lascas no abrigo.

– Fala-me do abrigo – pediu Molly Blom.

– Recém-construído, não propriamente profissional, mas bem camuflado, na parte mais densa das florestas de Orsa. A meio caminho entre o local onde os cadáveres foram encontrados e o albergue onde os residentes da casa de repouso do Karl Hedblom estavam hospedados. Foram encontrados vestígios de sangue da Helena e do Rasmus Gradén no interior do abrigo. O ADN do Hedblom também foi encontrado em fragmentos de pele. Na altura, ninguém teve qualquer dúvida. Tínhamos encontrado o nosso criminoso.

– Vou ler tudo o que houver sobre o caso – disse Molly Blom. – Mas faz-me um resumo rápido. Porque é que o pai era suspeito?

– Emmanuel Gradén – disse Sam Berger depois de ter assentido. – Havia algumas dúvidas sobre o que aconteceu ao certo antes de a mãe e o filho terem ido a pé ao supermercado. O tipo não se importava se era suspeito ou não; a vida dele tinha acabado.

– A sério?

– Mesmo a sério. Suicidou-se seis meses mais tarde, depois de o Karl Hedblom ter sido condenado. Fez um buraco no gelo no lago Orsa e atirou-se lá para dentro com cinquenta quilos de chumbo amarrados ao corpo.

– Chumbo?

– Duas semanas antes, tinha ido visitar o irmão a Skellefteå. Comprou um carregamento de chumbo que podia enrolar em torno do corpo na Rönnskärsverken, em Skelleftehamn. Foi tudo cuidadosamente planeado.

– Quer dizer que encontraram o cadáver? E que era realmente ele?

– Percebo a tua pergunta. Mas sim, era definitivamente ele. O ADN provou-o.

– Caso contrário, podíamos perguntar-nos se não teria começado pela própria família, tomado o gosto àquilo e continuado... e acabado por assassinar a Jessica Johnsson oito anos mais tarde. O homem na sala da caldeira. Mas tudo bem. Dúvidas sobre a ida ao supermercado?

– Tinham discutido – respondeu Sam Berger. – Naquele dia de outono, quando a Helena Gradén saiu à rua com o Rasmus no carrinho, tinha tido uma grande discussão com o marido. Ligou a uma amiga a dizer que o Emmanuel tinha estado aos gritos a dizer que o Rasmus não era filho dele.

– A sério? – perguntou Molly Blom. – Então o marido deve ter sido o principal suspeito desde o primeiro dia.

– A amiga só apareceu passados alguns dias, teve um problema qualquer com o telemóvel. Mas depois disso, sim. Durante uma semana ou mais.

– Sabes se era verdade? O Emmanuel Gradén era o pai do Rasmus?

– Assim que a suspeita foi levantada foi feito um teste de paternidade – respondeu Sam Berger. – O Emmanuel era definitivamente o pai. E o facto de a última coisa que gritou à mulher ter sido uma acusação infundada foi provavelmente o último prego no seu caixão.

Molly não disse nada durante algum tempo. Mas depois prosseguiu.

– Que sabemos sobre a sequência de acontecimentos?

Sam Berger suspirou.

– Então, há oito anos, no dia 18 de outubro, a Helena Gradén saiu de casa às 12h45 e foi encontrada pouco depois das nove da manhã do dia 20 pelos elementos de uma equipa de busca que tinha acabado de terminar o turno. Seis horas antes, a meio da noite, a equipa tinha passado pelo local onde acabaram por ser depois encontrados: nessa altura, não havia

ninguém na vala. E não foi lá que a Helena e o Rasmus morreram. As autópsias indicaram que estiveram vivos durante cerca de quarenta horas, provavelmente no abrigo. Ambas as vítimas apresentavam marcas de agressões repetidas.

– Uma equipa de busca? – perguntou Molly Blom. – Quando é que isso aconteceu? Como lhes pode ter escapado o abrigo?

– Aconteceu antes da criação da iniciativa Pessoas Desaparecidas, antes das equipas de busca organizadas – respondeu Sam Berger. – Parece ter sido uma coisa feita às três pancadas e é fácil subestimar a dimensão das florestas à volta de Orsa.

– Outra vez o interior do país – disse Molly Blom, assentindo. – Então e como é que o Karl Hedblom foi apanhado?

– Recorrendo à ajuda de psicólogos – respondeu Sam Berger. – Na verdade, ninguém soube que havia na zona um grupo de residentes de uma casa de repouso de Falun; tinham-se ido embora antes que houvesse alguma ideia de procurar outros suspeitos além do Emmanuel Gradén e só vieram a ser interrogados mais tarde. Estávamos à procura de tipos específicos de distúrbio mental, ódio e violência anteriores contra mães com filhos pequenos, e uma das melhores correspondências em toda a Suécia era o Karl Hedblom, de vinte e quatro anos. Quando ficou claro que ele se encontrava na zona na altura dos homicídios, foi feita uma recolha de ADN. O ADN não identificado recolhido no abrigo acabou por corresponder ao do Hedblom. Depois disso, bastou apenas interrogá-lo.

Molly Blom anuiu.

– Havia outros suspeitos além do pai?

– Não – respondeu Sam Berger. – Mas interrogámos uma quantidade de gente.

– E conduziste alguns desses interrogatórios com a Rosenkvist? Não houve nada que te tenha chamado particularmente a atenção?

– Não me surpreenderia se a Polícia tivesse interrogado metade da população de Orsa. A Deer e eu fizemos pelo menos vinte, talvez trinta interrogatórios. Pessoas que moravam nas proximidades, vizinhos e colegas de trabalho dos Gradén, outros residentes da casa de repouso, pessoas que tinham passado de carro naquela manhã, camionistas, enfim, gente que nunca mais acabava.

– Mas, quando começaste a trabalhar na investigação, o Emmanuel

Gradén já tinha deixado de ser suspeito? – perguntou Molly Blom.

– Pelo que me lembro, sim. Fizemos muito poucas perguntas sobre ele. A Deer tendia a focar-se no desenho na nádega, o trevo de quatro folhas, enquanto eu procurava pistas relacionadas com o abrigo. Coisas como quem o construiu, se o crime tinha sido planeado com muita antecedência, quem poderia tê-lo idealizado…

– E há transcrições de todos os interrogatórios no arquivo?

– Devia haver, sim. Mas foram gradualmente eliminadas. Como disse, eu estava presente quando o Allan conduziu o interrogatório conclusivo, quando o Karl Hedblom confessou. Eu era o ajudante do Allan, mas acho que não disse uma única palavra.

Nenhum dos dois falou durante algum tempo. Então, Sam Berger respirou fundo e disse:

– Encontraste mais alguma coisa sobre a Lisa Widstrand?

– Foi prostituta em Gotemburgo. Brutalmente agredida há cinco anos, encontrada morta no Gothia Towers Hotel pouco antes da feira do livro, num quarto pago em numerário reservado em seu nome. Não tinha parentes e o homicídio ocorreu numa altura em que ninguém estava interessado em publicidade negativa, o que provavelmente explica porque escapou à atenção dos media. Mas o trevo de quatro folhas na nádega está definitivamente no arquivo. A única coisa que não consegui encontrar foi o artigo nos jornais locais que a Jessica Johnsson menciona na carta. Mas provavelmente há alguns jornais locais que entretanto fecharam e cujos arquivos não consigo encontrar. Podem já nem sequer existir.

– Há sempre a hipótese de ter sido um imitador – disse Sam Berger.

– Alguém que leu sobre o desenho do trevo de quatro folhas quando o Karl Hedblom foi condenado.

– É claramente uma possibilidade – disse Molly.

– Mais alguma semelhança?

– Sim, uma certa semelhança na aparência. De resto, nada. Em termos puramente sociais, há uma longa distância entre uma professora primária e jovem mãe de Orsa e uma prostituta viciada em heroína de Gotemburgo.

– Então e a causa da morte? E o grau de violência? – perguntou Sam Berger.

– Bastante semelhantes. Atingidas com um objeto contundente, corpo brutalmente agredido, golpes concentrados no rosto. Muitos cortes. Mas

neste caso não houve nenhuma criança, graças a Deus.

– A Lisa Widstrand teve filhos?

– Pelo que consegui ver, não – respondeu Molly. – E a Jessica Johnsson não tem filhos. Ou melhor, não tinha.

– Não «tinha» – ecoou Sam Berger. – Tudo sugere realmente que permitimos que fosse assassinada enquanto ainda estávamos naquela casa.

– Temos de olhar para a frente – disse Molly. – Os remorsos só levam à estagnação. A Deer Rosenkvist disse que queria que nos mantivéssemos afastados do caso, mas não me surpreenderia se ficasse contente com uma investigação paralela. Ela confia em ti.

– É a única pessoa no Universo que confia em mim – murmurou Sam Berger.

Molly Blom olhou-o brevemente de soslaio.

– São duas da tarde. Os técnicos forenses já devem ter terminado a peritagem à casa de Porjus. Arriscamos ligar à Deer?

Sam Berger olhou para Molly Blom. Era impossível ver algo nela além de ambição profissional; Molly Blom queria mesmo desvendar o caso, encontrar o homem que lhe batera na cabeça com um pedaço de madeira e assassinara a mulher que devia estar sob a proteção deles. Sam Berger não conseguia detetar nenhum motivo oculto, nenhuma intenção dissimulada.

Mas, por outro lado, eram exatamente coisas como aquela que Molly Blom era especialista em ocultar.

Sam assentiu. Claro que também queria entrar em contacto com Deer, queria saber o que estava a acontecer. E queria, muito enfaticamente, apanhar o homem que o atingira com um pedaço de madeira. Mas, acima de tudo, queria ser novamente polícia, queria deixar-se absorver num caso que pudesse preencher o vazio dentro dele.

– Era melhor seres tu a ligar-lhe – disse Molly, entregando-lhe o telefone por satélite.

Pareceu um minúsculo progresso no relacionamento entre ambos.

13

Quinta-feira, 19 de novembro, 14h09

Sam Berger deixara o telefone chamar dez vezes e estava prestes a desligar quando de repente ouviu um rugido:

– Que foi que eu vos disse sobre esse caso?

– Que devíamos manter-nos completamente à margem – respondeu Sam Berger. – Mas queres dizer que não foi isso que fizemos? Os tipos encontraram algum vestígio nosso?

Deer soltou um suspiro profundo e disse:

– Ainda não. Apagaram bem o vosso rasto. Mas já tinha sido muito bem apagado.

Molly aproximou-se do telefone. Sam inclinou-o um pouco e a voz de Deer ecoou pela cabana. Molly Blom assentiu, Sam Berger compreendeu.

– A Jessica fez-nos chá – disse Sam Berger. – Depois lavámos as chávenas. Mas já estava tudo limpinho. Também inspecionámos os cantos da cozinha. E a casa de banho? Provavelmente é lá que vão encontrar ADN.

– Vou encarregar-me de passar as tuas dicas forenses ao Robin – afirmou Deer. – Os resultados preliminares mostram apenas um tipo de ADN na casa de banho, na escova de dentes e na escova de cabelo, entre outros sítios, e parece que corresponde ao sangue. O ADN da Jessica Johnsson, obviamente, não consta no arquivo, mas a correspondência parece bastante conclusiva.

– Então e a sala da caldeira? Onde o assassino estava escondido?

– O Robin começou mesmo agora o exame – disse Deer. – Mas a primeira reação dele foi dizer que as caldeiras têm tendência a estar muito mais sujas do que aquela.

– A Jessica Johnsson disse que há alguns anos que não ia à cave – afirmou Sam Berger.

Deer retorquiu:

– Ou estava a mentir e a tentar esconder o facto de sofrer de Transtorno Obsessivo Compulsivo, o que podia explicar os aspetos paranoicos da personalidade dela, ou a justificação mais provável é que o agressor limpou tudo muito bem.

– Ou seja, antes de tudo acontecer? O tipo estava a assassinar brutalmente uma mulher e tinha dois ex-agentes amarrados na cave. Não acredito que tenha limpado escrupulosamente toda a sala da caldeira depois disso.

Deer soltou um suspiro ainda mais profundo e exclamou:

– Por amor de Deus, vejam o sarilho em que me meteram! Agora estou para aqui com a porra de uma investigação paralela e já sei mais do que todos os outros agentes envolvidos, e não posso sequer deixar transparecer que sei que o assassino estava à espera na sala da caldeira. É exatamente o que aconteceu contigo no caso Ellen Savinger, Sam. E que bem que isso te fez, não foi?

– Desculpa lá, Deer, mas tu própria ajudaste a meter-te nesta alhada. Foste tu quem nos envolveu, não o contrário. Por isso aproveita ao máximo, mantém-se na vanguarda da investigação. Assim podemos apanhar o sacana e tu ficas com todos os créditos.

– Sim, porque vocês os dois fizeram tudo na perfeição até agora…

– Se o tipo limpou a sala da caldeira, provavelmente foi ele quem limpou o resto da casa – disse Sam Berger. – Deve ter feito isso de forma a que a Jessica Johnsson não reparasse em nada quando chegou a casa. Foi tudo extremamente bem planeado. E depois utilizou um pedaço de madeira como arma do crime. O absoluto oposto de uma coisa bem planeada.

– Mas isso também pode ter sido planeado. A arma de eleição dele.

– Estás a pensar em…?

– Sim, tal como tu, Sam. Estou a pensar em Orsa e na Helena Gradén, e estou a pensar no interrogatório do Allan Gudmundsson ao Karl Hedblom.

– Podemos fazer-lhe uma visita?

– Ao Allan? Bem, acontece que afinal o torneio de *bridge* dele não era no Taiti, mas em Frösön. Portanto, deve ser possível.

– Allan, não, por favor – suspirou Sam Berger. – Podemos ir encontrar-nos com o Karl Hedblom e dizer que somos do DNO?

– Hedblom está numa das maiores instituições psiquiátricas prisionais da Suécia, em Säter. Não sei exatamente onde fica, mas sei que é muito longe.

– Fica a cerca de mil quilómetros atravessando diretamente pelo meio do país – disse Sam Berger. – Podemos estar com ele amanhã de manhã bem cedo.

Lançou um rápido olhar a Molly Blom que, para sua surpresa, não fez qualquer sinal de protesto.

– Seja como for, não sabemos realmente se o pedaço de madeira foi a arma do crime – resmungou Deer. – O que sabemos é que também foi utilizada uma espécie de faca extremamente afiada. Para lhe cortar aquele pedaço da nádega. O que, de acordo com o relatório preliminar, aconteceu depois da morte. No entanto, a quantidade de sangue no lençol indica que o tipo se serviu da faca enquanto a Jessica Johnsson ainda estava viva.

– Então era mesmo da nádega dela? Grande merda…

– A faca não foi encontrada. Nem o pedaço de madeira. Provavelmente deviam agradecer isso às vossas estrelinhas da sorte. Porque o mais certo é estar bem embebido no ADN de dois famigerados ex-polícias.

– Sabes quando é que ele chegou à casa dela?

– Tendo em conta que a investigação ainda está no começo, não há nenhum *ele*. Mas sabemos que a Jessica Johnsson visitou três lojas diferentes e parou para tomar um café em Porjus entre as dez da manhã e a uma da tarde de ontem, aproximadamente.

– E nós chegámos a casa dela pouco antes das três...

– Mas *nós* não sabemos isso. Só *vocês* é que sabem.

– Vai ser difícil lembrar o que se pode dizer de agora em diante, Deer: acredita em mim, eu sei.

– A casa fica a cerca de dez quilómetros de Porjus – afirmou Deer –, por isso, é provável que a Jessica tenha saído de casa às vinte para as dez e regressado à uma e vinte. O que significa que a casa esteve vazia por pouco mais de três horas e meia. Durante a maior parte do dia, que por estas bandas é muito curto. Portanto, Jessica andou pela casa completamente limpa de ADN durante uma hora e meia sem reparar em nada enquanto havia um assassino escondido na sala da caldeira dela.

– A Jessica foi de carro? – perguntou Sam Berger. – Aliás, tem algum carro?

– Sim, tem uma garagem para dois carros. O *Ford Fiesta* dela ainda lá está. Mas o outro espaço de estacionamento é interessante. Se tivessem agido remotamente como polícias, teriam reparado que havia lá outro veículo. Logo, poderiam ter sacado as armas ilegais com as quais sei que entraram na casa da Jessica. Então tudo isto poderia ter sido evitado. Então, a Jessica Johnsson ainda poderia estar viva.

– É óbvio que devíamos ter procurado na garagem – reconheceu Sam Berger. – Estamos claramente destreinados.

– Por amor de Deus, vocês não são polícias! – exclamou Deer. – Só estão a utilizar isso como uma espécie de chuto de nostalgia… como conversa de travesseiro. Já não preciso de ti, Sam. É melhor ires outra vez para a toca.

– E o outro veículo?

– Um rasto de sangue na neve, como disseste, na direção desse veículo. Também havia marcas de um baú a ser pousado algumas vezes a caminho da garagem, como se fosse demasiado pesado para ser transportado de uma só vez. Sempre alinhados com o rasto de sangue. O tamanho corresponde ao dos três baús que restam no sótão, que estavam vazios, a propósito. O restante sangue está no chão de cimento da garagem e desaparece abruptamente como se o baú tivesse sido carregado num veículo. Há marcas de pneus a sugerir que se tratava de uma pequena carrinha, como uma *Volkswagen Caddy*, e potencialmente uma pequena marca de tinta, como se o veículo tivesse tocado na parede da garagem quando estava a fazer marcha-atrás para sair. Infelizmente, a investigação forense está a ser difilcutada por um conjunto de marcas de pneus que fizeram Robin exclamar: «Se não forem de um jipe, vou ingerir toxina botulínica durante os próximos seis meses.» Não faço ideia do que seja toxina botulínica, mas pergunto-me se vocês, minhas adoráveis criaturas, não terão por acaso utilizado um jipe?

– É o veneno mais forte que se conhece – disse Sam Berger, olhando de relance para Molly Blom. – Metade de uma colher de chá seria suficiente para matar toda a população da Suécia. Na sua forma diluída é por vezes conhecida como *botox*.

– *Têm um jipe*?

– Sabes que temos – disse Sam Berger. – Viste-nos em Kvikkjokk; eu avistei os teus binóculos.

– O que eu não sei é como ignorar o jipe na investigação. Mais uma coisa a acrescentar à lista do que tenho para vos agradecer. Não podiam ter conduzido com mais cuidado?

– Não me parece que tenhas percebido muito bem o estado em que estávamos na altura – disse Sam. – Conseguimos livrar-nos de todos os vestígios dentro de casa da Jessica. Tu ainda não foste demitida e ninguém sabe que enviaste uns *freelancers* quaisquer. A tua gratidão é justificada e calorosamente agradecida.

– Às quatro e meia da manhã contactei um dos meus antigos informadores, Sam, um dos meus iscos. Ele fez um telefonema anónimo para o 112 e debitou um guião que eu lhe tinha entregado. A Polícia de Jokkmokk apareceu uma hora mais tarde e a seguir foi a vez de o DNO ser informado. Apanhámos o primeiro voo desta manhã, quatro detetives, com o superintendente Conny Landin no comando, e toda uma bateria de peritos forenses liderados pelo Robin. É uma operação em grande, tendo em conta que estamos no interior de Norrland, e a minha principal preocupação até agora tem sido manter-vos fora disto. Por isso, também não me importava de receber alguma gratidão.

– Já a tens, Deer. Sim ou não?

A linha começou a crepitar e ao fundo ouviram claramente uma voz masculina a perguntar:

– Com quem estás a falar, Desiré? Diz que já vais, precisamos de ti aqui.

Deer disse em voz alta:

– Desculpa, Conny, problemas com a *babysitter*. Já vou.

Ouviu-se a voz quase sussurrante de Deer no auscultador:

– Agora tenho de ir.

– Sim ou não, Deer? Podemos ir a Säter ou não?

Deer franziu a testa enquanto olhava para o céu nublado. A neve começava a entrar-lhe nas botas de cano médio, podia senti-la a derreter na barriga das pernas. O sol já ia baixo no céu e os topos das árvores na floresta que rodeava a casa de Jessica Johnsson pareciam quase luminescentes. Não parecia uma coincidência que o interior de Norrland tivesse sido a última parte da Europa a emergir da glaciação.

– Sim – respondeu quando chegou ao primeiro degrau que conduzia à casa.

Então carregou no botão para desligar a chamada e atravessou a porta da

casa isolada a dez quilómetros de Porjus. Uma caixa de proteções azuis para sapatos fora deixada onde nenhum dos agentes podia deixar de vê-la. Deer descalçou-se e pôs as botas onde esperava que pudessem demorar pouco tempo a secar, enfiou as proteções sobre as meias molhadas e caminhou do vestíbulo até à sala.

À sua esquerda, no chão ao lado do sofá, a equipa forense erguera um par de holofotes poderosos. Alguns dos colegas estavam ajoelhados, vestindo fatos de proteção brancos, recolhendo amostras com uma pinça da poça de sangue agora já completamente coagulada. Deer olhou para os três rastos de sangue e parou ao fundo das escadas. Luz e som jorravam lá de cima; os técnicos de Robin também trabalhavam no duro no primeiro andar. Deer olhou para as marcas que conduziam lá acima, passo a passo; parecia mesmo que a pessoa que fora puxada usava meias-pantufa. Jessica Johnsson não podia estar consciente na altura; a questão era se ainda estaria viva.

Contornou a zona iluminada e dirigiu-se para a mesa de refeições. O superintendente Conny Landin, um homem robusto com um bigode ainda mais robusto, estava ali parado a fitar a mesa.

– Gostava de saber com que é que limparam esta mesa – disse.

Deer esperou, deixou-se encaixar no papel de subordinada com menos conhecimentos, esperou que o tio Conny começasse a explicar-se paternalmente como se ela fosse uma menina de cinco anos e começou a pensar noutra coisa.

Começou a pensar em Sam Berger e em Molly Blom. Contra todo o bom senso, enfiara a cabeça num ninho de vespas e – pelos bons velhos tempos –, decidira confiar neles. Em Sam Berger, era nele que confiava. Molly Blom parecia fiável, mas os encontros de Deer com ela até ao momento não tinham sido particularmente inspiradores de confiança.

Porque estavam a esconder-se a norte do Círculo Polar Ártico? Tinham recebido indemnizações decentes e, se juntassem os recursos, podiam abrir uma espécie de agência de detetives privados; que pareciam estar na moda nos tempos que corriam – e era difícil pensar em alguém mais adequado para esse trabalho – mas porquê ali? Porquê no interior de Norrland? Numa parte do país que estava a perder população? Certamente que devia haver mais oportunidades em Estocolmo, Gotemburgo ou Malmö.

A menos que algo mais estivesse a acontecer? Estariam mesmo – como

calculara – a monte? Estariam num esconderijo, estariam a hibernar? Molly Blom insinuara que Sam não se encontrava particularmente em boa forma, embora um problema de estômago tivesse de ser no mínimo disenteria para deter o Sam Berger que Deer conhecia. Mas, quando o viu com aquela barba grisalha, percebeu que algo tinha mudado. E muito.

Não tinham passado mais de três semanas desde a última vez que o vira. Deer tentou lembrar-se exatamente do que acontecera na confusa conclusão do caso Ellen Savinger. O Serviço de Segurança fechara a tampa com força sobre tudo aquilo, mas Sam Berger e Molly Blom tinham evidentemente desempenhado um papel decisivo; a questão era: de que maneira?

E depois havia a morte de Syl; que a perturbara muito, destroçando-a por completo. Teria sido realmente uma morte natural?

No fundo, Deer não queria ter de voltar ao caso Gradén. Afetara-a demasiado da última vez. Estaria preparada para voltar ao seu eu mais jovem e neurótico para recordar exatamente o que a afetara tão fortemente naquele caso? Tentou pensar no primeiro caso em que fizera parceria com Sam, ainda que tivessem estado apenas levemente envolvidos nele. Tinham formado uma boa equipa e Sam não demorara muito tempo a dar-lhe a alcunha de Deer (da qual, embora nunca lhe agradasse admitir, gostava muito), e tinham trabalhado bem juntos.

O que a afetara mais tinha sido a mãe. A mãe que claramente se mostrara tão dedicada ao filho.

E o trevo de quatro folhas. Como Deer tinha subido as escadas até ao primeiro andar na sólida companhia de Robin, o choque não fora tão grande como poderia ter sido. Uma fatia da nádega de uma mulher. E exatamente o mesmo trevo de quatro folhas, o mesmo desenho a tinta. Tinha ficado particularmente impressionada com aquilo há oito anos. Parecera-lhe tão específico, tão deliberado. Como se realmente significasse alguma coisa. Mas então Karl Hedblom confessara tudo e Deer – tal como todos os outros – vira a luz. Tudo se encaixou e era óbvio que Karl era culpado.

Mas Hedblom nunca conseguiu explicar o trevo de quatro folhas.

Nunca houve qualquer dúvida. A superintendente Desiré Rosenkvist queria que o seu antigo chefe, Sam Berger, visitasse Karl Hedblom na clínica psiquiátrica de Säter. O objetivo era fazê-lo falar com Hedblom,

falar de uma forma que não fora possível antes. E ela própria poderia manter-se afastada das críticas, não ser considerada minimamente culpada por parte dos superiores.

Não adiantava negar. Estava no meio de uma investigação paralela secreta, assim como Sam o estivera escassas semanas antes.

Uma voz trepou à força o muro dos pensamentos de Deer. E não foi a primeira vez que disse:

– Por amor de Deus, Desiré, quem raio é que chamou este tipo?

– Como? – perguntou Deer. – Por momentos deixei-me levar completamente por isto tudo.

– Bem, não podes deixar-te levar – retorquiu bruscamente Conny Landin. – Um homem sem sotaque de Norrland liga a dizer que viu um homicídio a ser cometido nesta casa. Mas ninguém podia ver um homicídio a ser cometido aqui a não ser que estivesse do lado de fora. E sabemos que não estava ninguém do lado de fora por causa da neve.

– Achas que foi o próprio assassino a telefonar? – perguntou Deer, olhando para Conny com os seus mais convincentes olhos de veado.

Conny Landin pestanejou, surpreendido, parou por um momento, apropriou-se rapidamente da ideia e fê-la sua.

– Começo a perguntar-me se não poderá ser esse o caso. E esta maldita casa foi tão cuidadosamente limpa... O tipo queria atenção, admiração. Estaria a criar um palco onde tudo isto ia desenrolar-se? Somos o público dele? A Polícia?

– Parece um caso anterior, afirmou calmamente Deer.

Conny Landin acariciou lentamente o bigode, apontou em direção a uma porta branca próxima.

– Seja como for, ele quer que vás lá abaixo.

Deer assentiu e afastou-se. Abriu a porta com a chave antiquada que saía da fechadura. Deu por si nas escadas que conduziam à cave; a cena era-lhe familiar por tê-la visto em vídeo na noite anterior, na secretária que tinha na garagem no subúrbio de Estocolmo, em Skogås. Não tinha tido acesso antes, mas agora um homem enorme de fato de proteção branco estava à espera dela ao fundo das escadas. A luz era diferente – holofotes por todo o lado –, mas tudo o resto era muito familiar.

Sam Berger tinha razão.

Era a vez dela de levar a cabo uma investigação secreta.

E provavelmente ia ser uma bem difícil de gerir. Desceu os degraus acompanhada por um ruído estrondoso. O diretor operacional do Centro Nacional Forense estava lá em baixo, imponente e majestosamente vestido de branco.

– Porra, não consigo falar com o Ronny Lundén – disse Robin, lançando perdigotos.

– Conny Landin – corrigiu diligentemente Deer.

– Tu e eu sempre nos demos bem, Deer. Acho que posso fazer de ti a minha agente de ligação no caso Porjus.

– Fico muito honrada – afirmou Deer. – Que mensagem gostarias de transmitir?

Robin apontou para a porta entreaberta da sala da caldeira a rugir.

– Foi tudo impecavelmente limpo, por isso, no fundo, não estou aqui a fazer porra nenhuma. Estamos a lidar com alguém que sabe como livrar-se dos vestígios de ADN. Alguém que calça 45, como vimos no andar de cima, e *alguém que já fez isto antes*.

– Mesmo assim disseste «no fundo»? – afirmou Deer.

– Na verdade, não tenho nada em concreto por onde pegar – disse Robin. – Ainda não. Mas sinto que esta sala da caldeira…

– Sentes?

– Eu sei, eu sei. Mas a intuição não passa de…

– …experiência acumulada, eu sei.

– Como é que sabes?

– Vais ter de assumir que eu também já tive alguma experiência, Robin.

– Claro, desculpa – disse Robin. – É que…

– Desembucha.

Robin encheu de ar os impressionantes pulmões, fez um gesto na direção da sala da caldeira e declarou:

– Esteve um sacana qualquer a viver ali dentro.

14

Sexta-feira, 20 de novembro, 08h27

A estrada principal que atravessa o interior do país emergiu gradualmente da escuridão. Algures, durante a noite, tinham cruzado o limite da zona onde nevava e agora a autoestrada E45 estendia-se, cinzento-acastanhada e deprimentemente outonal. Sam Berger já se tinha esquecido de que aquele país comprido e vasto podia conter tantas estações do ano.

Tinham conduzido por turnos. O principal problema não era a condução em si, mas encontrar bombas de gasolina sem câmaras de segurança. Certificaram-se de que estavam a utilizar chapas de matrícula diferentes de cada vez, mantinham a capota subida e confiavam no facto de as bombas de gasolina não costumarem guardar as imagens das câmaras de segurança por muito tempo.

Quando passaram por Orsa, Sam Berger reparou que Molly Blom dormia, no lugar do morto, pela primeira vez desde que a noite caíra. Viu passar rapidamente o atalho que conduzia ao local do crime de há oito anos. Decidiu não a acordar – em breve estariam a fazer a mesma longa viagem de regresso e Sam preferia uma condutora que tivesse tido pelo menos algumas horas de sono. Além de que não era o momento certo para visitar o local do crime; isso podia ser feito no regresso.

Perguntou a si próprio se o abrigo ainda lá estaria.

De qualquer maneira, Molly Blom não dormiu por muito tempo. Quando deixaram finalmente a E45, em Mora, e seguiram a estrada que contornava o lago Siljan a norte, Molly acordou e olhou em redor, ensonada.

– Faltam cento e vinte quilómetros. Mais uma hora. Dorme mais um bocado.

Molly Blom pegou na grossa pasta que tinha no colo e continuou a ler

como se nada tivesse acontecido. Então, algo lhe ocorreu de repente.

– E se ele te reconhecer? – perguntou, olhando intensamente para Sam Berger.

– Como assim?

– Vais visitá-lo como «C. Lindbergh», do Departamento Nacional de Operações, uma boa piadinha privada da tua Desiré; mas então e se o Karl Hedblom se lembrar de ti como Sam Berger?

Sam assentiu e murmurou:

– Teremos de considerar isso um risco calculado. Foi há anos e o Karl já estava bastante instável. Pode reconhecer-me apesar da barba, mas as hipóteses de se lembrar do meu nome são muito remotas.

– Temos de fazer alguma coisa quanto a essa barba – foi tudo o que Molly Blom disse.

Cerca de uma hora mais tarde, pararam em frente à entrada do vasto edifício amarelo que abrigava a Clínica Psiquiátrica Prisional de Säter. Era formada por dez alas, sete das quais de alta segurança. Esperava-se que o que se escondia por detrás daquelas paredes exteriores amarelas como manteiga não fosse um reflexo da saúde mental do país.

– Vou aquecê-lo – disse Sam Berger. – Depois, quando for altura de o espremer, tu assumes o controlo do interrogatório.

– Uma mulher – disse Molly, assentindo. – Ainda mais com a idade certa.

Era evidente que Deer tinha preparado bem aquela visita deles. Um guarda conduziu-os por sucessivos controlos de segurança até que deram por si numa sala de interrogatórios estéril e tranquilizadoramente familiar, sentados do mesmo lado de uma mesa demasiado grafitada. Depois esperaram.

Dez minutos mais tarde, a porta abriu-se e dois guardas bem constituídos entraram com um homem grisalho e que parecia consumido de preocupação, embora não tivesse mais de trinta e dois anos, mas as feições arrapazadas permaneciam intactas. Fez uma pausa e olhou para Sam Berger, e quando se virou para Molly Blom, sem nenhuma mudança visível de expressão, ambos presumiram que estava drogado.

O contrabando de facas, armas, droga e até mesmo de gasolina e de *drones* era uma prática absurdamente corrente nas clínicas psiquiátricas prisionais. Tudo era feito através do correio e, como o diretor clínico tinha

de decidir pessoalmente quais eram as encomendas que deviam ser verificadas, havia uma verdadeira torrente de mercadorias perigosas a entrar nas clínicas psiquiátricas, destinadas aos criminosos mais perigosos e imprevisíveis da Suécia. E, sem que a lei fosse alterada, não havia nada que alguém pudesse fazer para resolver o problema.

Não fora só o tempo a deixar a sua marca no rosto de Karl Hedblom, nem a medicação que tomava diariamente. Tudo apontava para que também a metanfetamina contribuísse para isso.

– Reconhece-me, Karl? – perguntou Sam Berger.

A sobrancelha direita de Hedblom contraiu-se, o paciente começou a arranhar o canto esquerdo da boca e não parou, e as pupilas dilatadas desataram a mover-se furiosamente dentro de duas íris que um dia tinham sido azul-intensas. Aquele não era definitivamente um homem a caminho da recuperação e da reabilitação.

– Não – sussurrou, por fim.

Sam Berger assentiu.

– Somos da Polícia – afirmou. – Gostávamos de lhe fazer algumas perguntas.

– Toda a gente faz perguntas – respondeu Hedblom com um sorriso retorcido; faltavam-lhe vários dentes.

– Lembra-se do motivo de ter sido considerado culpado, Karl?

– Sou julgado todos os dias, juro.

– Quem o julga?

– Toda a gente que sabe.

– Um lembrete diário do que fez? Um lembrete que dói todos os dias?

– Já não – disse Karl Hedblom, e sorriu.

– Encontra conforto no correio? Como tem dinheiro para isso?

– Não custa nada.

– Paga em dinheiro?

– O quê?

– O que precisa de fazer para receber as cartas?

– Nada. Chegam. Pura e simplesmente.

– Guardou alguma das cartas, Karl?

– Não tenho autorização para isso. Se o fizer, não recebo mais.

– Como é que sabe?

– Dizia na primeira carta.

Sam Berger e Molly Blom trocaram um rápido olhar. Molly assentiu e Sam prosseguiu:

– Lembra-se exatamente do que dizia a primeira carta?

– Já não me lembro de nada. É excelente.

– Mas ainda se lembra da primeira carta.

– Não propriamente. A não ser… a última frase.

– Pode descrever-nos como são as cartas?

– Não tenho autorização.

– Realmente não tem autorização para mostrar as cartas a ninguém, mas pode descrevê-las.

– Não sei…

– Não me parece que sejam cristais. Então é pó? Há espaço suficiente numa folha normal dobrada? Diz alguma coisa na folha?

– Agora quero ir-me embora.

– As cartas trazem indicado o remetente, Karl?

– Envelopes brancos normais. Sem nada escrito. Agora quero ir-me embora.

– Está a ver, *consegue* lembrar-se, Karl, muito bem. Lembra-se do motivo de ter sido considerado culpado?

– Gritam-me isso todos os dias.

– Quem é que lhe grita isso?

– Os idiotas. Os mongoloides da sala de dia. Os babadores.

– Babadores?

– O Stefan, que matou os irmãos quando era criança. O Åke, que bateu em doze pessoas com um tubo de metal no metro. O Kjell, que comeu a própria mãe.

– Mas todos os babadores acham que o que você fez foi pior?

– Por causa da criança…

– Também se lembra disso? Lembra-se do que aconteceu?

– Não sei…

– Você confessou. Eu vi-o, ouvi-o. Fale-me sobre o abrigo.

– O abrigo? Eu falei sobretudo da minha mãe, não foi?

– Então fale outra vez sobre isso.

– Uma pessoa nasce. Não sabemos nada. Alguém tem de cuidar de nós. Mas a pessoa que cuida de nós está constantemente a maltratar-nos. Se ela não tivesse morrido, tê-la-ia matado.

– Quantos anos tinha quando a sua mãe morreu?

– Oito. Mas quando se atirou para a frente do comboio, já era demasiado tarde. Nada podia ficar melhor.

– Mas melhorou, não foi? Um lar adotivo estável e amigável em Falun, uma escola normal. Mas as cicatrizes continuavam lá?

– O Andreas está constantemente a falar destas coisas.

– O Andreas?

– Vocês sabem quem é o Andreas. O novo médico.

– Claro que sim, Karl. Quando é que começou a odiar mães e carrinhos de bebé?

– Esse foi o pior momento. O Andreas diz que a minha primeira memória é estar sentado num carrinho enquanto me batem. Com um pedaço de madeira.

– Sempre com um pedaço de madeira?

– A maior parte do tempo…

– Então houve alguns incidentes, não foi, que levaram a que fosse internado numa casa de repouso?

– Não sei…

– Claro que sabe, Karl. Uns quantos incidentes com mães e filhos.

– Não maltratei ninguém.

– Mas só porque foi travado. Tinha dezasseis anos e o seu terror tinha começado a transformar-se em raiva. Então foi transferido para uma casa de repouso, embora provavelmente devesse ter sido internado noutro género de instituição. Como esta. Porque na casa de repouso podia entrar e sair a seu bel prazer. Quando já estava lá há alguns anos, foram todos numa excursão a Orsa e ficaram num grande albergue, e você construiu um abrigo na floresta, foi muito divertido, mas um dia viu uma jovem mãe que caminhava na rua com o filho pequeno num carrinho de bebé…

Sam Berger recostou-se. Molly Blom assumiu o controlo do interrogatório.

– O que aconteceu depois, Karl? Quando os viu? O que sentiu?

– Não sei, não me lembro – respondeu Karl Hedblom, fitando-a de modo estranho.

– Tinha começado a construir o seu abrigo, estava feliz. E então viu a mãe com o carrinho. O que aconteceu dentro de si na altura?

– Tem filhos?

Sam Berger viu que Molly Blom perdera um pouco o fio à meada, mas recuperou rapidamente e respondeu:

– Que lhe parece, Karl?

– Já vi que não – respondeu Karl Hedblom, abanando a cabeça. – Você é machona.

Noutras circunstâncias, Sam Berger teria dado uma gargalhada, mas aquela não era de todo a ocasião propícia para isso. Molly Blom lançou-lhe uma olhadela rápida e disse:

– Está na floresta, Karl. Acabou de construir o seu abrigo. Vê a mulher com o carrinho de bebé. O que acontece a seguir?

– Já respondi a essa pergunta.

– Mas na altura disse a verdade?

– Acho que sim. Acontecem-me coisas quando vejo isso. É melhor que esteja aqui. O Andreas acha que é melhor assim.

– Vê isso muitas vezes, Karl?

– Estou aqui, não vejo nada. Às vezes vejo isso na televisão.

– Fica zangado quando vê uma mãe com um carrinho de bebé na televisão?

– Não sei…

– Agora temos de voltar a falar na floresta. É outono, está frio no meio das árvores. Consegue sentir o cheiro da floresta? O chão está coberto de folhas amarelas. Há um leve cheiro a podridão. Havia cogumelos, Karl, era a época dos cogumelos?

– Os cogumelos estavam podres. O cheiro vinha daí.

– O que estava a fazer na floresta, Karl?

– Conseguia estar sozinho. Era bom.

– Não é fácil construir um abrigo. Quem o ensinou a fazer isso?

– Não construí nenhum abrigo.

– Então encontrou-o por acaso na floresta? Quando estava lá sozinho?

– Não sei…

– Há oito anos disse que o tinha construído, Karl. O que aconteceu quando o terminou? O que aconteceu lá dentro?

– Quero ir-me embora.

– Foram quase dois dias inteiros, Karl. Deve ter havido muito barulho.

Hedblom já não respondia. Olhava para a mesa e abanava a cabeça com um ligeiro sorriso. Molly Blom fez mais uma tentativa:

– Já tinha planeado utilizar o bloco de madeira? Como a sua mãe?

Então a porta abriu-se. Os dois guardas enormes entraram. Depois afastaram-se um pouco, e um homem na casa dos quarenta ergueu os olhos do *iPad* e empurrou os óculos para a cabeça.

– Isto não vai poder continuar – disse. – Venham comigo.

Na realidade, não tinham escolha. Os guardas ajudaram a conduzi-los precipitadamente para o corredor. Sam Berger lançou um último olhar à sala de entrevistas antes que a porta se fechasse. Os guardas estavam a aproximar-se de Karl Hedblom, que ainda estava lá sentado a abanar a cabeça.

O homem estava vestido de modo informal – calças de ganga e uma camisa por fora das calças – e não disse uma palavra enquanto percorriam um número considerável de corredores da clínica de Säter. Depois de passarem por algumas verificações de segurança, chegaram a uma porta que dizia ANDREAS HAMLIN, sem mencionar qualquer título ou descrição da profissão. Digitou um código e utilizou um cartão de acesso para a abrir, em seguida apontou para um par de cadeiras. Contornou a secretária e sentou-se. Apontou para o *iPad*.

– Passaram um pouco dos limites ali dentro.

– Pergunto-me se não terá acabado de fazer exatamente o mesmo – disse Molly Blom. – Ao deixar-nos interrogá-lo.

Andreas Hamlin encolheu os ombros.

– Há muito tempo que o Karl não fala com estranhos. Pensei que talvez pudessem encontrar alguma perspetiva que me tivesse escapado. Infelizmente, isso não aconteceu.

– Esteve sempre a observar-nos? – perguntou Sam Berger.

– Acho que calculariam que ia estar a observar-vos – disse Hamlin com um sorriso breve e desconsolado.

– A que limites estava a referir-se? – perguntou Molly Blom.

– Limites atrás dos quais o Karl se esconde. Vocês sentiram-nos. O abrigo, a mãe, aqueles dois dias. O bloco de madeira. Mas a descrição da floresta no outono foi boa, podia ter sido possível progredir a partir disso.

– A descrição da floresta no outono? – exclamou Sam Berger, e sentiu a mão de Molly Blom na coxa.

– Estava a par das cartas? – perguntou Molly.

Andreas Hamlin encolheu novamente os ombros.

– Obviamente que sabemos que o Karl toma mais qualquer coisa além da lofepramina e da nortriptilina, mas não foi fácil descobrir como é que consegue essas substâncias.

– Porque é que tenho a sensação de que não visita o Karl com muita frequência? – perguntou Sam Berger.

– Provavelmente porque é verdade – respondeu Hamlin no mesmo tom de voz levemente divertido. – Basicamente, todos estes pacientes precisam de psicanálise de alta intensidade e temos tão pouco pessoal que não podemos fazer muito mais do que mantê-los medicados. Mas quando iniciei o meu trabalho nesta clínica, há três anos, comecei de novo com o Karl. Retrocedi mesmo até ao princípio. Sem dúvida que não construiu qualquer tipo de abrigo, é completamente inábil.

– Mais alguma coisa?

– É difícil dizer – respondeu Hamlin. – O Karl desliga em certos pontos. Acredito sinceramente que não se recorda. Mas vi dentro da raiva dele e não é o género de coisa de que uma pessoa se possa limitar a desvalorizar com um sorriso. Seria difícil encontrar uma expressão mais forte da emoção humana, francamente.

– Em relação à própria mãe ou às mães em geral?

Andreas Hamlin assentiu durante algum tempo; foi a primeira vez que pareceu um médico.

– Sobretudo em relação à própria mãe – respondeu. – Mas é claro que tem um historial de ataques contra mães.

– Dois incidentes quando tinha dezasseis anos – disse Sam Berger.

– E uma única oportunidade desde então – afirmou por sua vez Hamlin. – Uma oportunidade que não desperdiçou.

– Essa é a sua conclusão profissional?

– Foi a conclusão profissional do sistema policial e judiciário. A mim apenas me cabe lidar com isso.

– Pare com essa conversa – disse Sam Berger.

Andreas Hamlin lançou-lhe um olhar profissional.

– Você seria um caso interessante de analisar – afirmou o médico.

A resposta de Sam Berger abafou o risinho inesperado de Molly Blom:

– Mas eu não ficaria satisfeito com nada menos do que psicanálise de alta intensidade. O Karl é culpado ou não?

– Não sei – respondeu Hamlin. – Sinceramente não sei. O Karl tem a

raiva dentro dele: é claramente violento, por isso é bom para todos que aqui esteja, mas a violência vem em ondas, como o fogo de artifício a explodir. Manter alguém cativo durante dois dias é um caso diferente. Uma psicologia completamente diferente.

– Acha que é inocente?

– Nunca vai fazer-me dizer isso.

– Já suspeitava.

– Há outra coisa em que tenho pensado – disse Hamlin em voz baixa. – Por mais que me esforce a procurar no processo sobre o duplo homicídio da Helena e do Rasmus Gradén, há uma informação que não consigo encontrar.

– Qual é? – perguntou Sam, enquanto a pulsação aumentava ligeiramente.

– Não há referência a nenhum agente chamado C. Lindbergh.

– O quê?

– Por mais que tente, não consigo encontrar um agente com esse nome no arquivo da Polícia. E você disse muito claramente que estava presente, que ambos ouviram e viram o Karl Hedblom confessar o duplo homicídio. Mas você não esteve lá, pois não?

– Apenas estive levemente envolvido – afirmou Sam Berger, franzindo levemente a testa.

– Pensei que poderia referir esta questão à sua chefe, como é que ela se chama, superintendente Rosenkvist? Talvez até a alguém acima dela. Que significa o «C»?

– Charles – respondeu Sam Berger com voz tensa.

– Charles Lindbergh? Com «h»? A sério?

Naquele momento, Molly Blom apertou-lhe a coxa com tanta força que Sam Berger teve um sobressalto. Molly Blom perguntou:

– Diga-me uma coisa, porque é que o Karl foi agredido no carrinho dele? A violência entre os membros da família não ocorre normalmente na reclusão do lar? Isto parece exatamente o oposto.

– Era quando a mãe dele, Ulla, tinha um pouco de paz – murmurou Andreas Hamlin.

– Um pouco de paz para agredir o filho no próprio carrinho? Enquanto andavam pela rua, em Falun? Com um...

– Com um bloco de madeira, aparentemente, sim. Esteve guardado

debaixo do carrinho o tempo todo, bem limpo. Mas é claro que não há forma de verificar isso. A não ser que ele seja encontrado.

– Ele?

– Como eu disse, só estou a tratar deste caso há três anos – esclareceu Hamlin. – E foi quando isso veio pela primeira vez à luz do dia. Parece que ninguém se deu ao trabalho de investigar antes.

– De que é que estamos a falar ao certo? – perguntou Molly Blom.

O Dr. Andreas Hamlin recostou-se na cadeira e olhou cuidadosamente para ambos. Então disse:

– Havia um pai. E um irmão.

15

Sexta-feira, 20 de novembro, 12h08

Oito anos não parece muito tempo, mas para uma casa pode significar a diferença entre manter-se de pé e cair. Quanto àquele edifício, faltava definitivamente muito pouco para cair.

Estavam ao lado de um grande celeiro abandonado, a olhar para o que outrora fora uma pequena propriedade rural. Mas a floresta tinha-a engolido, avidamente e sem piedade, e Sam Berger não fazia ideia em que direção haviam de seguir.

– Quer dizer que a casa de repouso situava-se em Falun? – perguntou Molly Blom.

– Excursão de outono – disse Sam Berger, pondo-se em movimento. – Eram nove, quinze contando com o pessoal, e estiveram aqui durante pouco mais de duas semanas naquele outono.

Quando entraram na densa floresta, começou a nevar. Os flocos atravessaram suavemente as poucas aberturas entre as árvores e, à medida que Sam Berger e Molly Blom avançavam, os galhos em seu redor começaram a ficar brancos. Não havia dúvida de que o limite da zona onde nevava no país estava a mover-se para sul.

– Com que então um pai e um irmão? – perguntou Molly Blom.

– Não constavam da investigação policial – afirmou Sam Berger. – Devem ter desaparecido numa fase muito inicial.

– Mas de certeza que o relatório psiquiátrico forense não teria deixado passar isso, pois não?

– Só conseguimos ver o resumo. O que significa que não pode ter sido considerado importante.

Continuaram a avançar. A neve caía sem descanso naquele espaço. A floresta tornou-se ainda mais densa e o silêncio instalou-se em torno deles.

– A mãe do Karl batia-lhe quando ele estava no carrinho – disse Molly Blom. – Seria por não poder fazer isso em casa? Porque havia uma família?

– Um pai e um irmão mais velho – disse Sam Berger depois de assentir. – Mas a seguir à morte da mãe, o Karl Hedblom foi imediatamente morar em casa de uma família de acolhimento. Quer dizer que o pai não podia ter sido uma opção para a custódia. Porque não?

– Temos de descobrir mais sobre isso – afirmou Molly Blom. – Mas uma coisa ficou agora clara.

– O quê?

– O Karl Hedblom dificilmente é o género de pessoa que um criminoso imitador gostasse de imitar.

– Pois – concordou Sam Berger. – O Karl parece estar muito pior agora, com um problema grave de toxicodependência e tudo isso, mas é tão patético como era naquela altura, um desastre em termos psicológicos. Um assassino precisa de algum carisma para conseguir justificar um imitador.

– O que torna mais provável que tenha sido alguém da família – disse Molly Blom. – Um parente de sangue. Um irmão que passou pela mesma merda. Um pai que era ainda pior do que a mãe.

– E que não hesitasse em atribuir a culpa do homicídio ao próprio irmão ou filho? Não sei…

As palavras embrenharam-se na mente de ambos. Eles próprios estavam a embrenhar-se cada vez mais na floresta. Sam Berger consultou a bússola no telemóvel e ajustou a rota.

– Isso pelo menos explicaria o bloco de madeira – disse Molly Blom passado algum tempo.

– Não sei… – repetiu Sam Berger.

– Se o Karl é inocente, quem saberia do bloco de madeira fora da família?

Sam Berger soltou um suspiro profundo e apontou para uma clareira quase completamente coberta de vegetação.

– Ou então, o Karl Hedblom percorreu esta mesma rota todos os dias durante uma semana, primeiro para construir o abrigo, depois para voltar dia após dia para torturar os prisioneiros, Helena e Rasmus Gradén. Até que, por fim, os matou e os arrastou para a estrada.

Com um pouco de imaginação, era possível ver que aquilo que

despontava de baixo dos pesados ramos de abeto, agora quase completamente cobertos de neve, fora em tempos um abrigo. Um conjunto de troncos de uma mistura de coníferas e árvores de folha caduca jazia numa pilha, como um jogo de micado para gigantes.

Sam Berger aproximou-se e tocou na ponta serrada de um dos troncos e passou a mão por um pedaço de corda podre.

– O tipo derrubou árvores, removeu os galhos, amarrou os troncos uns aos outros, ergueu uma construção relativamente estável na qual manteve uma criança e uma mãe em cativeiro durante dois dias sem que ninguém suspeitasse de nada. Tu terias sido capaz de fazer isso? Ou eu?

– Talvez o abrigo já aqui estivesse? Talvez o tipo o tenha simplesmente encontrado?

– Em primeiro lugar, tinha acabado de ser construído e, em segundo, mais ninguém se chegou à frente a dizer que o tinha construído. Mas, claro, é possível. E nunca foi realmente provado que a Helena e o Rasmus passaram aqui aqueles dois dias. Mas o sangue deles e o ADN do Karl foram encontrados aqui e em mais lado nenhum.

Molly Blom assentiu e afastou-se um pouco na neve rodopiante. Sam Berger empurrou um grande ramo de abeto até se ouvir um estalido surdo. O ramo meio partido ficou para trás, revelando um espaço que parecia mais uma divisão do que antes.

– Se as paredes pudessem falar… – disse Sam Berger.

– Estão a falar comigo – disse Molly Blom com firmeza. – Estão a dizer: ninguém permaneceu aqui em cativeiro durante dois dias. Estão a dizer: outro criminoso, outro local do crime. Estão a dizer: as provas foram aqui postas. Era outubro. Por mais agasalhado que estivesse, não havia a mais pequena hipótese de o menino de catorze meses ter sobrevivido neste abrigo. Teria morrido de frio muito antes de ser espancado até à morte. E provavelmente a mãe também. Se já não tivesse morrido de dor.

– Por acaso, havia alguns vestígios de hipotermia…

Molly Blom prosseguiu, implacável:

– Só agora que sabemos que os homicídios continuaram, de uma forma ou de outra, é que podemos ver claramente o Karl Hedblom. Alguém está a enviar-lhe droga para a clínica. Alguém quer mantê-lo o mais fora de contacto possível. Esse alguém poderá ser outra pessoa que não o verdadeiro autor do crime? O Karl não tinha capacidade para construir este

abrigo e não teria sido capaz de amarrar dois indivíduos imprevisíveis aqui dentro e mantê-los em silêncio. É um género completamente diferente de pessoa, as suas explosões violentas sempre foram espontâneas. A investigação policial cheira mal. Assim como o veredito do tribunal.

Sam Berger parou e olhou para Molly Blom. O cabelo louro estava coberto por uma camada de flocos de neve tão leves que pareciam flutuar-lhe acima da cabeça, como uma nebulosa num microcosmo. Detestava o facto de não se sentir capaz de confiar nela completamente.

– Pareces ter grande convicção em relação ao que estás a dizer – afirmou Sam Berger com hesitação.

Molly Blom olhou para ele. Abanou a cabeça.

– Nenhum de nós conheceu muito bem a Jessica Johnsson, só estivemos com ela durante alguns minutos, era esquisita, difícil. Mas todas as provas sugerem que foi assassinada em sua casa enquanto estávamos lá. Nós estávamos lá, Sam, permitimos que aquilo acontecesse. A pessoa que matou a Helena e o Rasmus aqui continuou durante oito anos, oito longos anos, e apostaria que a vítima em Gotemburgo, Lisa Widstrand, é apenas a ponta do icebergue.

Sam Berger encontrou o olhar de Molly Blom; não conseguia ver nele nenhum vestígio de dissimulação, de mentira. O que acontecera depois da cabana de pesca era uma coisa, aquilo era algo diferente. Era assim que tinha de pensar, tinha de dividir o cérebro em duas metades: uma confiava em Molly e a outra duvidava dela. Anuiu.

– Tenho-me esforçado ao máximo para não pensar em *serial killers*…

Molly Blom tirou o telemóvel do bolso e estendeu-o a Sam. Uma fotografia apareceu no ecrã, um rosto escuro à frente de duas fontes de luz ao fundo de um lanço de escadas. Era um passa-montanha e nele brilhavam dois olhos que pareciam ter luz interior própria. Molly Blom ampliou mais a fotografia, eram de um azul intenso.

– As coisas que estes olhos viram – disse Molly Blom.

– Estás a pensar nos olhos do Karl Hedblom? – perguntou Sam Berger.

– Agora são turvos – disse Molly Blom com um aceno de cabeça. – Mas parece que costumavam ser de um azul intenso.

– O pai do Hedblom deve ter agora cerca de sessenta anos. É possível que esse homem tenha sessenta anos?

– Talvez. Mas sente-se mais jovem. Os golpes pareciam ter sido desferidos por uma pessoa mais jovem.

– O irmão? – perguntou Sam Berger. – Mas agora andamos às apalpadelas no escuro.

– Temos de descobrir mais sobre a história da família.

– E que história. Faço ideia!

Molly Blom clicou no telemóvel para fechar a fotografia do homem de passa-montanha.

– Não quero ficar aqui mais tempo.

* * *

Foi nos arredores de Brunflo que Sam Berger viu a placa, pouco antes de a E45 se fundir com a E14 durante algum tempo. No início, a placa não provocou qualquer tipo de reação, mas de alguma forma deve ter-se enraizado dentro dele, porque quando o nome apareceu noutra placa, alguns quilómetros depois, Sam Berger anunciou em voz alta:

– Frösön.

Molly Blom ergueu os olhos da pasta que estava a ler, mas não disse nada. Sam Berger prosseguiu:

– Porque é que este nome, Frösön, faz soar o alarme dentro de mim?

Molly Blom fechou a pasta e franziu a testa.

– Agora que falas nele… – disse.

Então voltou a ficar em silêncio.

A estrada mais longa da Europa – a estrada que percorria todo o interior do país – logo curvaria para a direita e deixaria a sua companhia temporária para trás. À esquerda ficava a cidade de Östersund. E a ilha de Frösön.

– Não era no Taiti – disse Molly Blom.

– Ah – respondeu Sam Berger.

* * *

O salão, que costumava ser utilizado como auditório ou sala de baile, estava agora cheio de mesas. Cada uma das dez mesas quadradas estava coberta de cartas de jogar. Havia quatro cadeiras em redor de cada mesa e nestas estavam sentadas pessoas que, praticamente sem exceção, tinham

cabelos grisalhos ou brancos.

Sam Berger quase não o reconheceu. Deixara crescer a barba e vestia uma camisa havaiana solta. Ergueu a mão, triunfante, levantou-se da mesa, pôs o braço em torno de uma mulher e caminhou na direção deles.

Então o queixo do superintendente Allan Gudmundsson caiu.

– Sam – disse bruscamente quando o rosto já não parecia um buraco negro.

– E lembras-te da Molly Blom? – perguntou Sam Berger.

Allan sussurrou algumas palavras à companheira, provavelmente a esposa. A mulher afastou-se lentamente em direção a uma mesa posta para o café e Allan puxou-os para o lado.

– Um ano de salário como indemnização. Uma excelente oportunidade para aprender *bridge*. Um jogo magnífico.

– Há algum sítio onde possamos conversar sem sermos incomodados? – perguntou Sam.

– De preferência, não – respondeu Allan. – Já nenhum de nós está na Polícia. Não temos nenhum assunto profissional a tratar.

Sam Berger limitou-se a fitá-lo e Allan acabou por desistir e encolheu os ombros.

– Sigam-me.

Foram parar a uma sala de conferências mais pequena e sentaram-se a uma mesa quadrada que se assemelhava muito às mesas de *bridge*.

– Pensei que iam para Paris – disse Allan.

– Lembras-te do Karl Hedblom? – perguntou Sam Berger.

Allan Gudmundsson fez uma careta.

– Não tenho motivos para me lembrar sequer de ti, Sam. Dececionaste-me. Mentiste-me.

– Tu sabes porquê, Allan. Sabes que teve de ser.

– Sim, tu tens essa ideia. E porque é que tu, um ex-agente que foi demitido, estarias interessado num dos piores assassinos de sempre da história da Suécia?

– Alguns factos novos vieram à superfície…

– Se fosse esse o caso, estaria agora a falar com a Polícia, não contigo.

– Estamos a tentar estabelecer-nos como investigadores privados. Pediram-nos para verificar esta nova informação.

– Quem vos pediu?

Sam Berger lançou um rápido olhar a Molly Blom.

– O pai do Karl Hedblom.

– O Rune? – exclamou Allan. – Que raio?

– O Rune Hedblom, sim – disse cautelosamente Sam Berger.

– Ainda é vivo?

– O Rune achou estranho não ter aparecido na investigação policial.

– Foi descartado, não valia a pena continuar a investigá-lo. *Essa* é a tua nova pista?

– Claro que não. Porque é que não valeu a pena investigar o Rune Hedblom mais aprofundadamente?

– Alcoólico inveterado. Sem-abrigo em Borlänge. Quer dizer que se safou?

– Sim. Mas deve ter-te dito alguma coisa, já naquela altura, que fez com que o descartasses da investigação, não?

– Mudou-se quando o Karl tinha sete anos. Queria fugir. Acabou nas ruas.

– E o outro filho?

– O Anders – disse Allan depois de assentir. – Três anos mais velho. Desapareceu ainda mais cedo, foi morar com uma tia em Skåne. Parece que me lembro de alguém ter falado com ele ao telefone e de o ter dispensado da investigação. Por isso, também foi descartado. Provavelmente está agora algures nos arquivos de Estocolmo.

– Disse alguma coisa digna de nota?

– Não me lembro. Duvido.

– Tenta.

– Nunca esteve nem sequer perto de Dalarna desde que foi mandado para casa da tia. Morou em Malmö, trabalhou como vendedor algures. Parece que me lembro de ter dito mais qualquer coisa, mas não era nada relacionado com o caso, por isso descartámo-lo. Bem, está na altura de me dizeres o que estás a fazer.

– Disseste que o Anders tinha dito outra coisa. O quê?

– Qualquer coisa que pareceu um pouco estranha, mas não me lembro do que era.

– Claro que te lembras, Allan. Chefiavas a investigação, estavas a observar tudo como um falcão.

– Não sozinho. Aquele doido do Ling pairava sobre tudo como um

helicóptero prestes a cair, bem acima deste velho falcão. E lembras-te do Robertsson? Era completamente louco.

Do nada, um sorriso foi-se desenhando nos lábios de Sam Berger.

– O catálogo – disse.

– Um compêndio dos serviços de acompanhantes do país – disse Allan. – E tudo durante as malditas pausas para o almoço.

– Gostava de saber o que faz agora um tipo daqueles, oito anos depois?

– Também costumava filmar secretamente os interrogatórios dos outros. – Allan riu-se. – Com uma velha câmara VHS, por uma janela, naquele hotel absurdo em Orsa.

Era daquilo que Sam Berger tinha estado à procura. Um breve momento de ligação que podia ser suficiente para quebrar o gelo. Precisava de um Allan que não estivesse tão tenso como uma mola.

– Então, que nova informação é essa que veio à luz do dia? – perguntou Allan quando saíram das agradáveis águas da memória.

– Alguém anda a enviar droga ao Karl Hedblom em Säter.

– Que género de droga?

– Não tenho a certeza. Seja lá qual for, a metanfetamina é de certeza um dos componentes principais. Alguém acha que é boa ideia manter a mente e as memórias do Karl nubladas.

Allan fixou os olhos nele.

– Estavas lá quando o Karl confessou. Estavas sentado ao meu lado, Sam, estavas lá. Alguma vez duvidaste, por um segundo que fosse, que tínhamos encontrado o homem certo?

– Não – reconheceu Sam Berger. – Naquela altura não.

– Mas agora algo mudou? O criminoso mais obviamente culpado da Suécia é subitamente tão inocente como um cordeiro? Tens a certeza de que estás a ver as coisas claramente neste momento?

– Cada vez tenho mais a certeza.

Allan abanou lentamente a cabeça durante muito tempo.

– Sabes qual foi sempre a diferença entre a Polícia e os investigadores privados?

Sam Berger esperou.

– Quem os emprega. A Polícia serve as pessoas, um detetive privado é um empregado pago. E agora que estás a ser pago pelo Rune Hedblom, o filho dele é subitamente inocente. Ganha juízo. E aproveita para te livrares

da porra dessa barba.

Sam Berger acariciou a barba em questão, ainda surpreendido com a sua existência, e disse:

– O trevo de quatro folhas.

Durante um tempo indeterminado, Allan ficou a olhar o vazio. Então pareceu fazer-se luz na mente do ex-chefe de Sam Berger.

– Mas isso era apenas um desenho feito a esferográfica. Tu e a Deer estavam constantemente a falar nisso, mas acabou por provar-se completamente irrelevante. Viste os outros ferimentos, não viste? E vocês sempre a bater na tecla do desenho na nádega?

– O mesmo desenho apareceu alguns anos depois numa vítima em Gotemburgo.

– Isso outra vez não! – exclamou Allan.

– Outra vez?

– Houve uma maluca que passou anos a insistir naquilo, como se um pequeno desenho numa nádega significasse que havia um *serial killer* envolvido. E, como sabes muito bem, não temos *serial killers* neste país. Acabámos por ter de bloqueá-la.

– E a tua maluca só falava disso em particular? Não tinha mais nenhuma teoria da conspiração?

– Também havia outras: vimo-nos forçados a bloqueá-la.

– Lembras-te do nome dela? Da maluca?

– Johanna, Josefin, e tinha um apelido que soava parecido.

– Seria Jessica Johnsson?

Allan assentiu.

– Sim, era isso. Mas aquilo só começou cerca de um ano mais tarde.

– Se eu te dissesse que ontem foi encontrado outro desenho a esferográfica de um trevo de quatro folhas noutra nádega, que dirias?

Allan ficou calado e franziu a testa.

– Não deixei completamente de ser polícia – respondeu. – Os calos não desaparecem tão facilmente. Havia um artigo no jornal de hoje que cheirava a encobrimento. Norrbotten?

– A vítima foi a Jessica Johnsson – disse Sam. – O cadáver desapareceu, mas a nádega ficou para trás.

Allan estava agora a olhar embasbacado para Sam Berger.

– Merda – acabou por dizer.

– Isso afeta a tua opinião sobre a culpa do Karl Hedblom?

O ex-superintendente Allan Gudmundsson recostou-se na cadeira e puxou a camisa havaiana.

– Acabei de me lembrar.

– De quê?

– Do que o Anders Hedblom disse ao telefone.

– Que foi que disse?

– Que o Karl herdou o carrinho dele.

* * *

O Sol estava a pôr-se. Sam Berger ainda ia ao volante.

– O *bridge* não parece propriamente melhorar o teu raciocínio – afirmou Molly Blom.

Sam riu-se, continuando pela Autoestrada Interior.

– Mas sempre ficámos a saber umas quantas coisas – disse.

– Como o facto de esse tal Robertsson estar a filmar secretamente os interrogatórios – disse Molly Blom. – Não deviam ter sido todos filmados?

– Houve demasiados – disse Sam Berger, abanando a cabeça. – Sobretudo de rotina. Para ser franco, julgo que o Robertsson estava mais interessado em filmar decotes. Mas vou tentar encontrá-lo. Que mais?

– O pai do Karl chama-se Rune Hedblom, sem-abrigo em Borlänge.

– E o irmão é Anders Hedblom, vendedor em Malmö.

– O qual, mais ou menos espontaneamente, parece ter dito que o Karl «herdou o carrinho dele». Tendo com isso provavelmente querido dizer que também herdou ser espancado com um bloco de madeira.

– Daí a Skåne ainda vai uma distância muito grande – disse Sam.

– O tipo vivia lá há oito anos – afirmou Molly. – Os vendedores tendem a movimentar-se. Temos de o investigar. Que mais?

– Quando vimos a carta datilografada da Jessica, pensámos que a linha sobre a culpa do Karl era de significado secundário. Mas a Jessica tinha claramente escrito muito sobre isso e especificamente sobre o trevo de quatro folhas.

– Mas só começou depois do homicídio da Lisa Widstrand. Por isso, o que aconteceu nessa altura?

– O Eddy Karlsson, o tipo que atormentava a Jessica, morreu – disse Sam Berger. – Só quando a Jessica retomou a antiga identidade é que começou a criticar a Polícia com as suas teorias sobre os casos estarem relacionados com o trevo de quatro folhas.

– O que a Jessica estava a tentar dizer, sem ser capaz de o fazer explicitamente, é que o assassino ainda anda a monte. E não podia fazê-lo explicitamente porque estava ligada a ele de alguma forma. Ou seja, de volta à estaca zero.

– Não me parece – resmungou Sam Berger.

– O Allan disse outra coisa interessante – continuou Molly.

– Que foi?

– Que tu e a Desiré estavam *sempre a bater na tecla* do trevo de quatro folhas.

16

Sábado, 21 de novembro, 09h01

Estava em cima da mesa quando acordou. Não tinha sido ele a pô-la ali. Acordar não era bem o termo. Já não havia fronteiras entre sonhar e estar acordado. Estavam todas esbatidas.

Regressaram a meio da noite. Quando Kåbtåjaure quebrou finalmente a paisagem ondulante com a sua escuridão pura e plana, estavam ambos tão cansados que se separaram sem uma palavra.

Sam desabou sobre a cama como um morto, sem sequer tirar o casaco. A única coisa que fez foi atirar o telemóvel para cima da mesa antes de deslizar instantaneamente para uma escuridão pura e plana, uma escuridão que provavelmente era muito parecida com a morte.

Mas gradualmente vão acontecendo coisas na escuridão. Um par de brilhantes olhos azuis aparece de dentro dela. Um bloco de madeira meio iluminado passa rápida e irregularmente, deixando um rasto branco atrás de si, mas o centro permanece escuro. A escuridão assume formas, que são a forma de uma pessoa, um contorno sangrento num lençol. Então a lua reflete-se na lâmina de uma faca, uma adaga, e a adaga afunda-se na pele, rasga a pele, e uma imagem surge gradualmente em linhas brilhantes, um trevo, cujas quatro folhas se transformam nas quatro rodas de um carrinho de bebé contra um fundo de luz que brilha entre troncos de árvore lassamente amarrados uns aos outros. Quando um par de mãos atadas se vai fundindo em luz crescente, aparece uma mulher sentada a uma mesa, virada para o outro lado. Na boca tem uma meia grossa, negra como a própria escuridão.

Numa terra de ninguém entre o sonho e a vigília, o seu cérebro de réptil enviou a mão para a mesa de cabeceira. Mas o que encontrou era completamente diferente de um frio telemóvel. Suficientemente diferente

para fazer com que Sam Berger se sentasse abruptamente na cama, ligasse o candeeiro e fitasse em estado demente a grossa meia preta que estava sobre a mesa de cabeceira.

Ali jazia como um pedaço de morte.

Tinha a língua seca; tinha estado a dormir com a boca aberta. Qualquer um podia simplesmente ter-lhe enfiado a meia na garganta. Nem sequer teria despertado o suficiente para resistir.

Tentou pensar racionalmente. Teria sido ele a deixá-la lá? Quando fora a última vez que tinha tocado sequer numa meia preta daquelas?

Sam Berger escolhera bem entre os montes de roupa antes da longa viagem de ambos pela Autoestrada Interior, apesar de Molly ter comprado vestimentas bastante estranhas pelo caminho, antes de terem ali chegado pela primeira vez.

Fosse como fosse, agora a meia estava ali. Instalada como um galhardete sobre o caixão de um guerreiro caído.

Não, estava só a imaginar coisas. Ninguém tinha estado na sua cabana, no polo de inacessibilidade da Suécia. Ninguém podia ter estado.

Ninguém a não ser Molly Blom.

Sentou-se na beira da cama. Em que género de mundo estava naquele momento? Nada era certo. Nada era como parecia, muito menos ele próprio. As imagens começaram a vir ao de cima, esquecidas, recalcadas.

Os rapazes, os gémeos. Freja, a ex-companheira, o longo cabelo arrebatador. E o que parecia cada vez mais a fuga deles para França. Uma figura assustadora a persegui-los no aeroporto de Arlanda, uma figura que Sam Berger só muito mais tarde percebeu que era ele próprio. O pai falhado.

Era como se fosse duas pessoas.

Como se tivesse duas vidas diferentes.

Levantou-se, instável, e sentiu a própria instabilidade como se estivesse a uma distância peculiar.

Teria sido ele próprio a pôr ali a meia preta durante a noite?

Num estado diferente, como uma pessoa diferente?

Mais de duas semanas inconsciente, como resultado de um choque puramente mental? Não havia dúvida de que se sentia culpado pela morte de Syl, mas era mesmo possível que o choque afetasse alguém tão gravemente? Teria mesmo estado inconsciente durante todo aquele tempo?

Teria estado a viver uma vida diferente durante esse tempo?

Caminhou aos tropeções até à casa de banho e ligou o fraco candeeiro alimentado pela bateria. O cubículo era minúsculo e apertado, a sanita de compostagem exalava um cheiro nojento, havia uma garrafa meio cheia de água empoleirada na beira do lavatório sujo ao lado de um pedaço de sabão que não conseguira repelir a sujidade; jazia como uma ilha numa poça de água imunda e congelada. E a coroar toda aquela miséria estava um espelho tão sujo que Sam mal conseguia distinguir o seu reflexo bizarro com a barba grisalha.

O que estava a acontecer? Até àquele momento, Molly persuadira-o a acreditar em tudo – nas semanas de inconsciência, na fuga louca de ambos ao longo de todo aquele país alongado, em toda aquela aura de heroísmo de que se rodeara –, mas agora tudo começava a vacilar.

Viu-se ao espelho durante muito tempo, tentando penetrar pela primeira vez através da sujidade. Aquela barba era realmente bizarra, seria possível que tivesse crescido tanto em duas semanas? E o cabelo ainda estava com um aspeto muitíssimo estranho; Sam Berger puxou por ele por cima de ambas as orelhas e estava claramente muito mais curto do lado esquerdo. Estava mais magro do que nunca, o que fazia com que a fatídica marca de mordidela no braço se destacasse mais claramente do que o normal. E parecia que as faces se tinham afundado algures por detrás daquela barba.

Não, pensou, e deu um piparote no espelho antes de sair. Não, estava na altura de restabelecer um pouco a ordem. E soube instintivamente que a única maneira de restabelecer a ordem era trabalhar. Investigar, fazer trabalho de detetive, escavar o mais fundo possível naquele caso absorvente.

E agora tinha mais uma oportunidade.

Olhou pela janela. O Sol ainda não se erguera, mas os raios começavam a recortar as montanhas contra o céu, fazendo cintilar a superfície coberta de gelo de Kåbtåjaure; o brilho rosado encorajou-o a desligar o candeeiro da mesa de cabeceira.

Consultou rapidamente o horário dos satélites fixado na parede e constatou que nenhum deles passaria à hora que mostrava o relógio de pulso que acabara de enfiar, por isso lançou uma última olhadela à meia grotesca e saiu da cabana.

A alvorada não tardou a aparecer. Deixou a sua cabana na

semiobscuridade e alcançou a outra em plena luz do dia. Bateu à porta. Não houve resposta, nenhuma reação óbvia. Abriu a porta, não a principal, mas a estreita. Os esquis tinham desaparecido. Abriu a porta principal da cabana de Molly e entrou.

O saco-cama estava em cima da cama, a almofada perfeitamente encostada à parede parecia acabada de lavar. Em frente estava o quadro branco improvisado: uma parede de pinho coberta de pedaços de papel presos com pioneses. As notas abarcavam tudo o que sabiam e Sam Berger tinha a sensação de que se tinham multiplicado desde o dia anterior.

Há quanto tempo estaria Molly Blom acordada?

Sam aproximou-se. Havia uma cronologia da vida de Jessica Johnsson, uma planta de uma moradia em Porjus, uma lista de pessoas interrogadas no caso Helena Gradén, fotografias selecionadas do processo, uma fotografia muito realista de Lisa Widstrand morta e outra de um homem de passa-montanha a subir apressadamente os degraus de uma cave. Ao lado da conhecida fotografia de Karl Hedblom havia uma nova foto, mostrando-o oito anos mais velho e consideravelmente mais toxicodependente. E essa não era a única fotografia nova; havia também um armazém em ruínas, três fotos do abrigo parcialmente coberto de neve e até uma fotografia nova de Allan com a sua camisa havaiana.

Molly Blom ganhara ainda mais habilidade a tirar fotografias sem que ninguém se apercebesse.

Sam Berger afastou-se um pouco da parede, olhou pela janela e viu o sol a deslizar sobre as montanhas. Não fazia ideia de há quanto tempo Molly tinha saído. Podia voltar a qualquer momento. Mesmo assim, sentiu-se uma vez mais dominado pela mesma sensação que experimentara na própria cabana, a sensação de que a ordem tinha de ser restabelecida.

Ficou parado no meio da cabana, que era idêntica à sua, e viu a meia preta estendida diante de si tão claramente como o saco-cama de Molly Blom. Depois começou a procurar. Entrou na casa de banho dela, que estava obviamente muito mais limpa do que a sua. Bateu nas paredes, no teto, no chão, ajoelhou-se e explorou todas as potenciais fendas em torno da sanita de compostagem. Só quando teve a certeza de que não havia nada ali escondido é que regressou à divisão principal da cabana. Revistou a fundo o guarda-fatos sem encontrar nada e repetiu o procedimento da casa de banho. Nada nas paredes, nenhuma diferença óbvia no som quando

bateu no teto, nada debaixo do colchão, que deixou à mostra apenas o chão. Pôs-se de joelhos e encostou o ouvido às pranchas de madeira, depois bateu frenética e cada vez mais desconsoladamente enquanto atravessava a área relativamente pequena.

Até que, de repente, houve um som diferente.

Estava mesmo por baixo da cabeceira da cama, escondido no canto. Sam Berger parou, escutou, saiu de baixo da cama, espreitou pela janela, abriu a porta e olhou em redor. O mundo continuava frio, branco, silencioso, não havia nada lá fora. Voltou para dentro, afastou a cama da parede, pôs-se rapidamente por detrás dela, bateu com cuidado até identificar uma pequena zona no canto, procurou espaços, mas não encontrou nada além das fendas naturais entre as pranchas do soalho, abriu o canivete, introduziu-o numa das fendas, rodou-o. Repetiu o processo. A lâmina da faca parecia poder partir-se a qualquer momento e atingir-lhe o olho. Mas então algo se moveu ligeiramente, deslizando para o lado. Sam Berger levantou um pouco mais a prancha, fechou os olhos, como se as pálpebras pudessem fornecer proteção contra a lâmina de um canivete, até que finalmente conseguiu introduzir a ponta de um dedo na fenda no soalho. Agarrou o outro lado e retirou uma secção irregular de pranchas de pinho que não tinha mais de trinta centímetros quadrados.

A escuridão abriu-se por baixo, mas também se desenhou uma forma. Enfiou as mãos no buraco e segurou-a, e retirou um objeto volumoso.

Sobre a mesa, entre os portáteis de ambos, estava o telefone por satélite que Deer lhes dera. Havia um pequeno espaço ao lado e foi aí que Sam Berger pousou um segundo telefone por satélite, em grande parte idêntico, mas bastante mais moderno.

Molly já tinha um.

Trouxera um telefone por satélite com ela quando ali tinham chegado. Durante as duas semanas em que Sam Berger fizera de Bela Adormecida, Molly Blom tivera acesso total ao telefone e à Internet. Era a sua primeira mentira flagrante.

Ouviu um chocalhar abafado do lado de fora nos degraus da cabana. Ficou hirto quando a porta se abriu.

Mas não aquela porta. Uma mais pequena, a porta do compartimento para esquis. Sam Berger sentiu um alívio momentâneo. Pegou no telefone por satélite e enfiou-o tão silenciosamente quanto pôde no compartimento

escondido sob o soalho. Ouviu a porta tornar a fechar-se enquanto recolocava a prancha no devido lugar, calcou-a e voltou a pôr a cama na posição original o mais silenciosamente que conseguiu enquanto o puxador era rodado. Abriu a tampa do portátil e adotou uma postura pensativa junto à parede, olhando fixamente para o conjunto de anotações e fotografias. Quando Molly entrou, Sam esticou o braço com a mão aberta na direção da parede coberta de papel.

– Expandiste isto – disse, esperando que não soasse falsamente jovial.

– E tu estás a dormir há demasiado tempo – disse, por sua vez, Molly Blom enquanto começava a descalçar as botas de esqui.

– Estou a tentar descobrir o que há de novo – retorquiu Sam Berger, aproximando-se da parede e tentando manter o ritmo cardíaco sob controlo; não nascera propriamente para ser agente secreto.

– Não vais encontrar as coisas mais importantes aí – disse Molly Blom, para ali especada só de meias.

– Ai não…? – perguntou Sam Berger.

– O mais importante foi o que eu *não* descobri.

– Como por exemplo?

– O Anders Hedblom – respondeu Molly, abrindo o computador.

– O irmão do Karl Hedblom? – perguntou Sam.

– Encontrei o pai, morreu há dois anos num albergue em Borlänge. De certeza que se matou a beber. Mas Anders Hedblom, vendedor em Malmö, não parece existir. Há cerca de vinte outros Anders Hedblom na Suécia e claro que qualquer um desses pode ser o irmão do Karl. Infelizmente não consegui descobrir a data de nascimento dele.

– Então vamos a um pouco de trabalho policial clássico?

– A não ser que estejas a planear outra viagem de carro – disse Molly Blom, pegando num pequeno maço de papéis que estava em cima da mesa e aproximando-se para ficar ao lado dele, à frente da parede coberta de notas. Sam olhou para Molly; tinha as faces a brilhar como se tivessem sido expostas a uma longa dose de sol.

– O sol nasceu há cerca de vinte minutos – disse Sam Berger. – Portanto, não pode ter sido isso que te deu esse brilho rosado tão atraente. Devias andar a esquiar há muito tempo. Saíste quando ainda estava escuro?

– Os satélites não aparecem antes do amanhecer – respondeu Molly Blom. – E não te preocupes, no compartimento dos esquis tenho uma

lanterna para pôr na cabeça. Não nevou recentemente, por isso, os rastos existentes ainda estavam lá. Mais alguma pergunta?

– Quando vais tomar banho?

– Quando tiver parado de transpirar – respondeu Molly Blom com indiferença, e começou a fixar na parede pequenas notas com números. Enquanto o fazia, foi dizendo: – Um: ver os anos que faltam na vida da Jessica Johnsson. Dois: conseguir do DNO mais resultados forenses da casa de Porjus. Três: voltar ao caso Helena Gradén e rever todas as transcrições dos interrogatórios de há oito anos. Quatro: entrar em contacto com o doutor Andreas Hamlin, em Säter, para garantir que fica de olho nas cartas enviadas ao Karl Hedblom. Cinco: continuar a trabalhar em Gotemburgo e na Lisa Widstrand. Seis: vasculhar todas as bases de dados policiais do país em busca de trevos de quatro folhas desenhados onde quer que seja em quaisquer cadáveres. Sete: encontrar Anders Hedblom. Que te parece?

Sam Berger suspirou.

– Qual é a melhor opção para o caso Gradén? Tu olhares para ele com novos olhos ou eu com os meus novos olhos velhos?

– Tu com os teus novos olhos velhos, acho. Sempre tiveste problemas em lidar com o passado; se fores forçado a revisitá-lo talvez alguma coisa que tenhas suprimido possa vir à tona.

– Essa é uma das principais tarefas – disse Sam Berger. – A outra é investigar os anos perdidos da vida da Jessica Johnsson. Isso cheira mais a trabalho do Serviço de Segurança. Calculo que ainda tenhas contactos por lá, não é?

Esperava não ter soado demasiado obtuso.

– Talvez tenha – respondeu simplesmente Molly Blom. – Portanto, tu ficas com o dois, o três, o quatro e o seis. Se eu continuar com a Widstrand, podes procurar trevos de quatro folhas. Está bem?

– Está bem – disse Sam Berger.

* * *

Vapor suave elevava-se da superfície levemente ondulada. Sam Berger ergueu o balde e aproximou-o cuidadosamente do final da cabana, e uma mão que saiu disparada da esquina pegou nele. Uma voz disse:

– Água quente? A sério?

– Aqueci-a um pouco – disse Sam.

Em vez de gratidão ouviu-se um chapinhar e depois um suspiro. O balde

foi devolvido, vazio. Sam Berger pegou-lhe e começou a misturar um pouco da água da panela com neve, e disse:

– Então e o número um?

O som inconfundível de alguém a lavar-se à pressa foi acompanhado por uma voz indistinta.

– Nenhum progresso, até agora. Aqueles anos secretos da vida da Jessica Johnsson continuam a ser secretos. Não consegui chegar a lado nenhum junto do Serviço de Segurança, o período temporal em questão foi classificado como altamente confidencial. Dois?

– Não há mais ADN em Porjus – disse Sam Berger, fazendo o balde dobrar novamente a esquina. – Mas o Robin, o chefe dos peritos forenses, encontrou indícios que sugerem que alguém estava mesmo *a viver* na sala da caldeira. Limpou aquela divisão ensurdecedora toda com um aparelhómetro hipermoderno que o FBI lhes emprestou. A Deer diz que ainda hoje vão receber resultados sobre as marcas de pneus.

– E o ponto três? – perguntou a voz, enquanto o balde vazio era devolvido.

– Reli cuidadosamente o caso Helena Gradén – respondeu Sam, misturando mais água. – Tinhas razão, agitou uma data de memórias antigas. Eu e a Deer nunca estivemos no centro da investigação, apenas lidámos com figuras periféricas que gravitavam em torno do caso. Uma coisa que me impressionou foi como o Allan era *bom* no que fazia naqueles tempos. Fazia todas as perguntas certas, da maneira certa. O colega dele, Robertsson, por outro lado, cometeu vários erros básicos.

– Já o contactaste? – perguntou Molly Blom da esquina.

– Pelo menos consegui localizá-lo. Não é completamente inesperado que o Richard Robertsson se tenha afundado na hierarquia; agora é um administrativo de terceira no depósito da Polícia. Vou ligar-lhe. Enquanto isso, tenho estado a ler os interrogatórios dele, há uns quantos que parecem ser promissores.

– Com que género de pessoas falaste?

– Não creio que queiras nomes, mas já tive tempo de memorizar muitos deles.

– Não, eu quero nomes. E quero saber porque foram interrogados?

– Quatro categorias principais. Vou referir os nomes de que me lembro. Possíveis responsáveis pela construção do abrigo: Lennart Olsson, Magnus

Bladh, Peter Öberg. Residentes da casa de repouso: Linnéa e Elin Sjögren, Reine Danielsson, Johan Nordberg e, obviamente, Karl Hedblom. Funcionários da casa de repouso: o gerente, Sven-Olof Lindholm, Juana Galvez, Lena Nilsson, Sofia Trikoupis. Vizinhos, amigos, *et cetera*: Per Eriksson, Göras Egil Eriksson, Elisabeth Hellström, Grop Åke Ek, Olars Fredrik Alexandersson…

– Também não eram precisos tantos pormenores…

– Caramba, que raio de nomes, estes de Dalarna? Göras, Grop, Olars…

– Está a ficar um bocado frio…

– Ah – disse Sam Berger, e entregou-lhe novamente o balde; a maior parte de um braço nu feminino apareceu.

– Então vamos ao ponto quatro – propôs Sam. – O Dr. Andreas Hamlin, de Säter, vai ficar de olho no correio do Karl Hedblom. E vai fazer análises ao sangue do Karl. Cinco?

– São quintas – disse Molly Blom.

– O quê? – perguntou Sam Berger.

– Era bastante habitual em Dalarna que as pessoas acrescentassem o nome da quinta da família ao próprio nome. Muita gente começou a recuperar a velha tradição.

– Certo – disse Sam Berger, perplexo.

– Vamos então ao ponto cinco – disse Molly Blom da esquina. – Lisa Widstrand. Falei com um tal superintendente Sjölund, de Gotemburgo, que admitiu que tinha sido uma investigação desleixada. Ninguém se importava com o trevo de quatro folhas na nádega da vítima porque, na verdade, toda a gente se estava nas tintas para a vítima. Foi durante o período que antecedeu a feira do livro, e a instrução para varrer a prostituta assassinada para debaixo do tapete não foi verbalizada, mas foi muito clara. Tenho uma sessão de *Skype* marcada com Sjölund para daqui a uns minutos.

– Talvez seja melhor acabares o duche – disse Sam Berger.

– Passa-me a toalha e fala-me do ponto seis.

– Número seis – disse Sam, passando a toalha pelo canto da cabana. – O trevo de quatro folhas. Para começar, tentei expandir os parâmetros da pesquisa. Não apenas «trevo de quatro folhas», mas «trevo», «desenho a esferográfica», «desenho em cadáver», «esboço a tinta», «nádega», «rabo», «traseiro» e por aí fora. Consegui algumas pistas promissoras. Já

posso ir aí?

O murmúrio que vinha do lado de lá da esquina da cabana poderia possivelmente ser interpretado como positivo, por isso Sam contornou-a. Molly Blom tinha o cabelo louro em pé, a toalha enrolada em torno do corpo e umas *Crocs* de um azul vivo nos pés. Sam Berger fitou-os.

– O frio mais intenso vem de baixo – disse Molly.

– Antigo ditado siberiano – retorquiu Sam.

– Continua.

– A busca ainda está a decorrer – explicou Sam Berger. – Consegui alguns resultados em relação a «trevo de quatro folhas», mas não sei aonde vão levar-me. Fui promovido a assistente de duche quando estava prestes a consultá-los.

Regressaram para dentro da cabana. O radiador aguentava-se teimosamente, espalhando um calor que nunca fora tão bem-vindo. O termómetro do lado de fora da janela indicava dezoito graus negativos: o frio do inverno chegara em força ao interior do país.

Sam Berger agachou-se ao lado do radiador e ergueu as mãos para que quase tocassem na superfície quente.

– Quem é ele? O que é que quer? – perguntou Molly.

– Não saberemos quem o tipo é – respondeu Sam – enquanto não descobrirmos mais sobre o passado da Jessica Johnsson; é aí que ele está. Quanto ao que quer…? Penso que tem ar de ser alguém que mata por prazer. Duvido de que o motivo corresponda ao ódio do Karl pelas mães, que seja uma vingança pelos erros do passado. Não, isto é demasiado estruturado, demasiado planeado. Tem que ver com prazer. O tipo abusa e mata porque isso o excita. Há muita coisa que sugere que estamos a lidar com um genuíno sádico sexual. Temos a certeza absoluta de que não há vestígios de esperma em nenhum dos locais dos crimes?

– Pelo que vi não, nem sequer em Gotemburgo, onde a vítima era prostituta.

– É estranho – afirmou Sam. – Porque tudo parece apontar para uma única coisa. Sexo.

Molly assentiu.

– Ponto sete. Julgo que encontrei o irmão mais velho do Karl Hedblom, o Anders. É o único na mesma faixa etária. De acordo com os arquivos, mora aqui perto. Mas não consegui contactá-lo.

– Perto? Mas será que hoje em dia toda a gente mora na porra da província?

– Sorsele. Por isso, é possível imaginar uma presumível sequência de acontecimentos. Há oito anos, Anders Hedblom morava em Malmö e foi até Orsa visitar o irmão, vê uma mulher com um carrinho a atravessar a estrada pelo meio da floresta, e isso desperta-lhe o instinto assassino. Faz alguma planificação, constrói um abrigo na floresta: estudou carpintaria, mas acabou a vender ferramentas de trabalho, e depois rapta a mãe e o filho. A seguir ao duplo homicídio, limpa a cabana do próprio ADN, mas deixa o do irmão e o das vítimas. Entra, de alguma forma, em contacto com a Jessica Johnsson, que está a viver sob identidade falsa em Porjus e tem tendência para escolher os homens errados; começam um relacionamento, o tipo muda-se para perto dela, para Sorsele, mas depois deixa escapar o que fez, talvez lhe fale do trevo de quatro folhas e a ameace. A Jessica deixa-o, mas na verdade não quer denunciá-lo, por isso resolve dar à Polícia pequenas pistas sob a forma de teorias da conspiração. Até que a realidade acaba por alcançá-la. E logo exatamente quando nós lá estamos.

Sam Berger assentiu.

– Não é completamente impossível. Mas isso não explica porque é que a Jessica enviou a carta especificamente à Deer. Não acreditei na explicação dela sobre ter visto a Deer na televisão e ter pensado que parecia de confiança.

– Também estive a pensar nisso – afirmou Molly. – Devíamos tentar encontrar esse vídeo. Lembras-te de quando terá sido?

Sam Berger abanou vagarosamente a cabeça e disse:

– Houve muita atenção por parte dos *media* no início do caso, mas depois esmoreceu. Posso tentar descobrir. Mas continuo a pensar que a tua hipótese sobre o Anders Hedblom justifica uma viagem a Sorsele.

Molly Blom assentiu.

– Mas primeiro tenho uma sessão de *Skype*.

– Vais ficar cara a cara com o superintendente Sjölund, de Gotemburgo assim vestida? – perguntou Sam, apontando para a toalha em que Molly Blom ainda estava enrolada.

– Não, não era essa a minha ideia – disse Molly, e deixou cair a toalha.

17

Sábado, 21 de novembro, 14h13

O homem e a mulher já estão lá há muito tempo. A pouca concentração que resta está direcionada para o ecrã de baixo, o mais próximo das cabanas, só que, para ser franco, resta muito pouca concentração. Como é costume em tempo de espera, a concentração acaba noutro lugar. Em imagens invocadas pela espera. E até conseguem fazer esquecer o frio de cortar a respiração da pequena divisão.

O anoitecer instala-se no amplo terraço, o cheiro a pinho funde-se com o tomilho e o alecrim das encostas íngremes que levam ao mar e às montanhas. De tempos a tempos, um toque a alfazema cruza o ar, que se mantém morno durante toda a noite. Podem optar por dormir ao ar livre, se lhes apetecer. Ali tudo é possível, tudo é *permitido, tudo* é *tão surpreendentemente vivo. Eles vão ter uma experiência igual, com o mesmo aparelho sensorial duplicado.*

Enquanto ainda conseguirem ver-se um ao outro.

O contrato está pousado na secretária do advogado no balcão do Europa. A assinatura brilha como se tivesse sido escrita a prata. O advogado regressa, já confirmou com o banco a data de pagamento, assina o contrato na linha pontilhada. O nome dele brilha como se tivesse sido escrito a ouro.

Quando a porta da cabana coberta de neve se abre, o frio chega de forma incrivelmente abrupta. A porta volta a fechar-se, mas o calor do Mediterrâneo não volta. O observador regressou à sua divisão despida.

A fina luva de pele da mão esquerda estica-se quando o ecrã amplia a porta da cabana. Que volta a abrir-se. O homem sai primeiro, está muito bem agasalhado e carrega o fogão de campismo. Agacha-se ao canto da cabana. Então a mulher sai, enrolada numa toalha e transportando um

balde que pousa antes de dobrar a esquina. O homem acende o fogão, enche uma panela de neve e o vapor começa a subir. A mulher à *esquina espera por um breve momento; o observador aproxima-se do rosto dela, vê claramente como o frio começa a devorá-la.*

Posso aquecer-te, pensa de repente o observador. Há um sítio onde podemos aquecer-nos um ao outro.

Então, a mulher tira a toalha e pendura-a num prego na parede. O homem esvazia a panela fumegante no balde e acrescenta um pouco de neve, sente a temperatura com a mão e entrega-lhe o balde. A mulher pega nele, ergue-o sobre a cabeça e, assim que despeja o conteúdo sobre o corpo, o observador vê a marca de nascença vagamente em forma de estrela logo por baixo do seio direito.

É *então que o observador procura na gaveta da secretária e retira de lá algo preto. É feito de tecido elástico. O observador põe-no em cima da mesa. Só então se percebe que é uma meia.*

Uma meia preta grossa.

A pistola, uma Sig Sauer P226*, está pousada na secretária em frente ao observador. A luva de pele fá-la girar: uma versão de uma só mão do jogo verdade ou consequência. O cano da pistola desacelera, finalmente para, apontando diretamente para o peito do observador. O observador escolhe sempre a consequência; a verdade é demasiado complicada, sobretudo a verdade sobre a doença.*

Profanação.

A mão direita escreve: «*14h24: Depois de passarem horas juntos na cabana de* ♀*, está na altura de fazer as abluções.* ♂ *ajuda* ♀*. Nenhum resultado evidente do tempo que passaram juntos.*» *O observador contenta-se com isso. É a sua tarefa.*

Uma das suas tarefas.

18

Sábado, 21 de novembro, 14h24

O homem grande vestido de branco movia-se em câmara lenta pelo seu espaço evidentemente limitado; a luz lilás-azulada fazia com que parecesse um peixe *Betta* solitário num aquário. Normalmente, aquele padrão de movimento teria atraído o interesse dela, mas naquele momento não conseguia pensar em nada além do jogo de futebol que começara às três. O jogo das meninas.

Porque era sábado.

Primeiro teve de ir da sede da Polícia até casa, entrar na moradia geminada de Skogås para ir buscar uma previsivelmente já equipada Lykke e acelerar para o Campo Desportivo de Nytorps Mosse, onde as raparigas de nove anos do Skogås-Trångsund FC iam defrontar as rivais locais, do Boo FC.

Mas agora encontrava-se no meio de um laboratório atulhado a assistir àquela estranha coreografia.

– Isto estava na parede – disse Robin, inclinando-se sobre algo em cima de uma mesa que, de resto, parecia estar completamente vazia.

– Isto? – perguntou Deer, ajustando o sempre desconfortável macacão branco. – E porque é que *isto* não está em Linköping?

O Centro Nacional Forense ainda estava instalado em Linköping, mas atualmente tinha uma sucursal na Polhemsgatan, na sede da Polícia de Estocolmo.

Robin olhou para Deer com uma expressão ofendida.

– Por acaso, hoje é sábado.

Sem se incomodar em tentar interpretar a observação, Deer retorquiu.

– Então mas o que é a tal coisa?

Robin endireitou as costas.

– Mais vale chamarmos-lhe fio.

– E porque é que esse fio era tão importante a ponto de me fazer vir aqui a toda a pressa?

– Não era – respondeu Robin, voltando ao fio invisível. – Ou, pelo menos ainda não. Mas ainda não esgotei todas as opções.

– Já vi que queres que faça perguntas – afirmou Deer. – Então, o fio estava na parede? Devo supor que estás a referir-te à parede da sala da caldeira na casa de Porjus?

– Era a única coisa que havia lá dentro. Por isso, na verdade, não posso provar que estava mesmo alguém a viver na sala da caldeira. O que significa que não posso falar com o Benny Lundin, o superintendente mais inflexível da longa e heroica história da Polícia sueca.

– Conny Landin – corrigiu pacientemente Deer. – Porquê a incerteza em chamarmos fio a um fio?

– Por ser tão pequeno – explicou Robin. – É mais um fragmento de um fio, uma fibra. Estava presa na parede áspera de cimento, à altura da cabeça, se um homem razoavelmente alto estivesse sentado no chão.

Deer viu uma sequência de vídeos a serem reproduzidos à sua frente, uma sequência de um homem de passa-montanha preto, uma sequência de um vídeo que nunca devia ter visto. Por uma fração de segundo, Deer esteve quase a esquecer-se do seu novo dúbio estatuto e a exclamar: «Preto?», mas conseguiu morder a língua.

– De que cor? – perguntou antes.

– Branco – respondeu Robin.

Deer olhou para o perito forense durante demasiado tempo antes de dizer:

– Sendo assim, que género de fio é?

– É por isso que tenho de o examinar mais pormenorizadamente – disse Robin. – Não é necessariamente gaze, mas é do mesmo material que é utilizado para fabricar ligaduras de gaze.

– Uma ligadura de gaze? Sangue?

Robin assentiu.

– É por isso que estou a falar contigo e não com o Sonny Landén. A resposta é não. A análise inicial não mostra qualquer vestígio de sangue, mas isso não significa que não haja nenhum. Temos de descer ao nível molecular e foi por isso que tive de cá vir.

– E foi por isso que me chamaste? Para me dizeres que *não* encontraste sangue?

– Como eu disse, não foi por isso que te telefonei. Foi por causa disto.

Robin ergueu um pequeno saco de plástico que parecia tão vazio como a mesa à sua frente. Deer aproximou-se e examinou-o. A luz lilás-azulada refletia-se em fragmentos minúsculos dentro do saco.

– Neste caso tivemos um pouco de sorte – disse Robin, abanando o saco.

– É do carro?

Robin assentiu.

– Tinta raspada do veículo em fuga, sim. Estás a par do conceito de *foil wrapping*?

– Não posso dizer que esteja –‒afirmou Deer.

– Basicamente envolve-se o veículo numa fina película que está disponível em todo o tipo de cores. Entre os fragmentos que estão dentro deste saco está um de uma película azul-vivo de uma gama chamada *Oracal 970 Premium*, e a cor foi identificada como *Azul Fiorde*. Além disso, temos vestígios da tinta original, uma espécie de branco-amarelado que ainda não identificámos. É preciso analisar quimicamente a película e vai demorar algum tempo.

– Um veículo branco-amarelado que foi coberto com uma película azul-vivo?

– E se isso tiver sido feito legalmente e estiver registado, deve ser possível que uma agente ambiciosa que está a trabalhar a um sábado consiga localizar o veículo – disse Robin antes de regressar ao fio invisível. Com as costas inclinadas voltadas para Deer, acrescentou: – Bem, não fiques para aí a fazer-me perder tempo.

Deer olhou para o obeso chefe dos peritos forenses até que acabou por dizer:

– Obrigada, Robin.

Sem olhar para cima, Robin respondeu:

– A documentação está numa pasta ao pé da porta.

O resto do sábado foi muito estranho. Deer despiu o macacão protetor, correu até à garagem por baixo da sede da Polícia e conduziu para o interior do implacável nevoeiro europeu de novembro, uma forma estática de chuva que era totalmente diferente do que experimentara nas suas demasiadas visitas ao interior de Norrland. Ao acelerar de modo insensato

pela Nynäsvägen, Deer deu por si a sentir saudades do ar límpido e impiedosamente frio – talvez em grande parte porque as coisas estavam constantemente a surgir do dito nevoeiro. Uns olhos de um azul intenso não eram a única pista fornecida pelo passa-montanha de malha preto – havia também um fio branco microscópico com sangue. Uma carrinha azul, uma *Volkswagen Caddy*, fez marcha-atrás para sair de uma garagem e acabou com um arranhão branco-amarelado num dos lados. E Deer atrasou-se pelo menos dois segundos para comemorar o momento em que Lykke pela primeira vez na sua vida de nove anos enfiou, *e de cabeça*, o golo decisivo contra o Boo FC, segundos que se refletiram nos olhos da filha. Viu o desapontamento dela e deu por si a olhar nos olhos a própria tristeza infinita quando o pai não apareceu no seu espetáculo de *ballet*.

Jamais permitiria a si mesma transformar-se em Sture Rosenkvist, o homem que se recusara a ceder quando toda a sua família da classe operária protestara contra a ideia de dar à filha recém-nascida um nome snobe como Desiré.

Mesmo durante os tristemente inúteis anos de *ballet*, permitiu-se ser transformada em Dessie, mas quando conseguiu um novo parceiro profissional, logo depois de ser promovida a detetive, o nome pegou. Nunca se sentira tão feliz com um nome como com Deer, mas agora o efeito já começava a desvanecer-se. O feitiço quebrara-se. No Departamento Nacional de Operações era outra vez Desiré; era como uma mudança de identidade.

Sam, que raio estás a tramar em Norrland?

No fundo, Deer compreendia um pouco mais do que deixava transparecer.

Como já tinha o que desejara há muito, um cargo no DNO, deixara aquilo passar, mas gostava de ter investigado a ligação entre a morte súbita de Syl e o desaparecimento de Sam e Molly. Dificilmente haveria qualquer dúvida de que Sam e Molly estavam realmente a esconder-se lá em cima, a manterem-se longe do que quer que fosse que estivesse relacionado com o Serviço de Segurança. O comportamento dúplice de Deer era, sob o duro olhar da retrospeção, menos coincidente do que fingira. Permitia-lhe matar dois coelhos com uma só cajadada: ressuscitar a questão da culpa de Karl Hedblom *e* descobrir o que realmente acontecera a Syl, a Sam e a Molly.

Mas, em vez disso, toda aquela confusão lhe rebentara na cara.

Então, para sua própria surpresa, Deer deu por si sentada ao volante a olhar para o próprio reflexo consideravelmente mais jovem. Os mesmos olhos castanhos – os estúpidos «olhos de veado» de Sam – e o mesmo cabelo castanho liso e escorrido, e o mesmo corte mal-amanhado acima dos ombros. Muitas vezes, quando olhava para Lykke, sentia que estava a olhar para um espelho através do tempo. Imaginava então um espelho que pudesse mostrar todas as idades de uma pessoa e, naquele preciso momento, Desiré tinha nove anos e estava prestes a transformar-se em Dessie. Mas aquela menina de nove anos não tinha aulas de *ballet*, jogava futebol e estava impressionantemente enlameada, olhando-a com ar carrancudo do banco do passageiro.

– Jogaste muito bem – disse Deer, acariciando a face salpicada de lama da filha.

– Se calhar nem sabes em quanto ficou! – exclamou Lykke, e a expressão que fez cavou dentro de Deer mais um abismo daqueles que só Sture conseguiria cavar. Mas aquele não era o momento de cair nele. Agora não.

– Oito a quatro, não foi? – perguntou.

O rosto de Lykke desanuviou-se e a menina fez um sorriso rasgado.

– Marquei três golos – disse com orgulho.

– Tenho muito orgulho em ti, Lykke – afirmou Deer muito mais formalmente do que tencionara.

O sorriso da filha significava que tinha sido perdoada. Mas era improvável que tivesse uma segunda oportunidade naquele sábado.

Uma noite aconchegante com a família. Sempre tivera dificuldade em aceitar aquela expressão, o expoente máximo de presunção da classe média. Porém, à medida que Lykke crescia, Deer apercebia-se de que o tempo era finito; talvez a filha preferisse passar as tardes de sábado com as amigas daí a pouco mais de um ano. Deer prometera a si própria que aproveitaria ao máximo o número limitado de verdadeiras e exclusivas noites aconchegantes em casa que lhes restavam.

Enquanto esperavam que a porta da direita da garagem dupla se abrisse, Deer olhou para a casa geminada no lusco-fusco. Uma vulgar habitação num subúrbio não era exatamente o que tivera em mente quando imaginara a vida; mas, por outro lado, nunca tinha propriamente feito planos definidos. Nada além de ser boa mãe, boa esposa e boa polícia, e de

ter uma vida boa.

Deer tinha realmente mais jeito do que a maioria dos colegas para se desligar do trabalho acumulado quando saía da sede da Polícia. Mas não daquela vez. Reconhecia os sintomas. Algo a incomodava. Não era apenas por ter uma coisa em concreto para resolver – uma tarefa que tinha mesmo de ser encaixada numa investigação existente –, mas também o facto de que se tinha metido numa alhada. E precisava de encontrar, a todo o custo, uma saída para aquela situação. Nunca quebrara as regras nem fora forçada a ter segredos para os colegas.

De repente, Deer estava a viver uma vida dupla.

Tinha mandado Lykke tomar duche e, no preciso momento em que pensava nas palavras *vida dupla* e retirava os últimos ingredientes do frigorífico, a porta abriu-se e Johnny entrou com os braços estendidos, ainda com o uniforme do condutor de ambulância vestido. Abraçaram-se. Johnny despenteou-lhe o cabelo daquela maneira maravilhosa, irritante e habitual dele.

– Então, como correu? Ganharam?

– Oito a quatro – respondeu Deer, ligando o fogão. – Ela marcou três golos. Um de cabeça.

– De cabeça? Caramba. Eu não disse que a ajuda aqui do *personal trainer* ia fazer maravilhas?

– Então achas que alguns lances com uma bola de plástico no jardim contam como treino personalizado?

– É a quantidade de treino que conta – retorquiu Johnny, começando a despir o uniforme. – Essa é a chave.

Deer observou o marido a dirigir-se calmamente à sala. Nem sequer podia contar-lhe nada.

Vida dupla…

O jantar foi acompanhado por uma longa conversa sobre o jogo. Enquanto comiam, Deer olhou para a sua pequena família. Gostavam de ter tido mais filhos, mas não calhara. De qualquer forma, Lykke era mais do que suficiente. Deer não conseguia lembrar-se de ter tido assim tanta energia aos nove anos. Por outro lado, Johnny não era Sture, era muito, mas muito melhor. As notáveis reservas de energia de Lykke vinham provavelmente dele, porque, em termos de aspeto, Deer só conseguira encontrar uma coisa na filha, a curva do lóbulo da orelha, que lembrava

Johnny; em todos os outros aspetos parecia uma réplica sua.

Um modelo melhorado.

Um modelo que não tinha uma vida dupla.

O jantar chegou ao fim, Deer serviu mais dois copos de vinho, sorveu o último fio de esparguete e esperou com um grau de expetativa do qual não estava minimamente orgulhosa. Lykke lá acabou por perguntar com excitação:

– Podemos ver o Liverpool, pai? Por favor!

Na verdade, era daquilo que Deer tinha estado à espera. A clássica derrota do Liverpool contra o Manchester United em março de 2009. Quatro a um. Uma das joias da coleção ridiculamente abrangente de jogos do Liverpool de Johnny. E Deer sabia que não era espectável que participasse. Tinha-lhe sido concedido um intervalo de noventa minutos. A seguir daria toda a atenção à noite aconchegante com a família.

Lykke também sabia disso, virou-se rapidamente no sofá na direção da mãe, deu-lhe um abraço em jeito de pedido de desculpa e disse:

– Até logo.

Deer acariciou fugazmente a face da filha e observou-a a saltitar na direção da sala. Johnny deu-lhe um beijo e rodou nos calcanhares.

– Eu levanto a mesa – afirmou Deer. – Depois talvez vá um bocado até à garagem.

Johnny estacou por um momento.

– A um sábado à noite?

– Só por um bocadinho – mentiu Deer.

Quase conseguiu convencer-se a si própria de que era uma mentira insignificante.

Tão insignificante como o fio microscópico da sala da caldeira em Porjus.

Assim que a sua pequena família se instalou à frente da televisão, Deer saiu sorrateiramente da cozinha. Passou rapidamente da garagem normal para o extremo da garagem dupla. Aquele era o seu altar sagrado. Ou, em termos mais prosaicos, o gabinete de Deer.

Estava escassamente mobilado: uma secretária, uma cadeira, um computador e um quadro branco enorme, com todo o género de material nele afixado. Havia uma ligação que unificava as notas na parede: todas estavam relacionadas com os últimos dias. Jessica Johnsson, Helena

Gradén, Lisa Widstrand, Karl Hedblom. E também Sam Berger e Molly Blom.

Talvez, afinal de contas, fosse viciada em trabalho.

Ao lado do computador estava a pasta de Robin. Deer abriu-a e viu as horas. Restavam-lhe oitenta minutos.

Uma série de pesquisas rápidas no *Google* disse-lhe que bastantes oficinas de pintura na Suécia realizavam *foil wrapping* e que a maioria oferecia a gama *Oracal 970 Premium* e a cor *Azul Fiorde*, portanto, isso não parecia uma linha de investigação proveitosa, sobretudo a um sábado à noite. Restava a opção de pesquisa avançada na base de dados do Instituto dos Transportes: veículos que já tinham sido registados como branco-amarelados, se é que isso era mesmo uma cor – Deer inseriu muitos sinónimos na caixa de pesquisa – e que em algum momento tinham sido repintados de azul-vivo. Possivelmente, mas não necessariamente, uma pequena carrinha, uma *Volkswagen Caddy*.

Quando a busca começou e o computador – que era consideravelmente mais moderno do que o computador oficial na sede da Polícia – pareceu arfar de esforço, Deer examinou a pasta de Robin.

Havia algumas análises químicas impenetráveis, mas rudimentares, seguidas por uma planta da casa de Porjus com todos os achados marcados e numerados. Deer reparou que o fio branco não aparecia na lista; suspeitava de que Robin não queria mencioná-lo até ter extraído dele a última molécula. Mas o resto do esboço indicava uma sequência de acontecimentos ainda incompleta. Deer complementou-a com informações do seu novo e obscuro mundo secreto.

Jessica Johnsson desce os degraus até à cave, acompanhada por Sam Berger e Molly Blom. Está escuro como breu, têm lanternas, mas se tivesse havido uma luz ligada dentro da sala da caldeira ter-se-ia filtrado pelos espaços entre os lados da porta e a ombreira: isso tinha sido testado e comprovado. Dentro da escuridão ensurdecedora da sala da caldeira, um homem de olhos azuis com um passa-montanha preto está de atalaia. Deer calcula que o homem media cerca de 1,85 metros, que calçava sapatos de tamanho 45 e que vivia lá (neste ponto, confiava na intuição bem desenvolvida de Robin). O homem está a postos com um pedaço de madeira na mão e passa ao ataque antes que Sam Berger tenha sequer tempo de rodar o puxador. Age com uma eficiência desconcertante: Sam

Berger e Molly Blom não têm hipótese. Jessica, evidentemente, grita bem alto, o homem amarra-a à escada com abraçadeiras e, em seguida, arrasta Sam e Molly até à parede e amarra os corpos inconscientes a dois aquecedores. Então, liberta Jessica e arrasta-a pelos degraus que conduzem ao rés do chão. Leva-a para a sala, para o sofá de frente para a televisão, onde a golpeia com o bloco de madeira. A quantidade de sangue sugere um ataque brutal; talvez já tenha começado a utilizar a faca, que é provavelmente um bisturi extremamente afiado ou uma faca de mato. Jessica não morre na sala e o ataque continua no andar de cima. O tipo pisa o sangue várias vezes e, tendo em conta a forma tão cuidadosa como tinha limpado a casa, é estranho que deixe pegadas no soalho de madeira. Há também rastos deixados pelas meias-pantufa que Jessica Johnsson usava na altura. Os rastos conduzem ao andar de cima, onde o ataque com a faca continua e o corpo de Jessica fica tão encharcado de sangue que deixa uma silhueta vermelha no lençol branco. É aí que Jessica morre e o agressor desenha-lhe um trevo de quatro folhas na nádega antes de cortar esse pedaço de pele e de o abandonar. Porque o terá abandonado? O tipo é extremamente cuidadoso em não deixar vestígios de ADN, mas não hesita em deixar as pegadas e algo tão óbvio como o trevo de quatro folhas. Porquê? Deer pensa que pode detetar uma série de pistas cuidadosamente escolhidas, conscientemente deixadas, como uma mensagem para alguém.

Alguém que tinha repetidamente *batido na tecla* do trevo de quatro folhas desenhado numa nádega.

Por que raio é que a agora assassinada Jessica Johnsson lhe enviara aquela carta enigmática especificamente a ela?

Deer afastou esse pensamento e continuou a traçar a sequência de acontecimentos. Depois de a matar, o criminoso tira um baú do sótão e enfia nele o cadáver. Arrasta-o escadas abaixo e o baú acaba por começar a verter sangue na neve do lado de fora, quando o tipo tem de pousá-lo. Então chega finalmente à garagem. Felizmente para ele, o jipe de Sam Berger e Molly Blom não está estacionado no caminho, por isso, assim que enfia o baú no porta-bagagens da pequena carrinha, faz marcha-atrás e vai-se embora. E raspa na parede da garagem enquanto está a fazer marcha-atrás, deixando vestígios de tinta.

Um pensamento desconfortável atinge Deer. E se Sam Berger e Molly Blom tivessem sido tão cuidadosos ao remover o seu próprio ADN a ponto

de terem conseguido livrar-se do ADN do assassino? Se fosse esse o caso, Deer não só tinha obstruído a investigação, mas também a sabotara. Se a sua investigação paralela fosse descoberta, não seria apenas demitida, provavelmente também seria acusada criminalmente. A vida como a conhecia acabaria.

Felizmente, aquela linha de pensamento foi interrompida por um ruído que a trouxe de volta à realidade. Veio do computador.

A pesquisa estava concluída. O ecrã preenchido com uma lista. Veículos potenciais por toda a Suécia. Carrinhas pequenas e veículos semelhantes a carrinhas pintadas com algo parecido com o branco-amarelado original que fora coberto por uma cor que se aproximava do azul-vivo.

Havia nove.

Örebro, Helsingborg, Lund, Fittja, Umeå, Sorsele, Borås, Karl-stad e Halmstad.

Estudou a lista e refletiu. No início, os pensamentos não foram acompanhados por palavras. Então surgiu uma: interior.

O interior de Norrland.

Sorsele.

Deer pegou no telemóvel e reparou que eram 19h16; restavam-lhe oito minutos, cortesia do Liverpool.

Então fez uma chamada.

Para o mundo da sua vida dupla.

19

Sábado, 21 de novembro,18h03

Apesar de Sorsele se situar na Autoestrada Interior, a omnipresente E45, mesmo para um experiente Norrlander os quase trezentos quilómetros que separavam a pequena vila de Porjus esticavam a definição de *perto* um pouco longe de mais. Do polo de inacessibilidade era ainda mais longe, mas o jipe estava finalmente a aproximar-se na escuridão que há muito caíra. Um leve brilho a pairar no horizonte sugeria civilização. Uma quantidade invulgar de alces tinha-se juntado a eles na viagem, galopando ao lado do jipe do outro lado da cerca destinada a proteger os animais selvagens que podia acabar a qualquer momento. Parecia que os animais tinham sido tomados por um desejo coletivo de se suicidarem. Felizmente que a cerca permanecera intacta e, por enquanto, o casal que seguia no jipe permanecera ileso face à natureza imprevisível e incompreensível da vida selvagem do interior do país.

Molly Blom ia a conduzir. Sam Berger observava-a sub-repticiamente; talvez Molly reparasse, talvez não. O olhar concentrado era banhado pela luz azulada e mortiça do painel de instrumentos. Não havia ali nada para decifrar; os segredos estavam todos escondidos noutro lugar. Se é que havia algum.

– O biquíni foi uma surpresa – acabou por dizer Sam Berger. – Não estava à espera dessa.

Molly Blom lançou-lhe um leve sorriso irónico.

– Não é um biquíni. É um fato de treino, nada mais.

– O que ainda não consigo perceber é como foi possível ter estado inconsciente durante tanto tempo – disse Sam Berger do nada.

– Não estiveste inconsciente o tempo todo, mas estavas muito sedado, levaste doses de cavalo. Não havia outra maneira de te controlar, desculpa.

Estavas com ideias suicidas.

Sam Berger olhou fixamente para Molly Blom.

– A sério? – perguntou bruscamente.

– Assim que reduzi a dose de fármacos, tentaste logo matar-te. Tive de lutar contigo no chão por duas vezes. Tens de compreender que era uma verdadeira psicose. E tens de tentar compreender como foi difícil para mim trabalhar contigo. Foi uma verdadeira montanha russa emocional. Sim, sedei-te, droguei-te. Porque não havia outra opção. Fiquei tão aliviada quando finalmente… voltei a reconhecer-te…

Sam ficou em silêncio. Olhou para fora, para a escuridão que parecia de breu. Uma placa passou rapidamente, informando que estavam a entrar na província de Västerbotten. Como se isso fizesse alguma diferença; continuava a ser a Lapónia. E agora não havia animais, apenas floresta. Floresta e montanhas.

Impenetráveis, intransitáveis.

– Não percebo como fiquei tão descontrolado – limitou-se a dizer Sam Berger.

Molly abanou a cabeça.

– É impossível compreender a psicose, não vale a pena. A realidade e o ego dissolvem-se. É um estado completamente diferente de consciência. Tudo o que se aproxima do superego desaparece.

– Parece que já tinhas lidado com isso – disse Sam Berger. – É óbvio que ultrapassei a situação sem mazelas graves e que encontraste mesmo a medicação e o tratamento adequados. Assaltaste uma farmácia?

– Já tinha lidado com isso, sim. Tenho um irmão mais novo…

– Ah, merda.

– Pode chamar-se psicose pós-traumática ou psicose reativa aguda. Portanto, sim, já tinha lidado com isso. E já a tinha tratado. Cresci com essa doença.

– Mas é realmente possível apanhá-la assim sem mais nem menos?

Molly Blom sorriu com ar infeliz.

– Afeta apenas pessoas que já têm uma maneira dissociativa de lidar com os problemas das suas vidas.

– Agora não faço ideia do que estás para aí a dizer.

– Pessoas que têm dificuldade em integrar diferentes aspetos da sua personalidade. Vais mesmo ter de confiar em mim em relação a isto.

Sam ficou novamente em silêncio. Confiava mesmo nela em relação àquilo. Desaparecia em si próprio, no seu eu *desintegrado e dissociativo*. Já o sentira antes, que tinha personalidades diferentes a viver vidas paralelas. Mas o seu superego tinha ganhado vida, vigiava-o e uma voz dentro dele dizia:

Neste momento estou a tomar consciência da minha doença.

Não tinha a certeza de a voz o convencer.

– Não sabia que tinhas um irmão mais novo – disse.

Molly limitou-se a fazer uma careta.

– Compraste mais alguma coisa quando compraste o teu fato de treino? – perguntou.

– O que queres dizer?

– Compraste mais algum equipamento desportivo?

– Algum, sim. Esquis, fatos de esqui, a lanterna para a cabeça. Na Intersport, nos arredores de Sundsvall, se queres realmente saber. Sem uma única câmara de segurança a funcionar.

– Compraste algumas meias?

Molly Blom tirou os olhos da estrada, o que não era aconselhável, tendo em conta a maneira como serpenteava. Olhou fixamente para Sam Berger.

– Sim, comprei meias. Meias pretas. Básicas e boas para a maior parte das atividades físicas. Mas nem todas.

– Hum – foi tudo o que Sam Berger disse.

– Bem, ouve, Sam. Sei que a Sylvia Andersson, a tua amiga de longa data, daqueles dias despreocupados na Escola Superior de Polícia, a tua Syl, morreu com uma meia preta enfiada na garganta. Eu também estava lá, como deves recordar-te. Isso não significa que qualquer meia preta se tenha de repente transformado numa arma de crime. Que é que tu tens?

– Puseste uma meia preta na minha mesa de cabeceira ontem à noite?

– Mas que porra?!

– Pensava que não dizias palavrões.

– Tenho andado com más companhias – retorquiu Molly Blom. – Que raio se passa contigo?

Sam Berger abanou a cabeça.

– A última coisa que fiz a noite passada antes de me fundir como uma lâmpada, completamente vestido, foi atirar o telemóvel para cima da mesa de cabeceira. Acordei exatamente na mesma posição e havia uma meia

preta muito bem estendida sobre o telemóvel.

Molly Blom olhou novamente para Sam Berger. Então abanou a cabeça e disse, muito claramente:

– Não fui eu quem a pôs lá, há séculos que não entro na tua cabana. Provavelmente tiveste um episódio de sonambulismo. Ainda estás a recuperar da psicose e bateram-te na cabeça com um pedaço de madeira. Não é de surpreender que o teu cérebro esteja a fazer coisas que não controlas completamente. E isso inclui ter todo o género de suspeitas acerca das pessoas à tua volta.

Sam Berger fez uma careta. O carro avançou em direção às luzes que se aproximavam: já não formavam uma cúpula no horizonte, espalhando-se antes pelo céu. Tinham começado a passar pelas primeiras casas.

– Descobriste mais alguma coisa sobre o Anders Hedblom? – perguntou Sam.

– Um pouco – respondeu Molly. – Três anos mais velho do que o Karl e, confirmando o que já sabíamos, era carpinteiro e mudou de ramo, passando a vender ferramentas. Pagou a casa nos arredores de Sorsele em numerário, quando a empresa de ferramentas em Malmö faliu há quatro anos. Vive do subsídio de desemprego desde então. Nenhum envolvimento conhecido com a comunidade local, além de estar inscrito no ginásio. Falei com o gerente, que deixou escapar que o Anders é o tipo mais em forma de Sorsele, mas há algum tempo que não vai ao ginásio. Também calculou que meça cerca de 1,85 metros.

– Disse mais alguma coisa sobre ele?

– Só que é muito reservado. Que ninguém o conhece verdadeiramente.

– E a Deer tinha razão?

– Sobre quê?

– Sobre estarmos em posse de «armas ilegais»? Não quero voltar a cometer a porra do mesmo erro que cometemos em Porjus. Se o extremamente em forma Anders Hedblom tentar outra vez dar-me com um bloco de madeira na cabeça, gostava de poder ferrar-lhe um tiro.

Molly Blom esticou o braço na direção de Sam Berger e abriu o porta-luvas. Estava vazio.

– É como o teu estojo para relógios – disse Molly.

Sam Berger sentiu que a maneira como olhava para Molly Blom era pelo menos tão vazia como o porta-luvas. Até que se fez luz. Pegou nos lados e

puxou-os para cima. Sob o espaço vazio havia duas armas de fogo resistentes. Pegou numa das pistolas e sopesou-a na mão.

– Certo – disse simplesmente.

– Estamos quase a chegar – afirmou Molly Blom.

O carro abrandou e virou para uma estrada lateral, depois seguiu pela escuridão até que algumas luzes fracas apareceram através do muro de abetos. Molly parou imediatamente e desligou os faróis.

– Provavelmente já nos ouviu – disse Sam Berger.

– Não necessariamente – retorquiu Molly Blom, abrindo a porta e semicerrando os olhos em direção às luzes da floresta.

Pegou na pistola, inspecionou o carregador, soltou a patilha de segurança e começou a avançar furtivamente pela estrada estreita. Sam Berger seguiu-a, atrapalhando-se com a própria arma até conseguir apanhar-lhe o jeito na escuridão. As luzes desapareceram e depois reapareceram, agora suficientemente fortes para que pudessem ver que vinham do que parecia uma pequena casa danificada. Havia luz em duas janelas, não muito brilhante, mas o suficiente para iluminar os degraus que conduziam ao alpendre e à porta principal. Um pequeno caminho cruzava um jardim ao abandono, a partir do qual se dividia noutros dois, um que conduzia à casa, o outro a uma garagem. Não havia nenhum carro à vista.

Seguiram o caminho em direção à casa. Quando se aproximaram, começou a nevar, flocos finos e suaves salpicaram a cena monótona.

Molly Blom e Sam Berger já estavam um de cada lado dos degraus do alpendre, pistolas a postos. À escuta. Não se ouvia um ruído que fosse. Não havia vento. O único movimento era provocado pelos flocos de neve que caíam incansavelmente no chão.

Sam deu o primeiro passo, o mais silenciosamente que pôde. Podia sentir Molly logo atrás de si, percebeu que estava a cobri-lo, de costas para ele. Chegaram à porta. Molly agachou-se e olhou para a fechadura. Então estendeu a mão para o puxador, olhou para Sam Berger. Sam ergueu a pistola e assentiu.

Molly Blom rodou o puxador e ergueu a própria arma, abriu a porta e uma rajada de ar das profundezas do inferno açoitou-os. Era como se toda a casa tivesse sido pressurizada e só agora lhe tivesse sido permitido exalar o seu mau hálito verdadeiramente aterrador. Era como abrir uma lata de arenque fermentado, mas numa dimensão completamente diferente.

Não havia qualquer dúvida.

Havia um cadáver dentro daquela casa.

Molly levou o braço curvado ao rosto, tapando instintivamente o nariz, e a visão de Sam Berger ficou momentaneamente obscurecida, o que não podia acontecer naquele momento. O facto de estar alguém morto ali dentro não significava que a casa não fosse perigosa. Até podia fazer com que fosse mais perigosa. Podia estar lá alguém a fazer coisas ao cadáver. Ou podia até haver um cemitério inteiro de cadáveres, com um louco delirante e tudo.

Um louco altamente inteligente armado com um pedaço de madeira.

Prepararam-se, aguçaram os sentidos enquanto lutavam para suprimir o olfato e entraram no edifício. A casa estava imunda, um clássico e sensaborão lar de solteiro. O vestíbulo e depois a cozinha – não estava lá ninguém. Continuava a não se ouvir qualquer barulho. Uma sala com muito pouca mobília. Nada.

Apenas a dificuldade constante e dolorosa em respirar.

Um lanço de escadas que conduzia ao primeiro andar e depois mais degraus, estes a descer, por detrás de uma porta entreaberta. Não tencionavam separar-se e seguiram os instintos bem aguçados em direção à cave.

Sam Berger abriu-a de par em par, apontou a pistola às escadas escuras. Molly localizou um velho interruptor e deu-lhe vários piparotes para cima e para baixo. Nada. Sacou a lanterna e Sam Berger não tardou a seguir-lhe o exemplo. Dois feixes de luz varreram o teto baixo e as paredes claustrofóbicas.

Outro lanço de escadas até à cave.

Passo a passo. Era impossível dizer se o fedor era mais forte ou se os órgãos olfativos de ambos já estavam entorpecidos. As cintilações esverdeadas no teto e nas paredes indicavam que deviam estar a cheirar algo diferente, humidade e bolor. Era uma casa bolorenta, mas o bolor não tinha hipótese.

Primeiro varreram as paredes com as lanternas para ver se havia esconderijos e cantos escuros, depois apontaram-nas para o meio do chão de cimento.

Era aí que o tipo estava. Apontaram-lhe as lanternas, permanecendo completamente imóveis, à escuta. O ruído que ouviam não era o ribombar

surdo da sala da caldeira, mas o zumbido mais agudo das moscas.

Não se via nada do rosto do homem; jazia pressionado contra o chão, e os cabelos emaranhados cobriam-lhe as orelhas, espalhando-se em redor da cabeça. Parte de uma robusta cadeira de metal estava tombada por cima dele e, quando Sam e Molly olharam mais atentamente, viram que os tornozelos do morto estavam presos às grossas pernas da cadeira com abraçadeiras. Os braços estavam escondidos sob o tronco forte, como se tivesse caído com as mãos entrelaçadas para rezar.

Em tempos tinha sido um corpo muito musculoso.

O sangue que o rodeava tinha coagulado e há muito que fora absorvido pelo chão de cimento, que apresentava apenas um leve vestígio de vermelho.

Sam Berger olhou para a cadeira tombada. Do braço esquerdo pendiam os restos de uma abraçadeira. Uma abraçadeira estalada.

Molly Blom aclarou a garganta e recuperou pelo menos algo que se assemelhava a uma voz:

– Foi amarrado à cadeira e torturado. Mas o Anders Hedblom era forte. Não morreu e, com as últimas forças que lhe restavam, rebentou as abraçadeiras que lhe atavam os pulsos. Tentou levantar-se, caiu, não conseguiu reerguer-se e morreu onde estava deitado, de bruços no chão de cimento.

– O criminoso deve ter pensado que ele estava morto – disse Sam Berger com voz rouca. – Mas, depois de o tipo se ter ido embora, ainda restou ao Anders Hedblom força suficiente para um último ato. Algo que tinha de fazer a todo o custo antes de morrer. Estás preparada para a pior parte?

Molly Blom ergueu uma mão para o deter.

– Temos de pensar – disse. – Não devíamos revistar a casa antes? Primeiro andar?

Sam Berger apontou para o cadáver.

– Está cheio de pó – disse. – Não vem cá ninguém há semanas. Basta teres a pistola à mão.

Molly Blom deteve-o de novo.

– A Polícia vai acabar por aparecer, mais cedo ou mais tarde. Onde deixámos vestígios?

– Na porta principal – disse Sam Berger fazendo um gesto com a cabeça. – Mexeste em mais alguma coisa?

– É a mesma situação de Porjus – disse Molly Blom. – Podemos ter libertado cabelos, partículas de pele. Se fizermos o que estás a pensar fazer, deixaremos ainda mais vestígios.

– Tens alguma sugestão melhor?

– Não – respondeu Molly, mas pelo menos sacou algumas luvas de plástico do bolso do blusão. Entregou um par a Sam Berger. Com as mãos a tremer calçaram as luvas incómodas.

Seguraram o cadáver de lado e encheram-se de coragem. Depois viraram de costas o que um dia fora um corpo muito sólido. Foi surpreendentemente fácil; os insetos que zumbiam no ar estagnado tinham esvaziado o corpo de qualquer carne que ainda não tivesse secado. As larvas já pareciam ter deixado o navio naufragado. Era como olhar para uma múmia egípcia depois de ter sido embalsamada. A experiência dizia a Sam Berger que Anders Hedblom estava morto há pelo menos três semanas, talvez um mês.

E ninguém sentira a sua falta durante todo aquele tempo.

Não restava muito dos braços além dos ossos e estavam bem apertados contra o peito, a posição em que tinha morrido, mas as mãos não estavam entrelaçadas para rezar – estavam a agarrar alguma coisa.

Havia uma esferográfica na mão direita e um papel na esquerda. Era uma fatura, uma fatura de eletricidade. Sam Berger inclinou cuidadosamente a parte de trás da fatura em direção ao feixe da lanterna. Não estava em branco. Com a letra ampla e irregular de um moribundo, duas palavras tinham sido escritas. E essas palavras eram «Sam Berger».

Sam Berger fitou o papel. Tal como Molly Blom.

– Mas que porra é esta? – conseguiu dizer Sam.

Molly Blom parecia pálida.

– O criminoso deixou-o à morte. Mas o Anders ainda teve forças para fazer uma última coisa vital. Arrancou as abraçadeiras à custa de pura força bruta, o que é um feito do caraças, depois tirou uma esferográfica e um papel do bolso, simplesmente porque o desejo de escrever uma mensagem era muitíssimo forte. O desejo de escrever «Sam Berger».

– Caramba, nunca estive aqui na vida – retorquiu Sam Berger com dificuldade. – Quando o tipo escreveu, estávamos a tentar encontrar o raptor da Ellen Savinger.

– Temos de voltar a pô-lo na posição em que o encontrámos – disse

Molly Blom.

– Não com aquilo na mão – afirmou Sam Berger.

– Não podemos retirar provas do local de um crime – disse Molly Blom. – Além disso, o Robin ia descobrir, o que, somado ao facto de haver aqui o teu ADN não seria nada bom. Não te preocupes, tens um álibi. Há muita gente com o teu apelido na Suécia. E Hedblom pode ter querido dizer uma coisa completamente diferente. Vamos pô-lo outra vez de barriga para baixo e tentar fazer parecer que não lhe mexemos.

Sam Berger olhou para Molly Blom com atenção. Não era decididamente altura para cambiantes, mas a reação dela não tinha sido um pouco estranha? Não estaria a apressar demasiado as coisas? Será que o raciocínio dela fazia mesmo sentido?

Acabou por decidir confiar nela. Além disso, queria afastar-se daquela casa infernal pelo menos tanto como ela. Juntos, pegaram no que restava de Anders Hedblom e puseram-no de barriga para baixo. Molly Blom ajustou a posição do cadáver, reorganizou alguns dos pormenores e, no fim, tudo parecia exatamente como quando tinham chegado.

E depois saíram, pistolas erguidas, dando cobertura um ao outro, sem se darem ao trabalho de revistar o andar de cima, e emergiram no ar fresco. Nunca antes lhes parecera tão fresco, tão cristalino. Sam Berger deu por si a respirar fundo repetidamente enquanto a neve caía cada vez com maior intensidade. A cada floco que inspirava, a cabeça clareava um pouco mais.

Virou-se no alpendre. Molly Blom estava agachada em frente à porta, a limpar o puxador. Então afastou-se e Sam seguiu-a. Nenhum deles disse palavra.

Alcançaram o carro, devolveram as pistolas ao porta-luvas, inverteram a marcha na estrada estreita e cada vez mais coberta de neve e aceleraram para longe dali. Demorou muito até que algum dos dois conseguisse falar.

– Mas afinal que porra foi aquela? – perguntou Sam depois de regressarem à autoestrada europeia.

Molly Blom meneou a cabeça.

– Neste momento sinto-me completamente incapaz de processar aquilo, ainda estou a tentar voltar a respirar normalmente. Mas a única coisa que ficou mais do que clara é que o Anders Hedblom não é o nosso assassino.

– A não ser que seja um *zombie* – disse Sam Berger. – Até parecia!

Molly Blom abanou a cabeça como se quisesse ter a certeza de que

estava firmemente encaixada.

– Porque é que o Hedblom escreveu o meu nome? – prosseguiu Sam Berger. – Aquilo levou-lhe as últimas forças. Deve ter sido vital para ele, uma última pista para a Polícia. Será que quem o assassinou disse que se chamava Sam Berger? Será mesmo um nome? Seria outra coisa? O início de uma palavra? O fim de uma palavra?

Sam Berger sentiu a falta de envolvimento de Molly como uma presença física, como uma pessoa a mais entalada entre eles. Uma pessoa muito fria.

O som, de onde quer que tenha vindo, pareceu-lhe libertador. Sam Berger olhou em redor, reparando de passagem que o relógio do jipe indicava 19h16, e acabou por ver que o telefone por satélite, pousado no compartimento entre os assentos, estava ligado. Olhou para o número no ecrã e atendeu em alta-voz.

– Estou, Deer?

– Sorsele – afirmou Deer.

Sam Berger e Molly Blom entreolharam-se rapidamente.

– Estou a ouvir-te – disse Sam.

– O veículo que partiu com o cadáver da Jessica Johnsson parece estar em Sorsele. Isso não fica algures na zona onde vocês estão?

– Fica perto – respondeu Sam Berger, e recebeu um olhar eletrizante de Molly Blom. – Diz-me mais coisas.

– Só sei isso – respondeu Deer. – Um veículo muito específico, e os outros oito estão noutras partes da Suécia. Estou a ler enquanto estou a falar. Portanto, era definitivamente uma *Volkswagen Caddy* branco-amarelada, mas coberta com uma película azul-vivo. Matrícula LAM 387.

– Também conseguiste o nome do proprietário?

– Estou só à procura… espera… sim, cá está. Espera um momento…

– Eu espero… – disse Sam Berger.

– O proprietário do veículo chama-se Anders Hedblom. Hedblom?

Sam Berger foi projetado para a frente e sentiu uma sacudidela violenta e repentina no peito. Demorou um momento a perceber o que tinha acontecido. O jipe parara em plena Autoestrada Interior. Sam Berger procurou instintivamente um alce a fugir. Mas não viu nenhum. Não havia nada além de escuridão, flocos de neve a cair à frente dos feixes dos faróis e o perfil rígido e distante de Molly Blom iluminado por baixo pela luz

azul-clara do painel de instrumentos.

– Que raio está a acontecer? – A voz algo metálica de Deer ecoou pelo carro. – Acabaste de gritar, Sam, o que se passa?

Sam olhou para Molly, que continuava rigidamente sentada. Acabou por inverter a marcha. Para começar, seguiram sobre os rastos dos próprios pneus antes de mudarem de faixa.

– Um alce – disse Sam Berger com os olhos cravados em Molly Blom. – Nada de preocupante.

– Sim… – disse Deer, hesitante. – Anders Hedblom?

– Sim, é o irmão do Karl – afirmou Sam Berger. – Localizámo-lo e entrámos em casa dele em Sorsele.

– Por amor de Deus, que foi que eu disse acerca disso?

– Tu ligaste-nos, Deer, não ligaste aos teus colegas do DNO. Por isso podemos parar de fingir? Estás a conduzir uma investigação dupla, agora já não podes voltar atrás. Tu queres que continuemos.

– Entraram em casa dele…?

– Receio que vás ter um sábado à noite muito ocupado.

Um suspiro audível soou pelo jipe.

– Só tenho mais quatro minutos – disse Deer, por fim. – Depois acaba o jogo do Liverpool.

– O Anders Hedblom está morto – disse Sam Berger. – Foi torturado até à morte há cerca de um mês. Está caído no chão da cave da casa onde morava.

Naquele momento, Molly Blom pôs-lhe a mão na coxa, sem mais nem menos. Sam Berger virou-se e olhou para ela. Molly não estava a olhar para ele e tinha uma expressão tão distante como antes, mas abanou a cabeça. Sam Berger compreendeu. Não disse mais nada.

Desiré suspirou profundamente, depois perguntou com uma voz clara:

– Seria muito prejudicial se eu esperasse para ativar o meu isco anónimo até amanhã de manhã? A chamada pode esperar? Estou a passar uma noite agradável com a família.

– Por incrível que pareça, nós não estamos a passar uma noite agradável com a família – disse Sam Berger, acrescentando: – Não há mal nenhum, Deer.

– Obrigada – afirmou Deer. – Mais alguma coisa?

– Mais nada – respondeu Sam Berger.

E então regressaram. Molly Blom parou no mesmo lugar de antes e avançaram pelo jardim tomado pelas ervas daninhas de Anders Hedblom, dirigindo-se em seguida à garagem. Molly Blom inspecionou-a com a lanterna pela janela.

Não havia nenhuma carrinha lá estacionada.

Molly Blom assentiu e olhou para Sam Berger.

– Bem, vamos voltar lá dentro para irmos buscar o papel.

20

Sábado, 21 de novembro, 19h46

Numa pequena localidade chamada Slagnäs, Molly Blom saiu repentinamente da Autoestrada Interior e continuou a conduzir em direção a norte. Quando um sinal de trânsito despontou da escuridão manchada de neve e anunciou que estavam a cinquenta quilómetros de Arjeplog, Sam Berger não conseguiu conter-se por mais tempo.

– Pronto, tens mesmo de me explicar o que estás a fazer agora.

Molly demorou um pouco a responder.

– Lembras-te de te ter dito que ainda tenho um ou dois contactos de confiança no Serviço de Segurança?

Sam Berger observava Molly atentamente, tentando detetar cada pequena cambiante do que dissera e interpretar-lhe a expressão facial. Respondeu:

– Sim, embora não te tenham conseguido ajudar no caso da identidade secreta da Jessica Johnsson.

– Provavelmente podem, só que o momento certo ainda não chegou. Estão a fazer um trabalho secreto para alguém que anda a ser perseguido oficiosamente por ter traído a organização. Tenho a certeza de que consegues perceber as dificuldades.

– Oficiosamente, mas abertamente dentro da organização – retorquiu Sam Berger. – Toda a gente que lá trabalha sabe que estamos a ser perseguidos? Mas não o resto da Polícia, o DNO?

– Parece que sim. E a operação parece ter a amplitude que temíamos. Há agora pelo menos dois agentes a tempo inteiro completamente dedicados a encontrar-nos. Ou seja, os meus ex-colegas, os meus recursos externos, Kent e Roy, lembras-te deles?

– Sim, já tivemos oportunidade de sermos apresentados – disse

friamente Sam Berger.

– Há uns dias, antes de teres reaparecido, aparentemente o Kent e o Roy conseguiram um resultado numa das pesquisas *online* deles. Sobre o teu nome.

Sam Berger olhou para o colo, para o verso de uma fatura de eletricidade mal iluminado, para a última mensagem de um homem moribundo onde estava escrito o seu próprio nome.

– Um resultado? – perguntou simplesmente.

– Um homem que tinha sido internado numa clínica psiquiátrica na Lapónia, a Clínica Lindstorp, nos arredores de Arjeplog. Chamava-se Sam Berger.

Sam Berger não disse nada. Desapareceu bem no fundo de si mesmo, a não ser que fosse antes fora de si mesmo. Estava a pensar na força da psicose pós-traumática, sobre a erosão extrema dos limites que acompanhava a psicose reativa aguda. O ego e a realidade dissolviam-se completamente, não deixando intactos nenhum dos limites habituais.

Até onde aguentaria a psique?

Nunca acreditara em nada de sobrenatural. Sempre achara que todos os mistérios podiam ser explicados racionalmente. Mas, de repente, parecia perfeitamente plausível que aquela psicose tivesse sido suficientemente grave ao ponto de ter rompido os limites da realidade e ocorrido no mundo exterior. Que existissem dois dele. Que tivesse um duplo. Seria possível que todo o mal, toda a culpa todo o egoísmo e toda a tristeza que havia dentro dele tivessem tomado forma física? Nesse caso, podia justificar-se perguntar quem era quem.

Talvez ele fosse o duplo.

– Que aconteceu? – acabou por perguntar.

– O Kent e o Roy foram até lá. Não eras tu. Após uma investigação rápida, constatou-se que se tratava de uma coincidência e a coisa ficou por ali. Não havia nenhuma ligação a ti.

– A coisa ficou por ali?

– Depois de um breve interrogatório, o Kent e o Roy receberam ordens para voltar a Estocolmo o mais depressa possível, para evitar chamar mais a atenção.

– Um breve interrogatório?

– Não tardaram a perceber que estavam a olhar para um tipo

completamente louco. Ninguém sabia quem o homem realmente era. Recolheram as impressões digitais dele, mas isso não ajudou. Quando soube, também deixei cair aquilo, também achei que era uma coincidência. Todos os indícios sugerem que o homem era completamente esquizofrénico e que estava constantemente a alternar entre personalidades imaginárias. O facto de ele ter escolhido o nome Sam Berger parecia ser uma completa coincidência.

– Até que…

– Nem sequer quando encontrámos o bilhete na mão da múmia – disse secamente Molly Blom. – Só quando a Desiré telefonou e nos falou da carrinha é que reagi. Assim, Sorsele, Arjeplog e Porjus passam a estar relacionados. Só não sei como.

– Nem eu. Estás a sugerir que o assassino pode estar mentalmente doente? E a utilizar o meu nome por algum motivo desconhecido?

– Poderia imaginar que isso girava em torno de uma forma extrema de bipolaridade. Períodos de lucidez, concentração e sede de sangue intercalados com psicose, angústia e confusão total. Mas isso precisaria de ser muito mais investigado. E é por isso que estamos a dirigir-nos para a Clínica de Lindstorp, em Arjeplog.

– Só para me atualizar – disse Sam Berger, esfregando a testa. – Como seria a sequência dos acontecimentos?

Molly Blom franziu a testa e respirou fundo.

– Com a ressalva de que isto envolve uma quantidade razoável de especulação, algo deste género: enquanto vivia sob identidade falsa, a Jessica Johnsson encontra o assassino, têm um caso, contudo, com o passar do tempo, a Jessica dá conta de como o tipo é perigoso e acaba o relacionamento. O tipo persegue-a. A Jessica conhece o Anders Hedblom; talvez o contacte por julgar que o irmão é inocente no homicídio da Helena e do Rasmus Gradén, uma vez que sabe quem é o verdadeiro assassino. O qual, de alguma forma, descobre que a Jessica está em contacto com o Anders e vai a Sorsele, onde tortura e mata o irmão do Karl. Neste ponto, o assassino está a entrar numa fase psicótica, afirma ser o fictício Sam Berger, rouba a carrinha do Anders, conduz o mais depressa possível até algo parecido com uma unidade psiquiátrica de emergência, a psicose apodera-se dele, internam-no e passa lá algumas semanas. Então melhora, recebe alta ou foge – isso não faz diferença –, volta a meter-se na

carrinha do Anders Hedblom e vai até à casa da Jessica Johnsson, em Porjus. Passa a vigiá-la e depois entra furtivamente em casa enquanto ela está fora. Está a atravessar alguma espécie de fase maníaca, limpa a casa obsessivamente, esconde-se na sala da caldeira e depois ataca. E, por acaso, calha estarmos lá.

– Grande merda – disse Sam.

* * *

Não viram o autocarro a chegar. De repente, apareceu numa curva e passou por eles com um rugido estrondoso. Não conseguiam ver nada, o carro foi completamente engolido por uma nuvem impenetrável de neve. Molly Blom abrandou e descreveu a curva com grande cuidado enquanto a massa rodopiante voltava a assentar.

Da neve materializou-se um edifício. Parecia um antigo solar, um farol da civilização. À frente do implausível edifício estendia-se uma vastidão coberta de neve, um campo, talvez.

Passaram pelo campo e pelo solar até chegarem ao que parecia ser a grandiosa entrada principal. Foram recebidos por uma visão muito estranha. Um idoso de cabelo branco e vestido com um *smoking* estava no terraço à espera deles; por detrás do homem estavam dois auxiliares de braços cruzados sobre os peitos largos. O terraço e a entrada eram imponentes, com uma colunata com colunas dóricas, uma balaustrada com balaústres em forma de vaso, coroada por urnas, potes e até uma estátua de um grego antigo, provavelmente aquele que fora o pai da medicina, Hipócrates, mas nem sequer ele conseguia esconder completamente a câmara de segurança que despontava debaixo dos beirais.

Sam Berger parou quando estava a sair do jipe. Um pensamento completamente irracional apoderou-se dele. E se o reconhecessem? E se Sam Berger tivesse estado mesmo ali? E se tivesse realmente um duplo que estivesse a utilizar o seu nome?

O homem de cabelo branco continuou a olhar com uma expressão severa quando se aproximaram das escadas. Mas não havia naquele olhar o mais pequeno vestígio de reconhecimento.

Molly Blom estendeu a mão ao homem e houve uma pequena pausa antes de este lha apertar e dizer:

– Vou discursar num jantar esta noite, por isso gostava de sair daqui com tempo.

– Foi muito atencioso em receber-nos, doutor Stenbom – disse Molly Blom. – Sou a inspetora Eva Lundström, e este é o meu colega, Lindbergh. Espero que seja possível tratar do assunto que nos trouxe aqui o mais depressa possível.

– O que quer que esse «assunto» seja – murmurou o Dr. Stenbom enquanto atravessava a entrada principal ladeado pelos dois auxiliares.

O corredor a que foram dar contrastava com o exterior glamoroso da clínica. De repente, estavam numa vulgar casa de repouso, com papel de parede texturizado e pisos de linóleo. O Dr. Stenbom conduziu-os a um gabinete cuja porta tinha uma placa a anunciar que o DIRETOR CLÍNICO JACOB STENBOM podia ser encontrado ali.

O mobiliário do gabinete era incrivelmente funcional. Estava cheio de livros e documentos soltos – sobretudo relatórios científicos, ao que parecia – a atravancar todas as superfícies disponíveis. Era um gabinete digno de um homem que vivia para o trabalho. Havia duas cadeiras reservadas às visitas. Sam Berger e Molly Blom retiraram os documentos ali pousados com a maior cautela possível e sentaram-se.

– Com que então são do Departamento Nacional de Operações? – perguntou o Dr. Stenbom, olhando para os cartões de visita falsos.

– Anteriormente conhecido como Unidade Nacional de Investigação Criminal – disse Sam Berger, prestável.

– Obrigado – retorquiu Stenbom com azedume, e empurrou os cartões de volta para o outro lado da secretária.

– Estamos aqui para falar sobre um paciente chamado Sam Berger – disse Molly Blom. – Lembra-se dele?

– Deixem-me ver o que posso fazer – respondeu o Dr. Stenbom num tom de voz que não augurava nada de bom. Examinou uma pilha de papéis e tirou um, leu, assentiu para si mesmo e disse: – Sim, está certo. Não posso fazer rigorosamente nada por vocês.

Empurrou o documento na direção deles, e ambos reconheceram instantaneamente o inconfundível papel timbrado do Serviço de Segurança. Leram rapidamente: era um clássico acordo de confidencialidade.

– No entanto, o doutor está aqui – disse Sam Berger. – Embora tenha de

ir discursar num jantar. De *smoking* e tudo.

Stenbom olhou atentamente para Sam. Por um momento, parecia mesmo que o diretor clínico já o tinha visto antes.

– E como interpreta isso? – acabou por perguntar Stenbom.

– Curiosidade – disse Molly Blom. – Curiosidade profissional. Não ficou satisfeito com a explicação do Serviço de Segurança.

– Explicação – exclamou Stenbom com um sorriso seco.

– Eu sei – disse Molly. – Os nossos colegas podem ser um pouco bruscos. O meu palpite é que entraram, ignoraram completamente o doutor e depois desapareceram sem qualquer explicação. Posso arriscar que os nomes deles eram Roy Grahn e Kent Döös?

Jacob Stenbom inclinou-se sobre o tampo considerável da secretária e bateu com o dedo no documento.

– Mesmo que o que diz seja verdade, menina Lundström, continua a existir isto.

– Inegavelmente – disse Molly Blom. – Mas a nossa visita esta noite tem dois objetivos. Em primeiro lugar, preencher as lacunas de um relatório lamentavelmente sucinto dos nossos colegas e, em segundo, dar à Clínica de Lindstorp uma explicação um pouco atrasada. Também temos uma política de confidencialidade. Este documento aplica-se sobretudo aos *media*, não internamente, no seio da Polícia. E também não queremos que o doutor fale com os *media*. Os nossos objetivos são os mesmos que os deles. Mas o doutor merece uma explicação.

– Espero que sim – disse o Dr. Stenbom, concentrando toda a sua atenção no mais recetivo dos dois visitantes.

– Por favor, conte-nos tudo o que sabe sobre o Sam Berger – pediu com um sorriso que não satisfez inteiramente Sam Berger.

Mas o diretor clínico Jacob Stenbom ficou evidentemente satisfeito porque não se conteve mais.

– O Sam Berger estava num estado terrível quando a minha equipa o encontrou do lado de fora da entrada principal. Estava simultaneamente exausto e muito agressivo, e nada do que dizia era compreensível, exceto o nome. Tornou-se logo evidente que sofria de psicose e as suas tendências violentas levaram-nos a decidir sedá-lo. Também lhe foi ministrada medicação psicoativa. Ao longo de algumas semanas, reduzimos a dose de sedativo mais ou menos de três em três dias, para ver se ele se acalmava.

Demorou duas semanas até chegar a esse ponto, a 12 de novembro. O prognóstico parecia bom quando acordou: o olhar denotava uma nova consciência e estava calmo, embora ainda com muitos sedativos no organismo. Infelizmente, a enfermeira de serviço foi chamada de urgência a outro quarto quando estava a destrancar a porta dele. Sam Berger reparou que a porta estava aberta e saiu do quarto à socapa. Foi até à cozinha, vestiu várias batas brancas, calçou um par de botas que lhe ficavam demasiado pequenas, correu até à zona para fumadores no terraço, galgou a balaustrada e saltou para o exterior. Depois correu para a estrada, onde evidentemente tinha visto o autocarro a passar. E o autocarro realmente apareceu quando o Sam atravessava laboriosamente o campo coberto de neve. Conseguiu chegar lá e tentou agarrá-lo, mas é óbvio que o autocarro não parou por causa de uma pessoa que era quase a personificação perfeita de um doente mental que fugira. Enquanto tentava deter o veículo, Sam sofreu ferimentos bastante graves na mão direita e no rosto. Por isso, decidi voltar a sedá-lo, mas ele, dobrou a agulha de modo a que a solução intravenosa encharcasse a cama, e no dia seguinte conseguiu dominar uma enfermeira e voltar a escapar. Infelizmente, isso aconteceu logo depois de os vossos colegas chegarem, por isso acabaram por ser eles a persegui-lo. Um deles alcançou-o no descampado e atirou-o ao chão. O que aconteceu depois disso foi tudo conduzido em particular, fomos completamente deixados à margem. Os agentes Grahn e Döös interrogaram o Sam Berger à porta fechada e em seguida foram-se embora, depois de obrigarem todos os envolvidos a assinarem um acordo de confidencialidade. Desde então, tive uma longa conversa com o Sam Berger. Não havia dúvida de que tinha melhorado significativamente e estava desejoso de deixar Lindstorp. Mantivemo-lo sob observação durante mais vinte e quatro horas e depois demos-lhe alta no domingo, 15 de novembro.

– Deram-lhe alta? – exclamou Sam Berger.

– Apesar de tudo, para nós ele é um zé-ninguém, um paciente não identificado. Só tínhamos a palavra dele de que se chamava Sam Berger. Nunca nos deu um número de identificação nem uma data de nascimento. Nenhum cartão de identificação ou qualquer outra coisa que pudesse ajudar a identificá-lo. Podemos ser uma clínica independente especializada em tratamento psiquiátrico com financiamento privado, sobretudo na reabilitação de pessoas com várias dependências, mas

quando o espaço permite, também aceitamos pacientes do Serviço Nacional de Saúde. Mas, nesses casos, precisamos do número de identificação do paciente.

– Para que vos possam reembolsar o custo do tratamento?

– Isso é uma simplificação grosseira – retorquiu Stenbom. – Porém, como cá esteve quase duas semanas, sem dúvida que nos custou dinheiro.

– Por outras palavras, não teve objeções em dar alta a um doente cujo tratamento claramente não estava terminado?

– Não podíamos fazer mais nada por ele.

Sam Berger sentiu a mão de Molly Blom na coxa. Sabia o que aquilo significava e, mais uma vez, o toque dela conseguiu acalmá-lo. Manteve-se calado. Todas as observações venenosas que tinha na ponta da língua desapareceram. Em vez disso, Molly Blom tomou a palavra.

– É verdade que os nossos colegas do Serviço de Segurança recolheram as impressões digitais do Sam Berger?

– Sim, sem qualquer sucesso. O que dificilmente foi uma surpresa, já que ele tinha acabado de pressionar as pontas dos dedos contra o flanco de um autocarro que seguia a oitenta quilómetros à hora.

– Da mão direita, sim – disse Molly Blom. – E a mão esquerda?

– As pontas dos dedos da mão esquerda também estavam muito danificadas, por isso também não serviram.

– Danificadas?

– Tinham tantas cicatrizes que não puderam ser utilizadas.

– Cicatrizes? Como se o Sam Berger tivesse tentado apagar as impressões digitais de propósito?

– Não posso responder a isso.

– Então e o ADN? Os agentes Grahn e Döös colheram amostras?

– Que eu saiba não – respondeu Stenbom. – E nós também não.

– Mas ainda conservam material orgânico do Sam Berger? Urina, análises ao sangue, amostras de tecido da pele?

Stenbom abanou a cabeça.

– Receio que não. Já não resta aqui nada dele.

– Podemos dar uma vista de olhos por aí? – perguntou Sam Berger, levantando-se.

O diretor clínico Jacob Stenbom limitou-se a fitá-lo.

– Gostávamos de seguir os passos do Sam Berger – disse Sam.

Stenbom fez uma careta e olhou para o relógio.

– Vou discursar para a equipa de gestão da Goodyear daqui a menos de uma hora – afirmou.

– Da Goodyear? – perguntou Sam.

– São importantes parceiros de negócios – explicou Stenbom. – Testam os pneus de inverno deles aqui em cima. E mantêm os seus vícios e os seus esgotamentos afastados do mundo.

Passaram por uma escadaria que em tempos devia ter sido muito imponente – agora estava coberta de linóleo – e entraram num corredor bege com várias portas idênticas equipadas com trancas robustas. Stenbom aproximou-se de uma delas.

– Neste momento, o filho de um membro de topo do conselho da administração da Audi está a fazer uma desintoxicação por dependência de cocaína no quarto do Sam Berger. Mas este é exatamente igual.

Destrancou a porta e entraram. A cabeceira da cama tinha sido empurrada contra a parede ao lado de um suporte de soro e de uma pequena mesa sobre rodas. Na parede oposta, ao lado da porta, havia um espelho e um lavatório, além da porta da casa de banho. A janela dava para o campo coberto de neve; mal se via através da neve que caía agora pesadamente.

Sam Berger parou à janela e olhou lá para fora. Era como se já tivesse visto aquilo antes.

– Passava muito tempo a olhar lá para fora – disse Stenbom.

– Para o campo? – perguntou Sam Berger. – E para a estrada onde passa o autocarro?

– Julgo que sim. O instinto de fuga dele era muito forte.

– Mais alguma coisa?

– O Sam Berger fazia um gesto caraterístico, reparámos nele várias vezes.

– Um gesto?

– Possivelmente na direção do próprio reflexo. Imitava uma pistola com a mão direita e disparava sobre si mesmo com ela.

Sam Berger encostou a mão ao vidro frio e perguntou:

– Para onde foi a partir daqui?

Seguiram Stenbom de regresso ao corredor, subindo as escadas, entrando noutro corredor, em direção a uma porta sem trinco, mas com um

puxador muito maior. O diretor clínico abriu-a e disse:

– Para a cozinha. Ficou aqui durante algum tempo. Estava descalço, à procura de sapatos, e encontrou neste armário umas galochas que lhe ficavam demasiado pequenas. E foi daqui, junto a esta mesa, que roubou as batas brancas. Isso era um elemento de racionalidade no meio do seu comportamento irracional: Sam Berger sabia que de outro modo ia congelar na neve, a caminho da liberdade.

Sam Berger apalpou as batas brancas e disse:

– Mas não eram estas?

– Foram logo para a lavandaria. Mas podem ter sido essas, claro. Lavadas várias vezes desde então.

Molly Blom assentiu, entrou na despensa e olhou em redor. Sam dirigiu-se à janela por cima do lava-louças. Dali havia melhor vista da vastidão branca, apesar da neve que caía.

O campo, o campo da liberdade.

Olhou cuidadosamente, tão atentamente que a perspetiva mudou e Sam começou a ver outras coisas. Era mais ou menos como ver a mulher nua no rosto de Freud.

– Quer dizer que o Sam Berger gostava de estar à janela? – perguntou Sam.

– No quarto dele, sim – disse Stenbom, e encolheu os ombros.

Sam Berger ergueu a mão para a janela, mas manteve-a ligeiramente afastada do vidro com os dedos abertos.

– Também costumava tocar no vidro? – perguntou.

– Ocasionalmente. Mas, como eu disse, no quarto dele.

– Será que pode ter feito a mesma coisa aqui. Quantas vezes limpam a cozinha?

– Diariamente… Mas, se está a referir-se às janelas, o frio torna o trabalho mais difícil.

Sam Berger assentiu e colocou um par de luvas de látex. Tirou o canivete e um minúsculo saco com fecho de correr do bolso. Bateu delicadamente no vidro da janela e disse:

– Ele estava aqui, olhou para o campo, pressionou a mão contra o vidro gelado. Devia ter os dedos húmidos.

– A medicação psicoativa tende a fazer com que as mãos transpirem – assentiu Stenbom.

– Venha até aqui – disse Sam Berger. – Consegue ver-se a contraluz, de um certo ângulo. A impressão dos cinco dedos de uma mão direita. Nenhuma impressão digital, realmente, nem da própria mão antes de ele a ter magoado. Mas deve ter tirado a mão rapidamente, pelo que julgo que estas impressões digitais consistem sobretudo em pele.

Então, Sam Berger raspou os fragmentos congelados de pele para o pequeno saco de plástico e selou-o. Stenbom franziu momentaneamente a testa.

– Se quiser, posso acelerar a análise ao ADN.

– Cada vez mais curioso – disse Sam Berger, guardando o saco no bolso.

– Não é à toa que sou psiquiatra – retorquiu Stenbom. – Deteto uma luta pelo poder entre o DNO e o Serviço de Segurança. E, neste caso, pendo definitivamente para o DNO. Realizamos a nossa análise em privado, as amostras nunca passam por nenhum canal oficial.

Sam Berger e Molly Blom entreolharam-se e chegaram a uma decisão. Molly assentiu e tirou um saco com fecho de correr idêntico do bolso do blusão. Manteve o saco vazio aberto enquanto Sam Berger transferia muito delicadamente metade das potenciais células de pele do primeiro saco. Molly Blom entregou um dos sacos a Stenbom e disse:

– Confiamos *mais ou menos* em si.

Stenbom fez um sorriso irónico.

– Posso começar o processo esta noite. Prioridade máxima.

– Desde que não perca o seu grande discurso – disse Sam Berger.

– Estava a mentir – afirmou calmamente Stenbom. – Não vou fazer discurso nenhum. Apenas beber uns copos com alguns empresários. Isso pode esperar.

Molly Blom respirou fundo.

– Então, o Sam Berger esteve aqui durante algum tempo, pressionou os dedos suados contra o vidro, vestiu algumas camadas de roupa adicionais. E depois o quê, desatou a correr pela outra porta?

– Correto. Para o terraço principal. A única parte que é mantida sem neve é a pequena zona para fumadores. Sam Berger já tinha lá estado a fumar uma vez, quando pensei erradamente que era altura de o deixar apanhar ar. Teve um acesso lá fora e tivemos de sedá-lo ali mesmo. Mas deve ter ficado com algum género de memória do terraço. Querem vê-lo?

– Não creio que seja necessário – respondeu Molly. – Na verdade, houve

outra coisa que me chamou a atenção. Vi uma câmara de segurança na entrada principal, não foi? Há alguma hipótese de o momento em que o Sam Berger entrou no parque de estacionamento ter ficado gravado em vídeo? Quando cá chegou?

– O Serviço de Segurança levou o vídeo – respondeu Stenbom. – E eu certifiquei-me de que não havia cópias.

Molly Blom viu Sam Berger fazer um esgar e perguntou:

– Lembra-se da gravação? Que veículo é que o Sam Berger estava a conduzir?

– Não estava, de todo, em condições de conduzir.

– Como assim?

– Ele não conduziu até cá. Deixaram-no cá.

Sam Berger e Molly Blom trocaram um rápido olhar.

– Quer dizer que alguém o trouxe aqui de carro? Viu o veículo?

– Era uma carrinha pequena, pintada de uma cor berrante, possivelmente azul ou verde.

– Por acaso viu a pessoa que o deixou? – perguntou Molly Blom sem fôlego.

– Muito à pressa – disse Stenbom. – Era uma mulher.

– Uma mulher? – exclamou Molly Blom.

– Era definitivamente uma mulher.

– Que aspeto tinha?

– Era loura – respondeu Stenbom. – Por acaso era muito parecida consigo, inspetora Eva Lundström.

Sam Berger sentiu o mundo abanar nos eixos. Conseguiu virar a cabeça para olhar para Molly Blom. Imaginou poder ler-lhe os pensamentos por detrás daqueles grandes olhos azuis. Imaginou o que Molly estaria a pensar: será que existe um Universo paralelo?

PARTE III

21

Domingo, 22 de novembro, 09h41

Têm estado ativos desde muito antes do amanhecer. A câmara de visão noturna apanhou o homem a dirigir-se aos tropeções à cabana da mulher, de forma mais instável do que o habitual. O homem entrou e desde então ocorreu uma atividade indeterminada, o observador registou a sua ignorância, mas não registou a sua dor. Agora não havia mais nada a fazer além de esperar.

Aquela espera enlouquecedora.

Os ecrãs mudaram finalmente para as câmaras diurnas; a parte em que o dia está mergulhado nas trevas tem crescido inesperadamente depressa. As câmaras diurnas são melhores, tendo em conta a doença, a doença que ameaça todo o futuro do observador.

RP, a maldita retinite pigmentar, o que significa que a distância do observador para o ecrã tem de ser absolutamente precisa para garantir a visibilidade. A doença tem progredido tão depressa nos últimos tempos que parece importante aproveitar ao máximo qualquer impressão sensorial. E o observador tem de encontrar uma maneira de se sentar no terraço ao cálido nascer do Sol, a olhar para o rochedo de Gibraltar através da névoa antes que seja tarde demais.

Uma visão partilhada. Então o observador terá de se apoderar do olhar dela, de ver a beleza e a calma através dos olhos dela.

O observador deixa o tempo passar, deixa os minutos esvaírem-se. Vê a data no contrato como se estivesse escrita a ouro. Vê tudo o que resta, tudo o que tem de correr exatamente conforme o planeado.

Todos os elementos.

O dia anterior parecia tão promissor. O observador pensou que seria capaz de voltar a vê-la. Mas quando ela deixou cair a toalha, estava a

usar um biquíni; tudo o que viu foi a marca de nascença em forma de estrela debaixo do seio direito tapado. O observador esperava que o desapontamento que sentira não transparecesse no relatório.

Mas a porta abre-se finalmente e ela surge. A mão com a fina luva de pele amplia-lhe o rosto. Como é linda. Em seguida, o observador volta a ser um observador, afasta ligeiramente a imagem, pragueja, escreve: «09h50: ♀ no alpendre, pega no telefone, faz uma chamada. Nesta ocasião, nenhum sinal de ♂.»

O observador não escreve que aquela é a situação que prefere.

Nenhum sinal de ♂.

22

Domingo, 22 de novembro, 09h41

Sam Berger reconheceu imediatamente a voz. O tempo, e provavelmente muito mais, podiam tê-la velado parcialmente, mas era sem dúvida a mesma voz que há oito anos se queixara da indústria de acompanhantes do país.

– Não me lembro de raio de Sam Berger nenhum – dizia a voz sem querer colaborar.

– Acho que te lembrarias, se fizesses um esforço, Robertsson – disse Sam Berger. – Eu ajudei a interrogar testemunhas em Orsa. Tu filmavas-nos pela janela com a tua câmara VHS.

– Continuo sem compreender porque é que não se filmava tudo.

– Mas tu resolveste esse problema. E agora estás a trabalhar no depósito da Polícia. Tens acesso aos filmes?

– Há montes de coisas sobre o caso Karl Hedblom. É impossível encontrar o que quer que seja no meio de toda aquela confusão. Além disso, estás a telefonar-me a um domingo de manhã.

– Se conseguires dar lá um salto e desenterrar os filmes, terás um bónus.

– Por que raio é que o DNO me daria dinheiro por baixo da mesa para eu fazer uma coisa que me podiam obrigar a fazer durante o meu horário laboral?

– Porque é urgente – respondeu Sam Berger, fazendo uma careta. – Além disso, é tudo um bocado oficioso.

Houve silêncio na linha. Então, Robertsson disse:

– Cinco mil em dinheiro. Às cinco da tarde.

E depois desligou.

Sam Berger assentiu e voltou para o ecrã do computador. Uma lista de resultados começou a aparecer. E depois desapareceu.

Molly Blom estava de pé com o cabo de alimentação numa mão e o telefone por satélite na outra.

– Tenho de ligar ao Stenbom – explicou, e saiu para o alpendre.

Estava muito frio. O sol subira bastante no céu azul-claro e lançava raios afiados e oblíquos sobre a paisagem branca como giz. Molly Blom procurou proteção contra a luz forte debaixo do telhado rebaixado da cabana e ergueu o telefone por satélite na sombra para poder ver. Depois marcou o número.

Sam Berger estava a observá-la através de uma fresta na porta. Quando Molly Blom estabeleceu a ligação, fechou-a silenciosamente. Depois virou-se para a parede. Agora ainda havia mais documentos, papéis com notas, fotografias. Havia uma série de fotos tiradas secretamente na Clínica de Lindstorp, em Arjeplog; no topo, uma imagem nada lisonjeira de um homem com uma cabeleira branca desgrenhada, o diretor clínico Jacob Stenbom, com quem Molly Blom falava nesse preciso momento.

Sam Berger olhou para o padrão ligeiramente caótico na parede. Sempre acreditara naquilo, absolutamente, talvez mais do que em qualquer outra coisa na vida: na arte do trabalho policial, em dar ordem ao caos, em encontrar os fios certos com que tecer um padrão racional e compreensível para entender o criminoso, os motivos, a força motriz – para encontrar uma solução.

Encontrar a verdade.

E fazer o passado entrar nos eixos.

Mas, mesmo as crenças mais firmemente mantidas podiam ser abaladas, Sam Berger aprendera-o da pior forma, e pela primeira vez na vida deixara de ter a certeza. Poderia realmente haver uma explicação racional, se houvesse um *Universo paralelo*?

A noite fora atormentada por pesadelos – uma ocorrência que por aqueles dias era normal –, mas desta vez surgira um elemento novo e perturbador. Sam Berger tinha visto membros, atos sexuais, cenas extremamente vivas, corpos abstratos em movimentos concretos, como se o cérebro estivesse a tentar lembrar-lhe a ligação doentia entre o homicídio e o sexo.

Interpretou aquilo como querendo dizer que não devia esquecer-se de que estavam a lidar com alguém que matava por prazer.

E que não devia esquecer-se de agir como polícia.

Sam Berger abanou a cabeça, fez o melhor que pôde para afastar quaisquer pensamentos irrelevantes e forçou-se a olhar novamente para a parede.

Molly Blom trouxe uma nuvem de vapor com ela quando entrou. Agitou os braços para se aquecer, ainda com o telefone por satélite na mão.

– Preciso da Internet – pediu Sam Berger.

– Está bem, está bem – disse Molly Blom, voltando a ligar o telefone por satélite.

– E então? – perguntou Sam Berger quando Molly se sentou e tocou no rato do portátil.

– As amostras foram enviadas ontem à noite – respondeu. – Para Inglaterra. O laboratório de ADN mais rápido do mundo, se o Dr. Jacob estiver a dizer a verdade.

– Ótimo – disse Sam Berger. – Mais alguma coisa?

– Por acaso não – respondeu Molly Blom. – Só muitas ideias. Que descobrimos realmente ontem? Uma mulher deu àquele «Sam Berger» boleia até à clínica. Se tentarmos desfazer-nos de quaisquer conotações desagradáveis, de algum paralelismo *connosco*: quem era essa mulher? Consigo ver dois cenários possíveis. Um deles encaixa na nossa teoria básica: o assassino estava sozinho na casa do Anders Hedblom, em vias de ter um qualquer surto psicótico, mas conseguiu furtar a carrinha e sair dali, talvez para ir ter com alguma namorada, algo desse género, e ela levou-o, cada vez mais debilitado, até Lindstorp. O outro cenário é mais incómodo: esta mulher estava *com* ele quando o homem cometeu o homicídio. Estava lá em Sorsele. Como fica a nossa teoria, neste caso?

Sam Berger abanou a cabeça.

– Não sei – respondeu. – Mas parece-me muito forçado. A mulher ficar lá à espera enquanto o tipo tortura um homem até à morte na cave? Duvido. Qual é a situação quanto à Jessica Johnsson?

– Falei com o meu contacto no Serviço de Segurança ao início da manhã – respondeu Molly Blom. – Não conseguiu entrar no arquivo de identidades protegidas, mas descobriu um contacto, uma assistente social que lidou com o relacionamento da Jessica Johnsson com o Eddy Karlsson nos primeiros tempos. Chama-se Laura Enoksson: reformou-se por doença, parece que teve um esgotamento. Tenho um número de telemóvel. Vou tentar ligar-lhe mais logo.

– Interessante – disse Sam Berger.

– Pois é – afirmou Molly Blom. – Mas tenho estado a pensar numa coisa que o superintendente Sjölund, de Gotemburgo, disse ontem. A Lisa Widstrand, a prostituta, estava visivelmente grávida.

– Que grande merda – exclamou Sam Berger.

– Talvez estejamos a regressar ao ângulo da maternidade – disse Molly Blom. – Será que o tipo afinal ataca sempre as mães?

– Estivemos ambos sentados à frente da Jessica Johnsson em Porjus – disse Sam Berger. – De certeza absoluta que não estava grávida.

– Na verdade, não sabemos; a Jessica usava uma camisola grossa e podia facilmente estar a esconder... o quê?... quatro meses de gravidez.

– É possível descobrir isso com uma análise ao sangue, não é? – perguntou Sam Berger, olhando intrigado para Molly Blom.

– Hoje é domingo – respondeu Molly, encolhendo os ombros.

Sam Berger pegou no telefone por satélite e marcou um número muito familiar. Sem resposta. Voltou a ligar. Depois de cinco toques, ouviu a voz metálica de Deer dizer:

– Não faças chamadas desnecessárias.

– Não é o caso – explicou Sam Berger. – O que estás a fazer?

– O que não vou de todo fazer é estar para aqui na conversa contigo. O que queres?

– O sangue da Jessica Johnsson mostrava que estava grávida?

A linha ficou em silêncio. Parecia que Deer estava a folhear alguns papéis. Que parecia tê-los mesmo à sua frente. O que significava que estava a trabalhar, provavelmente em casa naquela garagem extra onde Sam Berger a visitara tantas vezes noutra vida. Deer acabou por responder:

– Sim.

– Sim?

– Escapou-me – admitiu Deer. – Está no relatório final do Robin. Que significado tem isso para a investigação?

– Não sei. Mas a Lisa Widstrand também estava grávida. De cinco meses.

– Quer dizer que o tipo realmente assassina mães? Regressámos a essa linha de investigação?

– Não sei – disse Sam Berger. – Obrigado, Deer.

Desligaram. Sam e Molly entreolharam-se por cima dos ecrãs brilhantes

dos computadores.

– O criminoso ainda pode ser o Anders Hedblom – afirmou passado algum tempo. – Blocos de madeira, ódio às mães, carrinhos de bebé. Matou a Helena e o Rasmus Gradén e a Lisa Widstrand. E depois o «Sam Berger» apareceu e assumiu o controlo. Talvez já fossem parceiros no crime e era assim que o Anders sabia que o homem se autointitulava Sam Berger, mas agora o «Sam Berger» queria trabalhar sozinho. Estava farto de partilhar o prazer com outra pessoa.

Sam Berger inclinou a cabeça para um lado.

– O solitário do culturismo Anders Hedblom numa parceria criativa não apenas com o louco, mas com a namorada do louco? Tenho as minhas dúvidas acerca disso.

– Vamos tentar manter a mente aberta para a possibilidade de o Anders poder não ter sido um menino particularmente bom. Por falar em bons meninos, os resultados das análises do irmão já chegaram.

– Do Karl, o que está em Säter? – perguntou Sam Berger. – A análise ao sangue?

– Sim. Tínhamos razão acerca da metanfetamina. Mas é um *cocktail* que também inclui uma quantidade significativa de fenazepam.

– Isso soa-me familiar – disse Sam. – A velha droga soviética?

– Mas bastante recente na Suécia – afirmou Molly. – É um ansiolítico e parece ser fabricado apenas na Rússia e em alguns países vizinhos. Um dos efeitos secundários mais fortes é a perda de memória.

Sam Berger assentiu.

– Por outras palavras, quem está a enviar droga ao Karl Hedblom quer que ele perca a memória. Em relação a outro assunto, julgo que encontrei mais vítimas.

Molly Blom limitou-se a fitá-lo.

– Tu levaste a Internet – prosseguiu Sam Berger, apontando para o telefone por satélite. – Estava a começar a receber os resultados de uma pesquisa alargada. Cá estão, em relação ao trevo de quatro folhas. Vamos ver… Não, não, este desenho não corresponde, também não. Este talvez. Um desenho de uma flor no rabo de uma vítima de homicídio.

– Um desenho de uma flor? – exclamou Molly Blom.

– Não seria difícil um polícia confundir um trevo de quatro folhas com uma flor. Além disso, o homicídio foi cometido muito longe de Orsa, em

março do ano passado. Ninguém fez a ligação. Uma tal Elisabeth Ström, em Växjö, com cadastro, tinha ligações a um bando de *motards*. Foi encontrada amarrada a uma cadeira numa casa degradada que o bando tinha abandonado depois de um confronto com um gangue rival. Ainda havia sangue na casa, e o chão e os tetos estavam crivados de buracos de balas. E lá estava Elisabeth, espancada até à morte e com cortes profundos. A Polícia relacionou o homicídio com a disputa entre os dois grupos de *motards*. Tinham vários suspeitos no outro bando, mas não conseguiram reunir provas suficientes. O caso continua em aberto. Parece que esta Elisabeth foi morta numa noite de primavera particularmente chuvosa, por isso não foi possível encontrar nenhuma prova fora de casa, e lá dentro havia quilos de ADN de ambos os bandos, mas nada mais.

– Também não havia esperma nesse local de crime? – perguntou Molly Blom.

– Pelo que consigo ver a partir deste resumo, não. Vou tentar descarregar o processo original. Seja como for, a Elisabeth Ström foi encontrada com um desenho de uma «flor» na nádega esquerda; espero que haja fotos na investigação preliminar. Tinha trinta e cinco anos quando morreu e um filho de catorze anos.

– Outra mãe – disse Molly Blom. – E um filho. Tenho ideia de o superintendente Sjölund, de Gotemburgo, ter falando do «filho por nascer» da Lisa Widstrand.

– Caramba – disse Sam Berger. – Se juntarmos provisoriamente a Elisabeth Ström ao rol de vítimas, temos quatro mulheres assassinadas que eram ou iam ser mães. Três tinham ou iam ter rapazes. Quanto à Jessica Johnsson, sabemos que estava grávida, embora desconheçamos o sexo da criança.

– Por outro lado, o assassino dificilmente poderia saber qual seria o sexo dos filhos da Lisa Widstrand e da Jessica Johnsson…

– É verdade – disse Sam Berger. – É tão estranho que a Jessica estivesse grávida. Quem a engravidou? O assassino? Isso acrescenta outro ângulo possível. Será que o assassino era o pai de todas as crianças?

– Provavelmente devíamos tentar acalmar-nos com estas nossas deduções…

– Não são deduções – disse Sam. – Isto é *brainstorming*. Sem *brainstorming*, o trabalho policial seria mecânico.

– Com a diferença significativa de que não somos polícias. Mais alguma coisa?

– Continuo à procura – respondeu Sam Berger, virando-se novamente para o computador. – Bem, este pode ter interesse: «marcas de tinta no traseiro». Mais antigo, apenas seis meses depois de Orsa, em abril de 2009. Uma dinamarquesa em Malmö.

– A sério? Em Malmö? – perguntou Molly Blom.

– Na altura em que o Anders Hedblom ainda lá morava – disse Sam Berger. – Afinal, talvez estejamos a aproximar-nos um bocadinho da ideia dos parceiros no crime. Será que o Anders Hedblom e o tal «Sam Berger» trabalhavam juntos? Hedblom, o racional, «Berger», o louco. Se calhar acabou por ficar louco a ponto de matar o próprio parceiro por diversão?

– Depois de cagar à própria porta, em Malmö, o Anders Hedblom põe-se a mexer, praticamente para o sítio mais longínquo aonde se consegue chegar na Suécia, Sorsele. O louco vai com ele. O Anders entra em contacto com a Jessica Johnsson e pode ser o pai do filho dela que não chega a nascer. O Anders e o louco planeiam um homicídio em Porjus, mas o louco foge e mata o parceiro. Mas a ideia mantém-se válida, o louco ainda é capaz de seguir o plano do então já morto Anders.

– Essa onda cerebral bateu todos os recordes – disse Sam. – Mas não é de todo impensável.

– Então e a dinamarquesa? – perguntou Molly.

– Mette Hækkerup, quarenta e quatro anos, pediatra, vivia em Malmö com o marido, que trabalhava em Copenhaga, e o filho, que andava na escola nessa mesma cidade, ao passo que ela trabalhava no Hospital Universitário de Skåne. O curioso é que a morte dela não foi classificada como homicídio, mas sim como acidente de viação. Nenhum outro veículo envolvido, na E6, nos arredores de Tygelsjö. A Mette Hækkerup estava sozinha nesse fim de semana e, aparentemente, não tinha qualquer motivo para estar a conduzir para norte na E6. Despistou-se a meio da noite, deslizou ao longo da barreira de segurança e embateu num sinal de trânsito. Quando o médico-legista encontrou vestígios de «marcas de tinta no traseiro», foi analisada uma teoria diferente. Um colega do hospital morava em Tygelsjö e descobriu-se que tinha um caso com a Mette Hækkerup. O colega admitiu, mas afirmou que nunca desenhou nada nas nádegas dela. O caso foi arquivado, concluindo-se que tinha sido um

acidente.

– Hum – disse Molly Blom. – Se esse tipo acabar por revelar-se o nosso assassino, utilizou a estratégia inteligente de culpar um homem inocente em Orsa, em outubro de 2007, e depois o esquema igualmente inteligente de ocultar um homicídio com um acidente em Malmö, em abril de 2009. Dificilmente é obra de um louco delirante que não sabe o próprio nome.

– Pelo menos não durante os momentos de lucidez – disse Sam Berger. – Nesses, o tipo é espertíssimo, perigoso e está mentalmente doente. Uma má combinação. Mas, um ano depois, em setembro de 2010, o corpo da Lisa Widstrand, obviamente assassinada, é encontrado no chão de um quarto de hotel em Gotemburgo. Então, que aconteceu aqui? Estará a desafiar abertamente a Polícia?

– Por outro lado, a Lisa era uma prostituta – disse Molly Blom. – E foi pouco antes do início da feira do livro. O tipo sabe que não será dada grande prioridade ao caso. De certa forma, esse homicídio também foi parcialmente ocultado.

– Mas alguém como a Jessica Johnsson conseguiu descobrir o que aconteceu. Foi o facto de ter mencionado a Lisa Widstrand que nos atraiu para este caso maluco.

– E o facto de ter dito que os «jornais locais» o mencionaram, mesmo que pareça não ter sido o que aconteceu, indica que já sabia da existência do caso. Tinha informações privilegiadas. Acho que as nossas teorias começam a encaixar bastante bem.

– Temos mesmo de saber qual era o nome dela quando vivia sob identidade protegida – disse Sam Berger. – Entre 2005 e 2011. Seis anos da vida dela são um completo vazio para nós.

– Apesar de tudo, no entanto, a Jessica é apenas uma de um número crescente e deprimente de vítimas…

– Mas também parece ser uma figura-chave – acrescentou Sam Berger. – A Jessica conhecia o assassino, sabia quem ele era. Assim que voltou a si, na clínica, foi de carro até casa dela, limpou-a de cima a baixo, foi esconder-se na sala da caldeira e esperou que a Jessica voltasse a casa.

– Espera lá – disse Molly. – O tipo teve alta. E a carrinha não estava à espera dele no parque de estacionamento da Clínica de Lindstorp. A mulher loura deve ter ido lá outra vez buscá-lo. E sabemos que a carrinha se encontrava na garagem de Porjus quando ocorreu o homicídio. Portanto,

se a mulher o levou a casa da Jessica, deve ter presenciado o crime.

– Mas não havia definitivamente nenhuma mulher loura na casa de Porjus quando fomos atacados. Revistámos a casa.

– Revistámos tudo menos a sala da caldeira – referiu Molly Blom. – A mulher podia estar lá com ele.

– Não parece mais provável que tenha ido buscá-lo à clínica e o tenha depois deixado algures? Nessa altura, o tipo já tinha melhorado, se essa é a palavra certa, e estava em estado de ser ele próprio a conduzir. Como conduziu desde Sorsele. A mulher é provavelmente apenas uma amiga ou namorada.

– Provavelmente – retorquiu Molly Blom, e encolheu os ombros.

– Teremos de manter a mente aberta em relação a isso – afirmou Sam Berger em tom conciliatório. – Espera lá, que é isto?

– O quê?

– «Folhas tatuadas».

– Isso agora não fez qualquer sentido.

– Acabou de aparecer aqui na minha pesquisa alargada – explicou Sam Berger. – Mais uma vítima possível. A Polícia de Täby interpretou umas folhas nas nádegas de uma vítima como sendo uma tatuagem. Parece que a mulher tinha muitas tatuagens noutro sítio. Mas há aqui uma foto da nádega dela: é, sem dúvida, um trevo de quatro folhas.

– De que estamos para aqui a falar?

– Acabei de ver. Estou a ler enquanto falo, desculpa se não parece fazer sentido. A mulher chama-se Farida Hesari, desapareceu algures no centro comercial de Täby em julho, há três anos. Parece que já tinha fugido da família e tinha andado desaparecida, mas dessa vez estava a morar temporariamente em casa da namorada.

– Como foi que morreu?

– Vamos ver – disse Sam Berger, e bateu no teclado. – Saiu para comprar cigarros numa manhã quente de verão e nunca mais voltou. Um dia e meio mais tarde…

– Sim? Desembucha lá, porra.

– Que grande merda – disse Sam.

– Que foi?! – perguntou bruscamente Molly.

– A Farida Hesari foi encontrada coberta de sangue na floresta de Stolpa, em Täby, por um grupo de escoteiros que estava a acampar por ali.

– Bloco de madeira e faca?
– Não sei – respondeu Sam Berger. – Mas sobreviveu.

23

Domingo, 22 de novembro, 14h07

Estavam a caminhar pela floresta. Tudo era cinzento e estava um frio terrível. Durante cerca de metade do tempo, Deer lamentou a decisão de ir dar um passeio de domingo na floresta de Trångsund. Durante a outra metade apoiou o impulso: talvez fosse a última oportunidade antes de, durante seis meses, a neve e o gelo taparem com o seu manto as experiências na natureza.

E Deer queria dar a Lykke o máximo possível de experiências na natureza num mundo que se tornava cada vez mais virtual, cada vez mais antinatural. Afinal era mesmo possível arrastá-la para longe do *Facebook* e do *Instagram*, embora no caso do *Snapchat* fosse mais difícil: de vez em quando, Deer via a filha a olhar furtivamente para o bolso do blusão.

Johnny ainda continuava a trabalhar aos fins de semana, por isso, Deer andava sozinha com Lykke na aparente infinidade da floresta, o que tornava o toque do telemóvel ainda mais perturbador do que o habitual.

Estavam numa clareira que desembocava nos dramáticos rochedos que caíam a pique no lago Drevviken. Lykke manifestava um dos seus acessos de mau humor e Deer fazia o melhor que podia para a acalmar. Era o que faltava, a filha cair de um penhasco só porque tinha atendido o telemóvel. Sobretudo dada a identidade do interlocutor, pensou enquanto olhava para o ecrã. Com algum esforço conseguiu travar Lykke, suspirou e atendeu:

– O que foi que combinámos acerca das chamadas, Sam?

– Encontrámos mais três vítimas – disse Sam Berger em voz baixa.

– O quê? – exclamou Deer.

– Enviei-te a documentação por *e-mail*. Já agora, para que saibas, tens estado a pesquisar em todos os registos policiais expressões alternativas de «trevo de quatro folhas na nádega». Identificaste três vítimas potenciais

do mesmo assassino. Agora que estudaste os registos, podes dizer com toda a certeza que todas elas têm um desenho a tinta de um trevo de quatro folhas numa nádega. Em Malmö, Växjö e Täby. Tens estado sentada na garagem a trabalhar no caso no teu tempo livre. Isso deve satisfazer o DNO.

– Não há dúvida de que entusiasmo não vos falta, aí em cima, onde quer que estejam.

– O Robin já enviou algum relatório sobre Sorsele?

– Só para dizer como estava feliz com a perspetiva de ir lá acima numa manhã de domingo. Julgo que ainda não chegaram, o Robin e a equipa dele; consegui que um dos meus contactos ligasse à Polícia em Arjeplog, mas depois demorou tudo muito tempo.

– Três vítimas, mas não três cadáveres – prosseguiu Sam Berger. – Uma das mulheres sobreviveu, gravemente ferida e gravemente traumatizada depois de ter sido mantida em cativeiro durante um dia e meio. Mal podia falar quando a Polícia a interrogou, por isso não foi capaz de fornecer qualquer informação. A Polícia de Täby decidiu esperar que recuperasse, mas quando decidiram tentar outra vez já tinha tido alta do Hospital de Danderyd. Dois dias mais tarde, ela e a namorada apanharam um avião para Manila. E é aí que lhe perdemos o rasto.

– Manila, nas Filipinas?

– Sim. Foi em julho de 2012 e desde então não há rasto de Farida Hesari, agora com vinte e seis anos. Podes emitir um mandado de captura internacional?

– Sim, logo que tenha conseguido dar uma vista de olhos à documentação. Agora tenho de continuar com a minha caminhada por esta floresta agreste, brutal, dura e selvagem.

– Tens consideravelmente mais de metade da vida para fazer isso, Deer. A propósito, não estás a esquecer-te de nada?

Deer olhou com desagrado para o telemóvel e depois disse:

– Muito obrigada.

Em seguida desligou.

Sam Berger falou.

– A Deer agradece muito e pediu-me que te transmitisse os seus melhores cumprimentos.

Molly limitou-se a olhá-lo de lado e disse:

– Anda, vamos despachar isto.

Sam Berger contornou a mesa do lado dela e sentou-se na cama de Molly, fora do campo de visão da câmara embutida no portátil. Molly Blom clicou no rato e ouviu-se uma campainha vinda do computador. A janela do *Skype* permaneceu vazia, mas depois apareceu uma mulher idosa no ecrã, que disse com uma clareza inesperada:

– Falo pelo *Skype* com os meus netos que estão nos Estados Unidos, por isso não precisam de me perguntar se sei lidar com isto.

– Sra. Enoksson – disse Molly Blom. – Sou a inspetora da Polícia, Eva Lundström. Já lhe enviámos um *e-mail* sobre o assunto que gostava de debater consigo. Pode ser?

– Trate-me por Laura e eu trato-a por Eva – afirmou Laura Enoksson.

– A Laura foi a assistente social que lidou com o caso da Jessica Johnsson e do Eddy Karlsson na primavera de 2005, não foi? Que pode contar-me sobre isto?

– Lamento muito que a pobre Jessica tenha sido morta – disse Enoksson. – Receio que não tenha sido completamente inesperado; tinha uma infeliz tendência para escolher os homens errados. Mas o Eddy Karlsson já morreu, por isso não pode ter sido ele. Regressou da Tailândia há quatro anos, feito num farrapo humano por causa de demasiadas drogas, apenas uma sombra do antigo ser repugnante que era. Mas até a sombra era bastante repugnante.

– Quer dizer que o viu? Quando ele voltou?

– Não, o Eddy era muito discreto. Mas vi o cadáver dele. *Quis* ver o cadáver dele. Foi por causa de homens como ele que acabei assim, gasta.

– Fale-me sobre isso. Desde o início, por favor, Laura.

A idosa soltou um suspiro profundo e o rosto ligeiramente abatido – que tinha evidentemente visto mais do que alguém devia ser obrigado a ver – contraiu-se um pouco.

– A Jessica tinha vinte e cinco anos, era enfermeira, um pouco ingénua, talvez. Como eu disse, era uma daquelas jovens mulheres com uma espécie de complexo paterno que tendem a escolher os homens errados. E o Eddy Karlsson era definitivamente o homem errado.

– Um momento – interrompeu Molly Blom. – Complexo paterno?

– Não sei muito sobre o passado da Jessica, mas reconheço o tipo. São normalmente raparigas que não têm um pai como deve ser e procuram uma figura paterna que se preocupe com elas e as recompense enquanto ao

mesmo tempo lhes estabelece limites. Muitas vezes dá mau resultado.

– E o Eddy Karlsson era definitivamente o homem errado?

– Sem dúvida – respondeu Laura Enoksson. – Não era apenas violento e tresloucado o tempo todo, também era manipulador e paranoico. Monitorizava cada passo que ela dava. Foi preso depois de a agredir algumas vezes, mas acabou libertado por falta de provas. E por falta de uma queixa da vítima. Como tantas mulheres na situação dela, a Jessica Johnsson recusou-se inicialmente a fazer queixa dele. O Eddy desapareceu de circulação, mas continuou a provocá-la. Aquilo aconteceu depois disso.

– Aquilo?

– Sim, a agressão. Quer dizer, a mais grave. Foi terrível. Não só teve um aborto espontâneo como ficou ferida com bastante gravidade. A tal ponto que a Polícia reagiu. A Jessica recebeu uma identidade protegida quando estava no hospital e foi secretamente transferida para outro, muito longe de Estocolmo. E assim acaba o meu envolvimento.

– Então não sabe qual era a nova identidade da Jessica?

– A ideia por detrás disso era que quanto menos pessoas soubessem, melhor – explicou Laura Enoksson. – E eu, sem dúvida, não era uma delas.

– Recuando um pouco – disse Molly Blom. – Ela sofreu um aborto espontâneo como resultado da agressão? Quer dizer que a Jessica Johnsson estava grávida?

– Do filho do Eddy, parece. Ele assassinou o próprio filho.

Molly manteve-se em silêncio e lançou rapidamente uma olhadela a Sam, tal como tinham concordado em não fazer. Mas Sam Berger compreendeu e a maneira como lhe retribuiu o olhar deu-lhe a sua resposta.

– Por acaso sabe qual era o sexo do bebé?

– Sim – respondeu Enoksson. – Era um menino.

Outro olhar de relance; era inevitável.

Sam Berger sentiu os lábios a formarem o nome de Eddy Karlsson.

O sacana não estava morto. Fingira a própria morte. Não tinha estado na Tailândia durante cerca de um ano, antes de ter regressado à Suécia e de ter começado a matar. Desapareceu em 2005 e regressou a tempo de Orsa, em 2007.

Assassinara o próprio filho e ferira a mãe da criança. Agora ia fazer melhor.

E matar a mãe a todo o custo.

O mais doentio daquilo tudo era o facto de fazer sentido. Sam Berger não conseguia ver nada que não encaixasse.

– Foi mesmo horrível – disse Laura Enoksson, abanando a cabeça.

– Matar o próprio filho por nascer – disse Molly Blom, baixando os olhos.

Laura Enoksson pareceu surpreendida.

– Estava mais a pensar na Jessica – disse. – Nos ferimentos dela.

– Os ferimentos?

– Os ferimentos da Jessica Johnsson. Nos órgãos reprodutores.

– Ai sim…? – disse Molly Blom.

– O útero dela ficou destruído – explicou Laura Enoksson. – Tiveram de retirá-lo. Foi uma histerectomia de urgência.

Sam Berger olhou para a parte de trás da cabeça caída de Molly Blom, ligeiramente visível através de uma cortina de cabelo louro. As cartas estavam a ser baralhadas novamente, e Sam Berger sentiu que conseguia mesmo ver as células cerebrais a trabalhar por detrás daquele cabelo. Ouviu-a murmurar uma despedida a Laura Enoksson. Molly Blom pediu-lhe para a contactar no caso de se lembrar de mais alguma coisa, desencantou uma saudação amigável, mas evasiva, encerrou o *Skype* e virou-se.

Talvez nunca se tivessem encarado durante tanto tempo.

– Bem – acabou por dizer Sam Berger. – Por um momento pensei que o Eddy Karlsson tinha ressuscitado dos mortos. Agora… só Deus sabe.

– A Jessica *estava* grávida quando a conhecemos em Porjus, temos uma análise ao sangue que o prova. Uma análise a muito sangue. Mas há dez anos, o útero danificado foi-lhe retirado do corpo numa histerectomia de urgência. Ou seja, a Jessica *não podia* estar grávida.

Voltaram a entreolhar-se.

– Agora ficou tudo bastante baralhado, não foi? – perguntou Sam Berger.

Molly Blom abanou a cabeça e disse:

– Será que a mulher com quem falámos era mesmo a Jessica Johnsson? Ou era pura e simplesmente outra pessoa? Uma mulher que foi depois assassinada? Mas que lógica tem isso? Uma mulher grávida *a fingir* ser a Jessica e depois a ser assassinada praticamente diante dos nossos olhos? Como é que isso encaixa?

– Não há mesmo nenhuma foto da Jessica Johnsson? – perguntou Sam Berger. – Nem fotos da carta de condução ou do passaporte? Nem fotos antigas do tempo da escola?

– Não encontrei nenhuma – respondeu Molly Blom. – Põe a tua Desiré a tratar disso.

– Haverá alguma coisa que não estamos a conseguir ver? – perguntou Sam Berger. – Alguma coisa que está mesmo à frente dos nossos olhos, algo que devia ser claro como a água?

Molly Blom abanou a cabeça com tanta força que o telefone por satélite começou a tocar. Reconheceu o número, ergueu o aparelho e disse:

– Doutor Stenbom, presumo?

* * *

Naquele preciso momento, Deer e Lykke chegaram a Sjöängsbadet. Não havia ninguém a nadar, mas alguns cães estavam a farejar a margem. Lykke correu até eles, o que Deer não apreciou particularmente – os donos dos cães estavam mais afastados, na orla da floresta, tudo podia acontecer. Mas os animais pareciam bastante amigáveis. Lykke podia agarrar-se à sua natureza ingénua e confiante durante mais algum tempo. Fazia festas aos cães; estava tudo bem.

Deer contemplou o lago Drevviken. Se o gelo se instalasse naquele ano, seria ali que a tradicional corrida em patins começaria em fevereiro. Dizia-se que o lago Drevviken tinha o melhor gelo do mundo e Deer estava a pensar obrigar toda a família a participar. Até Johnny conseguia patinar vinte quilómetros num par de patins de longa distância.

Os donos dos cães desceram da orla da floresta, mas os galhos continuaram a mexer-se, como se alguém estivesse ali escondido nas sombras. Este pensamento foi afastado pelo toque persistente do telemóvel. Deer estava prestes a responder com irritação, mas depois viu que o número não era o que pensava.

– Estou, Robin? – disse. – Novidades de Sorsele?

– Estou em Linköping – respondeu Robin.

– Mas que ra…?

– Não te preocupes, enviei a minha equipa, eles sabem o que fazem. Eu tinha de deslindar o mistério daquele pequeno fio branco na cave da casa

de Porjus e para isso precisava do melhor laboratório que conseguisse encontrar.

– E agora já sabes o que é?

– Sim. Como suspeitava é de uma ligadura de gaze e, como era de esperar, tinha sangue. Quantidades microscópicas, mas o suficiente para conseguir ADN.

– Sou toda ouvidos – afirmou Deer, interessada.

– O ADN pertence a um homem chamado Reine Danielsson.

– Reine Danielsson? – exclamou Deer, observando a filha à beira do lago. Um dos cães parecia estar a ficar um pouco turbulento, tinha começado a rosnar de modo algo enervante. Deer chamou Lykke, que começou a dirigir-se para junto dela, provavelmente depois de se aperceber de que afinal o cão não era assim tão amigável. Então Deer olhou de relance para as árvores. Os galhos ainda estavam a mexer-se, mas agora num sítio diferente, como se alguém se movesse ao longo do perímetro da floresta.

E ao mesmo tempo aquela informação absolutamente fundamental.

– Sim – disse Robin. – Reine Danielsson, trinta e três anos. Ainda não tenho mais nada sobre ele, liguei assim que o resultado chegou. Vou enviar-te um SMS com o número de identificação dele e a data de nascimento.

Dito isto, a conversa acabou. Deer viu o SMS a chegar e rapidamente começou a inserir outro número, um número que não constava da lista de contactos. Mas então o telemóvel recomeçou a tocar. A chamada era do número que tinha inserido até meio.

– Deer – disse animadamente uma voz. – Descobrimos a identidade do homem que se autointitulou Sam Berger na Clínica de Lindstorp, em Arjeplog.

– Reine Danielsson? – perguntou Deer.

O silêncio que se seguiu pareceu quase definitivo. Mesmo assim, nunca lhe ocorreu que tivessem ficado sem rede.

De repente, fez-se luz.

Reine Danielsson. Desconhecido. Mas nada menos do que um genuíno *serial killer*.

O silêncio durou tanto tempo que alguma coisa se infiltrou na luz, como um grão de areia sob uma lente de contacto. A visão turvava-se, porque

aquilo fazia comichão e picava. Havia qualquer coisa no nome Reine Danielsson…

– Como raio é que sabes isso? – perguntou, por fim, Sam Berger do outro lado do Círculo Polar Ártico.

– A pergunta certa é: como raio é que *tu* sabes isso? – afirmou Deer.

– Pedimos para analisarem o ADN de alguns fragmentos de pele de Arjeplog.

– Pediram para «analisarem o ADN de alguns fragmentos de pele de Arjeplog»? Como raio conseguiram isso? Agora estão a deixar um rasto de provas atrás de vocês? Um rasto que vai conduzir a mim e lixar-me a vida?

– Canais não oficiais – disse Sam Berger. – Não há motivo para preocupações.

– Isso deixa-me muito mais descansada.

– Como conseguiste o nome?

– Foi encontrado um fio na sala da caldeira da casa de Porjus. Um fio branco, não preto como o passa-montanha. De uma ligadura de gaze, e o Robin encontrou nela vestígios de sangue. O fio estava agarrado à parede, à altura da cabeça de um homem de 1,85 metros, se estivesse sentado no chão. Será possível que o «Sam Berger» tenha ferido a cabeça na clínica?

– A cara – disse Sam Berger. – Disseram-nos que chocou com um autocarro.

– Então parece que estamos a lidar com um assassino altamente inteligente.

– É apenas altamente inteligente de forma intermitente. Durante o resto do tempo parece estar agarrado à ilusão de que é outra pessoa.

– Têm de enviar-me tudo o que sabem – pediu Deer. – Isto só vai resultar se estivermos completamente sincronizados.

– Temos um ficheiro áudio da nossa conversa com o diretor clínico Jacob Stenbom. Vou enviar-to. E temos mais algumas informações sobre o passado da Jessica Johnsson. Por exemplo, o facto de não poder ter estado grávida quando foi assassinada. Consegues-nos uma foto dela?

– Vou tentar – respondeu Deer enquanto os passeadores de cães começavam lentamente a afastar-se da praia. Lykke estava sentada numa rocha a olhar abertamente para o *Snapchat*, claramente em protesto pelos constantes telefonemas da mãe.

– Descobriste alguma coisa sobre esse tal Reine Danielsson? – perguntou Sam Berger.

– Acabo de receber o nome dele. Mas…

– Nós também. Mas…

– Ainda não tive tempo de processá-lo – explicou Deer. – Mas há qualquer coisa que não bate certo.

– Eu sei – disse Sam, e desligou.

Virou-se para Molly.

– Há qualquer coisa que não bate certo.

Molly franziu a testa com ar infeliz e bateu com o dedo no rato do computador. Sam Berger viu o texto que rolava no ecrã refletido nas íris de Molly Blom, que abanou a cabeça.

– Não consigo encontrar nenhum Reine Danielsson – disse. – Não aparece nenhum resultado em nenhuma pesquisa. O que provavelmente significa, por exemplo, que nunca pagou impostos na Suécia.

– E quem não paga impostos na Suécia ou tem um par de iates de luxo no Mónaco ou não tem quaisquer rendimentos.

– Pondo de parte os iates de luxo por um momento, porque é que alguém não teria rendimentos?

– Porque bateu no fundo? Ou…

– Sim?

– Porra para isto tudo! – disse bruscamente Sam Berger, e atirou-se ao grande maço de documentos ao lado do computador. Sacou o grosso processo de Helena Gradén e folheou-o freneticamente.

Molly Blom observou aquela explosão de energia e afirmou, hesitante:

– Pensei que tinhas dito o nome dele quando eu estava a tomar banho. Debitaste uma data de nomes em vez de me dares mais água. Estávamos a falar de nomes de quintas em Dalarna.

Sam Berger abanou a cabeça, incrédulo, e apontou para o processo.

– Aqui – disse. – Reine Danielsson, um dos outros residentes da casa de repouso de Karl Hedblom em Orsa. Mas que grande merda.

Molly Blom esfregou os cantos dos olhos e disse:

– O Reine construiu o abrigo. O Reine raptou e matou a Helena e o Rasmus Gradén. O Reine manteve-os cativos durante praticamente dois dias inteiros e mesmo assim esteve como se nada fosse no albergue. O Reine foi pôr o ADN do Karl Hedblom, outro residente da casa de repouso,

no local do crime. O Reine não era, de certeza, um como os outros naquele grupo.

– Interrogámo-lo – disse Sam Berger, e sentiu a cor a desaparecer-lhe do rosto.

– Nós? Tu pessoalmente?

– Eu pessoalmente – confirmou Sam Berger. – E a Deer pessoalmente. Nós os dois pessoalmente.

Sam Berger pegou no telefone por satélite e ligou para um número familiar.

A chamada foi atendida quase imediatamente.

– Orsa – disse a voz metálica de Deer. – Foi em Orsa, não foi?

– Sim – respondeu Sam Berger. – Tu e eu interrogámo-lo na base provisória da Polícia em Orsa, no hotel, não sei se te lembras? Posso ver no processo se foi mesmo isso que aconteceu, mas não posso dizer que me recorde. E tu?

– Houve tantos interrogatórios, uma sucessão constante. Mas talvez…

– Não, nada me vem à memória – disse Sam Berger.

– Sempre tiveste má memória – retorquiu Deer. – Acho que me lembro de um tipo bastante alto, forte e desajeitado, podia bem medir 1,85 metros e calçar o 45. Podia ter cerca de vinte e seis anos, o que encaixaria na data de nascimento. Mas será que me lembro de alguma coisa do interrogatório em si? Sinceramente não sei. Tenho de pensar nisso e voltar a ligar-te.

– Tenho a transcrição à minha frente – disse Sam Berger. – Dou-te um toque assim que a tiver lido e pode ser que já te lembres de alguma coisa.

– Devemos estar em casa daqui a meia hora – afirmou Deer. – Já começa a escurecer, aqui em Sjöängsbadet. Temos estado a jogar à macaca.

– Bem, salta depressa – disse Sam Berger. – Tens de estar na sede da Polícia às cinco.

– Que estás a querer dizer-me agora?

– E receio que também precises de cinco mil coroas em dinheiro.

– Em que é que estás a meter-me ao certo desta vez?

– Robertsson – disse Sam Berger. – Do depósito da Polícia. Vai entregar-te alguns vídeos.

Deer soltou um suspiro muito profundo.

– Só mais uma coisa – disse Sam Berger. – Acabei de me lembrar.

– Sim?

– Se causei uma impressão tão profunda no Reine Danielsson a ponto de ele assumir o meu nome, Sam Berger, durante um acesso oito anos depois, corremos o risco de também se lembrar de ti, Deer. Não vamos esquecer-nos de que a carta te foi endereçada a ti pessoalmente.

Deer ficou em silêncio por um breve momento, depois disse:

– Que estás a tentar dizer-me, Sam?

– Só que tenhas cuidado.

– Eu sei tomar conta de mim – retorquiu Deer, e carregou no ecrã do telemóvel para terminar a chamada.

Olhou para Lykke. Depois de, relutantemente, ter aprendido a jogar à macaca na areia, a filha tinha regressado à sua rocha. No crepúsculo que se adensava rapidamente, Lykke tinha o rosto iluminado por um brilho azulado vindo do telemóvel, completamente rendida ao *Snapchat*. A água calma e escura do lago Drevviken estava ligeiramente colorida pelo sol poente, um manto cor-de-rosa que pressagiava a escuridão. Os cães e respetivos donos já tinham partido e mãe e filha estavam sozinhas naquele súbito anoitecer. Estranhamente sozinhas. Não se ouvia um único som, o silêncio era absoluto. A capa cor-de-rosa diluía-se lago adentro, substituída pouco a pouco pela escuridão.

Algo ondulou pela espinha de Deer abaixo, desencadeando-lhe um arrepio. Com relutância, olhou para a orla da floresta. As árvores mantinham-se imóveis há algum tempo e Deer já atribuíra o movimento dos galhos à brisa outonal, à queda de pinhas ou aos esquilos que recolhiam nozes. O carro estava no parque de estacionamento, a escassos metros de distância. Deer estudou os pinheiros à luz do crepúsculo. Não havia qualquer movimento, a imobilidade era absoluta.

– Lykke? – perguntou, e parecia que a voz ecoava pela floresta suburbana deserta.

Lykke ergueu o olhar do telemóvel, mas não disse nada.

O rosto ainda infantil da filha espelhava um brilho azulado.

– Está na hora de irmos embora – declarou Deer, com o misto de suavidade e firmeza que conseguiu convocar.

Pelo canto de um olho, Deer viu Lykke a levantar-se relutantemente, continuando a olhar para as profundezas do telemóvel. Pelo canto do outro viu as árvores a mexerem-se.

Deer virou a cabeça rapidamente naquela direção. Os ramos de um

pinheiro vibravam levemente, como uma réplica. Nada mais aconteceu. Um rápido olhar a Lykke: a filha estava a dez metros de distância e continuava sem erguer os olhos do telemóvel. Deer olhou de novo para a floresta. Nada. A oscilação dos ramos parou. A quietude espalhou-se novamente por Sjöängsbadet, pelo lago Drevviken, por toda a Floresta de Trångsund.

Lykke alcançou-a e Deer estendeu-lhe a mão. A filha deu-lha. As mãos de ambas estavam geladas, incapazes de se aquecerem uma à outra.

Tinham ficado ali demasiado tempo.

Começaram a percorrer lentamente o caminho em direção ao parque de estacionamento. O crepúsculo caía a uma velocidade inesperada. Deer já mal conseguia distinguir a orla da floresta.

Mas o movimento destacava-se ainda mais claramente.

A princípio foi apenas um ramo a vibrar, mas depois tudo voltou a imobilizar-se. Deer parou, apertou a mão de Lykke e olhou fixamente para a floresta.

Então o movimento voltou. A dardejar de ramo em ramo, como se estivesse alguém a correr entre as árvores.

Na direção delas.

Deer agachou-se, pegou numa pedra grande, sentindo pela primeira vez em muito tempo a falta da arma de serviço. Lembrava-se de ter dito a Sam onde estavam; isso era um consolo inesperado, como se significasse algo, além do facto de que os cadáveres de ambas iam ser encontrados.

A orla da floresta aproximou-se, ficando a escassos metros do caminho. A árvore mais próxima de todas estremeceu. A floresta abriu-se. Alguém saltou de dentro dela a uma velocidade vertiginosa.

Reine Danielsson, pensou Deer, erguendo a pedra. *Não* vais fazer mal à minha filha. Lutarei até que não me reste mais nada a não ser um braço aferrado a uma pedra.

Os ramos foram empurrados para trás, tudo aconteceu tão incrivelmente depressa, mas ao mesmo tempo em câmara lenta.

A figura que corria para fora da floresta aproximou-se. E então parou, olhando fixamente para Deer com a morte nos olhos.

Havia pequenos seres colados à figura, quatro crias de javali em redor da fêmea enorme. As duas mães ficaram imóveis durante algum tempo, fitando-se uma à outra, olhos nos olhos.

Então foi como se reconhecessem a mãe que havia na outra, a mãe de que dependia toda a vida no mundo, a mãe que faria o que fosse necessário pela sua prole.

O javali fêmea soltou um grunhido, quase um rugido. Depois virou-se abruptamente e mergulhou na floresta. As crias saltitaram atrás dela.

Deer ficou parada durante muito tempo. Acabou por dar conta de que segurava a mão de Lykke com demasiada força. Soltou-a.

Mas não a pedra, essa não ia largar. Até estarem outra vez em segurança dentro do carro.

– Eram tão fofas! – disse Lykke, pulando de alegria.

24

Domingo, 22 de novembro,16h58

Não gostava nada da escuridão. Havia lá animais, bestas. Arrastavam-se à sua volta, invisíveis, os ramos das árvores estremeciam. A qualquer momento, algum monstro desconhecido podia atirar-se a ela no corredor sombrio.

O crime não descansa, nem mesmo nas tardes de domingo. Havia tantas áreas da sede da Polícia, em Kungsholmen, em Estocolmo, que estavam iluminadas e a fervilhar de atividade. Tinha sido assim desde a receção, luminosa e cheia de gente. Mas quando saiu do elevador, estava tudo escuro e silencioso, e não conseguia ver o fundo ao corredor. Mesmo assim, havia uma lógica peculiar em não procurar o interruptor da luz. Agora encontrava-se no mundo da duplicidade, no reino das trevas, onde as bestas medravam.

Havia uma fechadura codificada na porta. Sabia que deixaria um rasto no momento em que passasse o cartão pelo leitor. Havia o risco de que todos os holofotes lhe fossem apontados.

Ainda assim, passou o cartão e abriu a porta.

O interior do depósito era tão sombrio como o corredor. As longas filas de prateleiras estendiam-se para fora do campo de visão.

Deu alguns passos hesitantes em direção ao balcão. Só quando chegou a alguns metros de distância é que deu conta de que estava lá alguém sentado a observá-la.

Quando o homem se levantou, Deer ficou impressionada com a flacidez, causada pelo álcool, daquele rosto de meio século.

– Robertsson? – perguntou Deer, sem reconhecer a própria voz. O homem olhou-a fixamente durante muito tempo. Depois acabou por perguntar:

– Identificação?

Ótimo, pensou Deer, e pôs o cartão de identificação da Polícia em cima do balcão. O homem leu-o e assobiou:

– DNO, por amor de Deus. Qual era o problema de se chamar Unidade Nacional de Combate ao Crime?

– Reorganização – respondeu Deer, sem realmente saber o verdadeiro motivo.

– Eu reconheço-te – disse Robertsson, olhando para Deer através das fendas injetadas de sangue que eram os seus olhos. Estiveste em Orsa, não estiveste? Eras bonita naquela altura, muito *sexy*. Que foi que te aconteceu?

Deer tinha decidido desde o início que nada que aquele homem pudesse dizer a incomodaria minimamente. Consequentemente, manteve um silêncio estoico.

Robertsson prosseguiu:

– Pelo menos agora tens umas mamas maiores. É um ponto positivo no meio dessa decadência.

Deer convenceu-se a si própria de que o seu silêncio era mesmo estoico. Não repleto de ódio.

– Tens uma coisa para mim, não é? – perguntou Robertsson depois de uma breve pausa.

– Só se tu tiveres outra para mim.

Robertsson assentiu. Depois abanou a cabeça, inclinou-se por detrás do balcão e retirou de lá um saco preto para o lixo. Estava meio cheio, parecia pesado e chocalhava de forma estranha quando Robertsoon o abanou.

Deer enfiou a mão no casaco e sacou um envelope. Entregou-lho.

Robertsson pegou nele, abriu-o, começou a contar as notas de quinhentas coroas e disse:

– Isto começa a parecer uma linha de produção.

Deer olhou para ele.

– Como assim? – perguntou.

– Deixa lá, não interessa – respondeu Robertsson, devolvendo as notas ao envelope e guardando-o no bolso de dentro do casaco. Baixou-se, pegou no saco e pousou-o no balcão.

Deer pegou nele, abriu-o e olhou lá para dentro.

Estava cheio de velhas cassetes de VHS.

No topo estava um filme pornográfico que tinha sido feito mais há trinta do que há vinte anos. Deer ergueu a cassete, olhou para as fotografias explícitas na capa e depois olhou para o homem encardido por detrás do balcão.

– Um filme instrutivo – disse Robertsson com um sorriso. – Julgo que talvez te faça jeito.

Foi quando Deer decidiu – sem grande peso na consciência – que os dias de Richard Robertsson na Polícia estavam definitivamente contados.

25

Terça-feira, 30 de outubro de 2007, 15h25
(Oito anos antes)

Estavam a fazer uma pausa na sala de pessoal improvisada do hotel que, para surpresa de todos, funcionava muito bem como base de operações da Polícia. Em breve voltariam a entrar para interrogar o próximo da fila. Pondo de parte qualquer eufemismo, o café sabia a morte: pareciam as perdas de fluídos de um cadáver com uma semana.

O jovem superintendente olhou para a nova parceira. Era o segundo dia em que trabalhavam juntos, numa situação nos antípodas de toda a honra e glória, e ainda não se habituara aos movimentos ágeis daquele corpo magro. Sentia-se ridiculamente desajeitado ao lado dela.

Foi quando a colega esvaziou a chávena com uma careta de repulsa e olhou para ele, com ar simultaneamente interrogativo e desafiador, que lhe ocorreu.

Olhos de veado.

– Deer – disse. – De agora em diante chamas-te Deer.

– Eu chamo-me Desiré – disse a colega com ar irritado. – E tu chamas-te Sam. Bem, vamos recomeçar.

– Por acaso não me chamo Sam – disse ele. – Chamo-me Samuel. Mas não podemos ser Samuel e Desiré, porque assim parecíamos a dupla de polícias mais patética do século XIX. Sam e Deer, por outro lado, é do caraças.

– Ou seja, basicamente vais chamar-me querida? Sendo assim, só podes mesmo ser louco, Sam. Sou casada, tu és casado, temos ambos filhos no infantário. Fazes aquele sacana do Robertsson parecer um monge com aquele catálogo de acompanhantes que não larga.

– Eu não sou casado – retorquiu Sam Berger. – Tenho uma companheira. A Freja acha que o casamento não faz sentido.

– Mas, por outro lado, tu tens dois filhos, eu só tenho um.

– É justo. Mas, na verdade, não foi no sentido de querida, mas sim no de veado. Um veado de cauda branca ou talvez um gamo. Deer com «ee» não «ea». Mexes-te como um veado.

– Vai-te lixar – disse Deer, e abriu a porta.

Com a agilidade de um veado.

A divisão não tinha nada que ver com uma sala de interrogatórios normal. Era comprida e estreita, mais como uma espécie de sala de receção que o hotel utilizava como escritório. Parecia que tinham caminhado durante muito tempo até às duas pessoas que estavam sentadas à secretária. As pessoas eram uma acompanhante da casa de repouso de uniforme branco e um homem novo, e era este o foco do interesse dos dois jovens detetives.

Estava sentado, imóvel, observando-os atentamente enquanto avançavam na sua direção. Devem ter parecido um casal muito estranho à medida que se aproximavam da mesa de interrogatórios improvisada, ela baixa, ele alto, ela encorajadora e ele severo. Os papéis atribuídos muito cedo.

E aqueles olhos azuis surpreendentemente penetrantes que pareciam absorver tudo.

Era outro membro do grupo de residentes da casa de repouso de Falun que tomara a decisão fatídica de passar umas semanas na floresta nos arredores de Orsa. Um da minoria com a qual, segundo lhes disseram, era possível conversar.

– Chamamo-nos Sam e Deer – disse Sam Berger. – E você é o Reine Danielsson.

– O superintendente Sam Berger e a inspetora Desiré Rosenkvist – esclareceu Deer. – Espero que se sinta preparado para falar connosco, Reine.

Não havia dúvida de que algo não batia muito certo no olhar aberto e límpido do jovem. Era como se conseguisse ver algo além do óbvio, como se estivesse a olhar para um par de pessoas invisíveis ao lado deles.

Os seus duplos, talvez.

Já tinham passado por aquilo. Tinham passado praticamente toda aquela

longa e ingrata terça-feira de outono sentados à frente de pessoas com doenças mentais de grau variável, normalmente com uma acompanhante presente. E não havia dúvida de que havia muitas doenças mentais diferentes no mundo.

Reine Danielsson era realmente apenas um entre muitos e não havia nada que o fizesse destacar-se da multidão. Era relativamente alto, parecia estar numa condição física inesperadamente boa, tinha cabelo louro escuro de comprimento médio, um rosto ligeiramente arredondado que o fazia parecer sempre bastante surpreendido e uma boca entreaberta, como se houvesse alguma diferença de pressão entre o interior e o exterior. Mas também havia aquele olhar, como se estivesse a absorver tudo de uma determinada situação, a guardá-la para o futuro.

– Então, Reine – disse gentilmente Deer. – Construiu um abrigo na floresta?

Reine Danielsson abanou a cabeça e pareceu surpreendido.

– Estamos a gravar esta conversa – explicou Deer –, por isso tem de responder verbalmente.

– Vou responder verbalmente – disse Danielsson com voz sumida. – Não construí um abrigo, não sei como fazer isso, mas gostava de aprender. Mas ninguém me pode ensinar nada, eles dizem que não consigo aprender nada.

– Quer dizer que nunca esteve no abrigo na floresta?

O jovem abanou a cabeça, percebeu o que estava a fazer e disse:

– Não.

– Mas sabe que há um abrigo na floresta?

– Eles disseram que havia, mas eu não estive lá. Não tenho saído muito.

– Tem passado a maior parte do tempo dentro do albergue? O que tem feito por lá?

O olhar de Reine Danielsson vagueou novamente por entre os dois agentes, como se Reine estivesse a falar com alguma terceira pessoa. Alguém que só ele podia ver.

– Desenho muito – acabou por dizer.

– E o que é que desenha, Reine?

– Não sei. Coisas que vejo.

– Coisas reais? Coisas que viu na vida real?

– Não sei. Talvez. Normalmente finjo que sou outra pessoa. Assim vejo muito mais.

– Que género de coisas tem feito nos últimos dias, Reine? – perguntou Deer.

– Nada de especial. Tem havido demasiado barulho. Não tenho conseguido concentrar-me.

– Concentrar-se? – repetiu bruscamente Sam Berger. – Demasiado barulho?

O olhar de Reine Danielsson começou a vaguear.

– Não – continuou Sam Berger, inclinando-se para a frente. – Não olhe para mais nada, Reine. Olhe para mim, olhe-me nos olhos.

Danielsson acabou por fazer o que Sam Berger disse. Havia medo nos seus olhos. Medo da autoridade dele? Sam esperava que sim.

– Agora ouça-me com muita atenção, Reine – disse. – Continue a olhar para mim. Nós vimos os seus desenhos. Sabemos o que tem desenhado. Quase todos parecem sonhos, coisas que na realidade não existem. Mas também sabemos que já passou muito tempo desde a última vez que desenhou alguma coisa. Na verdade, o seu último desenho foi feito na manhã de 18 de outubro. Ao início da tarde, a Helena Gradén e o filho, Rasmus, que ia num carrinho de bebé, desapareceram. Você não desenha nada há doze dias. Ou seja, praticamente há duas semanas, Reine. Mas antes disso desenhou muito. E a Polícia só apareceu e lhe perturbou a concentração vários dias depois. Porque parou de desenhar naquele dia em particular?

O olhar de Reine Danielsson desviou-se novamente.

– Tenho desenhado desde então – disse Reine Danielsson, lançando um rápido olhar à acompanhante. Esta assentiu para o encorajar. Apesar disso, Reine teve um sobressalto, como se tivesse recebido um choque.

– Então, onde estão esses desenhos? – perguntou Sam Berger.

– Eu sei o que estão a fazer agora. Vi na televisão.

– Responda à pergunta.

– Polícia bom, polícia mau, chávena de café. Vi na televisão.

– Que fez aos desenhos, Reine?

– Deitei-os fora. Não prestavam para nada.

– E onde estão agora?

– Desapareceram. Queimei-os.

– Primeiro diz que os deitou fora e agora que os queimou. Qual das duas respostas é a verdadeira?

Reine Danielsson teve novo sobressalto, depois ficou em silêncio e olhou para o espaço entre Sam Berger e Deer, como se alguém realmente estivesse ali sentado. Deer inclinou-se para o lado, para o ponto que Danielsson estava a fitar. Quando já lhe tinha captado aquele olhar peculiar, perguntou:

– Alguma vez desenhou um trevo de quatro folhas, Reine?

Danielsson limitou-se a fitá-la.

– Sabe o que é um trevo de quatro folhas? – prosseguiu Deer.

– São invulgares – disse Danielsson, de olhos arregalados.

– Em que sentido?

– Quase todos os trevos têm três folhas. Quando encontramos um com quatro folhas, podemos pedir um desejo.

– O mesmo se aplica quando desenha um trevo de quatro folhas? Nessa altura, o seu desejo torna-se realidade?

– Não sei… acho que não…

– Que aconteceu quando desenhou um trevo de quatro folhas, Reine? O seu desejo começou a tornar-se realidade?

Reine Danielsson teve mais um sobressalto, como se tivesse levado um choque elétrico, e os olhos dardejaram em todas as direções.

– Eu não…

Deer inclinou-se para a frente e falou com uma suavidade inusitada quando prosseguiu:

– O seu desejo tornou-se realidade no abrigo, Reine? Foi depois de ter feito esse desenho que parou de desenhar tudo o resto? O do trevo de quatro folhas? Onde é que desenhou o trevo de quatro folhas, Reine? Qual é a sensação de desenhar na pele humana? No meio de todo aquele sangue?

Reine Danielsson levantou-se e abanou o punho cerrado. O resto do corpo também tremia. A acompanhante pôs-se de pé e rodeou-o com o braço. Abanou a cabeça como se estivesse dececionada e, sem dizer uma palavra, começou a encaminhar o jovem perturbado para a porta, que se fechou por detrás deles. Deer e Sam observaram atentamente a cena.

– Como achas que correu? – perguntou Sam Berger depois de uma breve pausa.

Deer abanou a cabeça e disse:

– Não sei. O que é que tu achas?

– O Reine pode ter de repensar toda aquela coisa do polícia bom e do

polícia mau…

– Fui demasiado dura? – perguntou Deer.

Sam Berger olhou para ela como se a estivesse a ver pela primeira vez.

Depois encolheu os ombros.

– Pelo menos, a tua voz foi muito gentil. Oh, não sei, parece que o tipo tem um álibi razoável, ao contrário do Karl Hedblom. Nas poucas ocasiões em que saiu, enquanto o grupo da casa de repouso esteve por cá, havia sempre uma acompanhante com ele. O que me leva a perguntar como conseguiria queimar os desenhos.

– Parece um beco sem saída – disse Deer, olhando para uma folha com anotações. – O tipo não era suficientemente frio nem corajoso para ter cometido o crime. E, pelo que consigo ver no processo, não tem nada contra mulheres ou mães. O Reine Danielsson é descrito como mentalmente instável, como tendo uma personalidade frágil e uma necessidade pronunciada de agradar a outras pessoas, conjugadas com alta ansiedade, confusão e depressão. Parece ser mais feliz quando o deixam ficar a desenhar em paz.

– E se não o tiverem *deixado* desenhar? – perguntou Sam Berger. – E se alguém lhe tiver dito que não podia?

– Estás a referir-te ao Karl? Bem, estão em quartos contíguos no albergue. Terão tido contacto um com o outro. Mas, pelo que percebi, as portas estão quase sempre trancadas.

Sam Berger assentiu. Depois espreguiçou-se e disse:

– São quase quatro horas. Quantas nos restam?

– De acordo com o horário, temos de fazer mais duas – respondeu Deer, consultando o novo *iPhone*, o seu bem mais precioso, oferecido por Johnny como presente de aniversário.

– Então vamos continuar? – perguntou Sam Berger, e bocejou.

Deer ainda estava a olhar para o pequeno milagre que tinha na mão quando disse:

– Será que sacámos tudo o que podíamos ao Reine Danielsson? Vamos pô-lo na pilha dos rejeitados?

Os olhos de ambos encontraram-se.

– Ambos sabemos que este tipo não teve nada que ver com isto – disse Sam Berger. – Vamos avançar.

Deer assentiu devagar. Olhou de relance para o telemóvel.

– Só uma coisa – disse.

– Que foi? – perguntou Sam Berger.

– Não te esqueças de que nunca consegues olhar para o interior de outra pessoa.

26

Segunda-feira, 23 de novembro, 05h18

Naquela noite, o inverno chegou a Skogås. Deer não conseguiu compreender bem como é que isso a tinha acordado, mas foi o que aconteceu – demasiado cedo. Talvez o vidro da janela tivesse emitido um pequeno estalido quando o gelo se espalhou por ele, talvez o padrão fosco no vidro refratasse os raios da lua numa direção diferente da habitual, talvez o inverno realmente tivesse um som quebradiço e frágil próprio que amortecia o fluxo de pesadelos. Era um mistério que nunca teria uma resposta decente, disso se apercebeu imediatamente, mas havia muitas outras coisas que exigiam respostas.

Johnny continuava a dormir como uma pedra, claro, mas Deer já estava bem desperta. Gemeu quando viu que eram só 05h18. Conseguia sentir as imagens remanescentes do olhar do javali no sonho que tivera, por isso admitiu a derrota, levantou-se, vestiu o roupão, calçou os chinelos e arrastou-se pela garagem gelada até ao escritório. Pelo menos lá estava mais quente.

Então sentou-se e leu. Leu tudo. O caso todo, mais uma vez. Incluindo as novas potenciais vítimas, todos os relatórios preliminares da investigação. A busca ainda infrutífera pela sobrevivente, Farida Hesari; a médica dinamarquesa infiel, Mette Hækkerup; a acompanhante dos *motards*, Elisabeth Ström, em Växjö; o mistério da histerectomia e da gravidez de Jessica Johnsson.

Nalgum momento durante aquelas primeiras horas da manhã, Deer conseguiu finalmente encontrar uma fotografia de Jessica, apesar de não ter descoberto nem carta de condução nem passaporte. Era uma foto de um jornal local do mercado de Natal de Porjus, tirada três anos antes, quando Jessica comprava carne de rena seca; parecia bastante surpreendida.

Tirando esta exceção, parece ter conseguido evitar completamente as câmaras. Deer enviou a fotografia a Sam Berger e recebeu imediatamente uma resposta, como se Sam estivesse à espera, tão insone como ela: «Sim, é ela, a mulher com quem estivemos em Porjus. Quer dizer que a mulher que interrogámos era a verdadeira Jessica Johnsson. Lá se vai essa teoria. Descobriste mais alguma coisa sobre o Reine Danielsson?»

Deer respondeu, escrevendo: «Teve alta da casa de repouso de Falun apenas alguns meses depois da viagem a Orsa. Nenhuma morada permanente desde então. O motivo, provavelmente, são os cortes orçamentais na Segurança Social. Mais vale ligares-me.»

O telemóvel de Deer tocou obedientemente.

– Bem – disse Sam Berger. – Já consegui ver que o Danielsson também teve alta na mesma altura, há oito anos. Desde então, tem-se mantido na sombra. Nenhuma declaração de rendimentos nem qualquer morada registada. Onde é que o tipo tem andado? Como será que sobreviveu?

– Não tem família – afirmou Deer. – Pelo que consigo ver, o Reine Danielsson está completamente sozinho no mundo. Mas emergiu umas quantas vezes. Quando foi internado em instituições como a Clínica de Lindstorp.

– Lindstorp, onde foi internado sob o pseudónimo «Sam Berger» e lhe foi dada alta por não poder pagar. Provavelmente podemos supor que aconteceram coisas semelhantes antes. Quer dizer que também já foi internado utilizando o próprio nome?

– Sim – respondeu Deer. – Estou a tentar perceber os pormenores.

– Três perguntas – disse Sam Berger. – Onde? Quando? Quem pagou?

– Estou a trabalhar nisso – afirmou Deer.

– Espera lá. Vamos parar um bocado para refletir acerca disto. No ponto em que as coisas estão agora.

– Tens refletido acerca disto com a Molly Blom?

– Está a esquiar.

– O quê? Ainda nem são oito da manhã. Deve estar um gelo lá em cima, e escuro como breu. O inverno até já chegou a Skogås.

– Não te preocupes – disse Sam Berger. – A Molly tem uma lanterna de cabeça.

– Que alívio – disse friamente Deer.

Sam Berger prosseguiu:

– Vamos refletir acerca disto, eu e tu, como simples detetives. Vamos fingir que estamos outra vez no *open space* na sede da Polícia. Este é um caso perfeitamente normal, está tudo bem, ainda estamos a trabalhar para o Allan, somos parceiros a tentar resolver um homicídio, só isso. Ignoraremos o facto de estares a fazer uma investigação paralela sem o conhecimento do teu novo patrão, o DNO, e ignoraremos o facto de teres empregado secretamente alguns *freelancers* que estão a fugir ao sistema judicial, e vamos ignorar...

– Obrigada – disse Deer.

O silêncio que se seguiu prolongou-se mais do que o normal.

Sam Berger acabou por dizer sombriamente:

– Não há justiça.

– Diz-me só que não mataste a Syl – pediu Deer.

– Por amor de Deus – retorquiu Sam Berger.

– Um AVC – disse Deer. – Acredito mesmo. A Syl morre e tu desapareces. Como é que isso encaixa, Sam?

– É melhor não saberes, Deer.

– Não – disse Deer com firmeza. – É sempre melhor saber. Já chega de encobrir as coisas. Ou fazemos isto juntos ou não fazemos de todo.

– Será que dizer Serviço de Segurança chega?

– Não.

Sam Berger suspirou profundamente e respondeu:

– A Syl estava a trabalhar para mim oficiosamente. Tinha descoberto uma quantidade de ligações estranhas entre as altas patentes do Serviço de Segurança e o raptor da Ellen. Continuou a escavar e, quando estava prestes a contar-me o que tinha descoberto, foi assassinada. Encontrámo-la na cabana de pesca. Fui-me completamente abaixo e a Molly afastou-me o mais possível de lá. Temos andado fugidos desde essa altura.

– Que grande merda – disse Deer.

– Podes crer – retorquiu Sam Berger. – Mas isso não muda nada. Já estamos muito perto. Não podemos desistir. Agora não. Tens de confiar em mim.

– Mas será que posso confiar na Molly Blom? – perguntou Deer. – Vocês estão a fugir do Serviço de Segurança e *ela é do Serviço de Segurança*. É uma agente secreta, por amor de Deus, Sam, já a vi em ação, é muito boa a interpretar papéis diferentes. Que foi que fizeste, Sam?

– Pisei um ninho de vespas, dos grandes – disse Sam. – E não consigo perceber a dimensão disto tudo.

– Já calculava que fosse alguma coisa desse género – suspirou Deer. – Mas, por favor, tem cuidado.

– Só há uma pessoa em quem confio implicitamente, e essa pessoa és tu, Deer. Confio em ti. Podemos continuar conforme tínhamos planeado? Temos de travar o Reine Danielsson, não apenas para salvar o teu emprego, mas também para nos certificarmos de que colhes os louros. Vamos levar isto a bom porto. Só temos de conseguir manter nas nossas cabeças dois pensamentos diferentes ao mesmo tempo.

– Dois? – exclamou Deer. – Fará realmente sentido continuar, se a tua maldita Molly Blom estiver a fazer jogo duplo? Pode deitar-nos abaixo a qualquer momento.

– Não me parece – retorquiu Sam Berger. – Os meus dois pensamentos são sobre isso e estão a dividir-me o cérebro. Em relação a mim e ao Serviço de Segurança, talvez a Molly esteja a fazer alguma espécie de jogo duplo, mas estou convencido de que está a encarar este caso e o *serial killer* Reine Danielsson com absoluta seriedade.

– Da mesma forma que chegaste a ter a certeza absoluta em relação à Nathalie Fredén?

O silêncio espalhou-se novamente pela pequena e deprimente garagem de Deer. Teve uma súbita visão de si própria. Viu-se muito de longe e viu a vida despretensiosa que levava, a pequena família, a garagem e a pequena casa geminada como um enclave absurdamente exposto num mundo de traição, duplicidade e múltiplas lealdades, uma minúscula jangada que, de alguma forma, conseguia manter-se a flutuar num furioso caldeirão de bruxas. E viu Sam Berger a despontar daquele caldo fedorento, e não conseguia ver-lhe a cara, porque tinha tantos rostos diferentes na cabeça que era impossível distinguir qualquer um deles.

– Quem raio é o Reine Danielsson? – perguntou Deer.

– Boa – disse Sam Berger. – Obrigado, Deer. Por agora, vamos esquecer o passado: quem é ele agora? Passou por períodos de loucura, é várias vezes internado em clínicas, provavelmente sob umas quantas identidades diferentes. Mas é quando tem alta que é mais perigoso. Passa cerca de um ano nalgum local desconhecido, nalguma velha casa abandonada, sem dinheiro, e planeia os homicídios. Muito provavelmente tem como alvo

mães de rapazes, mas não estabelece uma distinção muito forte entre elas: uma prostituta grávida servirá tão bem como uma pediatra bem-sucedida com um filho adolescente. É tudo muito bem planeado, mas depois passa ao ataque com um pedaço de madeira e uma faca. Não deixa ADN nos locais dos crimes, nem esperma, mesmo que seja óbvio que esteja a assassinar por prazer. Isto faz algum sentido pra ti, Deer?

Deer percorreu com o olhar o estúdio sem janelas, naquilo que era basicamente uma pequena e sombria garagem convertida em escritório. Era mal iluminada e estava repleta de cantos escuros e sujos. Mas, apesar de tudo, a luz voltara e chegara outro amanhecer.

– Não – respondeu. – Mas não temos de tomar como ponto de partida o facto de ser impossível que faça algum sentido? Estamos a lidar com uma psique sem nenhum paralelismo óbvio. Uma escuridão que às vezes é tão insuportável que o tipo tem de transformar-se noutra pessoa. E, mais recentemente, entre dois homicídios brutais, transformou-se *em ti*, Sam. Já não há a possibilidade de se tratar de uma coincidência. O tipo transformou-se em ti. E nós que nem sequer conseguíamos lembrar-nos se o tínhamos interrogado ou não. O que significa que não nos causou grande impressão, enquanto tu claramente o impressionaste bastante.

– Isso é tudo muito bonito – disse Sam Berger –, mas *eu* estou seguro aqui. *Tu*, por outro lado, Deer, tens de ter muito cuidado. De certeza absoluta que o Reine Danielsson também se lembra de ti.

– Como já te disse, sei tomar conta de mim – afirmou Deer, pensando nos olhos do javali a fitá-la através da escuridão.

– Leste a transcrição do interrogatório que lhe fizemos? – perguntou Sam Berger.

– Li tudo o resto – disse Deer. – Passei horas sentada na garagem a ler tudo menos isso. Acho que tenho estado a tentar contornar esse interrogatório.

– A adiar o inevitável – disse Sam Berger. – Eu também. Mas não podemos continuar a adiar. Lê a transcrição: mas tenta lembrar-te de toda a situação, de cada pequena impressão, de qualquer coisa que possa ajudar-nos.

– Vou tentar. E tenho a porra das cassetes do Robertsson para ver. Por sorte, ainda tenho um leitor de VHS em bom estado.

– A Molly acaba de chegar. Também vai ler a transcrição, para termos a

perspetiva dela, mais logo debatemos as nossas impressões e memórias.

– Está bem – disse Deer.

Depois desapareceu.

– Que estou eu a ler? – perguntou Molly Blom na escuridão. Irradiava um misto de calor e de frio.

– O interrogatório que eu a Deer fizemos ao Reine Danielsson há oito anos – respondeu Sam Berger, passando-lhe um maço de papéis pela mesa cada vez mais atulhada; esperava que não reparasse que as folhas tremiam.

Molly Blom pegou no maço e olhou para ele durante algum tempo, como se tivesse ficado congelada. Depois devolveu-lhe os documentos e virou-se rapidamente. Precipitou-se para a porta e parou assim que a transpôs, vomitando sobre a borda do pequeno terraço. Em seguida, tapou o vómito com neve que raspou com a bota e voltou para dentro.

– Não podes continuar a estafar-te a esquiar dessa maneira – disse Sam. – Preciso de ti no teu melhor.

– Dá cá isso – pediu Molly Blom, lançando um olhar irritado a Sam Berger. Pegou nas folhas e sentou-se. Ligou o candeeiro da secretária e embrenhou-se imediatamente na antiga transcrição. Sam Berger pegou na sua própria cópia e tentou concentrar-se nela, não conseguiu, tentou novamente, saiu-se um pouco melhor. Um mundo inteiro abriu-se, um mundo acerca do qual tinha esquecido muitíssimo. O hotel em Orsa, o fervilhar de atividade naquela improvisada base da Polícia, o pessoal extra, o fluxo constante de novas pessoas para interrogar. E depois a sala de pessoal, a súbita calma. E lembrou-se de como tinha visto Desiré Rosenkvist com novos olhos – nova: claro; melhor: dificilmente –, e foi então que Desiré se tornou Deer. Sam lembrou-se de terem entrado ambos na sala estranhamente alongada e olhado nos olhos de um azul intenso de Reine Danielsson que pareciam absorver todo o Universo.

Continuou a ler, mergulhando profundamente nas águas tépidas da memória, nadando às voltas, explorando, procurando em todos os cantos e recantos antes de voltar novamente à superfície. Apenas para encontrar um par diferente de olhos de um azul intenso. Sam também não sabia o que se escondia por detrás desses.

– Então? – perguntou Molly, estudando-o. – Achas que tu e a Deer fizeram um bom trabalho?

– Foi exatamente o que perguntei à Deer no fim – disse Sam Berger.

– Não é que isso esteja na transcrição. Daí estar a perguntar.

– Dificilmente – disse Sam Berger. – Foi um trabalho sem brilho, desinspirado, não aprofundámos coisas que parecem óbvias agora que se olha para trás.

– Tais como?

– Porque é que a pergunta sobre o trevo de quatro folhas o incomodou tanto? Porque parou de desenhar na mesma tarde em que a Helena Gradén foi raptada?

– Fiquei mais impressionada com algumas outras coisas que ele disse – afirmou Molly Blom, folheando a transcrição. – Aqui: «Mas ninguém pode ensinar-me nada, eles dizem que não consigo aprender nada.»

– Incutiram-lhe essa ideia de nunca conseguir aprender nada – disse Sam. – Mas não foi essa a impressão com que fiquei.

– A segunda citação é ainda mais interessante – continuou Molly. – Tu perguntaste-lhe se desenhou coisas que viu na vida real. E ele respondeu: «Normalmente finjo que sou outra pessoa. Assim vejo muito mais.»

– Hum – disse Sam Berger, examinando a transcrição até encontrar a citação. – Ele disse mesmo isso. Que *vê muito mais* se fingir ser outra pessoa. Mas *fingir*? Isso sugere que o Reine sabe que não é real.

– Estás a pensar noutra coisa? – perguntou Molly, olhando atentamente para Sam.

– Na verdade, havia mais qualquer coisa – disse Sam Berger. – Havia um ficheiro sobre o passado dele. A Deer referiu-se a isso. Mas não encontrámos nenhum ficheiro sobre o passado do Reine Danielsson, pois não?

– Não – disse Molly Blom. – A casa de repouso foi encerrada, a papelada acerca do caso dispersou-se e calculo que nada tenha sido digitalizado. O que sobrou está provavelmente enterrado nas entranhas de algum edifício municipal em Falun.

– Lembro-me de a Deer dizer qualquer coisa acerca de um diagnóstico. O Reine Danielsson parecia mais feliz quando o deixavam desenhar em paz. Não parecia ter nada contra mulheres ou mães. A Deer mencionou instabilidade mental combinada com uma personalidade frágil, juntamente com grande ansiedade, confusão e depressão.

– Receio que isso pareça um diagnóstico bastante padronizado.

– Sem dúvida que também havia outra coisa – disse Sam Berger com

firmeza.

– Sim, «uma necessidade pronunciada de agradar às outras pessoas».

– Isso é um pouco ambíguo – afirmou Molly. – Quer dizer que se deixava levar facilmente?

– Não é completamente claro, pois não? – concordou Sam Berger. – Mas começa a surgir uma espécie de esboço do tipo de personalidade dele. Alto e forte, mas também pouco determinado e facilmente influenciável. Alguém pronto a ser usado.

– Achas que pode haver alguém sentado na sombra a dirigi-lo? Que o Reine Danielsson é uma espécie de assassino por controlo remoto?

– Dominação – disse Sam Berger.

– Onde é que já ouvi isso? – perguntou Molly Blom. – Uma vez, quando estavas a interrogar uma suspeita que dizia chamar-se Nathalie Fredén. Que se presumia ser a escrava subserviente de algum dono. Isso é alguma coisa pessoal? Um fetiche teu?

– Só que desta vez, é real. Não consegues ver o esboço, Molly? Eu consigo, sem dúvida, mas não sei o que está lá dentro. Faz e não faz sentido.

Molly Blom encolheu os ombros e deixou cair a transcrição da entrevista sobre o teclado do computador.

– Lamento – disse. – Mas não vejo nada aqui a não ser um assassino extremamente improvável. Talvez estejamos no caminho errado. O Danielsson estava internado na Clínica de Lindstorp pela simples razão de que é louco. O verdadeiro assassino deve ter-se deparado com ele algures e levado com ele um pedaço microscópico da ligadura de gaze para a sala da caldeira.

– Então e a carrinha? – perguntou Sam Berger. – A *Volkswagen Caddy* que já foi branco-amarelada e que que está agora coberta com película *Azul Fiorde*? Foi furtada ao Anders Hedblom em Sorsele. Conduziu o Reine Danielsson a Lindstorp. Raspou a parede da garagem da Jessica Johnsson em Porjus.

– Eu sei – suspirou Molly Blom. – Mas não vejo como...

– Mais depressa uma vaca voava do que davam uma carta de condução a um louco como o Reine Danielsson – declarou Sam Berger, levantando-se. – *Ela* é que ia a conduzir.

– Ela?

– A loura à porta da Clínica de Lindstorp, a mulher que o deixou lá. Ela é o cérebro por detrás disto, está sempre presente. Esteve presente quando o Reine assassinou o Anders em Sorsele, deixou-o na clínica e foi lá buscá-lo quando o Reine deu alta a si próprio, conduziu até Porjus, ajudou-o a livrar-se de todo o ADN que havia dentro de casa. Aposto que havia duas pessoas naquela sala da caldeira. A mulher mandou-o sair no momento certo. O teu telemóvel caiu quando o tipo atirou com a porta da cave depois de subir apressadamente as escadas com o passa-montanha e a Jessica Johnsson debaixo do braço. Depois seguiu-o. Assassinaram a Jessica, juntos, da maneira mais brutal possível. Não devíamos estar à procura de amantes no passado da Jessica Johnsson. Esta mulher era amiga dela, uma amiga que em tempos fizera parte do então desaparecido círculo de pessoas com quem se dava, alguém suficientemente próximo a ponto de a Jessica não querer abdicar dela.

– Porque não *uma* amante? – sugeriu Molly Blom, fitando a luz crescente do amanhecer. – Pode ser uma possibilidade.

– Matar por prazer, mas nem sinal de esperma – disse Sam. – Que grande merda!

O telefone por satélite tocou. Olharam fixamente para o aparelho como se tivesse caído do espaço. Então Sam Berger pegou bruscamente nele e atendeu:

– Deer, já leste a transcrição do interrogatório? E conseguiste encontrar alguma coisa com interesse nos vídeos do Robertsson?

– Mais logo – respondeu rapidamente Deer. – O Robin acabou de ligar. Com informações bastante estranhas. E logo da Sérvia. Se tivesse sido nalgum país da UE, teria acontecido muito mais depressa.

– Não faço a mais pequena ideia do que estás para aí a dizer.

– O sangue – explicou Deer. – A informação foi divulgada depois de o sangue ter sido analisado: isso acontece quase automaticamente.

– Desculpa, mas ainda não percebi.

– Por amor de Deus, Sam, acorda! O sangue em Porjus. O banho de sangue.

– O sangue da Jessica Johnsson?

– Não! – berrou Deer. – É exatamente isso! *O sangue não era da Jessica Johnsson*. E os cabelos na escova que estava na casa de banho também não são dela. Nenhum ADN naquela maldita casa era da Jessica Johnsson.

Percebes o que estou a dizer?

Sam Berger ficou sem palavras. Olhou para Molly. Tinha ouvido e Sam achou que viu o rosto corado dela ficar mais pálido. Molly Blom também não disse nada.

– Ainda estás aí, Sam? – acabou por perguntar Deer.

– Sim – respondeu Sam Berger. – Mas nós estivemos sentados à frente dela, bebemos chá, ela coçou a cabeça várias vezes. Devia ser o ADN dela.

– Só que não era. Pertence a uma mulher sérvia cujo nome é – ou melhor, era – Jovana Maleševi´c. Andava a viajar sozinha pelo norte da Suécia e desconhece-se o paradeiro dela desde a manhã de domingo, dia 15, quando esteve em Arjeplog.

– O dia em que o Reine Danielsson teve alta da Clínica de Lindstorp, nos arredores de Arjeplog – disse Sam Berger. – Mas temos mesmo a certeza absoluta disso? Os sérvios não podem ter cometido um erro?

– Também temos impressões digitais – afirmou Deer –, até na velha máquina de escrever da Jessica Johnsson. Também eram de Jovana Maleševi´c.

– E o sangue no primeiro andar? O sangue com a forma de um corpo humano no lençol? A nádega com o trevo de quatro folhas?

– E o sangue na neve, que pingou do baú – disse Deer. – Todo da Jovana Maleševi´cć.

– Mas... – disse simplesmente Sam Berger. Estava mudo de espanto.

– Outra coisa – afirmou Deer. – A razão pela qual a Jovana viajara para tão longe de casa é que tinha uma grande decisão a tomar. Precisava de paz e sossego para decidir se ia ou não ter o bebé.

Sam Berger disse:

– A Jessica Johnsson não estava grávida, porque tinha feito uma histerectomia, mas a Jovana estava. E o único ADN encontrado na casa de Porjus era dela.

– Além de algumas moléculas do sangue do Reine Danielsson, sim.

– Eles sabem o sexo do bebé?

– A Jovana Maleševi´c estava grávida de quinze semanas e na semana anterior tinha feito uma ecografia na Sérvia, em Novi Sad. Ia ser um menino.

– Valha-me Deus – disse Sam Berger.

– Embora Ele não pareça estar muito envolvido nisto – afirmou Deer. –

Vou procurar nas cassetes do Robertsson e telefono se encontrar alguma coisa.

Dito isto, Deer desligou.

Molly Blom levantou-se, ainda com o equipamento de esqui vestido, e aproximou-se da parede coberta de informações. Estacou e observou-a.

– Algumas destas coisas têm de ser reordenadas – disse com toda a naturalidade, mas a voz tremia-lhe.

Sam levantou-se e aproximou-se para ficar ao lado dela.

– Mas será que alguma vez vai ser possível reconstituir isto? – perguntou.

– Peruca loura – disse Molly Blom. – Um disfarce tão bom como qualquer outro…

– O criminoso não está escondido no passado da Jessica Johnsson – disse Sam Berger. – O criminoso é a Jessica Johnsson. Está a manobrar emocionalmente o débil Reine Danielsson, tem-no firmemente controlado. A Jessica é a sua dona.

– Mas numa coisa tínhamos razão – disse Molly. – Havia duas pessoas na sala da caldeira. Mas não era a Jessica quem lá estava com Reine, era uma sérvia raptada chamada Jovana Maleševi´c.

– O Robin tinha a certeza de que havia alguém a viver lá – disse Sam Berger. – E a pessoa que lá passou três dias de pesadelo antes de ser ritualmente abatida foi a pobre Jovana.

– Isto é mais complexo – afirmou Molly Blom, rodando rapidamente sobre si para o encarar. – Muito mais. Eles convocaram-te.

– O quê?

– A Jessica não parou de insistir no trevo de quatro folhas e na inocência do Karl Hedblom até a Polícia acabar por ignorá-la. Não parou de bater na mesma tecla, mas ninguém mordeu o isco. Teve de esforçar-se ainda mais. Quando a Jessica e o Reine, por algum motivo ainda desconhecido, assassinaram o Anders Hedblom em Sorsele, a Jessica deixou lá um bilhete onde estava escrito «Sam Berger». Então, levou o cada vez mais psicótico Reine à Clínica de Lindstorp de carro e certificou-se de que dava entrada como Sam Berger. Depois escreveu aquela carta falsa e endereçou-a diretamente à tua ex-parceira, Desiré Rosenkvist. A Jessica Johnsson convocou-te, Sam. Lançou-te um desafio.

– Mas eu nunca a conheci.

– Não sabes isso. A Jessica parece ter jeito para se disfarçar e viveu sob identidade falsa durante vários anos. Mas se calhar bastou que o teu interrogatório ao Reine tenha causado tal impressão nele, talvez a Jessica te tenha convocado por causa do Reine.

– Não achas que já estás a ir um pouco longe de mais?

– A Jessica quer que a procures, Sam. E conseguiu o que queria. Agora sabe que estás a tentar encontrá-la.

– Nós sentámo-nos àquela mesa com ela, Molly. Sentámo-nos e interrogámo-la. Não havia nada que sugerisse que a Jessica me tivesse reconhecido.

– Porque estava à tua espera, estava bem preparada – disse Molly Blom. – Espalhou as pistas, tudo o que teve de fazer foi esperar por ti. Isso provavelmente aconteceu mais cedo do que esperava, mas quando a Desiré ligou a dizer que ias a caminho, ela e o Reine começaram a limpar a casa. Então, depois de isso ter sido feito, limparam um pouco mais. Lavaram as chávenas, aspiraram a mesa de refeições.

– Mas a Deer não ligou a dizer que eu estava a caminho – disse Sam Berger. – Limitou-se a dizer que ia mandar lá uns agentes. E, quando chegámos, éramos simplesmente Lindbergh e Lundström.

– Quando a Desiré Rosenkvist, tua parceira há oito anos, ligou, a Jessica provavelmente adivinhou que era o Sam Berger quem estava a caminho em vez de qualquer outra pessoa. O culminar de todos os seus sonhos. Agora podia realmente atrair-te para a série de homicídios. Ia conseguir que o Reine assassinasse alguém enquanto tu estavas indefeso na cave. Isso ia enfurecer-te; não desistirias até a apanhares.

– Ainda não entendi porque é que a Jessica poderia estar tão obcecada por mim. Entre o meu número limitado de capacidades conta-se uma memória muito boa para caras, e tenho a certeza de que nunca a tinha visto.

– Provavelmente já tinhas, de uma maneira ou de outra. Talvez seja boa atriz.

– Como tu?

Molly Blom sustentou o olhar de Sam Berger durante algum tempo, depois disse:

– Não há necessidade de ir tão longe. Bem, vamos começar a trabalhar.

Sam Berger soltou um suspiro profundo, virou-se e disse:

– Agora precisamos mesmo de saber qual era o nome da Jessica Johnsson quando vivia sob identidade falsa.

27

Segunda-feira, 23 de novembro, 09h46

O inverno entrou numa torrente pela fresta da porta. No tempo que demorou a abri-la o mais silenciosamente possível, os dedos dele tinham começado a ficar hirtos. Mal conseguiu manipular o telemóvel.

Apesar disso, o sol bilhava tão intensamente como no dia anterior. Os raios afiados como punhais atingiam os olhos de Molly Blom, virada de costas para Sam Berger na neve; era óbvio que sentia dificuldade em distinguir os botões do telefone por satélite com aquela luz brilhante que se refletia por todo o lado. Molly procurou mais uma vez proteger-se do sol ofuscante sob o telhado da pequena cabana e, já à sombra, ergueu o telefone para conseguir vê-lo bem. Então marcou o número.

Sam Berger ampliou a imagem com a câmara do telemóvel. Quando a voz de Molly Blom subiu em direção à infinidade azul do polo de inacessibilidade, fechou suavemente a porta, pousou o aparelho congelado na mesa e estendeu as mãos em direção ao radiador. Mesmo sabendo o que havia debaixo do pano vermelho mais próximo da janela, Sam Berger levantou-o brevemente e olhou para as duas pistolas do jipe; irradiavam segurança e perigo.

Depois esperou.

O tempo passou. O sangue recomeçou a circular-lhe nas mãos, bombeando-lhe dor pelo corpo. Era vivificante.

Naqueles tempos de traição e duplicidade, Sam Berger podia pelo menos confiar na dor. Isso era dele e só dele.

Inesperadamente ela demorou muito. Como se Molly Blom estivesse a conseguir chegar a algum lado pela primeira vez. Será que o contacto dela no Serviço de Segurança se tinha finalmente esforçado um pouco?

A frustração e a esperança aumentaram enquanto Molly permanecia lá

fora.

Acabou por entrar e provavelmente não tinha o rosto pálido apenas por causa do frio.

– Consegui. – disse. – Finalmente.

Sam Berger esperou e um novo calor juntou-se à dor que ainda lhe percorria o corpo. Molly Blom prosseguiu:

– Quando a Jessica Johnsson estava sob proteção, chamava-se Lena Nilsson.

Sam Berger sentiu as sobrancelhas a franzirem-se; era como se os músculos do rosto estivessem fora do seu controlo. Algo que dificilmente poderia ser maior do que uma única célula cerebral decidira dar um passeio pela sua massa cinzenta, que salvo esta exceção estava completamente congelada.

– Nome típico para uma identidade falsa – prosseguiu Molly Blom, batendo os braços para conseguir aquecer-se. – O mais insípido e banal possível. Mas também tenho o número de identificação dela.

– Essa agora! – disse Sam Berger. – Lena Nilsson.

– O quê? Reconheces este…

Sam Berger não esperou pelo final da frase. Em vez disso, mergulhou no maço de documentos com dez centímetros de espessura que cobria a investigação do duplo homicídio de há oito anos, em Orsa. Os papéis voaram em torno dele. Quando acabou de procurar, segurava firmemente uma única folha.

– Estamos outra vez na maldita Orsa – disse, apontando para o documento. – As funcionárias da casa de repouso. Uma delas chamava-se Lena Nilsson. Pode ter sido ela. Cuidou do Karl Hedblom e do Reine Danielsson. Não é de descartar que tenha manipulado o Reine para matar uma das habitantes da cidade, Helena Gradén, juntamente com o filho Rasmus, de catorze meses. E depois culpou outra das pessoas de quem cuidava, o Karl, pelo homicídio.

Molly Blom pegou na folha, leu e assentiu.

– O número de identificação corresponde – confirmou.

Sam Berger dirigiu-se à parede coberta pela investigação em perpétua expansão e olhou para a única fotografia conhecida de Jessica Johnsson, a que Deer encontrara, num mercado de Natal em Porjus.

– E se a Jessica tivesse estado sempre lá? – perguntou Sam Berger. –

Talvez estivesse de atalaia em Orsa, completamente anónima. Se esteve, devo tê-la visto. Mas dela é que não me lembro mesmo nada. Lena Nilsson…

Molly Blom estava agora sentada ao computador, teclando e pressionando o dedo no rato.

– A Jessica Johnsson pode não ter carta de condução – disse –, mas a Lena Nilsson tinha. Pode ter caducado quando o Eddy Karlsson morreu e a Jessica conseguiu recuperar a verdadeira identidade, mas nunca lhe foi formalmente cancelada.

– Nova ideia – disse Sam Berger. – Será que esses dois também mataram o Eddy Karlsson?

– Temos de investigar as circunstâncias que rodeiam a morte dele – afirmou Molly Blom.

– Carta de condução – disse lentamente Sam Berger. – A Jessica deve ter conduzido o carro desde Sorsele, depois de terem assassinado o Anders Hedblom.

– Quem é que a interrogou há oito anos, em Orsa? – perguntou Molly Blom.

– O Robertsson – respondeu Sam Berger com um aceno de cabeça. – Um dos interrogatórios merdosos dele. A gravação ainda pode existir…

– Temos de vê-la e ouvi-la com toda a atenção.

– E é o que vamos fazer – retorquiu Sam Berger, desviando o olhar da parede. – Precisamos de pormenores, de todos os pormenores a que consigamos deitar a mão. Mas do que precisamos, acima de tudo, é de uma visão geral. Não devíamos primeiro voltar à estaca zero? Que temos até agora? Quem é a Jessica Johnsson? Quem é o Reine Danielsson? Quem é esta gente que enfrentamos?

– Um casal – respondeu Molly Blom. – *Serão* um casal? Duas pessoas que se amam?

– Não pode ser – exclamou Sam Berger. – Pensa outra vez na cave em Porjus. Tu tinhas posto o teu telemóvel a filmar tudo, mas nenhum deles sabia disso, não estavam a representar para a câmara. O Reine saiu disparado da sala da caldeira e atacou-nos. Depois arrastou a Jessica até às escadas e amarrou-lhe as mãos. A Jessica ficou lá presa enquanto o Reine nos levava até aos aquecedores. Depois soltou-a e arrastou-a escadas acima com tanta violência que fez com que o teu telemóvel saísse do sítio.

Não me parece que seja propriamente uma parceria criativa.

– Pode ter sido um ritual – sugeriu Molly Blom. – Uma espécie de preliminares pervertidos.

– E depois homicídio e sexo? Mas sem esperma…

– É óbvio que limpam tudo no fim, livram-se de todo o ADN. Mas continuo a achar um pouco estranho que nunca haja esperma no sangue…

– Isto é demasiado doentio – exclamou Sam Berger, abanando a cabeça. – Claro que não há muita coisa que não tenhamos visto e, como agentes experientes, sabemos que nada que possamos imaginar, por mais que esforcemos a imaginação, se aproxima do que a realidade tem para oferecer. Mesmo assim…

– Temos de pensar para lá dos limites de uma psique normal – disse Molly Blom, avançando até à parede. – E temos de pensar para lá dos nossos preconceitos habituais. As mulheres não cometem homicídios com motivação sexual, toda a gente sabe disso. Mas e se o fizerem sob certas circunstâncias? Certas circunstâncias extremas, muito além de qualquer coisa que possa ser considerada normal? Temos de tentar entrar bem dentro de uma alma que é diferente de tudo o que alguma vez tenhamos encontrado.

– Bem dentro, na parte mais recôndita do interior do país – disse Sam Berger.

– Estivemos sentados à frente dela, Sam. Nenhum de nós fazia a mais pequena ideia do que estava a acontecer dentro da cabeça dela. Não nos causou grande impressão na altura e é evidente que há oito anos também não. E se pensarmos bem em todas as coisas que estavam a confluir para ela em torno daquela mesa de refeições em Porjus, em todo o meticuloso e complexo planeamento que estava em vias de dar frutos, temos de admitir que ela era tão fria como o gelo. Num grau quase sobre-humano.

– Tão fria como o interior do país – disse Sam Berger. – Vamos tentar ver esta confusão toda desde o início? Então, onde é que isto começa? Quando é que a Jessica Johnsson se torna tarada a este ponto? Não há indícios disso em nenhum momento do passado dela.

– No entanto, até há alguns, não é? – disse Molly Blom, gesticulando vagamente na direção da parede. – O Eddy Karlsson é um indício. A Jessica era uma rapariga que escolhia homens violentos; não há nada de especial nisso, é muito comum. Mas talvez seja um sinal de que gostava

de perigo, mesmo quando era mais nova, que rejeitava aquilo que era seguro, a normalidade. E este homem invulgarmente repulsivo engravidou-a, agrediu-a repetidamente, no fim com tanta gravidade que a Jessica perdeu o filho, o filho por nascer, e com ele o útero e a identidade. Parece plausível que algo assim possa desencadear um ódio muito forte.

– Mas, nesse caso, esse ódio seria dirigido ao Eddy Karlsson, ou talvez aos homens em geral. Mas as vítimas de homicídio são mulheres.

– Mulheres com filhos – afirmou Molly Blom. – *Precisamente* o que ela nunca poderia ser. Não estará a servir-se do Reine para a ajudar a reconstruir e a reencenar o passado, as agressões a que o Eddy Karlsson a sujeitou?

– Mas ela não morreu. As mulheres a quem manda o Reine atirar-se morrem, mesmo que isso nem sempre aconteça aos filhos. O que tornaria isto uma espécie de suicídio por procuração. Algo do género de a Jessica também precisar de morrer.

– Mas isso faria disto uma coisa depressiva – disse Molly Blom –, negadora de vida. E tanto tu como eu vemos algo diferente, um elemento sexual, quase maníaco. Um ato grotesco de afirmação. Um ritual extático. E, nesse âmbito, o Reine tem de a atacar e arrastar com ele. Tal como a arrastou escadas acima em Porjus.

– E depois o homicídio de uma mulher? Realmente não sei se eu...

– Tu estás bloqueado, Sam, como sempre estiveste. Idolatras as mulheres. Mas nós somos tão capazes de atos perversos como os homens. Quanto mais liberais nos tornamos, mais perigosas somos.

Sam Berger assentiu devagar. Sem dúvida que era verdade.

O telemóvel tocou. Sam clicou no botão do alto-falante e atendeu:

– Estou?

– Sim – disse Deer. – Realmente estava lá.

– O quê?

– Uma gravação em vídeo de quando interrogámos o Reine Danielsson – respondeu Deer. – Na tarde de 30 de outubro de 2007. Filmei o ecrã da televisão com o meu telemóvel, ainda tem uma qualidade razoável. Estou a enviar-te toda a gravação, mas já enviei a parte mais importante, o final do interrogatório. Recebeste?

Sam Berger consultou o *e-mail*. Claro que o ficheiro estava lá.

– Sim – respondeu.

– Dá uma vista de olhos – pediu Deer. – Eu mantenho-me em linha.

Molly Blom levantou-se e dirigiu-se ao lado da mesa onde estava Sam Berger. Este clicou no ficheiro. Um vídeo começou a passar e Sam clicou na pausa para ter uma ideia do contexto e da perspetiva.

A memória não o tinha atraiçoado muito. Havia quatro pessoas sentadas a uma mesa no escritório alongado do hotel em Orsa.

A câmara parecia estar por cima dos ombros dele e de Deer, só se conseguiam ver as costas deles. Do outro lado, de frente para a câmara, encontrava-se Reine Danielsson, de vinte e cinco anos. Foi captado num momento de agitação. Ao lado dele estava sentada uma acompanhante anónima que fitava o tampo da mesa.

Sam clicou na seta para reproduzir o vídeo. A voz de Deer soava inesperadamente acriançada quando dizia: «O mesmo se aplica quando desenha um trevo de quatro folhas? Nessa altura o seu desejo torna-se realidade?»

Reine olhou fixamente para Deer, perplexo.

«Não sei… acho que não…»

«Que aconteceu quando desenhou um trevo de quatro folhas, Reine? O seu desejo começou a tornar-se realidade?»

Reine Danielsson estremeceu e os olhos dardejaram em todas as direções.

«Eu não…»

Deer inclinou-se para a frente e prosseguiu com voz suave:

«O seu desejo tornou-se realidade no abrigo, Reine? Foi então que fez esse desenho que o fez parar de desenhar tudo o resto? O trevo de quatro folhas? Onde é que desenhou o trevo de quatro folhas, Reine? Qual é a sensação de desenhar na pele humana? No meio de todo aquele sangue?»

Então, Reine Danielsson levantou-se. Estava tão agitado que tremia. A acompanhante pôs-se de pé e rodeou-lhe o tronco com o braço. Era óbvio que Reine não conseguia falar. Estava pálido e aquilo parecia ser demasiado para ele.

Depois foi a vez de Sam Berger se levantar. Ergueu a mão direita, estendeu o indicador e o médio para formar um revólver de cano duplo. Apontou a arma imaginária a Reine e imitou um tiro com os lábios. A mão ergueu-se, como que projetada para trás e para cima depois do coice do disparo.

A acompanhante abanou a cabeça e olhou para Sam Berger.

«Isso era desnecessário», disse.

Sam Berger replicou:

«Limite-se a fazer aquilo para que foi treinada.»

Deer deu uma risadinha. Por um breve momento, os olhos da auxiliar escureceram quando lhe lançou um olhar inesperadamente ríspido.

Depois pegou na mão de Reine e conduziu-o para fora da sala sem dizer mais nada. Sam Berger afundou-se novamente na cadeira e perguntou: «Como achas que correu?»

A gravação chegou ao fim. Sam Berger voltou a passá-la e voltou a ver a curta sequência. Fez uma pausa no preciso momento em que a acompanhante lhe lançou o olhar sombrio; foi a primeira vez que viu realmente o rosto dela.

– Que grande merda – disse Sam Berger, sentindo a cor a abandonar-lhe o rosto.

– Aquela é… – começou a dizer Molly.

– Sem qualquer sombra de dúvida – afirmou Sam Berger. – É a Lena Nilsson.

– Tens a certeza?

– Claro que tenho a certeza. Aquela é a jovem Jessica Johnsson. Na altura não olhei bem para ela. Não como devia ter olhado.

O telefone por satélite emitiu um estalido e a voz de Deer disse:

– É ela, não é?

Molly Blom ampliou o rosto pausado da acompanhante.

– Há qualquer coisa nesta expressão – disse.

– Sim – concordou Deer. – Ela não ficou nada satisfeita com o que lhe disseste, Sam. Nem com a minha risada. Olhando outra vez para isto desta maneira, temos de admitir que não fomos muito respeitosos.

– Pois é – disse Sam Berger. – A memória doura muita coisa.

– Não me lembrava de teres simulado a pistola com a mão – afirmou Deer.

– Nem eu – disse Sam Berger.

– Interrogámos os assassinos – concluiu Deer. – E deixámo-los ir em paz.

– Mas eles ficaram a lembrar-se de vocês os dois – afirmou Molly Blom. – Olha para a maneira como ela te fulmina com os olhos, está a

fixar aquele momento, Sam. Oito anos depois, o Reine é internado num hospital psiquiátrico sob o nome de Sam Berger, e Jessica endereça-te a carta dela diretamente, Desiré. Têm-vos na mira há muito tempo.

– Mas que raio é que querem? – exclamou Sam Berger. – Que me quer a Jessica?

– Não sei. Talvez queira uma audiência, um pai forte, alguém que lhe estabeleça limites e a detenha. Talvez só queira exibir-se. Não sei. Mas é de ti que a Jessica anda atrás, Sam.

– Tenho de pensar melhor nisto – afirmou Deer, e desapareceu.

– Vamos ver outra vez – disse Molly Blom.

Voltaram a ver o vídeo. Molly Blom fez uma pausa a meio da frase de Deer: «Que aconteceu quando desenhou um trevo de quatro folhas, Reine? O seu desejo começou a tornar-se realidade?»

– Agora observa o Reine com muita atenção – disse Molly, carregando na seta. Reine Danielsson estremeceu, como se tivesse recebido um choque elétrico. Molly Blom fez nova pausa.

– Que está a acontecer ali? – perguntou.

A mesa de interrogatórios cobria a parte inferior dos corpos de Jessica e de Reine. Mesmo assim, Sam Berger pensou ter conseguido ver, e disse:

– Tens tendência para me pores a mão na coxa quando estou prestes a perder a calma ou a falar demais.

– Acontece com demasiada frequência – disse Molly Blom. – Mas estou a ver aonde queres chegar.

– O Reine estremeceu várias vezes durante o interrogatório. A Lena Nilsson não só lhe pôs a mão na coxa, fora do nosso campo de visão, como o beliscou. E isso deteve o Reine exatamente no momento certo. Tinha-o instruído, mas não se atreveu a deixá-lo sem supervisão. Por isso ficou lá sentada, discretamente, como um domador de animais.

– A Lena dirigia a conversa dissimuladamente? Àquela data, já trabalhava com pessoas com doenças mentais há algum tempo e, evidentemente, descobriu uma maneira de manipular algumas. Mas temos de ir ainda mais longe. O que sabemos sobre a infância dela em Rågsved?

– Nada – disse Sam. – Nada mesmo.

– Era filha única – referiu Molly. – Andou na escola secundária em Huddinge. Depois houve aquele ano inexplicável que passou nos EUA, imediatamente a seguir. Voltou, fez o estágio de enfermagem na Cruz

Vermelha, trabalhou no turno da noite em unidades psiquiátricas e enfermarias geriátricas. Formou-se, começou a trabalhar como enfermeira nas urgências em St. Göran, sobretudo em enfermarias psiquiátricas. Foi enquanto lá trabalhava que conheceu Eddy Karlsson.

– Foi em St. Göran? – perguntou Sam Berger. – O Eddy estava lá internado?

Molly Blom abanou a cabeça.

– Talvez a Laura Enoksson, a antiga assistente social dela, saiba mais sobre isso; teremos de falar outra vez com ela. De qualquer forma, a Jessica Johnsson passou a Lena Nilsson na primavera de 2005. Dois anos antes de Orsa. Posso dar uma olhadela na Internet?

Relutantemente, Sam virou o portátil para Molly.

– Esses dois anos em branco têm de ser examinados com muito mais pormenor – disse Molly Blom, batendo energicamente no rato do computador. – Sim, mal recebe a nova identidade, Jessica muda-se para Falun e começa a trabalhar na casa de repouso, onde tanto o Karl Hedblom como o Reine Danielsson já estavam a viver, e onde conseguiu subjugar o débil Reine. A Jessica conhecia o passado do Karl, a história da mãe e do bloco de madeira, e apoderou-se do *modus operandi*. Despediu-se pouco tempo depois de Orsa, em outubro de 2007. E o Reine deixou a casa de repouso cerca de um mês mais tarde. Não é de descartar que o Reine tenha ido morar com a Lena Nilsson.

– Então ela ainda vivia em Falun? Desempregada? Novo emprego?

– Hum – disse Molly, olhando para o computador. – É aqui que as coisas se tornam interessantes. A Lena não tardou a conseguir novo emprego, na unidade psiquiátrica do Hospital Universitário de Skåne, em Malmö. Trabalhava lá quando a Mette Hækkerup, médica no mesmo hospital, teve o acidente de viação na E6. Seis meses depois, conseguiu novo emprego no Hospital Universitário Sahlgrenska…

– Em Gotemburgo – disse Sam Berger. – Quer dizer que estava a morar em Gotemburgo quando a Lisa Widstrand foi assassinada num quarto de hotel nas Torres Gothia?

– Sim. Alguns meses depois, no mesmo ano de 2010, a Lena Nilsson comprou a casa de Porjus, parece que se mudou para lá nessa altura. A posse da casa foi transferida automaticamente para a Jessica Johnsson quando esta recuperou a verdadeira identidade. Nesse momento, todos os

indícios do envolvimento da Lena Nilsson na compra foram apagados.

– Quer dizer que o Reine morou com ela na casa de Porjus? – perguntou Sam Berger.

– Provavelmente também morou com ela em Falun, em Malmö e em Gotemburgo, sem nunca ter sido visto. Encontrei mais algumas coisas sobre o Eddy Karlsson. A Polícia não soube que o Eddy tinha regressado à Suécia vindo da Tailândia, porque senão teria ido diretamente para a prisão. O que ele fez à Jessica foi classificado como agressão agravada, o que só prescreve ao fim de quinze anos. Só quando teve uma *overdose* fatal numa cave em Bagarmossen, no outono de 2011, é que foi identificado como Eddy Karlsson: também através de um teste de ADN. Consegues adivinhar qual a droga da *overdose*?

– Começo a desconfiar que deve ter sido um *cocktail* de…

– Correto – disse Molly Blom. – Um *cocktail* de metanfetamina e fenazepam. O Eddy injetou-se com cinco vezes a dose fatal. Quando foram interrogados, uns amigos toxicodependentes dele disseram que o Eddy tinha contrabandeado uma porção daquela mistura em particular da Tailândia. De acordo com a declaração de uma testemunha, o Eddy terá dito: «Desta vez, nenhum filho da puta vai roubar-me esta merda». Nunca encontraram o resto da droga que o Eddy trouxe da Tailândia.

– Porque está a ser enviada aos poucos para o Karl Hedblom em Säter – disse Sam Berger. – Quer dizer que a Jessica conseguiu tirar algum partido do Eddy no fim…

– Mas devemos interpretar a frase dele como significando que a Jessica já lhe tinha roubado droga? «Desta vez, nenhum filho da puta vai roubar-me esta merda». A Jessica já o tinha roubado. Talvez tenhamos descoberto como ela e o Reine se sustentavam.

– Não é impossível…

– Mas não se esclareceu como é que a Jessica conheceu o Eddy – disse Molly Blom. – E absteve-se de deixar a sua assinatura no cadáver. Também não há nenhum bloco de madeira, nenhuma faca, nenhuma esferográfica, nenhum trevo de quatro folhas.

– Não era o momento apropriado para deixar quaisquer provas, julgo eu – disse Sam.

– Há aqui um pormenor… – disse Molly, inclinando-se para ficar mais perto do ecrã. – De acordo com o relatório da autópsia, o Eddy foi

castrado.

– Castrado?

– E sem meias-medidas. Os órgãos genitais foram completamente removidos, não restou nada.

– Isso é uma loucura. Sem dúvida que isso devia ter despertado a atenção da Polícia, não? Era obviamente um caso de homicídio. Sem dúvida que a Jessica devia ter sido considerada suspeita, não achas?

– As feridas tinham sarado bem, o tecido cicatricial estava intacto. A causa da morte foi uma *overdose*, nada mais. Presumiu-se que tivera um acidente durante a estada na Tailândia. Vale a pena referir que os outros toxicodependentes não viram o Eddy durante uns meses e a cave onde foi encontrado ficava numa casa abandonada onde nunca tinham estado.

– Espera lá – disse Sam. – Uns meses?

Molly gemeu e disse:

– Estou a imaginar um cenário que encaixa com o que começamos a assumir sobre a natureza da Jessica Johnsson.

Sam Berger podia sentir a cor a sumir-se-lhe do rosto enquanto prosseguia:

– A Jessica e o Reine apanharam o Eddy, levaram-no para a cave abandonada, amarraram-no e, muito lentamente, cortaram-lhe o pénis durante um procedimento médico controlado, embora excruciante. Provavelmente envolveu muitos antibióticos e transfusões de sangue e plasma: tudo menos analgésicos. O Eddy sobreviveu, mas a dor que sentiu deve ter sido uma coisa do outro mundo, além de que estava com uma crise de abstinência fortíssima. A Jessica manteve-o vivo o tempo suficiente para a ferida sarar e para permitir a formação de tecido cicatricial. Só então lhe deu a *overdose* fatal.

– Que horror – disse Molly Blom. – Uma vingança final.

– Caramba – disse Sam Berger, olhando para as duas fotografias da Jessica Johnsson: a calma aparente sob a qual reinava o inferno.

– Provavelmente vale a pena salientar que esta foi uma das poucas ocasiões em que o Reine Danielsson veio à superfície. Esteve internado em regime fechado no departamento de psiquiatria do Hospital Löwenströmska. Psicose grave. Foi internado com o próprio nome.

– Deve ter-se ido completamente abaixo na cave da casa de Bagarmossen – concluiu Sam Berger.

– Vamos ver o que aconteceu a seguir, depois do Eddy – prosseguiu Molly Blom. – Regressaram a Porjus, então, quando já era quase verão, no ano seguinte, atacaram a Farida Hesari em Täby. Seja lá como for, a Farida conseguiu escapar. Depois passaram quase dois anos até Växjö, a Elisabeth Ström e o bando de *motards*. Geriram esse crime com grande precisão. Foi há relativamente pouco tempo, o ano passado. As coisas começaram a atingir grandes proporções. A Jessica tinha passado vários anos a tentar chamar a tua atenção, Sam, por isso, desta vez teve de se esforçar um pouco mais. Há cerca de um mês, a Jessica e o Reine foram a Sorsele atacar o Anders e deixar o bilhete que dizia «Sam Berger». O Reine teve outro colapso durante a tortura e teve de voltar a ser internado. Seguiram-se algumas semanas de planeamento meticuloso. Durante esse tempo, a Jessica datilografou outra carta na sua máquina de escrever, mas dessa vez endereçou-a diretamente à Desiré. Ao mesmo tempo, identificou a viajante sérvia grávida Jovana Maleševi´c, em Arjeplog. Quando a Jessica foi buscar o Reine à clínica aproveitaram a oportunidade para raptar a Jovana. Na manhã de 18 de novembro, a Desiré telefonou-lhe a dizer que ia enviar dois agentes do DNO. Jessica presumiu que um deles serias tu. Também precisava de ser vista em Porjus, para fazer crer que tinha saído de casa durante várias horas. Como a ideia era parecer que tinha morrido depois de ter sido atacada por um agressor desconhecido, o ADN dela tinha de ser substituído por toda a parte pelo da Jovana. Tinha de aparecer na escova de cabelo e na escova de dentes, e as impressões digitais da Jovana tinham de estar na máquina de escrever. E então chegámos nós, às três da tarde, e a Jessica deu início ao último ato. E queria-te definitivamente lá nesse último ato, Sam.

– Que loucura do caraças – disse Sam.

– Depois enfiaram o cadáver da Jovana Maleševi´c num baú, arrastaram-no até à carrinha do Anders Hedblom e desapareceram. E pronto, foram-se.

– E pronto, realmente – concluiu Sam. – Então e onde estão eles? E o que estarão a planear a seguir?

Molly olhou para Sam.

– Calculo que as alternativas aumentaram de maneira bastante excitante quando te apresentaste com um nome falso, C. Lindbergh. A Jessica percebeu que já não eras polícia, mas que continuavas em contacto com a

Desiré. Isso tornou o jogo ainda mais divertido. E agora a Jessica quer mesmo que a persigas.

– Mesmo assim, não percebo qual é o meu papel nesta história toda – disse Sam. – Porquê eu?

– Por causa do que vimos naquele filme – respondeu Molly Blom. – Por teres pressionado tanto o Reine. Porque a Jessica achou que serias um adversário à altura.

– Continuo sem perceber.

– A Jessica Johnsson quer que tu a detenhas.

28

Segunda-feira, 23 de novembro, 13h27

O observador está em pulgas. Passou toda a vida adulta em missões de vigilância morosas e desesperantes, e não devia estar naquele estado. A vigilância faz parte do quotidiano e o observador sabe-o, sempre foi o seu ganha-pão.

Roda incansavelmente a Sig Sauer P226*, nunca deixando que pare.*

Nenhuma verdade, nenhuma consequência.

E o tempo passa.

Parece que a visão está a piorar a cada segundo. Como se cada momento matasse um cone, cortasse um bastonete. Parece que de repente está cheio de pressa, e logo quando a única coisa que importa é manter a cabeça fria. Precisa mesmo de poder ver o Rochedo de Gibraltar mais uma vez, do próprio terraço, na própria casa, e precisa mesmo de deixar de estar sozinho. Já está sozinho há tempo suficiente.

As cabanas estão para ali nos dois ecrãs, como fósseis, encapsuladas no tempo que se transformou em gelo que, por sua vez, se transformou em pedra. Nada se move. Nada, exceto a pistola sobre a mesa. A pistola que nunca para.

Uma vida de absoluta lealdade e fidelidade. Uma vida baseada em nunca questionar as ordens.

Está extremamente frio na divisão. É como se tivesse sido lançado para dentro de uma pedra coberta de gelo. Como se estivesse sentado dentro da rocha no polo de inacessibilidade, prestes a explodir.

O tempo tem de passar. O observador está a perder o controlo do tempo. Já não pode ser medido, contado. E o observador está em pulgas. Sempre.

Alguma coisa tem de acontecer naquele momento.

Se nada acontecer, terá de certificar-se de que algo acontece.

Aquilo não pode continuar. O observador já esperou o suficiente.

Enquanto a pistola roda, o observador ajusta as luvas de pele finas. Depois põe-lhe a mão em cima. A Sig Sauer *para, apontando para os ecrãs de onde o homem e a mulher estão ostensivamente ausentes.*

Naquele dia, o observador não escreve nada.

Em vez disso, pega na pistola e caminha em direção à porta.

29

Segunda-feira, 23 de novembro, 13h42

Sam Berger viu as horas. Estavam quase imóveis, à espera de um momento específico. A tensa atividade habitual tinha-se desvanecido. Agora, a maior parte da ação que subsistia ocorria internamente.

Ouviu-se um raspar do lado de fora da cabana. Os olhos de ambos encontraram-se por um instante. Esperaram, preparados para tudo. Era um barulho estranho, arrastado, quase como se algo estivesse a mover-se dentro da parede.

Depois nada mais do que silêncio.

Molly Blom deu um pequeno passo para o lado, para mais perto da mesa. Naquele momento, ambos tinham toda a atenção focada nos ouvidos.

Então ouviu-se novamente o ruído. Um forte e rápido arrastar ao longo da parede, claramente a mover-se em direção à porta.

Molly Blom entrou em ação. Precipitou-se para a mesa, puxou o pano vermelho para o lado, lançou uma pistola na direção de Sam Berger e, enquanto esta rodopiava no ar com uma lentidão peculiar, as palavras datilografadas de Jessica Johnsson ecoaram no cérebro de Sam Berger: «Porque consigo ouvir novamente o barulho, aquele arrastar rápido. Nunca esteve tão perto.»

Sam pegou na pistola quando o arrastar se transformou nuns quantos passos bastante claros no alpendre. Por essa altura, Molly já passara apressadamente por ele com a pistola erguida e ambos saíram para o alpendre, prontos a disparar.

Não estava lá ninguém.

Encontrava-se completamente vazio.

Ficaram ali, com praticamente trinta graus negativos, a examinar todo o

espaço à sua frente. Havia apenas brancura. Uma superfície completamente alva. Nada estava a acontecer ali, não havia quaisquer sinais para interpretar.

Sam correu para a neve, passando pelo sítio onde tomavam banho. Ouviu Molly atrás dele, a cobrir-lhe a retaguarda. Agora estava por detrás da cabana e Molly continuava a cobri-lo. Nada. Depois contornou a última parede; também não havia lá nada.

Tinham regressado ao ponto de partida, ambos a respirar a custo. Molly examinou a neve em torno das pegadas desajeitadas de Sam Berger. Aproximou-se, agachou-se.

Então gesticulou com a pistola. Sam não conseguia ver nada. Aproximou-se e agachou-se ao lado dela.

Então viu o rasto. Pequenos círculos compostos por círculos mais pequenos, como flores na neve.

– Raposa do Ártico – disse Molly. – São quase invisíveis, com a sua camuflagem branca.

Sam não conseguia falar. Olhou para a vastidão coberta de neve. Continuava com um olhar distante.

Voltaram para dentro da cabana, tentaram acalmar-se. O calor vivificante envolveu-os.

O computador de Molly emitiu um som repentino e persistente. A expressão dela mudou quando percebeu o que significava. Então, o rosto de uma mulher mais velha apareceu no ecrã.

– Eu disse-lhe que sabia trabalhar com o *Skype* – declarou Laura Enoksson.

Sam sentou-se ao lado de Molly, fora do alcance da câmara. Conseguia sentir como estava a tremer.

– Não duvidei por um minuto – disse Molly Blom, mantendo os dentes, que batiam, sob controlo. – Obrigada por me ligar, Laura. Tenho mais algumas perguntas.

– Sim, já calculava – disse Laura Enoksson. – Força.

Sam viu Molly a fechar os olhos por um momento, o que pareceu indicar que estava a expulsar da mente os pensamentos irrelevantes e a esforçar-se ao máximo para se concentrar. E depressa.

– O que sabe sobre o passado da Jessica Johnsson? – perguntou ao computador.

– Não muito – respondeu Laura Enoksson. – Filha única em Rågsved. Nunca conversámos sobre os pais, mas percebi que era um assunto delicado.

– A Jessica passou um ano nos EUA nos últimos anos da adolescência – disse Molly Blom.

– Também não falava acerca disso.

– Mesmo nada? Esteve com ela depois de ter sido agredida pelo Eddy Karlsson, devem ter passado muito tempo juntas, só as duas. Numa altura muito sensível da vida dela.

– Sem dúvida que passei – disse Enoksson. – A pequena Jessica. Pobre menina. Algumas vezes senti que ela tinha de absorver toda a maldade que a nossa sociedade patriarcal tinha para oferecer. E havia muita maldade.

– Ela sentia ódio?

– Estava determinada. Como se estivesse à espera do momento certo.

– O momento certo? – repetiu Molly Blom.

– Não consigo propriamente explicar – afirmou pausadamente Enoksson. – Ela fechou-se em si própria, como se estivesse a armazenar tudo. Mas é provável que a Ebba saiba mais acerca de tudo isto.

– Ebba?

– De certeza que já falaram com a Ebba? A tia da Jessica que mora em Gällivare?

– Não, nem sabíamos que tinha uma tia em Gällivare.

– Chama-se Ebba Hult – disse Laura Enoksson.

* * *

A lareira espalhava uma luz mágica pela sala do pequeno T0. Pela janela podiam distinguir a forma branca iluminada da igreja de Gällivare. À frente deles, na mesa de café, erguia-se vapor de três chávenas de café acabado de fazer, ao lado de uma bandeja repleta com sete tipos diferentes de biscoitos, de acordo com a antiga tradição.

Sam Berger mexeu o café e ergueu os olhos para a mulher. Apesar de ter mais de sessenta anos e o cabelo completamente branco, alguns traços assemelhavam-se aos de Jessica Johnsson. Parecenças não menos evidentes eram o olhar perspicaz, embora um tanto inquieto, e os modos austeros.

– Então, Sra. Hult – disse Sam Berger –, fale-nos sobre o seu relacionamento com a Jessica.

– Era filha da minha irmã, minha sobrinha – respondeu Ebba Hult. – Quanto ao nosso relacionamento, nem sequer sabia que a Jessica morava em Porjus. Só quando soube o que lhe aconteceu.

– Mas a Jessica foi criada por si em Rågsved?

– Dos oito aos dezoito, sim.

– Porque é que ela não vivia com os pais?

Ebba fez uma careta e deu um golinho no café.

– Sirvam-se de biscoitos – disse, gesticulando em direção à bandeja. – Não recebo muitas visitas.

– Obrigado – disse Sam Berger, comendo um. Havia poucas dúvidas de que tinha estado vários anos no congelador.

Ebba assentiu.

– A minha irmã Eva e eu mudámo-nos para Estocolmo para estudar, deve ter sido em 1973. A Eva tirou o curso de educadora de infância e eu era terapeuta da fala. A Eva conheceu o Ove Johnsson e casaram-se em 1978. A Jessica nasceu dois anos depois.

– Nunca se casou, Ebba?

– Digamos apenas que prefiro companhia feminina – respondeu Ebba com um breve sorriso. – Sobretudo se a alternativa fosse o Ove Johnsson.

– Quer dizer que não gostava particularmente do seu cunhado?

Ebba ergueu as mãos.

– Na verdade, acho que o Ove não tinha nenhum defeito em particular. Era professor universitário e muito inteligente. Mas parecia sempre um pouco distante. Julgo que não era particularmente chegado à filha, por exemplo. Depois do desastre, desapareceu pura e simplesmente, fugiu para o sítio mais longínquo possível: conseguiu emprego na Universidade de Dunedin.

– Onde fica isso?

– Na ilha sul da Nova Zelândia – disse Ebba com um sorriso irónico. – Literalmente o mais longínquo possível.

– Vai ter de contar-nos isso do *desastre*, Ebba.

Ebba Hult continuou a assentir durante algum tempo, depois abanou a cabeça.

– Parecia estar tudo bem – acabou por dizer. – Não havia nada que

sugerisse o contrário. Depois de oito anos como filha única, a Jessica ia finalmente ter um irmãozinho. A Eva estava tão feliz, andavam a tentar há tanto tempo. O que passava pela cabeça do Ove continuava a ser um mistério, obviamente. E nunca falei com a Jessica acerca disso, mas não havia sinal de que estivesse infeliz.

– Então o que aconteceu?

– Uma hemorragia repentina. Uma rutura completa da placenta. A Eva estava sozinha em casa, não teve qualquer hipótese de chegar ao telefone. Foi a Jessica quem a encontrou. Tinha a sua própria chave, chegou a casa da escola e encontrou a mãe e o irmão por nascer no meio de uma poça de sangue. Eu tomei conta dela; O Ove foi para Dunedin, acho que nem se despediu da filha. Fiquei com a custódia dela num abrir e fechar de olhos.

Sam Berger e Molly Blom entreolharam-se. Molly fechou os olhos e assentiu, e Sam prosseguiu:

– Como é que a Jessica reagiu? Deve ter sido encaminhada para um pedopsiquiatra, não?

– Sim – respondeu Ebba. – Claro. Foi acompanhada por um terapeuta durante cerca de um ano. Comigo, a Jessica foi sempre notavelmente estável.

– Então e mais tarde? Teve a custódia dela durante dez anos…

– Era calma – respondeu Ebba. – Até a puberdade foi tranquila. Mas a Jessica era um pouco distante. Foi-se afastando cada vez mais de mim, até que de repente anunciou, no décimo oitavo aniversário, que ia para os Estados Unidos. Era adulta, não pude opor-me. Além disso, eu tinha começado também a pensar em regressar a Gällivare.

– Parece que não eram particularmente chegadas, pois não?

– Provavelmente éramos tão chegadas como duas pessoas como eu e ela poderiam ser. Eu tinha os meus segredos e atrevo-me a dizer que a Jessica tinha os dela. Cada uma fazia a sua vida e, no fundo, éramos bastante desligadas. Por exemplo, nunca lhe disse que era lésbica.

– A Jessica devia interessar-se por alguma coisa – disse Sam Berger. – O que fazia quando era adolescente?

– Interessava-se pela Internet – disse Ebba. – Nos anos 90, passava muito tempo em várias «comunidades *online*». Acho que foi assim que entrou em contacto com alguém que a incentivou a ir para os Estados Unidos.

– Então e amigas? – perguntou Sam Berger. – Devia ter algumas amigas, pelo menos, não é verdade?

– Dizia que tinha, mas nunca foram lá a casa.

– E rapazes? Namorados?

– Que eu saiba, nenhum. Tentei abordar o assunto com a Jessica algumas vezes, mas ela nunca deu grande saída.

– Portanto, os Estados Unidos – disse Sam. – O que a leva a pensar que a ida da Jessica teve alguma coisa que ver com comunidades *online*?

– Era uma das poucas coisas de que costumava falar comigo. De como a Internet lhe tinha dado a oportunidade de conversar com pessoas que eram como ela. Ainda por cima, pessoas nos Estados Unidos.

Molly Blom inclinou-se para a frente e falou pela primeira vez:

– Que significa «pessoas que eram como ela»? A Jessica devia sentir-se diferente, ou não teria dito isso. De que maneira era diferente? Explique-nos, por favor, isso das «pessoas que eram como ela»?

Sam Berger acrescentou:

– Porque, para sermos francos, não estamos realmente a perceber quem a Jessica era. A senhora morou mesmo dez anos com a Jessica, os dez anos mais estruturantes da vida de uma pessoa?

– A Jessica morreu – disse Ebba Hult em voz baixa. – Que importância tem isso agora? Deixe-a descansar em paz.

– A Jessica teve uma experiência horrorosa – disse Sam Berger. – Aos oito anos encontrou a mãe morta numa poça de sangue, uma coisa completamente inesperada. Isso deve ter deixado cicatrizes, cicatrizes profundas. Tem de dar-nos mais alguma coisa, Ebba. Ela não descansará em paz se estiver a descansar em cima de uma mentira.

– A vossa separação não parece ter sido particularmente harmoniosa – disse Molly. – A Jessica esperou até ao dia em que fez dezoito anos para anunciar que estava a pensar em ir para os Estados Unidos sozinha.

– Ela deve ter dito porque queria ir para os Estados Unidos – disse Sam Berger. – Foi para conhecer outras «pessoas que eram como ela»?

– Acho que sim – respondeu Ebba, olhando para a mesa. – Disse que queria ver a realidade, a realidade nua e crua. Fora da bolha protegida em que eu a mantinha encerrada.

– E mantinha-a mesmo encerrada numa bolha protegida?

– Claro que tentei protegê-la. Tinha passado por uma coisa pela qual

nenhuma criança de oito anos devia ter de passar.

– Mas a senhora deu-lhe segurança, Ebba? – perguntou Molly Blom. – Ou apenas silêncio e vazio?

A armadura de Ebba Hult rachou repentinamente. Tanto Sam Berger como Molly Blom viram o passado a transbordar pelas brechas no metal. Ou estariam a testemunhar o próprio metal a derreter?

– Eu tentei – disse num tom muito mais alto, e a voz falhou-lhe. – Realmente tentei. Transformei-me em mãe quase da noite para o dia. Eu não queria ser mãe, nunca planeei ser mãe. Não sabia o que fazer. Pensei que paz e silêncio eram aquilo de que ela precisava.

– Não conseguia falar com ela? – perguntou Molly Blom.

– Era impossível, era como se estivéssemos a falar línguas diferentes.

– Apesar disso, tinha sempre de tentar descobrir o que ela queria, não é? Sentiu que era seu dever como tutora dela. O que era essa «realidade nua e crua» que queria ver? Quem eram essas «pessoas que eram como ela» que tinha de conhecer? Deve ter ido ver ao computador dela quando a Jessica não estava em casa, não? Deve ter consultado o histórico de navegação para ver a que género de «comunidades» ela pertencia, não? Que foi que encontrou? Foi alguma coisa que, se a Ebba a verbalizasse, impediria a Jessica de descansar em paz?

– Agora gostava que saíssem – disse Ebba numa voz sumida.

– Lamento, mas não podemos – disse Sam Berger. – Só podemos sair quando tivermos descoberto o que precisamos de saber. O que até calha bem, porque a Ebba tem muita coisa aí dentro que precisa de deitar cá para fora.

Ebba abanou a cabeça. As lágrimas pingavam na mesa ao lado dos sete tipos diferentes de biscoitos. Molly Blom inclinou-se para a mulher, acariciou-lhe o braço e perguntou, muito claramente:

– Porque é que a Jessica foi para os Estados Unidos, Ebba?

– A Jessica precisava de conhecer outras pessoas que eram como ela, que tinham sofrido um trauma grave na família. Pertencia a uma comunidade *online* para pessoas que tinham visto demasiado sangue, sangue de parentes de sangue, «sangue de sangue», como lhe chamam. E a outra denominada «pai ausente». Tinha feito uma lista de nomes e de moradas em vários pontos dos Estados Unidos.

– Isso parece quase saudável – disse Molly Blom. – Queria conhecer

outras pessoas na mesma situação, ver que técnicas de sobrevivência tinham desenvolvido. Parece sensato do ponto de vista terapêutico. Portanto, não pode ter sido isso que a impediu de falar. Que mais viu no computador da Jessica?

A idosa continuou a abanar a cabeça. Não disse mais nada. Molly Blom prosseguiu, muito gentilmente:

– A Jessica passou dez anos a viver com os pesadelos dela. Fico contente que tenha havido um plano de ação positivo, que a sua sobrinha, uma vez que não podia falar em casa, tenha encontrado outras pessoas na mesma situação com quem conversar. Mas também havia alguma coisa destrutiva, não era, Ebba? Talvez alguma coisa autodestrutiva?

Ebba pegou num torrão de açúcar, pô-lo entre os dentes e pegou na chávena de café. Lentamente, deitou um pouco de café no pires e depois sorveu o líquido agora morno através do torrão de açúcar.

– Café do pires – disse Molly Blom com um sorriso. – A minha avó também costumava fazer isso. Dizia que era reconfortante.

Ebba engoliu o café doce e esboçou um breve sorriso.

– A Jessica era tão calada. Quase nunca falava. Mas quando vi o histórico de navegação dela, percebi a dimensão do que estava a acontecer por detrás daquela fachada tranquila. Águas calmas…

– Que descobriu, Ebba? – perguntou calmamente Molly. – Que foi que viu a agitar as águas calmas?

– Sexo – respondeu Ebba.

– Mas não apenas sexo normal?

– Nunca tinha visto nada assim. Costumava ver pornografia lésbica *online* às escondidas. Mas aquilo era uma coisa completamente diferente.

– O que era, Ebba?

– Ela tinha dezassete anos – exclamou Ebba. – Não devia ter estado a ver aquelas coisas. Não devia ter estado a falar com pessoas daquelas.

– O que era?

– Nem sei como descrever aquilo. Dominação, talvez. Sexo brutal, violência, submissão.

Molly lançou um olhar rápido a Sam. O rosto de Sam estava completamente neutro, não traía qualquer emoção.

– Portanto, estamos a falar de pornografia? – acabou por dizer Molly. – Mas não era só pornografia? A Jessica também *falava* com pessoas desse

género?

– Era uma comunidade…

– Baseada no sadomasoquismo?

– Suponho que seja assim que se chama… Ela conversava muito com uma rapariga chamada Joy. E quando preencheu todos aqueles impressos complicados para obter o visto de residência, a autorização de trabalho e tudo o resto que era preciso, deu o nome da Joy como contacto dela nos EUA. Quando penso nas coisas de que falavam…

– Quer dizer que a Jessica também pediu uma autorização de trabalho?

– A minha sobrinha não trabalhou enquanto esteve na escola secundária – disse Ebba. – E eu não tinha muito dinheiro que pudesse dar-lhe. Por isso, era óbvio que estava a pensar ir trabalhar nos Estados Unidos.

– Confrontou-a com isso?

– Sim… gritei com ela, perguntei-lhe se estava a pensar trabalhar como prostituta nos Estados Unidos. Agora lamento ter dito isso, sinto-me mesmo muito envergonhada.

– E a Jessica estava a pensar trabalhar como prostituta nos Estados Unidos?

– Julgo que não, só disse aquilo da boca para fora. Mas a Joy conhecia alguém para quem a Jessica podia trabalhar, porque já estava a trabalhar lá há uns tempos. Não sei em que é que isso ficou.

– A Jessica deu a Joy como seu contacto nos Estados Unidos – disse Molly Blom. – Quer dizer que deu uma espreitadela nos impressos? Viu qual era o apelido da Joy?

– Chamava-se Joy Wiankowska e morava em Hollywood.

– Hollywood, Los Angeles? A verdadeira Hollywood?

– Sim, dizia Califórnia.

Molly Blom virou-se ostensivamente para Sam Berger, mas quando viu que este já estava a pesquisar, prosseguiu:

– A Jessica telefonou-lhe dos Estados Unidos a pedir dinheiro? Falou em Joy?

– Sim, eram colegas de quarto em Hollywood. Tinham passado dois meses. Depois não soube nada dela até estar quase de regresso. Nessa altura, eu já me tinha mudado para cá. Com a Elena.

– Elena?

– Vivemos quatro anos juntas – disse Ebba com um sorriso desmaiado. –

Depois teve cancro e morreu. Está ali enterrada.

Ebba fez um gesto na direção da igreja do lado de fora da janela.

– No frio – acrescentou. – No chão congelado. Calculo que a Jessica esteja enterrada nalgum sítio parecido.

– Provavelmente ainda está mais frio onde a Jessica está – disse Molly Blom, olhando novamente de relance para Sam Berger, que ergueu três dedos.

Três Joy Wiankowska? Nos Estados Unidos? Em Los Angeles? Não era o momento certo para perguntar. Molly limitou-se a assentir encorajadoramente na direção de Sam.

Sam manteve-se em silêncio, percebendo que era melhor deixar ser Molly a falar. Talvez sempre tenha aprendido alguma coisa.

– Obrigada, Ebba – disse Molly, inclinando-se para mais perto da mulher que soluçava e dando-lhe um abraço rápido.

– Tinham razão – disse Ebba, com lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto. – Precisava de dizer isto. Precisava de deitar isto cá para fora.

– Caso sinta alguns remorsos por causa da Jessica, Ebba, digo-lhe já que não vale a pena.

– Talvez queiram ver algumas fotografias? – sugeriu repentinamente Ebba, limpando as lágrimas. – Nunca me interessei por fotografias, quase não tenho nenhuma da Elena, mas o Ove tinha uma espécie de... não sei como chamar-lhe... interesse *clínico* por fotografia.

Ebba levantou-se, com consideravelmente maior agilidade do que quando lhes tinha aberto a porta, e saiu disparada em direção a uma porta no corredor. Abriu-a, revelando um *closet* magnificamente bem organizado. Desapareceu dentro dele e Sam Berger e Molly Blom ouviram-na a procurar as fotos.

Sam Berger sussurrou:

– Só há três Joy Wiankowska em todo o país. Com um pouco de sorte conseguimos contactá-la hoje, esta noite.

Ebba Hult emergiu do *closet* com uma caixa de sapatos na mão. Pousou-a pesadamente sobre a mesa de café, fazendo cair alguns biscoitos da bandeja. Depois tirou a tampa da caixa.

As fotografias eram do género clássico. Todas elas estavam longe de qualquer género de processamento digital, começavam a amarelecer e era evidente que tinham sido reveladas numa câmara escura, além de não

estarem organizadas por qualquer ordem discernível.

A reação de Sam Berger e de Molly Blom foi uma combinação de profundo suspiro e júbilo silencioso. Sam Berger retirou quase todas as fotos da caixa e dividiu o monte desordenado ao meio. Enquanto isso, Ebba Hult pôs outro torrão de açúcar entre os dentes, encheu o pires de café e deixou o açúcar dissolver-se enquanto bebia do pires.

Sam Berger foi passando as fotografias e viu Molly Blom a fazer o mesmo. Eram sobretudo imagens de uma criança, como se o interesse de Ove Johnsson tivesse diminuído depois disso. Às vezes, completamente ao acaso, aparecia uma fotografia de uma menina um pouco mais velha. Era, sem dúvida, Jessica Johnsson, em várias idades e em contextos tradicionais. Solstício de verão, Natal, neve, esqui, natação, na praia. Não havia praticamente mais ninguém além de Ove, Eva e Jessica nas fotos, e ocasionalmente, sempre ao fundo, uma jovem Ebba Hult. Sam viu-se a acelerar, como se estivesse a aperceber-se aos poucos de que não havia nada de útil a retirar daquele monte de fotografias. Viu que Molly também começava a passar as fotos mais depressa e por pouco não dava por aquela.

Parou, voltou atrás, olhou fixamente.

Viu que Molly parou para olhar para ele e depois pousou o seu próprio monte de fotos na mesa.

Sam Berger observou a fotografia com mais atenção. Fora tirada no pino do verão, o sol cintilava no que parecia ser um pequeno lago ao fundo. Em primeiro plano via-se uma criança com cerca de oito anos. Tinha qualquer coisa na mão que exibia para a câmara com um sorriso rasgado, embora um pouco forçado. Era grande e verde, e o fotógrafo conseguira regular tão bem a velocidade do obturador e a abertura do diafragma que nada na imagem estava desfocado, apesar das diferenças óbvias de distância.

Tudo era cristalino. O lago ao fundo, a estranha e sorridente Jessica Johnsson, de oito anos, no centro, e em primeiro plano a planta que mostrava para a câmara.

O trevo de quatro folhas que exibia para a lente.

Porque estava tão perto da câmara que era incrivelmente grande, quase tão grande como o rosto sorridente da jovem Jessica.

Sam Berger ergueu a foto na direção de Molly Blom e depois passou-a a Ebba. A tia de Jessica pegou nela, olhou para Sam Berger, abanou inexpressivamente a cabeça e virou-a.

– Não sei quando nem onde é que isto foi tirado – disse ela. – Mas escreveram aqui qualquer coisa.

Pegou no estojo dos óculos de leitura que estava em cima da mesa e atrapalhou-se um pouco ao desdobrá-los antes de os conseguir pôr. Depois disse:

– É uma caligrafia muito infantil. Isto deve ter sido escrito pela própria Jessica.

Aproximou a foto do rosto.

– É uma letra muito pequenina – disse Ebba. – É muito difícil de ler.

– Tente – disse Sam Berger enquanto olhava para a foto de Jessica com o trevo de quatro folhas.

Ebba tentou. E leu em voz alta:

– «Quando encontramos um trevo de quatro folhas podemos pedir um desejo.»

Sam Berger assentiu. Molly Blom assentiu. Ebba Hult continuou a ler:

– «Não quero um irmãozinho.»

30

Terça-feira, 24 de novembro, 02h11

Aprovavelmente letal sopa de carne fora substituída há muito pelo café. Café preto e fortíssimo, daquele que não nos dá alternativa a não ser ficarmos acordados a noite inteira. Estavam sentados na cabana de Molly a fitar com expressões ocas o ecrã vazio do computador.

A sopa tinha sido precedida por uma paragem numa bomba de gasolina nos arredores de Gällivare e por um par de cachorros-quentes potencialmente ainda mais letais, mas tinham-lhes sabido divinalmente. Depois, Molly fora à casa de banho, enquanto Sam voltava rapidamente para o frio. Ficara a rondar o jipe recém-abastecido, de costas para a câmara de segurança, a ver um vídeo no telemóvel, um filme muito curto que consistia num dedo indicador a mover-se pelo teclado de um telefone por satélite. Então fez uma chamada.

– Estou, Sam? – disse Deer do outro lado.

– Urgente e secreto – disse Sam Berger. – Tens acesso a algum dos teus iscos?

– Outra vez não – suspirou Deer. – Outro cadáver?

– Estou chocado por pensares isso de mim – disse Sam, tentando parecer perturbado.

– Já nada me surpreenderia – respondeu Deer. – O que queres?

– Preciso que alguém telefone por mim para um número de telemóvel, alguém cuja ligação a ti e a mim não possa depois ser estabelecida. Quero que essa pessoa ouça com muita atenção quem quer que atenda. Espero que quem atender diga como se chama. Depois seria bom que o interlocutor pudesse soltar alguns gritos como se estivesse bêbedo, para dar a entender que tinha sido um engano genuíno. Podias tratar disso?

– Obviamente sem eu saber de que se trata? – perguntou Deer.

– Para tua própria segurança, sim – disse Sam Berger. – Pode ser feito?

– Não imediatamente – respondeu Deer.

– O mais depressa possível – disse Sam Berger. – Responde por *e-mail*, não de outra maneira. No nosso código antigo?

– Ah – disse Deer. – Quer dizer que é mesmo coisa séria?

Sam deu-lhe um número de telemóvel e desligou. E agora Sam Berger e Molly Blom estavam a fitar de olhos arregalados um ecrã de computador que parecia morto.

– Já está onze minutos atrasada – disse Sam.

Olhou para Molly Blom na escuridão, mas não disse mais nada.

O tempo passou. Doze minutos, treze. Catorze.

Sam bebeu outro gole de café frio e escuro como breu. Escorria pela garganta tão lenta e preguiçosamente como os segundos passavam dentro da cabana escura.

– O pai dela – disse Sam Berger. – Ove Johnsson. Professor de neuro-endocrinologia na Nova Zelândia. Vale a pena contactá-lo?

Molly limitou-se a abanar a cabeça.

– Não tens curiosidade em saber o que é a neuro-endocrinologia?

Outro abanar de cabeça, agora mais enfático.

Dezoito minutos atrasada. Dezanove. Sam Berger disse:

– Ela tinha oito anos e habituara-se a ser filha única. A mãe engravidou, estava à espera de um menino. A Jessica encontrou um trevo de quatro folhas. Pediu um desejo e desejou não ter um irmãozinho. Pouco tempo depois, o desejo tornou-se realidade, da maneira mais pavorosa possível, um pesadelo. O trevo de quatro folhas é um símbolo da capacidade de destruição de Jessica da relação entre mãe e filho.

– Não podias ficar calado? – pediu Molly.

Sam ficou em silêncio. Concordava com ela.

Devia ficar calado.

Vinte e dois minutos depois das duas horas, receberam uma chamada no computador e o ecrã aparentemente morto iluminou-se com uma janela do *Skype* que inicialmente não mostrava nada além de estática. Uma voz emergiu das riscas.

– Olá? – disse em inglês. – Será que não me enganei no número? É a senhora Molly Blom?

– Sim – respondeu Molly. – Fala Molly Blom. Temos um pequeno

problema com a imagem. É a senhora Wiankowska? Joy Wiankowska, de Los Angeles?

– Correto – disseram as riscas, que lentamente começaram a assentar e a formar o contorno de uma pessoa.

E, de repente, passaram a ter imagem. O brilho alaranjado do crepúsculo iluminou a cabana escurecida, mostrando-lhes como o sol também podia ser. A silhueta foi aparecendo aos poucos, até que finalmente a imagem ficou nítida: uma mulher esbelta com pouco mais de quarenta anos, feições suavemente eslavas, com um *cocktail* multicolor de várias camadas à sua frente. Combinava com o céu por detrás dela, onde o sol estava ocupado a afogar-se. Com um sotaque californiano um pouco exagerado, Joy disse:

– Se percebi bem, não vou ter de prestar uma declaração oficial no âmbito de uma operação policial?

– Eu sou detetive privada – explicou Molly Blom num inesperado inglês de Oxford. – Nada do que disser sairá do meu escritório.

– Não é que eu tenha algo a esconder – disse a mulher.

– Na verdade, esta conversa não tem que ver consigo, Sra. Wiankowska. Estou interessada numa velha amiga sua e nada do que falarmos terá repercussões negativas para si.

– Uma velha amiga? Uma amiga sueca? A Jessica?

– Grande poder de dedução – disse Molly. – Julgo saber que a senhora e a Jessica Johnsson foram colegas de quarto em Hollywood durante algum tempo em 1998. É verdade? Eram ambas jovens, entraram em contacto uma com a outra pela Internet e a senhora acabou por ajudar a Jessica a conseguir um emprego?

– Foi tudo há muito tempo – disse Joy Wiankowska, e franziu a testa. – Naquela altura, tinha uma vida diferente. Tinha más companhias.

– Como a Jessica, talvez tenha tido um passado bastante turbulento – sugeriu Molly Blom. – Não estou em posição de fazer qualquer julgamento moral e não tenho qualquer intenção de fazê-lo. Mas quando a Jessica saiu da Suécia, deu o seu nome como sendo o contacto dela nos Estados Unidos.

– Oh, meu Deus, sim – disse Wiankowska. – Tínhamos conversado muito sobre isso num fórum *online*. Naquela altura, eu ainda não tinha encontrado a maneira certa de lidar com o meu passado. Estamos a falar

de um tempo anterior a uma carrada de horas de psicoterapia.

– Conte-me o que recorda. Posso tratá-la por Joy?

– Como provavelmente não consegue pronunciar Wiankowska…— Joy deu uma gargalhada. – Não se preocupe, Molly, eu também mal consigo pronunciar o meu próprio apelido. De qualquer forma, em breve vai mudar para Cabot. Joy Cabot. E então a transformação estará completa. Agora estou sentada numa das quatro varandas que pertencem ao Cabot Estate, em Santa Bárbara.

– A Joy e a Jessica Johnsson entraram em contacto *online*?

– Correto – respondeu Wiankowska. – Partilhávamos um certo tipo de curiosidade.

– Curiosidade?

– Era como se a expressão sexual habitual não fosse suficiente para pessoas com o nosso passado.

– Um passado traumático?

– Sim, um passado encharcado em sangue. Cheguei a ter a sensação de que a Jessica era uma pessoa um tanto exibicionista, em vez de alguém que estava genuinamente em busca de uma solução para os seus problemas. Mas, apesar disso, aproximámo-nos no ciberespaço. Eu tinha acabado de deixar um emprego como secretária particular de Madame Newhouse e sugeri que a Jessica devia substituir-me.

– Quem era Madame Newhouse?

– Já morreu há dois anos, mas orbitava em torno de uma das famílias mais ricas dos Estados Unidos. Era famosa por organizar algumas das festas mais extravagantes de Hollywood. E afeiçoou-se à Jessica. Era calma, sensata, controlada e gostava de dar nas vistas. Conseguiu o emprego.

– E em que consistia o emprego?

– Como eu disse, era secretária particular. A Jessica geriu, com muita competência, as partes mais privadas da organização de Madame Newhouse. Uma grande empresa de relações públicas era responsável pelas partes oficiais.

– E em que consistiam as partes privadas da organização?

– Festas privadas – respondeu Wiankowska. – Não oficiais. Nem sempre completamente legais.

– Vou ter de pedir-lhe para ser um pouco mais explícita, Joy – disse

Molly Blom.

Wiankowska virou-se e olhou para o cor-de-rosa cada vez mais profundo do oceano Pacífico. Quando se virou, a expressão tinha mudado. Disse com ar sério:

– Madame Newhouse convidava pessoas para festas. Apareciam em vídeos que, por sua vez, funcionavam como convites.

– E o que significava «apareciam»?

– Vou deixar isso para a sua imaginação, Molly.

– Mas eram festas sadomasoquistas?

Wiankowska virou-se novamente para o vasto oceano e observou a última lâmina de sol a desaparecer no horizonte. O cor-de-rosa fundiu-se num tom mais escuro de vermelho por um momento até que toda a luz desapareceu da superfície da água.

– Pode dizer-se que sim – respondeu Wiankowska. – Se quisermos simplificar.

– Agora vai ter de falar com toda a clareza, Joy. Há poucos dias, a Jessica Johnsson assassinou uma jovem grávida de uma forma particularmente cruel, por diversão. E eu tenho de apanhá-la. A Joy pode ajudar-me a compreender.

A expressão de Wiankowska não mudou muito. Olhou diretamente para o céu a escurecer e manteve lá os olhos. Então assentiu lentamente.

– Será possível que a Jessica se tenha servido de um… escravo?

– Um escravo?

– Um homem forte, mas não particularmente inteligente, que ela controla e domina? É apenas uma hipótese.

Sam Berger observou o rosto de Molly Blom a aproximar-se do ecrã.

– Hipoteticamente, essa é uma possibilidade muito forte – afirmou.

Wiankowska fez uma careta e disse:

– Nessas festas não oficiais, Madame Newhouse podia ser ela mesma. Era a principal dominadora de Hollywood. Tinha um escravo doméstico, Rob, um homem extremamente forte, mas seriamente perturbado, que obedecia a todos os caprichos dela.

– Caprichos?

– Os convidados sabiam que participar nas festas não oficiais de Madame Newhouse não era completamente desprovido de perigos, isso fazia parte da excitação. Havia sempre o risco de uma pessoa se deparar

com o Rob, quer se fosse homem ou mulher.

– Violência? Sexo? Agressão?

– A resposta é sim para todas as perguntas – disse Wiankowska. – Qualquer coisa que conseguisse alcançar o elevado limiar de apetite de Madame Newhouse.

– Limiar de apetite?

– Então, a Molly já não é uma criança. Qualquer coisa que pudesse excitá-la. Madame Newhouse era bastante desligada a maior parte do tempo, era preciso muito para ficar estimulada. Mas, quando isso acontecia, todo o grupo se envolvia.

– Incluindo a secretária particular?

– Absolutamente. Uma pessoa só estava lá porque partilhava um tipo específico de desejo, algo mais exigente do que o velho e simples sabor a baunilha. Mas, de vez em quando, podíamos acabar por ver demasiado.

– Isso também se aplica à Jessica?

Wiankowska recostou-se e franziu a testa.

– Para ser franca, não sei – respondeu. – Está sempre a ocorrer-me a palavra «exibicionista» quando penso na Jessica. Tinha um certo desapego, ou seja, as coisas não a afetavam verdadeiramente. Não consigo deixar de me perguntar se a Jessica estava mais interessada na impressão que causava do que na experiência que estava a viver. Preocupava-se sempre muito em ser vista.

– Em ser vista por quem?

– Qualquer um que pudesse validá-la. Para a maioria de nós, esses jogos sadomasoquistas eram muito sérios. Não tenho a certeza se a mesma coisa se aplicava à Jessica. E não tenho a certeza se ela parou por aquilo se ter tornado demasiado para ela. Parecia mais que tinha esgotado aquele mundo e estava pronta para passar ao próximo, onde alguma figura paterna pudesse validá-la, oferecendo-lhe juízos morais e talvez até tentando controlá-la.

– Uma figura paterna, foi o que disse?

– Sim, havia ali um enorme complexo paterno. Como se ela sentisse constantemente falta de alguém contra quem se revoltar. Bem, neste momento estou a ouvir o barulho inconfundível de patas nas escadas, o que só pode significar que *Grumpy*, *Happy*, *Sleepy* e *Bashful* estão a caminho do alpendre. Depois de tomar banho em saliva de *grand danois,*

estará na altura de o próprio príncipe, *Barron Cabot*, subir ao palco. Tenho de me despedir, Molly. Espero que apanhe a sua assassina.

– Uma última pergunta – disse Molly Blom. – A Joy é feliz?

Joy Wiankowska deu uma gargalhada sonora:

– Acho que posso dizer que o meu limiar de apetite é bastante elevado.

A janela do *Skype* ficou escura. Apenas uma luz muitíssimo fraca entrava na cabana de Molly Blom.

Ficaram os dois sentados em silêncio. Passado algum tempo, entreolharam-se.

Ambos os rostos eram difíceis de decifrar.

– Que grande merda – acabou por dizer Sam.

– Peças do *puzzle* – disse Molly Blom. – Estranhamente, detesto quando todas encaixam.

– Rob – disse Sam Berger. – E Madame Newhouse.

– E a figura paterna – disse Molly Blom. – O papá Sam Berger que dispara com os dedos.

De repente, parecia que a luz da cabana tinha ficado mais brilhante. Olharam os dois para o ecrã do computador, mas nada ali tinha mudado. Sam levantou-se e dirigiu-se ao seu portátil, mas também estava escuro. Molly Blom inclinou-se para a janela e olhou para o céu noturno.

Depois levantou-se e pegou na mão de Sam. Puxou-o para a porta. Abriu-a e saíram os dois para o pequeno alpendre.

E o céu estava a arder. Uma fita verde-amarelada varria rapidamente o firmamento, como uma vasta cortina a esvoaçar ao sabor de um vento selvagem e tempestuoso. Dividia-se e dançava em vários tons de azul que gradualmente ficaram vermelhos e formaram um imenso arco. Ouviu-se um estalido desmaiado e um gemido ainda mais fraco, e então a fita transformou-se em raios que saíram disparados por todo o céu visível.

– As luzes do Norte – sussurrou Molly Blom sem fôlego. – A aurora boreal. Nunca pensei poder vê-la.

Sam Berger abraçou-a e puxou-a para mais perto de si.

Molly, por sua vez, pôs o braço em torno dele.

Ficaram assim por um período de tempo que nunca poderia ser medido.

Depois, Sam Berger disse:

– A que raio de mundo é que viemos parar, Molly?

31

Terça-feira, 24 de novembro, 10h07

O pior de tudo era que conseguia sentir aquilo no ar.

Deer estava sentada no seu gabinete no corredor do DNO, na sede da Polícia, e tinha uma perceção muito clara de que a paz que prevalecia não passava da bonança antes da tempestade.

Ainda assim, Deer não podia imaginar o que estava prestes a acontecer. Tudo ao mesmo tempo.

Durante o pouco tempo em que fora seu chefe, o superintendente Conny Landin sempre fizera uma figura completamente ridícula. Mas o olhar severo no rosto largo, quando lhe abriu bruscamente a porta do gabinete, sugeria uma seriedade que Deer não acreditava existir no repertório de Landin.

Landin foi direto ao assunto:

– Costumavas trabalhar com o Sam Berger, não era?

Quando vivemos uma vida dupla, estamos constantemente tensos. A reação inicial quando somos finalmente descobertos é uma sensação paradoxal de alívio. Só na segunda vaga é que pensamos nas consequências da revelação. Deer estava em plena segunda vaga, a pensar naquele preciso momento que provavelmente ela e a família não podiam dar-se ao luxo de continuar a morar na pequena vivenda, quando se apercebeu de que o olhar no rosto de Conny Landin denotava algo muito diferente. Não havia ali nenhuma acusação, mas outra coisa. Aquilo tinha que ver com Sam, não com ela. Deer foi percorrida por outra breve explosão de alívio.

– Sim – respondeu.

– Muito bem – disse Landin, e coçou a cabeça. – Aquelas vítimas mais recentes com trevos de quatro folhas nas nádegas que conseguiste

encontrar, Mette Hækkerup, Farida Hesari, Elisabeth Ström… Bem, recebi uma informação.

– Que aconteceu, Conny?

Recebi uma informação anónima a dizer que algumas provas foram ignoradas. O processo Hækkerup está lá em baixo, em Malmö, e a documentação acerca do caso Ström está em Växjö, mas temos o processo Hesari aqui no depósito. Desci para ver o que temos e realmente havia um pequeno saco de provas que não tinham sido analisadas. Material biológico. Enviei-o para análise.

– Análise?

– ADN – disse Landin. – Era o ADN de Sam Berger.

– Espera lá – disse Deer. – Que estás a querer dizer? Que género de material?

– Cabelo – respondeu Landin. – Havia cabelo do teu ex-colega no sangue do corpo espancado da Farida Hesari. A Polícia de Täby nunca o analisou quando investigou o caso. A minha teoria é que o Sam Berger de alguma forma os contactou, persuadindo-os a ignorar os cabelos.

Deer limitou-se a fitá-lo. Landin prosseguiu:

– Pedi a Malmö e a Växjö que examinassem o material antigo que lá têm, espero conseguir uma resposta em breve, mas não resta a mais pequena dúvida de que estamos a lidar com um ex-agente corrupto e, no pior dos casos, com um *serial killer*. E não conseguimos encontrá-lo. Estou prestes a lançar um alerta nacional. Desiré, se sabes onde está o Sam Berger, esta é a altura certa para mo dizeres.

– Não faço ideia – afirmou Deer. Podia sentir que a expressão que ostentava não era a que teria gostado de mostrar.

Conny Landin saiu. Deer ficou imóvel, incapaz de mexer um único músculo. O que tinha sido aquilo? Tinha de processar a informação. Quão inteligente era Jessica Johnsson? Depois pensou no depósito da Polícia e no profundamente desagradável Robertsson. «Isto começa a parecer uma linha de produção.» As antigas investigações estavam prestes a ser reabertas: será que Jessica tinha conseguido introduzir sub-repticiamente o ADN de Sam em todas elas?

Ou era mais simples do que isso? Será que Sam Berger era um *serial killer*?

O raio é que era. Tinha de avisá-lo. Mas não se atrevia a telefonar-lhe,

não naquele momento. Começou a redigir um *e-mail* para depois ser encriptado: «Sam, temos de conversar o mais depressa possível. Importante.»

Não foi mais longe do que isso, porque o telemóvel não oficial tocou. Viu quem era. Tompa, um dos seus iscos anónimos. Tinha de atender a chamada, mas antes disso ativou a função de gravação.

Poucos minutos depois, terminou uma conversa que em quaisquer outras circunstâncias a teria deixado profundamente chocada, mas que naquele momento não fez mais do que produzir alguma ondulação na superfície da água. Gravou o ficheiro de áudio, adicionou-o ao *e-mail* para ser encriptado e continuou a escrever: «Sam, temos de conversar o mais depressa possível. Importante. Mais importante do que nunca manteres-te abaixo do radar. Alerta nacional em vias de ser lançado, explico mais tarde. Também recebi uma chamada de um dos nossos recursos partilhados, vais reconhecer a voz, envio o ficheiro em anexo. Depois podemos falar disto com mais calma.»

Enquanto datilografava, chegou um *e-mail* que imediatamente lhe chamou a atenção. Continha um número de telemóvel. Deer ligou sem mais demoras. Enquanto esperava que a chamada fosse atendida, apagou permanentemente o *e-mail* que continha o número.

– Estou? – atendeu uma voz depois de alguns toques.

– Fala a superintendente Desiré Rosenkvist, do Departamento Nacional de Operações da Polícia. Acabei de receber um *e-mail*. Liguei para o número certo?

– Ligou – disse uma calma voz feminina. – Na fábrica de dióxido de carbono daqui a um quarto de hora. Não me procure, eu encontro-a.

Dito isto, desligou.

Mais uma vez, Deer olhou para o telemóvel antes de fitar o vazio durante algum tempo. O que tinha dito Sam? «Há outra vez demasiadas perguntas. Vou fechar a loja.» Deer sentiu que estava muito perto de fechar a loja. Levantou-se e dirigiu-se à porta. A meio do corredor parou, voltou a entrar no gabinete, terminou o *e-mail*, encriptou-o e enviou-o a Sam Berger. Depois desfez-se de todos os vestígios.

Regressou ao carro e entrou.

A fábrica de dióxido de carbono, pensou. Sabia que ficava na antiga zona industrial de Lövholmen, na periferia de Liljeholmen, perto da

fábrica de tintas, que tinha sido transformada em galeria de arte há duas décadas. Atravessou várias pontes, a grande ponte ocidental e depois a ponte de Liljeholmen. Quando se aproximou da margem, apareceu a arruinada fábrica de dióxido de carbono, em flagrante contraste com as unidades industriais remodeladas.

Ficava em frente à fábrica de tintas, na margem do Liljeholmsviken. Contra o céu cinzento-metálico de novembro, os edifícios em ruínas pareciam uma cena de um filme catástrofe pós-apocalíptico.

Havia um dique flutuante em frente à entrada principal e Deer deambulou ao longo de uma cerca que parecia interminável. Por fim, encontrou um buraco pelo qual conseguiu furar. Instintivamente, levou a mão ao lado esquerdo do peito e sentiu a pistola de serviço a latejar como um segundo coração.

Provavelmente era o próprio coração a bater com tanta força que fazia a arma saltitar.

Uns grafitos à entrada anunciavam em inglês TENHA CUIDADO DEPOIS DE ENTRAR e a zona estava pejada de lixo que parecia quase artisticamente disposto, como se a fábrica de tintas estivesse envolvida. Equipamentos eletrónicos antigos, seringas, latas de tinta, colchões, revistas pornográficas bolorentas. E, de repente, uma parede de betão coberta de arame farpado.

Sentindo-se cada vez mais desanimada, Deer caminhou ao longo da parede até encontrar uma escada. Subiu-a, saltou da escada do outro lado e entrou no que parecia ser o edifício principal, escalando uma janela partida.

Na primeira divisão havia um toco de vela em cima de uma mesa meio podre ao lado de um colchão com um edredão que tinha enrijecido numa posição muito estranha, como se algum líquido o tivesse colado à parede quando secou. Deer ativou novamente a função de gravação do telemóvel; começava a parecer que já estava na hora. Enquanto contornava um grande buraco no chão, uma figura apareceu numa entrada.

Deer correu o fecho do blusão enquanto olhava fixamente para ela, mas não fez mais nenhum movimento. Então reconheceu a figura.

– Farida? – perguntou. – Farida Hesari?

A mulher de cabelo curto afastou-se e Deer seguiu-a por corredores atulhados de lixo até chegar a uma divisão maior. Raios de luz cinzenta de

novembro filtravam-se pelas fissuras no teto, iluminando um espaço que parecia ter acabado de ser limpo. Havia duas cadeiras. Farida Hesari sentou-se numa delas, Deer na outra, de frente para a mulher. Deer disse:

– Está com bom ar, Farida.

Farida bufou. Ou talvez fosse uma risada.

– A sério – prosseguiu Deer. – Parece estar em forma.

– Nunca mais vou sentir-me indefesa, isso lhe garanto. Estou aqui para lhe contar o que aconteceu em julho, há quatro anos, nada mais. Quer ouvir?

– Sim, quero ouvir – respondeu Deer.

– Soube que andava à minha procura. Finalmente decidiram preocupar-se por aqueles sacanas doentes continuarem à solta?

– Sem dúvida que nos preocupamos – respondeu Deer. – Mas a Farida tem sido difícil de encontrar. Desapareceu nas Filipinas há quatro anos e desde essa altura que ninguém sabe dela.

– Quer que lhe conte ou não? – perguntou Farida.

– Primeiro uma pergunta – disse Deer. – Estava grávida quando aquilo aconteceu?

Os olhos de Farida estreitaram-se.

– Está a gozar comigo, sua cabra? Isso apareceu nos testes que me fizeram em Danderyd e você sabe disso. Estou aqui para lhe dizer a verdade, porque é que está a tentar enganar-me?

– Desculpe – afirmou Deer com sinceridade. – Estava a interrogar-me se a Farida ou a sua namorada tinham, de alguma forma, conseguido ocultar a gravidez. Porque isso tem um papel significativo neste caso. Aqueles dois parecem atacar apenas mães de rapazes, mulheres que já são mães ou que estão prestes a sê-lo.

– Já tinha tido um filho – disse Farida. – Quanto mais não fosse pelo José Maria tive de sobreviver àquele pesadelo.

– O seu filho chama-se José Maria? – perguntou Deer, sorrindo.

– Por causa de José Maria Sison – respondeu Farida, e o que talvez tivesse sido a sombra de um sorriso cruzou-lhe o rosto.

– O revolucionário filipino, não é?

– Olha, olha, uma inspetora inteligente – disse Farida. – O NDF é o único movimento verdadeiramente operacional do mundo. E, atualmente, as Filipinas estão um caos, graças ao reinado de terror daquele cabrão do

Duterte.

– Mas o seu filho José Maria não está registado na Suécia? Não tem número de identificação sueco? Quer dizer que nasceu à margem do nosso sistema? Não consigo deixar de me questionar como é que a Jessica descobriu que teve um filho…

– Jessica? É assim que ela se chama? O monstro?

– Pensava que o Reine é que era o monstro?

– O caraças! Esse palhaço enorme é apenas um par de braços adicionais ao serviço dela. Ou qualquer outra parte do corpo que lhe venha à cabeça.

– Podemos falar disso mais tarde? Portanto, você estava a morar no centro de Täby, naqueles grandes edifícios curvos?

– Grindtorp, sim. Em Meteorvägen.

– Andava a esconder-se da sua família, não é verdade? Estava a ser ameaçada de alguma forma?

– A religião é o ópio do povo – respondeu Farida. – A minha família segue uma fé maléfica. Uma mistura volátil de patriarcado e religiosidade.

– Saía à rua com o José Maria em Grindtorp? Eram vistos em público?

– Mantive-me escondida durante muito, mas muito tempo. Tinha dezoito anos quando a Ritva e eu decidimos ter um filho. Na verdade, foi um camarada revolucionário das Filipinas que nos deu um pouco de esperma. Além dos nossos amigos, ninguém sabia da Ritva. Fiquei escondida no apartamento dela em Grindtorp. Passei cerca de um ano inteiro dentro de casa. Tratámos nós mesmas do parto, obviamente. Depois lá acabei por começar a sair à rua com o carrinho. Ninguém sabia quem eu era, porra, não havia melhor sítio para o anonimato em toda a Suécia.

– Deve ter sido quando a Jessica a viu – afirmou Deer. – Teve muita sorte por não ter levado o José Maria consigo naquela manhã de julho, quando saiu para comprar cigarros.

– Agora percebo isso – disse Farida, abanando a cabeça. – Posso pensar que a minha família está doente, mas não tem comparação com aqueles porcos capitalistas pervertidos. A porra da hierarquia típica.

– Bem, Farida, voltando ao assunto: era domingo de manhã?

– Sim, não havia ninguém em Grindtorp. Sabia que teria de fazer uma longa caminhada para encontrar uma loja que estivesse aberta. Mas não fui muito longe. Ela estava sentada num banco alguns metros mais à frente. Tinha cabelo louro comprido e sorriu-me, e perguntou-me as horas. Ouvi

um barulho por detrás de mim, uma espécie de assobio, mas já era tarde demais. Senti uma dor repentina e terrível na parte de trás da cabeça e depois ficou tudo escuro.

– Foi atingida na parte de trás da cabeça – disse Deer. – Sabe com o quê?

– Um bloco de madeira – respondeu Farida. – Não tardei a ficar a saber ainda melhor o que foi que me atingiu.

– Por favor continue, se conseguir.

– É para isso que estou aqui. Com que então Jessica e Reine? Bonitos nomes suecos tradicionais…

– Vindos direitinhos do povo – retorquiu Deer com um sorriso irónico.

– Acordei numa cave – prosseguiu Farida. – Estava amarrada com aquelas tiras de plástico que temos de puxar para apertar, a uma cadeira que devia estar presa ao chão. E eu estava nua. As paredes e o teto estavam cobertos por uma espécie de isolamento de fibra de vidro, mas havia uma janela com um vidro muito grosso ao nível do chão, que dava para o que parecia uma floresta. Tinham-na tapado com uma espécie de cortina grossa, mas mesmo assim entrava um pouco de luz. E dava para ver as árvores.

– Que aconteceu quando recobrou os sentidos?

– Havia uma mesa. Na mesa via-se uma faca grande e um bloco de madeira. Também havia um sofá. Eles estavam sentados no sofá. Mal se conseguia vê-los no escuro.

Farida permaneceu em silêncio. Olhou para as fissuras no teto. A luz que se infiltrava no interior da fábrica era friamente neutra, não fazendo qualquer julgamento sobre os vivos ou os mortos.

– Estavam sentados muito quietos – prosseguiu Farida. – Aquilo só começou quando acordei. Era como se o pano tivesse subido. Então ela puxou o cabelo, foi a primeira coisa que vi.

– Puxou o próprio cabelo?

– Era uma peruca, uma peruca loura. Por baixo tinha cabelo castanho, cortado acima dos ombros. Depois recostou-se no sofá e ficou outra vez na escuridão.

– Na escuridão? Pareceu-lhe que a iluminação tinha sido cuidadosamente pensada?

– Quando se inclinava para a frente, conseguia vê-la; quando se inclinava para trás, desaparecia. Acho que esse efeito estava relacionado

com a cortina da janela. Tudo cuidadosamente pensado? Acho que sim. O sangue escorria para um dos meus olhos, por isso só conseguia vê-los através de uma névoa vermelha.

– O que estavam a fazer?

Na realidade, não sei. Estavam nus. O sofá estava coberto de plástico e notei que o chão também. Lembro-me do ruído das nádegas deles a rangerem contra o plástico…

Deer soltou um suspiro profundo. Queria parar naquele momento. Queria dizer que bastava, ir-se embora, pensar na família, na sua maravilhosa filha Lykke, passar algum tempo a tentar aceitar a infinita insanidade do mundo. Como já tantas vezes fizera. Em vez disso perguntou:

– E depois, que aconteceu?

– Movimentos vagos – respondeu Farida. – Parecia sexo, mas não sei ao certo.

– O Reine teve uma ereção?

– O mais estranho é que não tenho a certeza. Era como se aquilo estivesse a acontecer por detrás de alguma espécie de ecrã.

– Ela deve ter dito alguma coisa?

– Ela nunca falou comigo diretamente. Mas foi-lhe sempre dizendo o que devia fazer-me…

– Atos sexuais?

– Não. Acho que ele devia ser impotente… Não, ela dizia-lhe para me bater. Eu estava constantemente a perder e a recobrar a consciência. Isso dói, dói mesmo.

– Ela dizia-lhe para ele lhe bater?

– E de que maneira. Ela dizia-lhe como devia bater-me. Lembro-me disso. Uma vez desmaiei mesmo. Pensei que ia morrer. Lembro-me de gritar Ritva, de gritar José Maria. Fiquei aliviada por aquelas serem as últimas palavras a sair dos meus lábios nesta vida de merda. Compensava um bocado aquela loucura que me estavam a fazer.

– Mas recuperou a consciência?

– Sim, e descobri que me tinham desamarrado, pelo menos durante algum tempo. Tinha as pernas soltas, mas estavam a ser erguidas. O que era estranho é que ela é que estava a levantar-mas. Porque ele estava ocupado a fazer outra coisa.

– É difícil falar sobre isso?

– É muito difícil falar sobre isto. Ele estava a desenhar no meu rabo com uma esferográfica.

– Ele é que fez o desenho? Não ela?

– Foi ele. Foi a única vez que pareceu feliz. Mas não faço ideia do que estava a desenhar.

– Um trevo de quatro folhas – afirmou Deer, ainda um pouco surpreendida. – Que aconteceu depois disso?

– A Jessica disse qualquer coisa sobre a faca. O Reine pegou nela, apontou-ma. Vi-a a enterrar-se no meu braço. Demorei vários segundos a registar a dor. Conseguia ver as coisas a acontecerem na penumbra, conseguia ver outra vez o movimento. Vi o meu sangue a escorrer. Vi a maneira como ele voltou a erguer a faca. O importante foi ter visto a maneira como ergueu a faca. Se eu ia ter alguma hipótese, era…

– Continue se puder, Farida – pediu Deer. Viu a mão da rapariga a tremer-lhe no colo.

– Recobrei outra vez os sentidos – disse Farida – e então tudo recomeçou. Não sei quanto tempo passou dessa vez, mas vi que já escurecera lá fora. De novo. E então como vi o meu corpo coberto de sangue, talvez houvesse luar. Eu estava muito sonolenta. E a Jessica já dormia no sofá, ouvia-a a ressonar, mas o Reine estava acordado, a olhar fixamente para mim. Implorei-lhe, lembro-me de lhe implorar com todas as forças que consegui convocar, baixinho, para não a acordar. Implorei-lhe que me deixasse ir embora, fartei-me de implorar, e o Reine realmente levantou-se sem que a Jessica acordasse. Aproximou-se de mim e olhei-o nos olhos, e não estavam tão mortos como eu pensava que estivessem, havia ali alguma coisa, vida, talvez até algum tipo de bondade no meio de toda a loucura, e pegou na faca, mas não da maneira como tinha pegado nela antes, não para me esfaquear ou matar-me – e eu não sabia se estava a sonhar –, mas mais para me soltar do que para me ferir. Mas então a Jessica acordou sobressaltada, sentou-se de repente e rugiu qualquer coisa que acabo de perceber que era o nome dele: «Reine!» Então, ele recuou atabalhoadamente e encolheu-se. Depois pegou na faca da outra maneira, outra vez com mais agressividade, pronto para atacar, e reconheci a postura porque tinha continuado a praticar artes marciais mesmo estando grávida, e sabia que só teria uma oportunidade. Então, quando o Reine

tinha a faca mesmo por cima do meu pulso, agi. A faca aproximou-se e eu atirei-me para a frente com quanta força tinha, fazendo com que a merda da faca me cortasse o pulso. Lembro-me de ele ter cortado um pedaço de pele, mas também cortou a porra da tira de plástico, e consegui pegar na faca, tirei-lha com a mão direita. Ergui a mão com a faca, e o cabo embateu no pescoço dele com força, e o Reine caiu para cima de mim. Cortei a outra tira numa fração de segundo e depois atingi-o novamente no pescoço. Ouviu-se um estalido e o resto do corpo dele deslizou para o chão, como que escorregando pelas minhas pernas abaixo, e por ali ficou. A Jessica deu um pulo, aos gritos, e eu inclinei-me para a frente, e senti todo o género de fluidos a saírem de dentro de mim, mas consegui chegar aos tornozelos e cortar as tiras de plástico que os prendiam, levantei-me, atingi o corpo enrolado do Reine no pescoço com o calcanhar e depois pisei-o com toda a força, pressionando-o contra aquele maldito plástico. A Jessica correu na minha direção, mas eu tinha a faca e consegui subir as escadas. Estava a rugir como um animal enlouquecido, era como se estivesse a representar. Havia uma chave na porta da cave. Rodei-a e peguei nela. Depois lancei a faca na direção dela, corri para fora e tranquei a porta depois de sair. Avancei às apalpadelas pela casa escura até encontrar a porta. A floresta estava mesmo ali e corri até cair para o lado. Vi os primeiros raios do sol de julho a espreitarem por entre as árvores. Olhei para o meu corpo, estava coberto de sangue. Continuava a pensar que não ia sobreviver, nem sequer quando aquele rapazinho com aquele uniforme ridículo, a cara mais branca que eu alguma vez tinha visto, olhou para mim com as duas mãos pressionadas contra a boca.

Farida Hesari calou-se. Já estava de pé. Nalgum momento durante o relato devia ter-se levantado sem Deer reparar. Tudo parecia rígido, o interior da antiga fábrica estava completamente gelado.

Deer levantou-se. Estendeu as mãos desajeitadamente em direção a Farida. Ficaram assim por um tempo. Deer podia sentir as lágrimas a escorrer-lhe pelas faces e nem sequer lhe ocorreu limpá-las.

Então, Farida caiu-lhe nos braços. Ficaram ali abraçadas durante muito tempo. A luz rodeava-as, mas as duas mulheres tinham conseguido conquistar a sua fria indiferença, incapazes de se largarem.

Quando estavam prestes a separar-se, Farida sussurrou:

– Menti-lhe.

Deer ainda estava ternamente agarrada aos antebraços de Farida, olhando para ela. Abraçaram-se de novo, agora mais superficialmente.

– Sobre o que foi que me mentiu, Farida? – perguntou Deer.

– O Reine soltou-me – sussurrou Farida. – Libertou-me e deixou-me ir embora. A Jessica continuou sempre a dormir.

Deer fechou os olhos.

Claro.

Qualquer tipo de atividade ninja teria sido impossível no estado em que Farida estava. Tinha estado a mentir a si própria. Deer sussurrou:

– O Reine disse alguma coisa? Aconteceu alguma coisa que tenha valido a pena recordar?

– Não – respondeu Farida de novo num sussurro. – Esteve completamente calado. Sempre, julgo eu. Mas tinha realmente uma espécie de bondade nos olhos.

Deer recuou um pouco e disse:

– Farida, espero mesmo que já tenha ultrapassado tudo o que lhe fizeram: sinto mais ou menos que já ultrapassou. Que há uma vida além disso.

– Mas não aqui – disse Farida. – Não na Suécia. O José Maria ainda está em Manila. É onde as nossas vidas se desenrolam agora. Mas provavelmente vamos mudar-nos para uma das ilhas em breve. Só vim cá por causa disto.

Deer olhou para o teto e disse:

– Eu consigo sair sozinha.

Deixou Farida mesmo ao fundo da velha fábrica de dióxido de carbono. Parecia tão minúscula. Por outro lado, parecia iluminada por dentro.

Deer dirigiu-se à entrada, regressando pelos corredores delapidados. Quando viu a mesa e a vela meio queimada e o colchão com o edredão enrijecido, percebeu que a janela pela qual tinha entrado ficava apenas a alguns metros de distância. A luz acinzentada que entrava por ela era bastante reconfortante.

Deer deu mais alguns passos. Então ouviu um rangido e um assobio por detrás dela.

Depois ficou tudo escuro.

32

Terça-feira, 24 de novembro, 12h47

Onde estavam Jessica Johnsson e Reine Danielsson?

Era tudo o que precisavam de saber.

Nada mais.

Sam Berger tentava desesperadamente ler todas as investigações preliminares disponíveis. Mais cedo ou mais tarde, havia de aparecer alguma coisa. Ia acabar por fazer-se luz.

Molly Blom estava envolvida numa tarefa mais concreta. A impressora estava a debitar fotografias. Molly cortava, colava. De vez em quando dirigia-se à parede, onde ia afixando tudo no devido lugar.

– O que estás a fazer? – perguntou Sam.

– A juntar fotos das vítimas – respondeu Molly, afixando a mais recente fotografia impressa. – Fotos tiradas na altura em que foram atacadas. Acho que começo chegar a alguma espécie de conclusão.

– Diz-me logo assim que lá chegares – retorquiu Sam.

Tinha estado a ler sem interrupção há pelo menos duas horas; até deu por si a desejar um pouco daquela sopa de carne. O portátil emitiu um tinido, um *e-mail* que, de alguma forma, tinha ficado retido no éter, enviado às 10h24. Aquilo irritou-o.

Abriu-o. O remetente estava encriptado, tal como o *e-mail*.

Decifrou-o, viu que era de Deer e leu-o.

«Sam, temos de conversar o mais depressa possível. Importante. Mais importante do que nunca manteres-te abaixo do radar. Alerta nacional em vias de ser lançado, explico mais tarde. Também recebi uma chamada de um dos nossos recursos partilhados, vais reconhecer a voz, envio o ficheiro em anexo. Depois podemos falar disto com mais calma. Agora tenho de sair por um bocado, aviso quando regressar. // Deer.»

Sam Berger fitou a mensagem. *Um alerta nacional*, pensou. Para capturar quem? Ele próprio, Sam Berger? Mas para quê, porra? O que estava a acontecer?

Teve de pôr a pergunta de lado, era impossível tentar compreender aquilo. Em vez disso, olhou para o ficheiro de áudio em anexo. Retirou uns auriculares do bolso, enfiou-os nos ouvidos e iniciou a reprodução do ficheiro.

A voz de Deer apareceu-lhe na cabeça:

– Tompa, fizeste a chamada?

– Sim, claro que sim – respondeu uma voz que parecia exausta. – Sten.

– Como assim?

– *Sten gun*[3]. Estentórea. Sim, estentórea. Sabes quem foi Estentor[4]? Um grego antigo: disse-me a minha vizinha, que é uma espécie de professora, acho eu. Ou coisa do género. «O arauto dos gregos durante a Guerra de Tróia tinha uma voz tão poderosa que conseguia abafar outros cinquenta homens a falar.» Portanto, é isso, Desiireeee. Uma voz forte, grave e estentórea.

– Nada disso está a fazer sentido, Tompa.

– Liguei para a porra do número. O tipo que atendeu disse: «Sten.» Eu fiquei tipo: «Sten o quê? *Sten gun*?» Pronto, não cheguei àquela cena do Estentor suficientemente depressa, não foi? Pensamos sempre nas coisas mesmo inteligentes para dizer quando é demasiado tarde, não é?

– Sim…?

– E então o tipo aclarou a voz e disse: «Fala August Sten, com quem estou a falar?» E eu cantei tão alto que juro que quase rebentei com o telemóvel: «Hammarby[5]! Hammarby! Ponham sempre o Djurgården e os Ratos de joelhos! Hammarby! Hammarby! A melhor equipa da cidade!»

E, com estas palavras, o ficheiro de áudio chegou ao fim.

Sam Berger fechou os olhos e ouviu-o mais uma vez.

Não é Sten, pensou. *É Steen*.

August Steen.

O chefe da Secreta do Serviço de Segurança.

Sentou-se perfeitamente imóvel. Foi percorrido por uma raiva e por uma tristeza profundas.

O contacto de Molly no Serviço de Segurança era August Steen.

Um dos espiões por detrás da morte de Syl.

Molly tinha-lhe ligado recentemente, mais precisamente no dia anterior. Para saber a identidade secreta de Jessica Johnsson.

Era obviamente muito chegada a Steen.

Toda a existência dos dois, dele e de Molly Blom, tinha até ali sido baseada numa mentira. Por mais que Sam não quisesse fazê-lo, estava na altura de confrontá-la. Tirou os auriculares e depois sacou o telemóvel e começou a reproduzir, sem fazer qualquer tentativa de escondê-lo, o breve vídeo que mostrava os dedos de Molly Blom a moverem-se pelo teclado do telefone por satélite. Até aproximou o telemóvel dela, esticando o braço.

Mas, nesse momento, o telefone por satélite que estava entre ambos tocou. Sam Berger recolheu o braço, Molly Blom pôs o telefone por satélite em alta-voz e atendeu:

– Estou?

– Estou, olá – disse uma voz masculina. – Não sei se este é o número certo. Estou a falar com a inspetora Eva Lundström?

– Exato – respondeu Molly Blom.

– Fala Andreas Hamlin, médico na clínica psiquiátrica de alta segurança de Säter. Lembra-se de mim?

– Oh, sim – disse Molly Blom. – O homem que tinha o *iPad* em Säter. Que posso fazer por si?

– Pediu-me para a contactar se o Karl Hedblom recebesse mais cartas. Hoje chegou uma.

– Abriu-a? – perguntou Molly Blom, aproximando-se do telefone.

– Sim, com muito cuidado – respondeu Andreas Hamlin. – Dentro de uma folha A4 em branco dobrada havia um pó branco que foi enviado para análise. Acho que ambos sabemos o que os resultados vão mostrar.

– Um *cocktail* de metanfetamina e fenazepam – disse Molly. – É vital que seja manipulado de acordo com todos os procedimentos forenses e imediatamente enviado para o Centro Nacional Forense.

– Estava prestes a entregá-lo lá em baixo – disse Hamlin.

– Espere lá – disse Sam Berger. – Fala Lindbergh, o outro detetive que esteve em Säter. Há algum carimbo no envelope?

Ouviram o restolhar de folhas de papel.

– Sim – respondeu Hamlin. – Selos normais e um carimbo dos correios. Mas nenhum nome ou morada do remetente.

– Há alguma data no carimbo dos correios?

– Não se consegue perceber muito bem, mas sim. Foi enviado a 23 de novembro. Ou seja, ontem.

Sam Berger e Molly Blom trocaram um olhar. Sam Berger prosseguiu:

– Também consta o nome de alguma localidade no selo? Alguma vila ou cidade?

– Sim, diz aqui alguma coisa. Deixe ver. Skogås. Não sei sequer onde isso fica.

– Mas eu sei – disse Sam Berger, e carregou no botão para terminar a chamada.

Levantou-se e apontou para Molly Blom. Disse:

– A Deer vive em Skogås. Que porra do caraças. Era a Jessica Johnsson a avisar-nos de que está a pensar atacar a Deer.

Molly Blom parecia abalada. Avançou até à parede e olhou para a sequência de fotografias. Retirou as três fotos masculinas, Rasmus Gradén, Eddy Karlsson e Anders Hedblom, o que deixou uma fila de mulheres: Helena Gradén, Mette Hækkerup, Lena Widstrand, Farida Hesari, Elisabeth Ström e Jovana Maleševi´c. Todas tinham cabelo escuro e todas o usavam curto acima dos ombros.

Molly Blom regressou à mesa e vasculhou uma caixa de sapatos. Tirou de lá uma foto amarelecida, voltou à parede e apontou para a fotografia de Jessica Johnsson com oito anos e com o trevo de quatro folhas na mão. Imediatamente por baixo afixou uma foto da mesma rapariga, um pouco mais nova, sentada ao colo da mãe, Eva.

A mãe de Jessica, Eva Johnsson, que em solteira se chamara Hult, tinha cabelo escuro curto cortado acima dos ombros à data da morte.

Sam Berger sacou o telemóvel e, com a mão a tremer, percorreu a galeria até encontrar uma foto em que gozava com uma ex-colega. O nome da ex-colega era Desiré Rosenkvist. Deer usava o cabelo curto.

Cortado acima dos ombros.

– E se a Jessica e o Reine não estiverem apenas a perseguir-te a ti, Sam? – sugeriu Molly Blom com voz rouca. – E se a Desiré lhes tivesse deixado uma impressão igualmente forte em Orsa?

O silêncio durou mais alguns segundos.

O terrível silêncio da constatação.

Então entraram subitamente em ação. Sam Berger gritou:

– Manda *e-mails* e SMS a todos os colegas que consigamos alcançar. Encontra vizinhos, familiares, amigos, avós. Certifica-te de que a Lykke e o Johnny estão seguros.

O próprio Sam Berger ligou para o telemóvel oficial e para o número não oficial de Deer. O telefone por satélite chamou desconsoladamente, sem resposta. Sam Berger deixou mensagens a todos os contactos que conseguiu encontrar.

Depois ligou para o Departamento Nacional de Operações, foi dar a uma central telefónica, desligou e começou a datilografar freneticamente no computador. Molly Blom pegou no telefone e, passado algum tempo Sam Berger ouviu-a a conversar com alguém que podia ser o chefe do DNO, o chefe interino da Polícia sueca. Tentou lembrar-se do nome do chefe de Deer, experimentando Ronny Lundén e Benny Lundin antes de chegar a Conny Landin. Pegou no telefone e ligou. Sem resposta. Tentou de novo, sem resposta. Que porra estava aquele perfeito inútil a fazer? Ligou a Robin, que se limitou a dizer-lhe, surpreendido, que não tinha notícias de Deer há muito tempo. Molly ergueu os olhos do computador, pegou no telefone e marcou um número.

– Um dos vizinhos está a acompanhar a situação – disse com a mão por cima do bocal.

Algumas mensagens apareceram no computador de Sam Berger. Nenhum dos colegas parecia ter ideia de onde estava Deer.

– E o chefe dela? – rugiu Sam Berger. – Falaste com o chefe do DNO, não falaste?

– Ele não sabia de nada – respondeu Molly, e depois conseguiu dizer para o microfone do telefone: – Certo, obrigada pela tua ajuda.

– *E-mail* de Conny Landin – disse Sam Berger, batendo no teclado.

– O vizinho viu-a sair de casa pouco antes das sete da manhã – disse Molly Blom. – Tinha o aspeto de sempre quando ia para o trabalho, mas parecia levar um saco de desporto. Sam, deves conhecer pelo menos uma das amigas dela? Uma amiga do ginásio? Um parceiro de ténis, qualquer coisa?

– Não – respondeu Sam. – E o Johnny não atende. O Conny Landin só diz que foi lançado um alerta nacional com vista à minha captura. Está-se nas tintas para a Deer.

– Um alerta nacional? – exclamou Molly Blom.

– Continua, deixa isso agora – disse Sam Berger, tentando formular uma resposta convincente para Conny Landin.

– E as vossas fontes, os vossos informadores? – perguntou Molly. – A Deer pode ido ter com um deles?

– Vou tentar falar com eles – disse Sam Berger. – Passa-me o telefone.

– Só temos um telefone – disse Molly Blom. – Temos de fazer tudo nele.

– O caraças é que só temos um telefone – disse bruscamente Sam Berger, empurrando-a para um lado. Afastou a cama da parede, abriu o postigo e sacou o segundo telefone por satélite. Pousou-o com estrondo na mesa à frente de uma Molly Blom muito pálida.

– Por isso começa a ligar, porra! – gritou. – Liga para o teu maldito contacto no Serviço de Segurança e pede-lhe para emitir um alerta para encontrarem o carro dela. Põe o sacana do August Steen no caso, e o Roy e o Roger.

Molly Blom pegou no telefone, sem palavras. Fez uma chamada.

Sam Berger apanhou Johnny a trabalhar. A rede na ambulância que de certeza estava a conduzir era fraca, Johnny parecia um robô. Sam tentou novamente, sem resposta. Encontrou o nome da mãe de Deer, ligou-lhe, fingiu que estava tudo bem, foi-lhe dado o número do telemóvel de Lykke e Sam ligou-lhe. Chegou ao gravador de chamadas dela três, quatro vezes. Obviamente que estava na escola e tinha o telemóvel desligado. A não ser que tivesse sido raptada, assaltada, assassinada. Telefonou novamente a Conny Landin. Conseguiu falar com ele. Convenceu-o a ir ao gabinete de Deer para dar uma vista de olhos no computador dela. Nada, nada, nada.

– Liguei para a escola da filha da Deer – afirmou Molly Blom com a mão sobre o bocal. – A funcionária da secretaria está a caminho da sala de aula.

Sam parou e olhou cautelosamente para Molly. A cor não lhe voltara completamente ao rosto, parecia acabrunhada, como as pessoas ficam quando têm um peso na consciência.

– Já saiu da sala de aula – disse Molly Blom. – Vai falar. Olá, estou a falar com a Lykke? Lykke Rosenkvist? Ótimo. Achas que podias ir com a senhora que acabou de ir à tua sala? Vais ter de ir para a sala dos professores durante algum tempo. Estou a falar outra vez com a senhora Lindh? Muito bem, leve a Lykke para um lugar seguro, chame a Polícia e peça proteção imediata. Sim, por favor, peça ajuda aos professores de

Ciências e de Educação Física. Ótimo, obrigada.

– Quer dizer que a Lykke está em segurança? – perguntou Sam, depois continuou a gritar ao telefone por satélite: – Por amor de Deus, Landin, esqueça o maldito alerta nacional por um minuto. É a Deer que está em perigo, você é chefe dela, deve saber onde ela está. Ela realmente não disse nada?

– Parece que está bem, sim – respondeu Molly. – Por enquanto. Um carro-patrulha vai a caminho.

Sam Berger atirou o telefone para o lado, com um Conny Landin completamente impossível ainda em linha, e começou a datilografar freneticamente no computador.

– De qualquer forma, já foi lançado um alerta para tentarem encontrar o carro da Deer – disse Molly. – O que estás a fazer?

– Estou para aqui sentado no cu de Judas do Universo enquanto dois psicopatas dementes atacam a minha parceira. Foda-se! Pronto, já reservei dois bilhetes.

– Que foi que fizeste?

– Voo de Gällivare para Estocolmo, às 16h00 – explicou Sam Berger, vestindo-se. – Anda, vamos conseguir, pomo-nos lá em duas horas. Então vou limpar a merda toda da porra dos estábulos.

– Mas nós estam…

– A esconder-nos do Serviço de Segurança? – berrou Sam Berger. – Enquanto tu forneces atualizações regulares sobre o estado do teu parceiro sedado ao chefe da Secreta do Serviço de Segurança? Enquanto continuamos a fingir que estamos escondidos? Enquanto tu me convences de que eu tive um surto psicótico? Por amor de Deus, Molly, também os ajudaste a assassinar a Syl?

– O que estás para aí a dizer?

– Que andamos a brincar aos agentes secretos: sim, a brincar e mais nada, porra. Já te desmascaraste em grande. Não estamos a esconder-nos de ninguém, é tudo uma farsa. O Serviço de Segurança tem estado constantemente a vigiar-nos, a vigiar-me a mim. Os bilhetes de avião estão reservados, por isso enfia a merda da tua roupa na mala.

– Mas, não estou a perceber…

– Agora não temos tempo para essas tretas – gritou Sam Berger, já a sair da cabana. Atirou-lhe o grande blusão acolchoado branco e quase a

empurrou à sua frente na longa caminhada até ao jipe.

Sam Berger conduzia. Molly Blom ia no lugar do morto. Sam guiava como um louco furioso pela vastidão gelada coberta de neve. Quando chegaram a Kvikkjokk, começou a nevar. Passou-lhe o telemóvel e Molly Blom viu o vídeo com os próprios dedos a marcar o número de telefone não oficial de August Steen. Devolveu-lhe o aparelho sem dizer uma palavra. Então limitou-se a olhar fixamente em frente, muito hirta.

– Podemos conversar sobre isso mais tarde – foi tudo o que Sam Berger disse.

A neve caía, rodopiando em redor do carro como se estivessem a conduzir através de um tornado horizontal, um túnel de vento cheio de esquiadores dopados. Sam Berger conduzia como um possesso. Molly Blom continuou a ligar sem parar para ambos os telemóveis de Deer.

Sem resposta.

Sem qualquer resposta.

Passada cerca de uma hora, Molly disse:

– A Desiré não tem nenhum filho.

– Isso é só mais uma porra de uma manobra de diversão – disse secamente Sam Berger. – A Jessica é outra maldita atriz, tal como tu. Tudo isto não passa de uma espécie de atuação perversa de uma criancinha crescida megalómana e narcisista com uma fixação patética pela figura paterna. Maldita cabra.

Conduziram em silêncio por mais algum tempo. Então Sam Berger disse:

– Não tens um irmão mais novo, ou tens?

Molly Blom baixou os olhos e fitou o colo. Então olhou para Sam com uma expressão que revelava muitos graus de tristeza.

– Não – respondeu. – Não tenho um irmão mais novo.

Entraram no aeroporto da Lapónia, em Gällivare, estacionaram ilegalmente num parque abandonado, correram a toda velocidade pela zona de embarque, encontraram a porta certa, viram no relógio que eram quase quatro horas e ouviram os respetivos nomes a serem chamados pelos altifalantes.

A chamada final.

Sam Berger correu até à porta de embarque, abanando o bilhete eletrónico iluminado no ecrã do telemóvel. Isso fez com que se lembrasse

de voltar a tentar. Parou e ligou para o telemóvel de Deer pela centésima vez.

E alguém atendeu.

Sam Berger congelou. Os funcionários do aeroporto enxameavam em torno dele, mas tudo escorria por ele como a água pelas penas de um pato.

– Quem fala? – perguntou, fazendo um grande esforço de concentração.

Uma voz de mulher que não parecia a de Deer disse algo inaudível, algo metálico.

– Por amor de Deus, quem fala? É você, Jessica?

Parecia mesmo que Sam estava em contacto direto com o reino dos mortos. As chamas infernais pareciam estar a lamber o telemóvel por dentro.

Então a voz do outro lado estabilizou e tornou-se normal.

– Estou? – disse uma voz feminina mais natural.

– Quem fala? – repetiu Sam Berger, mas algo dentro dele já tinha reagido.

– Sou eu – disse Deer. – Estou no hospital.

Sam Berger não conseguia mexer-se. Era uma impossibilidade física.

– No hospital? – perguntou. – Que aconteceu?

– Caí – disse Deer. – Na antiga fábrica de dióxido de carbono em Liljeholmen. Fiquei inconsciente durante várias horas. Mas estou bem.

O suspiro que esvaziou os pulmões de Sam Berger naquele momento foi o mais profundo da sua vida. Também lhe esvaziou o corpo e depois instilou-lhe nova vida. Sentiu o rosto a relaxar por detrás da barba enorme.

Depois sentiu que um sorriso se lhe espalhava por todo o rosto. Virou-se para contar a Molly Blom.

– A Deer está bem – disse.

Mas Molly Blom não estava lá.

Molly Blom não estava lá.

Sam olhou em redor, examinando atentamente a zona de embarque, mas Molly não estava em lado nenhum.

Não havia muita gente, por isso era fácil abarcar toda a zona de embarque. Gritou e chamou, correu em direção à casa de banho das senhoras, abriu a porta e gritou por Molly, cada vez mais alto, abrindo as portas de todos os cubículos. Nada. Depois foi à casa de banho dos homens. O mesmo resultado.

Correu de balcão em balcão e foi finalmente informado de que nem Sam Berger nem Molly Blom tinham embarcado no voo para Estocolmo. Passou outra hora a correr de um lado para o outro no aeroporto de Gällivare. Falava com toda a gente que ia encontrando, sem exceção, mas ninguém tinha visto uma mulher loura de blusão branco.

Nem uma única pessoa a tinha visto.

Sam Berger acabou por ficar praticamente sozinho no aeroporto.

Quando saiu para o parque de estacionamento, sentiu-se particularmente vazio. Era uma superfície completamente branca. Nada estava a acontecer, não havia sinais de vida.

E a neve caía indiferentemente pelo espaço.

A sua alma ficou lentamente entorpecida enquanto observava os flocos a cair, suavemente, levemente. Levemente, suavemente.

Entrou no jipe. Também estava vazio.

Ligou os limpa-para-brisas. A espessa camada de neve desapareceu do vidro, mas ainda havia lá algo.

Não ficou surpreendido.

Saiu do jipe, pegou no envelope que tinha sido enfiado debaixo de um dos limpa-para-brisas e sentou-se.

Abriu o envelope e tirou o desenho.

Já sabia o que ia ser. E era mesmo.

Era o desenho de um trevo de quatro folhas.

---

[3] Pistola-metralhadora britânica desenvolvida no início da Segunda Guerra Mundial. *(N. do T.)*

[4] Em sueco, voz estentórea (ou tonitruante) e Estentor diz-se *Stentorsröst* e *Stentor*, respetivamente. *(N. do T.)*

[5] Um dos três principais clubes de futebol de Estocolmo, juntamente com o Djurgården e o AIK, cujos adeptos são depreciativamente designados por «Ratos». *(N. do T.)*

PARTE IV

33

Quarta-feira, 25 de novembro, 10h07

Vê Marcus e Oscar na vala de tussilagem. Oscar está a sorrir, Marcus a rir-se. O ponto fixo. O ponto imóvel do mundo a girar.

Um dia descobrirá onde errou. Um dia vai compreender aquilo a que sujeitou Freja. A mãe dos seus filhos.

Tinha sido desqualificado como pai.

Tinha sido desqualificado como amante.

Apesar disso, é a imagem que vê naquele momento. Sabe que está a dormir. Consegue ver tantas imagens de si próprio. Psicose, drogas, sedativos. Vê-se deitado, inconsciente durante semanas. No entanto, está levantado e anda de um lado para o outro como um *zombie*. Vê momentos súbitos de lucidez ocultos na inconsciência, escondidos por detrás dessa inconsciência, velados no esquecimento. Vê um momento na sua cama, duas pessoas juntas, uma pausa no caos. Olha profundamente naqueles olhos. Tristeza, emoções esmagadoras. E então vê alguém a fazer amor, os seios de uma mulher a subir e a descer à sua frente, sente o cabelo a roçar-lhe o rosto e apercebe-se de que está dentro da mulher, de que ela está a montá-lo e de que, subitamente, todas as coisas terríveis se transformaram em prazer, e não sabe se está a dormir ou acordado, se aquilo está realmente a acontecer ou se é apenas a materialização de uma multiplicidade de mecanismos para o ajudar a enfrentar a situação. Porque agora o prazer é real, abraça a mulher, acaricia-a, ouve os gemidos e o choramingar dela, impossíveis de distinguir entre si, sente as convulsões subtis e crescentes do clímax feminino. Ele próprio também está quase lá e depois tem um orgasmo repentino e prolongado, e toda a porcaria é eliminada. Quando a mulher finalmente se inclina sobre ele, vê que tem um sinal de nascença em forma de estrela mesmo por baixo do seio

direito.

– Molly!

É acordado pelo próprio grito. Senta-se na beira da cama e espera que o tempo o alcance. Como se isso pudesse alguma vez acontecer. E tem a sensação de ter aterrado dentro da cabana, os pés bem assentes na terra.

Tinha um trabalho a fazer.

Abriu a caixa de relógios, escolheu o que considerava ser o mais precioso da coleção, aquele que tinha solucionado um caso[6], o *Patek Philippe 2508 Calatrava*. Reparou que ainda estava certo. E pensou que afinal talvez ainda pudesse haver tempo.

Então vestiu-se cuidadosamente e enfiou o fato de esqui ainda por estrear. Depois de pegar na chave do jipe, saiu para o terraço e abriu a porta estreita do compartimento para esquis.

* * *

A um canto de uma grande sala sem janelas reinava uma atividade frenética nos computadores à frente de dois homens bem constituídos. Estavam sentados a uma mesa, um de cada lado, cada um a olhar atentamente para o próprio ecrã. Um deles tinha um relógio barato de mergulhador no pulso grosso e não conseguiu esconder a irritação quando se apercebeu de uma mudança drástica no nível de atividade do colega.

– Que raio estás a fazer? – perguntou Roy Grahn.

– Temos aqui alguma coisa – respondeu Kent Döös.

– Onde?

– Não faço ideia. Localização: 67°19.034'N, 17°09.867'E.

– Onde é que essa merda fica?

– Deve ser na Lapónia.

– Por que raio estaríamos a receber um alerta lá de cima?

– Não faço ideia – respondeu Kent –, mas às vezes pode valer a pena dar uma vista de olhos ao programa de vigilância.

– Liga-me – disse Roy sem qualquer entusiasmo.

Demorou apenas alguns segundos até uma imagem de satélite emergir da escuridão do ecrã. Via tudo completamente branco e Roy demorou um pouco a perceber que aquilo que estava a ver era neve.

Ampliou a imagem. Algo acabou por ficar visível no meio de todo o

branco. Pareciam letras, havia algo escrito na neve. Roy aproximou ainda mais a imagem, até que finalmente pôde ler alguma coisa. A custo decifrou o que estava escrito:

«AS! Urgente. M. Ponto 0. 1630.»

– Que porra é esta? – exclamou.

Mas o colega já tinha pegado numa folha saída da impressora e já se precipitava para fora da sala.

Roy alcançou-o junto aos elevadores. Já dentro de um deles perguntou:

– Aonde é que vais, porra?

– Não leste? – perguntou Kent.

– Mas aquilo não fazia sentido nenhum. Afinal o que é que era urgente? Que raio é «AS»?

– Talvez seja absurdo – disse Kent. – Mas foi escrito numa zona passível de desencadear alertas, por isso pode ser importante.

Ao contrário de Roy, Kent não se deu ao trabalho de se deixar irritar pelo minuto que costumava demorar até que a porta do gabinete do chefe emitisse o seu zumbido baixo. Se tudo corresse bem, acabara de tomar a dianteira em relação a Roy no *sprint* final da corrida por um emprego como recurso interno. E tinha a chave na mão.

August Steen, chefe da Secreta do Serviço de Segurança, estava sentado à secretária com o seu habitual olhar empedernido. Os cabelos cinzento-metalizados muito curtos pareciam limalhas de ferro em torno de um íman.

Kent foi direto ao assunto, mostrou a folha impressa e disse: – Imagem de satélite das coordenadas 67°19.034'N, 17°09.867'E.

Deu a Steen alguns segundos para absorver e interpretar a informação. Depois prosseguiu:

– Alguém escreveu na neve numa zona passível de desencadear alertas. Letras muito grandes. As duas primeiras podem ser as suas iniciais, chefe. Porque a seguir aparecem letras minúsculas.

Sem inclinar a coluna, direita como um cabo de vassoura, August Steen contraiu levemente o rosto de um modo que poderia indicar aprovação. Kent sentiu vontade de dar murros no ar para comemorar. Resistiu e continuou num tom neutro:

– Mas estou com alguma dificuldade em interpretar esta letra.

Apontou para o M.

August Steen assentiu devagar.

– Ótimo – disse. – Quero que se foquem neste símbolo. Não sei se não vi algo semelhante num dos alfabetos asiáticos, talvez até entre símbolos não linguísticos. Concentrem-se completamente nisto, fico à espera de um relatório até ao final do dia.

August Steen não se deu ao trabalho de olhar para Kent ou para Roy enquanto saíam do gabinete. Toda a atenção estava focada na folha impressa à sua frente:

«AS! Urgente. M. Ponto 0. 1630.»

Alguém tinha escrito aquela mensagem no polo de inacessibilidade da Suécia com um par de esquis. E não havia dúvida, a mensagem era-lhe dirigida.

August Steen permaneceu sentado durante algum tempo a olhar para o símbolo M. Esperava ter conseguido afastar Kent e Roy do significado da mensagem quando interpretada no seu todo. Um todo que lhe parecia começar a ver.

M. Por um breve momento, Steen foi dominado por uma onda de emoção.

Depois levantou-se, apertando a folha impressa, e caminhou em direção à porta.

* * *

O observador está de volta. Examina os ecrãs. Nada está a acontecer. A pistola, a Sig Sauer P226*, gira à sua frente como se nunca tivesse parado.*

Agora está perto. Sabe que está perto.

Está muito frio naquela caverna de neve.

Quando tira os óculos para computador com a máxima graduação possível, nem sequer consegue distinguir os ecrãs, quanto mais ver o que aparece neles. São realmente óculos terminais.

A visão atingiu o estágio terminal.

Mas também não seria capaz de trabalhar muito mais, o seu tempo acabou. Tudo o que resta é uma pensão razoável. Razoável, tendo em conta todo o esforço que investiu no trabalho. Todos os empregos não razoáveis precisam de uma remuneração razoável.

Tem de ver aquilo mais uma vez. A casa nas encostas, nos arredores de

Estepona, o terraço com vista para o Rochedo de Gibraltar, os aromas a tomilho, alecrim e alfazema. Tem de conseguir relacionar o calor maravilhoso da noite com uma visão que possa partilhar com ♀. Que ela consiga transmitir-lhe.

Ela pode salvar-lhe a visão. Pode salvar-lhe a vida.

O observador pensa em ♀ e em ♂. Pensa no relacionamento deles. Pensa no facto de odiar ♂. O observador pensa em como foi atrás dela, em como a arrancou ao controlo apertado de ♂, em como a abraçou ternamente e descobriu que era amado. O observador pensa em como aquilo foi maravilhoso, em como a proximidade divina pode saber tão bem. O ecrã de cima continua a mostrar acontecimentos em tempo real enquanto rebobina o vídeo do ecrã inferior, retrocedendo na gravação negligenciada.

O observador pensa para si mesmo que realmente devia ter feito aquilo, mas depois perde-se novamente em fantasias. A mão enfiada na fina luva de pele faz girar distraidamente a pistola em cima da mesa, mas apesar disso a Sig Sauer *perde velocidade. O cano não está a apontar para ele quando se imobiliza; desta vez o observador não tem de escolher entre verdade ou consequência. Porque a verdade, como sempre, é demasiado complicada.*

Então apercebe-se de que rebobinou demasiado o vídeo, que começa automaticamente. A imagem flutua e adeja, o ecrã mostra o céu e depois a neve, em seguida um rosto passa apressadamente. Então a imagem estabiliza e mostra pegadas. Pegadas que parecem vir de longe e vão aumentando de tamanho, até que sobem a colina até ao cimo e acabam por conduzir até ali, até à câmara.

Depois o rosto olha para a câmara, ajusta-a, conclui que está tudo como deve ser e em seguida afasta-se para posicionar a câmara seguinte. ♀ desaparece antes que o observador a consiga ver bem. Estava bonita como sempre, enquanto posicionava as câmaras.

Está na altura de salvar ♀ de ♂.

* * *

August Steen abre repentinamente a porta com toda a força. O homem por detrás da secretária dá um salto, mas carrega simultaneamente num

joystick para mudar a imagem no ecrã mais em baixo dos dois que tem à frente.

– Caramba, está muito frio por aqui – disse Steen, esfregando os braços.

– É como uma gruta na neve – disse o homem dos óculos para computador com a máxima graduação possível. – Já nos queixámos, mas parece que há uma avaria grave no termostato.

– Esses óculos parecem ridiculamente grossos – disse Steen. – A tua RP não está a piorar, ou está? Sabes que tens de me dizer imediatamente se isso acontecer, Carsten.

– Eu sei – disse tristemente Carsten. – Mas tudo sugere que a minha retinite pigmentar está a progredir lentamente.

– Vamos ter de ver isso – afirmou Steen. – Não tem havido muitos relatórios teus ultimamente. Os outros turnos informam-me regularmente, mas tu tens andado a ficar para trás.

– Estava aqui sentado a tentar recuperar o atraso – disse Carsten.

– A Molly está em posição?

– Deve estar. Mas ela ainda não se mostrou.

– Não recebi nenhum relatório acerca disso, Carsten.

– Eu sei. Como disse, estou a tentar recuperar o atraso.

Steen fez uma careta e afirmou:

– O Frans enviou-me um relatório ambíguo ontem à noite. Não tinha a certeza se a Molly tinha regressado; a câmara de visão noturna não estava a funcionar satisfatoriamente. Então, já tivemos alguma atividade de Sam Berger? Alguma coisa recente?

– Andava de um lado para o outro no exterior da cabana há cerca de um quarto de hora.

– Mostra-me.

Carsten carregou no *joystick*, fez aparecer alguns menus no ecrã inferior, carregou novamente no *joystick* e rebobinou o vídeo.

Passado algum tempo, Sam Berger apareceu no alpendre, abriu a porta do pequeno compartimento, tirou de lá um par de esquis e prendeu-os às botas com certa dificuldade. Depois partiu em direção à grande superfície coberta de neve que ficava a curta distância. Só a cabeça era visível por cima de uma pequena elevação na planície nevada, movendo-se em estranhos padrões.

– Carsten, por amor de Deus. Queremos relatórios em tempo real. Se não

consegues dar conta do recado, terei de substituir-te.

Carsten não disse nada. Sabia que era verdade. Vertentes mais sombrias da sua personalidade tinham assumido o controlo. Contudo, era conhecido como o mais profissional de todos os recursos internos do Serviço de Segurança.

– Que está a acontecer ali? – perguntou Steen, apontando para o ecrã superior.

– O Sam Berger está a sair – respondeu Carsten, e aproximou a imagem. – Isto é em tempo real. Parece ter mudado de botas, agora está a usar botas de neve grossas. E leva uma mochila às costas. Não está a dirigir-se à cabana da Molly, parece estar a tomar o atalho para o carro.

Steen assentiu e pousou a folha impressa à frente de Carsten.

– Qual é a tua interpretação disto? – perguntou.

– Isto é…?

– Estou a ter de confiar em recursos externos, que estão a lidar muito melhor com isto do que os meus recursos internos. A tua interpretação, por favor.

Carsten olhou para a folha impressa e para a mensagem escrita na neve:

– AS! Urgente. M. Ponto 0. 1630 – disse Carsten. – Sem dúvida que lhe é dirigida, chefe: «AS!». Depois a necessidade de uma reunião urgente no «Ponto Zero» às 16h30. Mas não sei o que este outro símbolo significa.

Steen respirou fundo e disse:

– É uma letra M rasurada.

Carsten olhou para o chefe e o medo preencheu-lhe lentamente o corpanzil. Steen olhou para o rosto de Carsten, que empalidecia claramente, e prosseguiu:

– Se tivermos sorte, significa que a Molly está desaparecida. Se tivermos azar…

– Significa que está morta – completou Carsten com voz rouca.

Steen fulminou-o com o olhar e disse:

– A única coisa de que temos a certeza é que esta tarde eu e tu vamos estar de atalaia no «Ponto Zero» .

Carsten assentiu.

Doíam-lhe os olhos.

[6] Ver *Areias Movediças*, Arne Dahl, Publicações Dom Quixote, 2017. *(N. do T.)*

34

Quarta-feira, 25 de novembro, 16h28

A relva do prado que em tempos lhe chegara ao peito estava completamente achatada. A neve caíra brutalmente e partira as hastes altas como se estas tivessem sido atingidas por uma chuvada. Depois, a neve ficara esburacada e voltara a derreter. Apanhado pelo feixe bruxuleante da lanterna, o local onde brincara na infância lembrava um campo de gigantescos caules de espargos podres.

A lua tinha acabado de emergir no céu escuro e espelhava-se ao longe na superfície imóvel do lago; o reflexo chegava-lhe em fragmentos através da faixa de floresta junto à margem. Por fim, viu o edifício a cintilar como se estivesse iluminado por um brilho inato.

Como se estivesse coberto de tinta fluorescente.

Quando se aproximou, viu que o barco a remos ainda lá estava, a oscilar ao lado do cais; provavelmente estaria ali até que o gelo assentasse completamente. Então congelaria e seria esmagado pela pressão.

Sem se deter por um momento, precipitou-se degraus acima em direção à entrada.

A porta abriu-se antes que tivesse tempo de bater. Não conseguiu ver nada além da *Sig Sauer P226* que uma mão enluvada lhe apontava ao peito.

A pistola acenou-lhe para ir para o escuro. Sentiu-se a ser revistado de maneira profissional. Então acendeu-se uma luz fraca.

Um homem alto e mais velho, de fato, com feições angulosas e cabelos curtos que lembravam limalhas de aço, estava de pé no limite do feixe de luz projetado pelo candeeiro. Estava despreocupadamente encostado a dois postes de madeira que se elevavam do chão. Havia correntes de vários tamanhos penduradas nos postes.

– Com que então *Ponto Zero* – disse o homem. – O centro do mecanismo. Onde tudo começou e onde tudo poderia terminar.

– Steen – disse Sam Berger com um aceno de cabeça. – Se estivesses a pensar matar-me, já o terias feito.

– É possível que as regras gerais tenham mudado – retorquiu Steen. – Porque rasuraste o M de Molly? Raptaste-a?

– Claro que não. Mas a Molly foi raptada. Por pessoas do piorio.

– E porque é que recorreste a mim?

– Porque a Molly trabalha para ti. Porque estava a agir segundo as tuas ordens quando foi levada. E porque não és uma pessoa insensível.

– Mas não pode propriamente afirmar-se que *tu* trabalhes para mim – disse Steen. – Porque haveria de dar-te ouvidos e deixar-te viver?

– Porque eu sou a única pessoa capaz de a encontrar – respondeu Sam Berger.

– Continua – disse Steen.

– Estou-me nas tintas para o facto de a Molly me ter traído, estou-me nas tintas para o facto de ela ter estado permanentemente em contacto contigo lá em cima. E, neste momento, também me estou nas tintas para que tenhas assassinado a Syl com a porra de uma meia preta. Só quero encontrar a Molly. Com vida.

– Suponho que já tenhas tentado procurar o telemóvel dela.

– Ontem. Estava numa vala à entrada do aeroporto da Lapónia.

– Ainda não me disseste por que motivo haveria de dar-te ouvidos.

– Porque os raptores dela querem apanhar-me. É comigo e apenas comigo que estão a tentar comunicar. A assassina precisa de mim por algum motivo, quer que eu a veja, que a persiga, que a apanhe. Escolheu-me como uma espécie de figura paterna. As estatísticas sugerem que a Molly ainda está viva, mas já não resta muito tempo, porra. Só preciso de alguma ajuda tua. Apenas uma vez, aqui e agora, depois podes fazer o que quiseres comigo.

– Ajuda?

– Que sabes acerca deste caso? – perguntou Sam Berger. – O caso em que estamos a trabalhar oficiosamente?

Steen virou-se para o colega, que estava sentado algures na escuridão, logo depois do raio de alcance da luz. Comunicaram não-verbalmente. Sam Berger sentiu um olhar penetrante, inesperadamente maléfico, que

lhe era dirigido a partir da escuridão. Steen assentiu e disse:

– Não muito. Recebi um relatório a dizer que uma superintendente do DNO te ofereceu uma espécie de contrato oficioso como *freelancer*.

– Um relatório da Molly Blom?

– Correto – respondeu Steen. – O meu veredicto foi que o caso era um beco sem saída, mas que dificilmente poderia causar danos. Tudo para te manter ocupado, abaixo do radar.

– Porque é que era tão importante manter-me abaixo do radar? – perguntou Sam Berger.

Houve uma pausa e August Steen fez uma careta. Depois respondeu:

– Julguei que não te importavas com mais nada além de salvar Molly Blom? Se calhar estava enganado. Talvez tenhamos de reconsiderar as regras básicas desta conversa.

– Ajudaste a Molly a descobrir a identidade protegida da Jessica Johnsson – disse Sam Berger.

Steen assentiu.

– Descobrir uma identidade protegida não é fácil – disse o chefe da Secreta –, mesmo para mim. Acabamos sempre por deixar rasto.

– Mas, apesar disso, fizeste-o. Aceitaste assumir um risco desproporcionalmente alto. Porquê?

Na velha cabana de pesca, August Steen não respondeu. Continuou a olhar em frente, a fitar o vazio.

– Porque a Molly Blom era a tua protegida, alguém por quem eras responsável – prosseguiu Sam Berger. – Porque tens sido mentor dela desde que a recrutaste para o Serviço de Segurança. Não tens uma cara que traia as emoções, August, mas deu para ver como te custou quando foste forçado a demiti-la. Não és uma pessoa insensível. E agora queres resgatá-la tanto quanto eu. Se eu achasse que o Serviço de Segurança era capaz de desvendar esse caso e libertá-la, deixaria de bom grado tudo nas tuas mãos, mas *sei* que a pessoa cuja identidade foste desenterrar aos arquivos só fala comigo. E a Lena Nilsson, ou antes, Jessica Johnsson, é uma pessoa muitíssimo desagradável que neste exato momento deve ter a Molly amarrada a uma cadeira algures enquanto ordena a um escravo chamado Reine Danielsson que lhe bata e a corte sem qualquer vestígio de piedade. A Molly Blom não é apenas uma pessoa por quem és *respons*ável, August. A Molly é também a tua favorita. Ajuda-me a ajudá-la, estou-me nas tintas

para tudo o resto.

Steen olhou atentamente para Sam Berger, sem qualquer mudança de expressão.

– Que aconteceu? – perguntou.

– De repente, percebemos que todas as vítimas da Jessica eram parecidas com a mãe dela. A Deer tem características físicas semelhantes e conseguimos localizar a Jessica em Skogås, onde a Deer mora. E a Deer tinha desaparecido, não conseguíamos encontrá-la em lado nenhum. Estávamos prestes a apanhar o avião para Estocolmo quando ela atendeu o telemóvel. E a Molly desapareceu.

– No aeroporto – disse Steen.

– Sim – afirmou Sam Berger. – Em Gällivare.

– Então e o que estás a fazer em Estocolmo? E como chegaste cá tão depressa?

– Conduzi a toda a velocidade até ao aeroporto da Lapónia e apanhei boleia num avião de transporte. Duvido que os criminosos ainda estejam na Lapónia. Estão constantemente a optar por novos locais. E eu tinha de falar contigo cara a cara. E estar mais perto da Deer.

– Então e quem é essa tal Deer? – perguntou secamente Steen.

– A superintendente interina do DNO, que organizou aquilo a que chamaste o nosso contrato *freelancer* – respondeu Sam Berger. – Desiré Rosenkvist.

– E porque é que a Rosenkvist seria um alvo potencial para essa assassina peculiar?

– Porque, há oito anos, eu e a Deer interrogámos os assassinos. Estavam sentados à mesma mesa enquanto os interrogávamos. Estão a tentar chamar a nossa atenção há algum tempo. E agora temos de voltar a trabalhar juntos.

– Tu e a superintendente Rosenkvist? É isso que queres de mim?

– Isso é secundário – respondeu Sam Berger. – A Deer e a família foram transferidos para um local seguro, vigiado. Seria bom se puséssemos a casa dela em Skogås a ser vigiada como deve ser pelo Serviço de Segurança. A Deer tem na garagem dela toda a documentação acerca da investigação.

– Na garagem dela? – disse Steen, claramente desconfiado.

– Temos de continuar a trabalhar abaixo do radar – disse Sam Berger. –

Caso contrário, vamos perder tempo desnecessário com um monte de burocracia absurda, tempo de que não dispomos. Mas, como eu disse, esse é um pedido secundário. O meu pedido principal é outro.

– Então qual é?

– Que faças rufar os tambores, August, que ative toda a considerável máquina de vigilância do Serviço de Segurança para encontrar uma carrinha *Volkswagen Caddy* azul-vivo ou possivelmente branco-amarelado, com a matrícula LAM 387, algures na Suécia.

Steen olhou fixamente para Sam Berger.

– Isso é o melhor que tens? – perguntou surpreendido. – Uma carrinha?

– Furtada – disse Sam Berger. – Podes fazer isso?

Steen olhou para ele. Podia não ter uma cara que traísse as emoções, mas mesmo assim a variedade de expressões que os seus olhos produziram parecia infinita.

Então assentiu.

* * *

Deer estava sentada no carro preto a observar a família. Olhou Johnny nos olhos e deu-se conta de que algo tinha mudado, de que agora tudo seria diferente. Nada acontecera entre eles, nada quebrara a fé que tinham um no outro, mas Johnny nunca mais se atreveria a confiar no trabalho dela. Só agora tinha percebido como era perigoso. Para Deer e também para ele, e – o que era o mais importante – para Lykke. Deer via nos olhos de Johnny que o companheiro não podia perdoá-la por isso. A própria Lykke, por outro lado, parecia achar que aquilo era sobretudo muito excitante; nunca tinha visto tantas armas, nem veículos tão elegantes e homens e mulheres tão bem vestidos. Tagarelava alegremente e, por cima da sua cabeça, os olhos dos pais estavam cravados uns nos outros.

Chegaram. Foram conduzidos à casa geminada. Separaram-se.

Deer ouviu Johnny a dizer alto, num tom levemente forçado:

– Liverpool.

E Lykke começou a rir-se:

– Mas ainda é só quarta-feira, pai!

Depois, Deer deixou de conseguir ouvi-los.

Estremeceu quando atravessou a garagem fria, acenou com a cabeça ao

agente do Serviço de Segurança que estava à porta, do lado de fora, e rodou o puxador.

Sam Berger afixava coisas no quadro branco dela. Virou-se e olhou-a nos olhos. Trocaram mais de mil palavras.

– Alerta nacional? – perguntou Sam Berger.

– O Conny Landin recebeu uma informação anónima – respondeu Deer. – O teu ADN foi encontrado no corpo ensanguentado da Farida Hesari.

– Oh, merda.

– É óbvio que sabemos que não foi. Mas havia um saco de provas «negligenciado» no depósito. E provavelmente também há algo semelhante em Malmö e em Växjö.

– Que estava no saco? Pele? Sangue?

– Cabelo – respondeu Deer.

Sam Berger pegou no cabelo, ergueu-o acima das orelhas e afastou-o da cabeça. Sem dúvida que estava mais curto do lado esquerdo.

– Sei que costumo ir a um barbeiro barato – disse –, mas normalmente não fica assim tão mal.

– Ah – exclamou Deer. – Porjus.

– A Jessica matou dois coelhos de uma cajadada naquela cave. Atraiu-me para o caso e cortou um pouco de cabelo para poder ter o meu ADN. Só não percebo como é que o cabelo foi parar ao depósito.

– Ao depósito da Polícia – disse Deer. – O nosso amigo Richard Robertsson insinuou que eu não era a primeira pessoa a aparecer-lhe à frente a oferecer-lhe dinheiro. Provavelmente, a Jessica pagou para ter acesso às provas da Farida Hesari.

Deer abanou a cabeça e estendeu os braços. Deram um abraço apressado e desajeitado.

Sentaram-se. Deer suspirou e pegou no telemóvel.

– Por falar em Farida Hesari… – disse.

Carregou na seta no ecrã do telemóvel e a conversa na fábrica de dióxido de carbono ecoou pela garagem. Terminou com uma espécie de silvo, seguido por um clamor que podia ser alguém a praguejar e a cair. Depois veio o silêncio.

– Vi o buraco no chão à entrada, mas não à saída – explicou Deer.

– Já tinha percebido – retorquiu Sam Berger, e apalpou as axilas. Estavam suadas.

– Um pombo esvoaçou perto de mim no edifício abandonado – afirmou Deer. – Pode ter sido o que me fez cair.

– Acho que é mais provável que tenha sido a Hesari a causa – disse Sam Berger, apontando para o telemóvel. – O que contou não foi brincadeira, deve ter-se arrependido.

– Não sei se já tinha feito algum interrogatório tão difícil – concordou Deer. – Espero que a Farida Hesari seja tão forte como parece.

– Na tua opinião, qual é o móbil da Jessica Johnsson?

– Não passo de uma vulgar mãe suburbana, Sam – respondeu Deer. – Não consigo compreender.

– Mas, apesar disso, compreendeste. Fizeste as perguntas certas. Parecia que tinhas compreendido.

– Em termos sociológicos, sim. Vejo a jornada da Jessica, uma espiral para o meio do inferno que consigo conceber. Não querer um irmãozinho. As mortes grotescas da mãe e do irmão por nascer. Os problemas de consciência que levam à sexualidade autodestrutiva. Esses acontecimentos bizarros nos Estados Unidos, a violência sexualizada. A relação com o Eddy Karlsson, as violações, o aborto, a histerectomia. A identidade protegida, a crescente inveja em relação às mães de rapazes, que acabou por se transformar em ódio. A capacidade de controlar alguém com uma doença mental específica, tal como Madame Newhouse controlava Rob. Mas psicologicamente não, nunca.

– Também acho que a Jessica desenvolveu muito cedo um revestimento de *teflon* – disse Sam Berger. – As coisas não a afetam. Para a Jessica isto é um jogo. Esperava ser sadomasoquista, mas no fundo sente-se apenas vazia. Nada a toca. Só quer impressionar-nos.

Deer acenou com a cabeça, depois mudou de assunto:

– Pronto, desapareci, caí num buraco. Mas foi um bocado exagerado, não achas? Ligar a meio mundo à minha procura?

– Podiam ter levado a Lykke – disse Sam Berger.

Deer compreendia. Teria feito exatamente o mesmo numa situação daquelas.

– E afinal quem levaram foi a Molly Blom – afirmou.

– A Molly traiu-me – disse Sam Berger. – Mas isso não me impede de querer salvá-la.

– Não vamos descansar até conseguirmos extrair todas as pistas

possíveis do material que temos – disse Deer. – Está tudo aqui.

Apontou para as várias pilhas de documentos em cima da secretária.

Os ombros de Sam Berger descaíram.

– Isto mexeu mesmo comigo.

– Eu sei – afirmou Deer. – Podemos ver o animal dentro de nós a espreitar. A besta.

Sam Berger endireitou-se e puxou os ombros para trás.

– Duas questões centrais – disse. – A primeira é óbvia. Há alguma coisa em todo o material que temos que dê a mais pequena pista que seja de onde a Jessica e o Reine possam estar neste momento com a Molly?

– E a segunda pergunta é igualmente óbvia – disse Deer. – Como raio é que sabiam que vocês iam apanhar um avião naquele maldito aeroporto de Gällivare naquele preciso momento?

Sam Berger assentiu.

– Foi uma decisão no mínimo precipitada – disse. – Depois de não te ter conseguido encontrar, reservei dois bilhetes de avião. E a Jessica deve ter visto a reserva, de alguma forma.

– E devia estar nas imediações. Como?

– Quando chegámos a Porjus, a Jessica deve ter-se apercebido de que não tínhamos ido para lá diretamente de Estocolmo. Mas não sabia que andávamos a esconder-nos num par de cabanas no polo de inacessibilidade.

– O Serviço de Segurança sabia – afirmou Deer. – Será que a Jessica tem um contacto no serviço de segurança?

– Custa-me a acreditar nisso – respondeu Sam Berger. – a Jessica está a fazer tudo por sua conta. Mas tem muito mais jeito para informática do que fingiu ter: toda aquela história da máquina de escrever. Calculo que, de alguma forma, devia ter todos os voos que partem da Lapónia sob vigilância para ver se o meu nome aparecia.

– Mas concordo contigo quando dizes que sou uma candidata muito mais plausível – disse Deer, acariciando o cabelo escuro cortado acima dos ombros e pensando no aspeto semelhante da filha.

– Para ser franco, acho que agora estás segura, Deer. O facto de terem levado a Molly significa que é a mim que querem apanhar, não a ti. Querem chegar ao agente que disparou com os dedos na direção deles, o agente que fez pouco deles em Orsa. A Jessica levou a Molly para me

atingir. É evidente que assumiu que éramos um casal.

– Eu também – afirmou Deer com um breve sorriso. – Apesar dessa barba desgraçada.

– Nunca tenho tempo para a cortar – disse Sam Berger com uma careta.

Ficaram em silêncio durante algum tempo enquanto rebobinavam os pensamentos.

– Nunca confiei na Molly Blom – afirmou Deer.

– Eu sei – disse Sam Berger. – Mas foram vocês as duas que combinaram tudo isto. Sem mim.

– A Molly traiu-te – concluiu Deer. – Drogou-te, mentiu-te, manipulou-te.

– Eu sei – disse Sam Berger. – Bem, vamos lá começar.

35

Quarta-feira, 25 de novembro, 21h02

Leram tanto que os olhos começaram a ficar vermelhos. Deer ergueu o olhar da pilha de papéis, apontou primeiro para o próprio olho, depois para o de Sam Berger, que tocou no canto com o dedo e viu sangue nele.

Aquela imagem evocou-lhe inevitavelmente outras.

Deer entregou-lhe um lenço e uma caixa de base. Sam Berger olhou para aquilo com evidente assombro e Deer gesticulou silenciosamente para lhe mostrar o que devia fazer. Sam Berger carregou no minúsculo botão, abriu a tampa e viu-se ao pequeno espelho.

O sangue escorria-lhe do olho.

Limpou-o com o lenço e perguntou:

– Nada?

– A distribuição geográfica parece aleatória – respondeu Deer, dando um piparote na pilha de documentos. – Não consigo ver como podemos descobrir onde estão. É impossível.

– Deve ser possível – disparou Sam Berger, e levantou-se. – Por amor de Deus, deve ser possível. A Molly vai morrer!

– Estavam em Gällivare, mas isso foi há um dia e meio. Com um transporte decente, já tinham tido tempo para alcançar qualquer ponto do planeta.

– Estão na Suécia – disse Sam Berger, afundando-se de novo na cadeira.

– Eu sei – disse Deer. – Mas a Suécia é grande. Orsa, Malmö, Gotemburgo, Bagarmossen, Täby, Växjö, Sorsele, Porjus. Não há mesmo um padrão.

– Estão cá – disse Sam Berger. – Eu sei que estão cá.

Mas disse-o com um fio de voz.

Ouviu-se uma pancada na porta, que se abriu exatamente ao mesmo

tempo. Um homem com nariz de pugilista e óculos muito grossos entrou. Carregava duas malas vazias.

– Nem sei como é que você se chama – disse Sam Berger em voz baixa.

– Carsten – disse o homem quando abriu as malas. – Podem chamar-me Carsten. Tenho um *Bell* preparado para vocês.

– Bem, estou a ouvir palavras, o sentido delas é que me escapa completamente.

– A maneira mais rápida possível de chegar a Dalarna – esclareceu Carsten, e gesticulou na direção das malas. – Levem todo o material, tudo, os computadores.

– Mas e a minha família? – inquiriu Deer, surpreendida.

– É óbvio que vamos manter a nossa presença aqui – respondeu Carsten. – A sua família está segura. Mas vocês os dois têm de sair daqui.

– Para onde? – perguntou Sam Berger enquanto começava a encher uma das malas.

– Não podemos dar-vos qualquer apoio oficial – respondeu Carsten. – Isto é completamente oficioso. Vão ter de ser vocês a tratar do assunto. Mas podemos pôr-vos lá. Em Särna.

– Särna? – perguntou Deer, começando a embalar o material tão freneticamente como Sam.

– O que importa é a recorrência – disse Carsten.

* * *

O carro preto seguia mais depressa do que Sam Berger alguma vez viajara por terra. Na longa secção reta da E4 que conduzia ao aeroporto de Arlanda, enquanto passavam pela imensa suinicultura, pensou ter visto o conta-quilómetros digital a atingir uns mágicos trezentos à hora.

Olhou para Deer, que franzia a testa com força. Então inclinou-se para a frente na direção de Carsten, sentado no banco do passageiro.

– A recorrência é que é o fator decisivo? – perguntou.

– Avistámos uma *Volkswagen Caddy* azul-vivo, que parecia ter a matrícula LAM 387, em quatro locais do país – disse Carsten, ajustando a luva de pele fina. – Foi detetada por radares da Polícia perto de Arvidsjaur e de Östersund e em bombas de gasolina em Vilhelmina e Särna.

– Parece circular na Autoestrada Interior – disse Sam Berger.

Carsten assentiu e disse:

– Quase exclusivamente na E45, sim. Mas não Särna. A Autoestrada Interior vira para sul em Sveg. E eles seguiram para o norte de Dalarna. Na verdade, avistar um veículo algures não significa muito. Significa apenas que está a caminho de algum lado e que já se foi. Mas se o avistamento for recorrente, então há uma forte probabilidade de que quem conduz o veículo esteja instalado na zona, por uma razão ou por outra.

– E isso aconteceu em Särna? No norte de Dalarna?

– Sim, na bomba de gasolina OKQ8, em Särnavägen. Envio-te um SMS com instruções.

Carsten calou-se. Sam Berger olhou para o rosto pesado com os óculos grossos.

– Mais alguma coisa? – perguntou.

Carsten retirou os óculos. Tinha qualquer coisa estranha no olhar quando disse:

– Livrem-se de não conseguirem salvá-la.

* * *

Sobrevoavam Sala quando Sam Berger percebeu, de repente, o que queria dizer Bell. Carsten referia-se ao *Bell 429*, um helicóptero bimotor ligeiro. E Sam Berger e Deer estavam sentados numa das sete unidades que a Polícia sueca adquirira recentemente, por detrás de um piloto a quem tinha evidentemente sido dito não apenas para os levar a Särna mas também para permanecer em silêncio. O homem não mostrava qualquer sinal de querer proferir uma única palavra durante todo o voo.

Aterraram num terreno deserto nos arredores de Särna. A única coisa à vista quando a nuvem de neve assentara e o *Bell 429* desaparecera no céu noturno era uma casa solitária na orla do terreno. Quando chegaram mais perto, viram uma garagem ao lado da casa. Sam Berger espreitou para dentro da janela da garagem; via um carro preto estacionado lá dentro. Avançaram a passos largos até à casa e Deer sacou o telemóvel e leu as instruções de Carsten. Procurou durante algum tempo dentro da calha levemente congelada e retirou de lá um chaveiro. Subiram as escadas e entraram na casa.

Estava aquecida, mas era muito despida. A sala sem janelas não tinha o

aspeto que se esperaria de uma casa de campo em Dalarna. O papel de parede texturizado era sensaborão e havia uma mesa de bétula envernizada, assim como uma mesa de apoio com uma variedade indefinível de equipamento técnico. As chaves do carro estavam em cima da mesa da sala, havia eletricidade e um quadro branco ao lado da mesa, com ímanes e marcadores, e um *router* sem fios piscava a um canto. Era exatamente como Sam Berger imaginara os abrigos secretos seguros do Serviço de Segurança, mas era a primeira vez que se encontrava dentro de um.

Ainda faltavam algumas horas para voltar a ser dia. Começaram a desfazer as malas. De forma a manter a sala livre para ser utilizada como possível sala de interrogatórios, Deer e Sam Berger levaram o quadro branco e o restante equipamento para um quarto interior que não tardou a parecer uma mistura perfeita da cabana de Molly no polo de inacessibilidade e da garagem de Deer em Skogås.

Não é que isso os fizesse sentir mais brilhantes.

Ainda estava extremamente escuro lá fora.

* * *

Deer olhou de relance para o telemóvel.

– Ainda não tinha terminado – disse.

Estavam no quarto interior. Tinham acabado de posicionar a câmara na parede da sala, arrastado a mesa de apoio para o quarto, verificado se a imagem da câmara aparecia nos computadores portáteis de ambos e empurrado o quadro branco com rodas para dentro. A mão de Sam Berger imobilizou-se no ar antes de afixar um mapa do norte de Dalarna.

– O que é que ainda não tinha terminado? – perguntou Sam Berger.

– O SMS do Carsten – respondeu Deer. – Primeiro algumas instruções sobre as chaves na calha, a palavra-passe da rede sem fios, etc. Depois há algumas linhas em branco antes de a mensagem continuar. Só reparei agora.

– O SMS continua? – perguntou Sam Berger.

Deer entrou no quarto pela primeira vez e avançou até ao guarda-fatos ao canto. Abriu-o e retirou de lá uma pasta volumosa de plástico. Transportou-a e pousou-a na mesa de apoio ao lado dos computadores,

introduziu a combinação certa no cadeado e abriu-a.

A pasta continha muitos tubos cheios de líquido.

E um teclado. E um ecrã.

Deer olhou novamente para o telemóvel e disse:

– O resto está no carro.

* * *

Detiveram-se na escuridão total; nem mesmo os faróis do carro, que eram invulgarmente fortes, conseguiam descobrir o que quer que fosse além de neve. Neve, neve e mais neve. Sam Berger desligou o motor e virou-se para o lugar do morto. Deer não desviara os olhos do telemóvel por um único segundo.

– Duzentos metros à direita – disse. – Devia haver um caminho.

Saíram do carro e depressa concluíram que não havia nenhum caminho. Provavelmente houvera, antes da chegada da neve. Deer ligou a lanterna, seguida por Sam Berger. O GPS do telemóvel de Deer disse-lhes que estavam a percorrer o caminho, mas não havia nada à sua volta que sugerisse que isso fosse verdade. Havia apenas neve espessa.

Neve espessa e duas pessoas a transportar uma carga absurdamente pesada na vastidão deserta a meio da noite.

Algo se agigantou pouco tempo depois, mesmo para lá do alcance das lanternas. Parecia um castelo medieval, cheio de torreões e de torres. Quando se aproximaram, as torres tornaram-se em transformadores e disjuntores, e os torreões transformaram-se em condensadores e seccionadores em série.

A escuridão era incómoda. Em nenhum ponto do céu havia sequer o mais leve indício de luz. Permanecia medieval.

Se tivesse havido um castelo medieval, estariam agora à frente do fosso. Mas neste caso havia apenas um pouco acolhedor e robusto portão, em rede de aço galvanizado, trancado com uma corrente e coroado por arame farpado enferrujado que pendia em espirais.

Sam Berger pegou no volumoso corta-arame e foi cortando as espirais de arame farpado. Acabou por conseguir alcançar a grossa corrente, posicionou as mandíbulas do grande alicate em torno de um dos elos e apertou.

A corrente desenrolou-se devido ao próprio peso, volta atrás de volta, e Sam Berger abriu o pesado portão.

Estavam numa zona que parecia crepitar; parecia haver eletricidade no próprio ar, por todo o lado à volta deles.

Deer olhou para o telemóvel e dirigiu-se para o que parecia ser um dos edifícios centrais. Encontraram-se diante de uma enorme porta de aço. Estava trancada.

– Cuidado – alertou Deer.

Sam Berger pegou no pedaço de massa que encontrara no porta-malas do veículo do Serviço de Segurança. Enfiou-o o mais que pôde no buraco da fechadura, depois prendeu dois cabos ao explosivo plástico e desenrolou-os. Retrocederam ambos vários passos. Depois, Sam Berger ligou os cabos à bateria.

Nada aconteceu. Esperaram. Sam Berger esfregou as pontas dos cabos uma na outra e tentou novamente.

A explosão foi mais poderosa do que estavam à espera. Foram ambos projetados para trás e ficaram deitados na neve a olhar um para o outro. Deer assentiu e Sam Berger fez igualmente que sim com a cabeça. Levantaram-se, abriram a porta e entraram no sagrado dos sagrados.

Então percorreram a divisão com os feixes das lanternas. Estavam rodeados de tecnologia para gerar energia. Deer fitou o telemóvel e observou os ecrãs a cintilar.

– Aqui – disse.

Sam Berger não ia argumentar. Transportou a pasta de plástico até ao que parecia ser um gigantesco transformador. Pousou-a no preciso local para onde Deer apontava. Abriu-a e recuou.

Deer assumiu o comando das operações. Seguiu as instruções à letra. Inseriu um código no pequeno teclado da pasta. Um ecrã ligou-se. Quando Deer inseriu o último dígito, o ecrã indicou «08h00».

– Isto quer dizer que vamos ficar sem eletricidade a noite toda? – perguntou Sam Berger.

– Nós não – respondeu Deer.

O ecrã continuava a mostrar «08h00». Deer levou o dedo até à tecla *Enter* e continuou:

– Não, nós estamos num abrigo secreto seguro, temos um gerador. Mas o resto de Särna e a área circundante não têm.

Então, Deer carregou na tecla *Enter*.

Agora mostrava «07h59».

Saíram e correram pela neve espessa. Pouco tempo depois, Deer caiu para a frente. Sam Berger ajudou-a a levantar-se, mas tudo o que Deer queria era afastar a neve do ecrã do telemóvel. Indicava «04h12».

Quando chegaram ao carro, Deer mostrou o ecrã a Sam Berger; lia-se «02h46». Teve de inverter a marcha numa estrada praticamente inexistente. No momento em que o carro finalmente arrancou, o ecrã mostrava «00h21».

Sam Berger coçou o canto do olho. Algo lhe escorria pela face. Virou o espelho retrovisor para si e viu que era uma gota de sangue.

Então o mundo explodiu atrás deles.

36

Quinta-feira, 26 de novembro, 02h07

Esta não é a primeira vez que Molly Blom sai do jipe no lugar de estacionamento para pessoas com deficiência no aeroporto de Gällivare; pelo contrário, a sequência de acontecimentos repete-se infinitamente.

Foi a última vez que respirou ar fresco.

Viu Sam Berger de costas, lá à frente, a transpor a entrada principal, e estava prestes a correr atrás dele. Em vez disso, ouviu uma espécie de assobio e sentiu a cabeça a explodir.

O corpo andava aos saltos e ia batendo aqui e ali, e Molly ia perdendo e recobrando a consciência, ouviu o ruído do motor de um carro, não viu nada. Estava deitada num espaço mais hermeticamente fechado do que o porta-bagagens de um carro, um espaço claustrofobicamente fechado. Acabou por descobrir que estava comprimida dentro de uma mala, um baú.

Então percebeu que o cheiro que sentia era de sangue. Sangue seco.

O sangue de Jovana Maleševi´c.

A constatação fê-la reviver uma vez mais o momento em que saiu do jipe no aeroporto de Gällivare, viu Sam Berger à sua frente e se preparou para correr atrás dele.

Depois já estava sentada numa pesada cadeira de metal e tudo girava em torno dela na penumbra difusa. A cabeça tinha sido pressionada para a frente, para baixo. Olhou para um lavatório de esmalte branco. A água escorria-lhe do cabelo para o lavatório. De início, pensou que havia sangue misturado na água, a rodopiar ralo abaixo, mas depois apercebeu-se de que não era a cor certa. Uma toalha aterrou-lhe na cabeça e o cabelo foi rudemente secado. Depois soltaram-lhe a cabeça e Molly ficou sentada com as mãos e os pés amarrados à cadeira, e viu uma figura de cabelo

castanho numa moldura, viu a figura a ser sombreada por alguém de passa-montanha preto que se aproximava rapidamente. Uma tesoura fendeu o ar. Então taparam-lhe os olhos com força com a mão e a tesoura mergulhou no cabelo, cortando furiosamente durante muito, muito tempo. Depois a mão destapou-lhe os olhos. Demorou um pouco até conseguir voltar a ver-se ao espelho que estava à sua frente.

Olhou para o espelho com moldura dourada, olhou-se nos olhos e por fim reconheceu o próprio rosto. Foi então que percebeu que o cabelo castanho que vira refletido no espelho era, na verdade, o seu.

E agora fora cortado acima dos ombros.

A figura com o passa-montanha estava de pé atrás dela e baixou a tesoura. Uma mão acariciou-lhe suavemente o cabelo. Então outra coisa irrompeu por detrás do passa-montanha. Um rugido desumano ecoou pela divisão desconhecida. Uma figura consideravelmente maior com um passa-montanha igual atirou-se à figura mais pequena.

E voltou tudo a ficar escuro.

Molly Blom sai do jipe no estacionamento para pessoas com deficiência do aeroporto de Gällivare. Vê Sam Berger por trás, a transpor a entrada principal, e está prestes a correr atrás dele. Então ouve um assobio.

Sai do jipe no estacionamento para pessoas com deficiência no aeroporto de Gällivare. Vê Sam Berger por trás, a transpor a entrada principal, e está prestes a correr atrás dele.

Depois acordou.

Abriu os olhos. O frio já começara a devorá-la. Demorou mais tempo do que seria de esperar a compreender o motivo. Estava nua, completamente nua. A pesada cadeira de metal parecia aparafusada a um piso de betão, ao que parecia, o chão de uma cave. O cheiro húmido e bolorento que lhe assaltava o nariz parecia muito típico de uma cave. Puxou um pouco os braços e as pernas; estavam firmemente presos com abraçadeiras de plástico.

O silêncio era total.

A escuridão quase completa. A poucos metros de distância, Molly conseguiu distinguir um sofá e, no sofá, conseguiu distinguir duas figuras.

Talvez tenha sido o ruído que a fez perceber que estava tudo coberto; soava como pele nua a roçar em plástico.

Mas não conseguia ver nada, só podia detetar vagamente o movimento.

Então chegou de novo a escuridão.

Depois voltou a acordar, sente dois corpos no sofá.

Corpos sem cabeça.

Até que compreende que estão a usar passa-montanhas pretos. Molly sente o movimento no sofá. As figuras serpenteavam, contorciam-se. Nada mais.

Apenas escuridão e silêncio. Então, a figura mais pequena inclina-se para a frente. Até alcançar um ponto difusamente iluminado. É uma mulher. O tronco está nu, mas ela continua a usar o passa-montanha. Depois volta a desaparecer.

É como um estroboscópio. Lento, mas insistente.

Uma vez mais, Molly sente movimento no sofá, mas os movimentos parecem pertencer a um universo paralelo. Não a alcançam verdadeiramente.

Então a mulher inclina-se outra vez para a frente, para a luz fraca, para a ribalta. Tira lentamente o passa-montanha, mas só quando Jessica Johnsson retira a peruca loura é que Molly Blom a reconhece.

O homem inclina-se igualmente para a frente, tira por sua vez o passa-montanha. Reine Danielsson envelheceu significativamente desde que foi interrogado em Orsa; Molly só viu fotos dele quando jovem. O ar infantil que Reine pudesse ter naquela época desaparecera há muito, tendo sido substituído por uma expressão sombria e repleta de rugas. Pela solidão implacável.

Então, ambos se recostam outra vez no sofá e são substituídos pela escuridão. Molly está agora mergulhada na escuridão, numa imensa escuridão.

Ouve o ruído da grotesca pantomima do casal, sente a pele nua a roçar no plástico, fica impressionada com o ridículo de toda aquela charada. Todo aquele desempenho, do qual ninguém parece retirar qualquer prazer.

Quando Molly recupera a visão, Reine está de pé. Molly Blom vê-se a si própria, vê o corpo nu preso como se o estivesse a observar de uma parte completamente diferente da divisão.

Reine aproxima-se. Então Molly vê, mesmo no limiar da ténue faixa de luz, uma mesa. Na mesa há uma faca grande.

Outra vez a escuridão. Escuridão acolhedora e enganadora. A dor na cabeça. Que se espalha pelo corpo. E isso é só o começo.

Não quer saber qual é a sensação da restante dor, não quer mesmo saber.

Acorda. Mesmo que todo o instinto lhe diga para abrir os olhos, Molly mantém-nos fechados. O tempo passa, tenta orientar-se na divisão, na sua própria consciência. O nariz está repleto de fedor a mofo. Tenta compreender o que se está a passar.

A voz de uma mulher diz:

– As pálpebras não são apenas finas, também são reveladoras.

Molly abre os olhos. Reine está de pé à sua frente. Tem um bloco de madeira na mão. Quase completamente escondida por detrás dele, vê Jessica inclinada para a frente no sofá, vê-lhe a cabeça, o rosto ligeiramente sorridente, mas pouco mais. Jessica prossegue:

– Passaram três minutos e oito segundos desde que acordaste. Foi tempo suficiente para descobrires onde estás?

– Eu sei onde estou – responde Molly o mais calmamente possível.

– Então onde é que estás?

– Na escuridão – responde Molly.

Jessica dá uma gargalhada sonora. É uma gargalhada quente, feliz e borbulhante que não se adequa àquela cave.

Nada daquilo encaixa.

Jessica levanta-se e estica-se.

– Nem sabes como tens razão – diz.

Avança para ficar ao lado de Reine. Estão apenas a um metro de distância de Molly, lado a lado. Duas pessoas nuas.

Jessica inclina-se para a frente e inspeciona Molly. Põe-lhe a mão sob o queixo e inclina-lhe o rosto de um lado para o outro, como se estivesse a olhar para ele através de uma lupa.

– Durante demasiado tempo pensei que te chamavas Eva Lundström – diz Jessica. – Demorei muito a descobrir que, na realidade, te chamas Molly Blom.

Então, Jessica endireita-se e, sem tirar os olhos de Molly, diz:

– Reine, bate-lhe.

Molly sente-se sacudida quando a cabeça é atirada para os lados, para a frente e para trás. Todo o corpo se prepara para a dor.

– Por enquanto, vamos contentar-nos com os braços – diz Jessica. – Depois cortá-la.

Molly não vai fechar os olhos. Não vai fechar os olhos.

Olha fixamente Reine Danielsson nos olhos enquanto este ergue o bloco de madeira e não tira os olhos dele mesmo quando lhe bate com força no braço. Sem dúvida que não há prazer naqueles olhos. Antes uma letargia peculiar. Se tiver oportunidade, talvez possa utilizar isso em seu favor.

Bate-lhe no braço esquerdo, depois no braço direito, e Molly mantém constantemente os olhos fixos nele, a cada momento. Quando o terceiro golpe lhe atinge o braço esquerdo, Molly sente-se entorpecida e a única sensação, quando chega outra vez a altura do braço direito, é uma estranha obtusidade. Uma dormência. Como se o corpo começasse a desligar-se.

Então Reine troca o bloco de madeira pela faca.

Molly vê-a afundar-se-lhe no braço esquerdo. Vê o sangue a escorrer. Parece o sangue de outra pessoa.

Como se fosse o corpo de outra pessoa.

Então Jessica aparece, a observar com aqueles olhos clínicos o sangue a bombear para fora da ferida. Tem um tubo de ensaio na mão e tira-lhe a rolha. Aproxima o tubo de ensaio do braço de Molly, o fluxo de sangue preenche-o. Ergue-o contra a fraca luz vermelha e abana-o; o ato parece profissional.

Jessica está prestes a dizer alguma coisa quando a luz se apaga.

A cave fica completamente às escuras.

– Outra vez não! – exclama Jessica.

Reine murmura algo, Molly não consegue compreender as palavras.

Jessica diz:

– Julgo que há mais fusíveis. Falámos em comprar velas. Não falámos?

– Não – responde Reine.

É a primeira vez que Molly ouve a voz dele. É equilibrada, parece quase velada.

Molly sabe que pode usar aquilo.

Se tiver uma oportunidade.

– Vai lá acima substituir o fusível – diz Jessica.

Reine desaparece.

Molly olha para a escuridão e pensa no absurdo da situação. No absurdo de tudo. Mas particularmente no absurdo de ouvir uma *serial killer* a ter uma conversa quotidiana. Normalidade perversa. Fusíveis a rebentar. O esquecimento de comprar velas.

É como se, de repente, houvesse outra vez algo parecido com a vida

quotidiana.

E o braço dói-lhe mesmo muito.

– Vamos conceder um cessar-fogo – diz Jessica.

Molly tem consciência de estar a respirar sofregamente. Não há nada a dizer. E Jessica não diz mais nada.

Como se não tivesse nada a dizer.

O tempo passa. Então ouve passos nas escadas. A voz de Reine que diz:

– É outra coisa. O fusível não rebentou. Apesar disso mudei-o. Não resultou.

– Merda – diz Jessica algures na escuridão.

Molly desejava poder conter o fluxo de sangue do braço.

Mas é impossível. Não consegue mexer-se.

Ouve coisas na escuridão. Ouve as molas do sofá, como se alguém estivesse a sentar-se. Em seguida, uma luz fraca é ligada, a luz de um telemóvel. Vê Jessica no sofá, vê-a a afastar tudo o que está por cima e a olhar para o tubo de ensaio. Reine aproxima-se dela com um carrinho que estava algures. Há equipamento médico no carrinho, equipamento de laboratório.

Molly tenta compreender o que está a ver.

Mas a única coisa que compreende é que não entende nada.

E que lhe deram umas tréguas.

Fecha os olhos e sabe, *sabe* que cada minuto que passa funciona a seu favor. Porque, a cada minuto que consegue manter-se viva, Sam Berger vai-se aproximando.

Molly *sabe-o*.

37

Quinta-feira, 26 de novembro, 07h48

O anúncio foi feito durante a noite. Sam Berger e Deer ouviram-no na rádio local, viram-no *online*. A central elétrica local tinha sido desativada. O conselho municipal de Älvdalen, ao qual Särna pertencia, tivera o cuidado de não avançar com qualquer sugestão de que se tinha tratado de uma explosão, de um ataque deliberado. E, às sete da manhã, a notícia não foi considerada suficientemente interessante para garantir cobertura nacional.

Durante a madrugada, o *site* do conselho emitiu as seguintes informações aos moradores de Särna e arredores: «Estamos a trabalhar no sentido de redirecionar o fornecimento de eletricidade. Cada família deve aceder ao *site* com um código individual que pode ser recolhido em Särna na morada abaixo, a partir das 08h00 da manhã de quinta-feira.»

O respetivo local era a igreja de Särna e umas oito ou dez pessoas já tinham chegado. Särna não era grande e, por sorte, a igreja branca fora abençoada com um grande parque de estacionamento ao lado da bomba de gasolina, do outro lado da estrada. E, para começar, tudo parecia correr bem.

Encontravam-se à espera numa posição estratégica perto da entrada. Começava a sentir-se um frio de rachar no carro.

O céu cinzento parecia querer fender-se e faixas brancas e pálidas da alvorada começavam a filtrar-se pelas nuvens relutantes.

– Portanto, o Carsten tinha razão – afirmou Deer do lugar do morto.

– Parece muito interessado em resgatar a Molly – disse Sam Berger baixinho.

Deer olhou para o telemóvel e leu:

– A rede elétrica é controlada digitalmente. É necessário um código

individual para redirecionar o fornecimento e deve ser recolhido pessoalmente. Interromper o fornecimento de eletricidade é a única maneira de tirar as pessoas das suas casas.

– Muito bem, aí está um homem que sabe como fazer um ataque como deve ser – resmungou Sam Berger.

O tempo passou lentamente. À medida que clareava, a temperatura no interior do carro diminuía. O aumento gradual do trânsito no parque de estacionamento em frente à igreja de Särna tornou possível ligar o motor de vez em quando, mantendo-o em ponto-morto sem chamar a atenção. Havia agora uma fila de pessoas a serpentear em direção à igreja; o ajuntamento era algo caótico, mas ainda assim reinava a boa-disposição. Tornava-se cada vez mais difícil distinguir as pessoas individualmente, o mesmo acontecendo com os automóveis.

Sam Berger e Deer já tinham estado tantas vezes sentados juntos em veículos de vigilância que aquilo parecia quase rotineiro. No entanto, ao mesmo tempo, também era completamente estranho. Como se estivessem a participar numa peça sobre o passado distante. Tudo era familiar, nada era familiar.

As circunstâncias eram radicalmente diferentes.

O caos no estacionamento começava a aumentar. Os condutores buzinavam, um homem gesticulava descontroladamente na direção do lugar que Sam Berger e Deer estavam a ocupar, aparentemente a exigir que o vagassem. Os veículos provocaram um engarrafamento, as pessoas gritavam umas com as outras, agitando os punhos, fazendo gestos obscenos. As buzinas estridentes compunham uma cacofonia muito própria. Um camião encostou à frente deles e parou, bloqueando toda a fila. Completamente despreocupado, o motorista abriu uma porta traseira e retirou calmamente uma encomenda destinada à bomba de gasolina.

Passados dez minutos, Sam Berger já estava farto e saiu. Contornou o camião e tentou obter uma visão geral do caos. Olhou para a fila que serpenteava em direção à igreja; também ali o tumulto inicial bem-disposto ameaçava transformar-se em algo mais ameaçador. De onde tinha vindo toda aquela gente?

Foi então que Sam Berger a viu. Num lugar de estacionamento recôndito, lá estava ela, uma carrinha *Volkswagen Caddy Azul Fiorde* com a matrícula LAM 387. E estava vazia.

Baixou-se e voltou rapidamente para junto de Deer, fez-lhe sinal e apontou para a carrinha. Puseram os capuzes e seguiram com a maior descontração possível na direção da fila que conduzia à igreja. Começaram então a avançar, um de cada lado da torrente humana, não sem muitos protestos dos que se encontravam na fila. Estavam pelo menos dez graus negativos, as pessoas saíram muito bem protegidas do frio e era difícil ver-lhes os rostos. Em duas ocasiões, Sam Berger foi obrigado a mostrar a identificação policial falsa; teria preferido não se ter visto obrigado a fazê-lo.

O ambiente ia aquecendo cada vez mais à medida que progrediam na fila, e Sam Berger não pôde deixar de pensar que se assemelhava a uma multidão de linchadores. No momento em que esticava o braço pelo meio da fila para resgatar Deer das mãos de um homem enorme muito corado, uma figura de blusão verde com padrão camuflado e com capuz destacou-se da fila uns vinte metros à frente. Sam Berger conseguiu libertar Deer do gigante enquanto mantinha os olhos cravados na figura. Esta avançou com ligeireza para a direita, para um caminho que fora aberto entre as sepulturas cobertas de neve.

Sam Berger começou a perseguição, com Deer nos calcanhares. Alguém pôs o pé para fora e lhe passou uma rasteira, fazendo com que caísse de borco no chão. Risadas ásperas encheram o ar turvo. Deer passou por Sam Berger, que da sua posição de bruços a viu alcançar o caminho que conduzia ao cemitério. Levantou-se, soltou-se e correu atrás dela.

A figura de blusão camuflado tinha parado. Não se via o rosto sob o capuz. A figura parecia estar a observá-los. Estava a vinte metros de distância, no caminho gelado entre as sepulturas, quando Sam Berger passou por Deer e mais uma vez caiu no chão, desta vez inteiramente por sua culpa. O caminho era como uma pista de gelo. Ergueu-se, deslizando um pouco até conseguir equilibrar-se. A figura estava perfeitamente imóvel, os olhos invisíveis a fitá-los de dentro do capuz. Era como se estivesse à espera, à espera de alguma coisa. Como se soubesse algo que eles não sabiam.

Sam Berger não gostou. A figura perfilava-se entre duas lápides e limitava-se a esperar por eles. Enquanto tentava conseguir que as botas aderissem minimamente ao solo, Sam Berger olhou por cima do ombro. Deer tinha desaparecido. No momento em que começou a avançar o

melhor que podia, a figura afastou-se para a direita; havia lá evidentemente um trilho por entre as sepulturas. E a figura conseguia avançar, provavelmente graças a grampos de neve, de uma forma que Sam Berger não podia esperar conseguir imitar. Correu em direção ao parque de estacionamento. Sam Berger ainda nem sequer tinha chegado ao cruzamento dos caminhos quando viu a figura a saltar a sebe coberta de neve à frente do parque de estacionamento como um corredor de obstáculos olímpico. Sam Berger progrediu um pouco, voltou a escorregar e debateu-se para encontrar equilíbrio enquanto observava o capuz verde a passar por entre os carros, em direção à *Volkswagen Caddy*.

Maldição, estava a perder o controlo da situação.

A fila já se estendia quase até à entrada do cemitério. A figura corria suavemente em direção à entrada quando algo aconteceu.

Outra figura saltou agilmente de trás do carro mais próximo da entrada. Caiu sobre a figura vestida de cáqui, atirando-a contra o carro do outro lado da estrada. Ambos os capuzes voaram para trás enquanto Sam Berger, do caminho gelado, observava de joelhos, e deu por si a olhar para duas cabeças com cabelo escuro e curto, cada uma com o seu corte acima dos ombros, como imagens espelhadas uma da outra. Então viu, como se em câmara lenta, Deer invocar uma força que jamais seria capaz de imaginar que tivesse, agarrar Jessica Johnsson pelos cabelos e enfiar-lhe a cabeça por uma janela lateral do carro.

Era como se a nuvem de vidros partidos nunca mais quisesse assentar.

38

Quinta-feira, 26 de novembro, 09h16

Sam Berger entrou. A porta fechou-se atrás dele. Era tudo muito clínico. O papel de parede texturizado era tão insípido e indefinido como a mesa de bétula envernizada vazia. Havia algum equipamento técnico não identificável na mesa de apoio. Não havia janelas no quarto, mas havia duas cadeiras. Uma delas estava vazia.

E na outra estava sentada Jessica Johnsson.

Tinha os pulsos presos com abraçadeiras aos braços da cadeira. Tinha vários cortes no rosto, alguns cobertos com pensos rápidos, outros ainda a deitar algum sangue. Sam Berger reconheceu o estranho sorrisinho nos cantos da boca. Mas Jessica não disse nada.

Sam Berger sentou-se, ligou o equipamento de gravação na mesa de apoio e perguntou:

– Onde está a Molly?

Jessica não respondeu. Em vez disso percorreu o quarto despido com o olhar, analisando-o. Sam Berger prosseguiu:

– Acabou, Jessica. Acho que consegues perceber isso, não é?

Nenhuma reação.

– Pelo menos pensa no Reine – disse Sam Berger. – No teu Reine. Não o faças cometer um último homicídio. Não o obrigues a outro colapso mental.

Forçar-se a conter-se era genuinamente doloroso. Sam Berger só queria atirar-se a Jessica e desfazê-la. Mas Deer, que estava a orientá-lo pelo auricular, persuadira-o de que isso não seria particularmente eficaz.

– Põe-te na pele dela – lembrou-lhe Deer ao ouvido. E Sam Berger teve de tentar, teve mesmo de tentar enfiar-se na pele de Jessica Johnsson. Mas como raio havia de encontrar o caminho?

Tinham tido discussões preparatórias acaloradas. Deer devia estar presente durante o interrogatório? Ou devia ser Deer a conduzi-lo sozinha? Acabaram por chegar à conclusão de que provavelmente a ausência de Deer teria maior impacto. Pelo menos de início.

Afinal de contas, era Sam Berger quem Jessica pretendera apanhar.

Sam inclinou-se sobre a mesa e declarou:

– Se me disseres onde ela está, provavelmente irás apanhar alguns anos de prisão. Caso contrário, será prisão perpétua: ou seja, já terás dado os teus últimos suspiros como mulher livre.

Jessica permanecia sentada em silêncio, observando-o, misteriosa, determinada, absurdamente forte. Infinitamente doente. Realmente, aquilo não ia ser fácil. Tinha de convocar toda a sua paciência. Parecia improvável que Reine atacasse Molly por conta própria. Assumindo que ainda estivesse viva…

Jessica pareceu ter-lhe lido a mente. As primeiras palavras que proferiu foram:

– O Reine sabe o que fazer se eu não regressar.

Sam Berger sentiu que ia vomitar naquela estúpida mesa de bétula envernizada. Pelo auricular ouviu Deer dizer com muita calma:

– E o que é que o Reine vai fazer?

Sam Berger conseguiu sentar-se direito e perguntou:

– E o que é que o Reine vai fazer se não voltares?

Jessica sorriu, momentaneamente, um sorriso fugaz, sem alegria.

– Terminar o trabalho – disse ela.

– A Farida Hesari – disse-lhe Deer ao ouvido.

– O Reine fica uma pessoa diferente quando não estás lá – disse Sam. – Enquanto dormias, deixou a Farida Hesari escapar daquela casa em Täby.

Jessica assentiu devagar, como se algo tivesse acabado de tornar-se claro na sua mente.

– Fizeste os trabalhos de casa – disse Jessica. – Tens sido muito inteligente.

– Tal como tu querias – retorquiu Sam Berger o mais calmamente possível.

– O Reine também fez os trabalhos de casa dele – afirmou Jessica, encolhendo os ombros. – Não voltará a cometer esse erro.

Sam Berger olhou profundamente nos olhos desviados de Jessica

Johnsson. Por um breve momento, achou que podia ver todo o artifício nela. Como se Jessica percebesse a dor imensa que devia estar a sentir, mas não fosse capaz de fazê-lo. A questão era se Jessica realmente sentia alguma coisa, ou se era tudo apenas um jogo doentio.

– Sabemos tudo o que se passou – disse Sam Berger.

– Tudo? – afirmou Jessica, rindo-se. – Limita-te a fazer aquilo para que foste treinado.

Sam Berger manteve-se em silêncio. Reconheceu vagamente a frase. Jessica prosseguiu:

– Ela está outra vez a tagarelar-te ao ouvido, Sam? Como há oito anos?

Sam Berger recordou-se da cena em Orsa. De quando erguera a mão para Reine e para a acompamnhante, imitando uma pistola com os dedos, e depois dera um tiro em Reine. E dissera à acompanhante: «Limite-se a fazer aquilo para que foi treinada» E depois a gargalhada de Deer.

Um gesto, algumas palavras, uma gargalhada. E essa combinação criara raízes e crescera como um desvairado tumor maligno.

Contra todas as probabilidades, Sam Berger conseguiu voltar ao presente, e a calma exterior que demonstrou surpreendeu-o:

– Nós sabemos aquilo por que passaste, Jessica – disse Sam Berger. – Mas não conseguimos que faça sentido. Quando tinhas oito anos, encontraste um trevo de quatro folhas. Tinhas de pedir um desejo, algo que querias muito mas não podias dizer em voz alta. E o que realmente querias era não ter um irmãozinho.

Jessica olhava agora para Sam e os olhos de ambos estavam interligados.

– Porque querias estar sozinha – prosseguiu Sam Berger. – Como a verdadeira narcisista que és, não suportarias a ideia de ter de partilhar a atenção dos teus pais. Pergunto-me se terás sequer ficado chocada quando encontraste a tua mãe numa poça de sangue quando tinhas oito anos. Não posso deixar de me interrogar se não terás sido tu própria a matá-la, Jessica? Envenenaste-a? Se ias ter de partilhá-la com outra pessoa, então a tua mãe teria de morrer.

Jessica desviou os olhos dos dele e fitou a parede. Sam Berger pensou ter visto os músculos dos maxilares a ficarem tensos.

Sam precisava daqueles músculos tensos.

– E temos aquela história toda relacionada com o teu pai – prosseguiu

Sam Berger. – Nunca conseguiste que o teu pai te desse atenção. Talvez conseguisses então, depois de a ameaça ser removida?

Os maxilares de Jessica permaneceram tensos.

– Mas isso não aconteceu, pois não? Muito pelo contrário, na verdade. O teu pai mudou-se para o local mais remoto do planeta. Acho que se foi embora para ficar longe de ti, Jessica. O teu pai tinha medo de ti. Sabia como eras perigosa. Como estavas doente. Contaste ao teu pai o teu desejo? Também o assassinaste?

Jessica sorriu, mas os maxilares continuavam tensos. Aquela combinação produziu uma expressão muito estranha.

– Foste acompanhada por um pedopsiquiatra – prosseguiu Sam Berger. – Apercebeste-te de como *devias* sentir-te. Mas não conseguias. Não conseguias senti-lo na altura e não consegues senti-lo agora. Estás completamente oca por dentro, Jessica. Aí há apenas um vazio absoluto.

Os olhos de ambos encontraram-se. Agora havia algo no olhar de Jessica, parecia quase contentamento. Como se quisesse que aquilo fosse reconhecido. Como se fosse disso que andara à procura. Não era a dor que a impulsionava, era a busca da dor. A busca por sentir o que quer que fosse.

– Enquanto estavas amarrada à tua pobre tia Ebba, que não sabia de nada, a navegar na Internet pelas piores coisas que podias imaginar, percebeste que devias sentir algo autodestrutivo. Talvez pudesses ser atraída pelo sadomasoquismo? Adotaste a via da autopunição, mudaste-te para os Estados Unidos, viste como Madame Newhouse lidava com o seu elevado limiar de aborrecimento. Um escravo a quem podia dar ordens. Será que valia a pena tentar uma coisa do género? Alguém que pudesse reencenar as tuas fantasias mais doentias, alguém que te *veria*. Porque é isso que tu queres, Jessica, ser vista. Não passas de alguém excessivamente dramático em busca de atenção.

– Para aí – disse-lhe Deer ao ouvido.

Sam Berger parou. Olhou para Jessica Johnsson, que retribuiu o olhar. Sam Berger tentou decifrar aquele olhar, mas era muitíssimo difícil. Estaria a ver naqueles olhos algo que se quebrara? Será que conseguia ver um desejo de se corrigir, de se ajustar, de mudar qualquer coisa por causa do que ele tinha dito?

Não sabia, por isso esperou, fazendo figas para que Deer tivesse

conseguido ver mais do que ele. Mas ao ouvido permaneceu o silêncio.

– Porque é que haverias de ser a primeira pessoa no mundo a compreender? – perguntou Jessica com um sorrisinho. – Que habilitações é que tens para isso?

– Estás a tentar chamar-me a atenção, Jessica. Tens estado a chamar-me.

Os olhos de Jessica estreitaram-se. Sam Berger prosseguiu:

– O Reine não era suficiente, pois não? Percebeste que o Reine não era o público de que precisavas, há oito anos, em Orsa. Querias alguém que pudesse ao mesmo tempo ver-te e condenar-te. Que pudesse travar-te. Porque os teus atos não fazem qualquer sentido e sabes muito bem disso. Pensas que, mais cedo ou mais tarde, vais sentir alguma coisa, mas parece-me que, na realidade, genuinamente tu não *consegues* sentir nada.

Jessica Johnsson desviou o olhar. Sam Berger podia ver algo nos olhos dela, o sorriso extinguira-se completamente.

– Não tarda nada, vou conseguir sentir alguma coisa – disse baixinho.

Sam Berger fez uma pausa, na esperança de ouvir alguma coisa de Deer, qualquer coisa que fosse, mas a colega não produziu nenhum som. Ao ouvido fazia-se silêncio.

Que raio é que «não tarda nada, vou conseguir sentir alguma coisa» significa?

– Há oito anos escolheste-nos, a mim e à Deer, como uma espécie de pais substitutos – prosseguiu Sam Berger. – A Deer pressionou o Reine quando estávamos a interrogá-lo e eu fingi dar-vos um tiro com os dedos. Algo nessa altura despontou em ti. Ao longo dos anos, enquanto levavas a cabo a tua hedionda série de homicídios, foste tentando entrar em contacto connosco, fazer com que reparássemos em ti. Foste tentando fazer com que te compreendêssemos e te detivéssemos. Mas então algo aconteceu, há algumas semanas precisaste *mesmo* de fazer-nos entrar em ação, Jessica. Que foi que aconteceu nessa altura?

De repente, Jessica voltou a sorrir, como que para si própria.

– Já te disse em Porjus. Vi-te na televisão.

– Disseste que tinhas visto a Deer.

– Apareceram os dois na televisão, ainda trabalhavam juntos. Ela disse algo sobre o caso Ellen, tu estavas atrás dela.

– Mas porque é que precisas de nós agora?

– Quero ver a tua dor – disse Jessica com um sorriso radiante.

Um raio percorreu o corpo de Sam Berger. Tinha vontade de usar a força.

Uma força brutal.

– Mantém a calma, Sam – disse-lhe Deer ao ouvido.

Sam Berger fechou os olhos e conseguiu controlar-se.

– Queres que eu valide a tua dor – disse. – Eu não vou fazer isso; não há dor. Mas posso validar o teu vazio.

Seria desapontamento o que viu na cara dela? Teria Jessica estado à espera de que lhe validasse o sofrimento? Teria estado à espera de que lhe dignificasse os sentimentos, os tornasse mais nobres do que eram?

Então, que seria mais eficaz naquele momento? Cair no jogo dela? Ou pressioná-la ainda mais? Tinha de decidir. Deer tinha-o travado. Isso teria de guiar-lhe a decisão.

– A não ser que tenhas sentido realmente alguma coisa quando te vingaste tão radicalmente do Eddy Karlsson naquela cave em Bagarmossen?

Jessica pareceu alegrar-se um pouco.

– Não podes dizer que o Eddy não teve o que merecia – disse ela.

– Calma aí – disse-lhe Deer ao ouvido.

– Na verdade, não sei o que o Eddy Karlsson te fez – disse Sam Berger.

– E também não vais descobrir – retorquiu Jessica.

– Parece-me que foi olho por olho, dente por dente. Um pénis em troca de um útero.

Jessica deu uma gargalhada.

– Sou inteligente, não sou? – perguntou.

Sam Berger olhou para a interlocutora e perguntou:

– És realmente uma *serial killer* assim tão banal, Jessica? Chamaste-me mesmo aqui simplesmente para eu poder admirar-te? Para poder ficar impressionado com a tua *inteligência*?

Jessica pestanejou de novo, mas não desviou o olhar. Sam Berger julgou ter-lhe visto uma centelha de raiva nos olhos.

– Mas agora já te travei – disse. – E não és assim tão inteligente, Jessica. E o mais certo é não teres sentido nada.

– Não tarda nada, vou conseguir sentir alguma coisa – repetiu Jessica.

– E como é que isso vai poder acontecer, depois de trinta e cinco anos sem sentires nada?

– Quero olhar-te nos olhos quando a Molly Blom morrer.

Ficou tudo branco. Um mundo sem referências.

– Mantém a calma, Sam – aconselhou-o imediatamente Deer ao ouvido. – Agora é preciso ter extrema cautela. As palavras dela significam que a Jessica sabe exatamente quando é que a morte da Molly vai acontecer? Deu um prazo ao Reine para desferir o golpe fatal? Como é que vamos descobrir isso?

– Não sejas ridícula – disse Sam Berger com uma calma conquistada a ferros. – Nem sabias que a Molly existia, até termos aparecido em tua casa em Porjus.

– E, na altura, pensava que se chamava Eva Lundström – afirmou Jessica com um sorriso um pouco mais confiante. – Mas o importante foi ter percebido que vocês eram um casal.

– Um casal?

– Era muito óbvio.

Sam Berger sentiu um estalido ao ouvido. Deer disse, muito claramente:

– Não deixes que a Jessica te perturbe, Sam. Continua em frente e esquece as bocas dela.

Não podia. Não conseguia genuinamente continuar. Então, Jessica continuou em vez dele, olhando para lá de Sam Berger, diretamente para a câmara.

– Mesmo à frente da escola da tua filha, Deer, há um marco do correio. As aulas tinham acabado naquele dia, a Lykke vinha mesmo na nossa direção. Eu estava junto ao marco, prestes a enfiar a carta para Säter, para o Karl, na abertura do marco. O Reine estava ao meu lado, aguardando ordens. Tive de tomar uma decisão rápida. O que doeria mais? Raptar a filha da Deer ou a amante do Sam? A Lykke tem a mesma idade que eu tinha quando apanhei o trevo de quatro folhas; fazia-me realmente lembrar de mim própria, com aquele penteado e tudo isso. Estávamos preparados para a levar. Mas, de repente, mudei de ideias. Seria mais empolgante encontrar e capturar a Molly Blom. Deixei cair o envelope no marco e deixei que a Lykke fosse à sua vida. Se não tivesse feito isso, a tua filha estaria agora morta, superintendente Rosenkvist.

– Deixa-te ficar onde estás, Deer – disse Sam Berger em voz alta.

Ouviu Deer a soluçar-lhe ao ouvido, mas nada mais.

Tinha de controlar a conversa. Começou por perguntar:

– Como é que conseguiram chegar ao aeroporto de Gällivare à nossa frente? Pensávamos que estavam em Skogås.

– Ora aí está. – Jessica sorriu docemente. – Depois de eu ter decidido que não íamos raptar a Lykke, apanhámos um voo de regresso à Lapónia.

– Isso não responde à minha pergunta – disse Sam Berger.

Jessica encolheu os ombros e disse:

– Percebi que estavam algures no Norte, a uma distância razoável de Porjus. As companhias aéreas do Norte utilizam sistemas muito fáceis de piratear e nós posicionámo-nos entre Gällivare e Arvidsjaur, os dois potenciais aeroportos. Só nos restava partir assim que a vossa reserva aparecesse. Mais perguntas técnicas empolgantes que gostasses de fazer?

– O Anders Hedblom, irmão do Karl – disse Sam Berger. – Porque é que o mataste?

– Foi o Sam Berger quem o matou – respondeu Jessica com outro sorriso. – Dizia isso no papel.

– Mudaste-te para Malmö por causa do Anders? – perguntou Sam Berger o mais calmamente possível.

– Isso não é muito interessante – respondeu desdenhosamente Jessica. – O Anders foi visitar o irmão em Orsa, começámos a encontrar-nos. Mudei-me para Malmö para ficar com ele, mas o Anders não estava assim tão interessado em mim. Para o apanhar sugeri que o Karl era inocente e que falava demais. Então, o Anders mudou-se para o Norte, depois de eu própria o ter feito e começou a chantagear-me. Por isso, a culpa foi unicamente dele.

– Não era suficientemente bom pai – disse Sam Berger. – Por isso, acabou por ser uma das tuas dez vítimas.

– Dez?

– Eu contei dez. Helena, Rasmus, Mette, Lisa, Eddy, Farida, Elisabeth, Anders, Jovana e Molly.

– As minhas contas são completamente diferentes – afirmou Jessica. – Houve seis.

– Explica-te – disse Sam Berger.

– A Farida escapou, por isso não conta. O Eddy e o Anders não contam, eram simplesmente inevitáveis. E o Anders foi uma maneira de conseguir passar-te a minha mensagem, Sam.

– Mesmo assim, conto sete, Jessica – disse Sam Berger.

– O Rasmus Gradén não conta. Pertence à Helena.

– Não compreendo o que queres dizer com isso.

– Não são seis vítimas – explicou Jessica. – São seis vezes duas.

Sam Berger esperou, refletiu, pôs-se à escuta. Mas Deer não dizia nada. O ouvido estava completamente em silêncio e nada daquilo fazia sentido.

Jessica prosseguiu com uma calma repulsiva.

– Há sempre dois, uma mãe e um filho, nenhum dos outros interessa. A Helena e o filho dela. A Mette e o filho dela. A Lisa Widstrand e o filho. A Elisabeth Ström e o filho. A Jovana Maleševi´c e o filho.

– São apenas cinco – explodiu Sam Berger, sentindo a cabeça a começar a ferver. – Cinco vezes duas.

– Bolso direito do blusão – disse Jessica.

E depois não disse mais nada.

Sam Berger levantou-se, transpôs a cambalear a porta que dava para o corredor, regressou com o blusão acolchoado de Jessica, enfiou a mão no bolso do lado direito, tirou uma espécie de tubo de plástico, olhou para o objeto, viu uma janela e uma linha fina na janela.

– Comecei com uma análise ao sangue – explicou Jessica. – O resultado foi surpreendente, mas estranhamente lógico, como se até mesmo o destino me tivesse ajudado a tomar a decisão certa. Então também fiz o teste de gravidez mais comum. Com urina.

Sam Berger fitou a linha, olhou pasmado para Jessica Johnsson, olhou para a parede.

– A Molly Blom está grávida – anunciou Jessica. – Mas ainda nem chegou ao primeiro mês de gravidez.

Sam Berger perguntou-se o que estaria a escorrer-lhe do canto da boca. Fitou Jessica.

– Seis vezes duas – declarou Jessica com um amplo sorriso. – O número de vítimas é seis vezes duas.

39

Quinta-feira, 26 de novembro, 10h35

Foi o frio que a acordou. O frio ou os ferimentos. Não é que tivesse qualquer importância: ambos lhe provocavam dores.

Doía-lhe tudo.

Mas o que doía mais era estar consciente. Ter consciência da situação em que se encontrava.

Puxou as abraçadeiras. Os quatro membros continuavam presos com tanta força como sempre. Só depois abriu os olhos.

Não fez muita diferença. Uma espécie de luz de fundo vaga filtrava-se para dentro da cave, e era tudo. Molly mal conseguia ver o sofá, mas conseguia sentir uma figura lá sentada, sentiu que Reine já não estava nu, sentiu que usava um agasalho qualquer, sentiu que estava a dormir.

Sentiu que estava sozinho.

Percorreu a cave sombria com os olhos. Não havia lá nada. Havia o sofá, havia o homem, havia a mesa com o bloco de madeira e a faca, e lá estava ela. Não havia mais nada.

Molly Blom olhou para o próprio corpo. Tentou calcular a extensão dos ferimentos. Ver os braços tão azulados, tão inchados e ensanguentados já era um choque, mas o que mais a incomodava era a comichão na nádega. Tentou inclinar-se para a frente, pouco a pouco, ao longo de um período de tempo que não quis dar-se ao trabalho de tentar calcular, chegando um pouco mais à frente de cada vez. Acabou por ser capaz de olhar por entre as pernas. Conseguia distinguir uma forma esbatida na nádega. Percebeu que era tinta.

E que provavelmente estava a olhar para um trevo de quatro folhas.

Jessica tinha desaparecido. Molly não fazia ideia de quando poderia ter saído, mas algo acontecera durante a noite. Jessica e Reine tinham estado

sentados muito inclinados sobre o computador, a discutir algo em sussurros agitados.

Molly não fazia ideia de que horas eram. A fraca luz de fundo sugeria que podia ser de dia, que alguns raios de sol começavam a infiltrar-se por baixo da porta da cave, mal ajustada ao respetivo caixilho, ou algo assim. Por causa dos problemas com os fusíveis ou o que quer que fosse, dificilmente podia ser luz elétrica.

Então, Molly ouviu algo que não era o ressonar de Reine. Um barulho mais persistente e regular. Um tiquetaque?

Muito, muito fraco, mas ouvia-se, sem dúvida que era real.

Ouviu um tiquetaque por detrás dela.

Molly estava relativamente em forma, graças a ter esquiado tanto nos últimos tempos, e também já tinha esticado o pescoço e as costas ao tentar ver o trevo de quatro folhas. Mesmo assim, foram precisas várias tentativas para conseguir olhar para trás. Havia um relógio na parede. Os ponteiros indicavam um quarto para as onze, e parecia novo, não parecia fazer parte do resto do mobiliário e dos acessórios daquela divisão, tal como o sofá de veludo vermelho. O que significava que fora ali posto por uma razão.

Para Reine poder ir controlando as horas, provavelmente.

Molly podia não ter estado particularmente desperta durante aquela viagem, dentro do baú encharcado com o sangue de Jovana Maleševi´c, mas tinha sido longa, pelo menos seis horas, calculou. Claro que podiam ter rumado a norte – em direção ao ponto onde a Suécia, a Noruega e a Finlândia se encontravam, ou ainda mais a norte, em direção a Finnmark, Honningsvåg, Hammerfest, o cabo Norte. Mas parecia mais provável terem ido para sul. Ou seja, para zonas mais densamente povoadas. O que sugeria que Jessica Johnsson já se ausentara há bastante tempo. Há um pouco mais de tempo do que o necessário.

Aquele género de análise lógica era vital.

Tinha a vida em risco e não estava disposta a gastar o que poderiam ser os últimos minutos a preocupar-se com especulações metafísicas. Que acontece depois da morte? Terá tido uma boa vida? Nem pensar. Agora era tudo uma questão de sobrevivência.

Ligada ou desligada, sim ou não.

Chamava-se Molly Blom. E não ia partir deste mundo sem lutar até à

última gota de sangue.

Naquele momento, tinha como adversário um perfeito idiota. Se não fosse capaz de lidar com aquilo, então não merecia sobreviver. Apesar das abraçadeiras e de uma faca de caça bem afiada.

Jessica nunca teria saído sem algum tipo de seguro; era demasiado esperta para isso. Se fosse verdade que já tinha passado demasiado tempo – na melhor das hipóteses, Sam Berger tinha-a apanhado –, então teria dado a Reine alguma coisa para o entreter. E só havia uma coisa possível para Reine se entreter: o relógio recém-instalado. Tratava-se, portanto, de um horário específico. E Reine dificilmente parecia ser capaz de lidar com treze minutos depois das onze, digamos, ou 11h47. Mas conseguiria processar horas certas e possivelmente meias horas.

O relógio avançava das dez para as onze. Talvez onze horas fosse demasiado cedo. Talvez Jessica tivesse dado a Reine até às onze e meia ou até ao meio-dia.

Mas a uma determinada hora iria matá-la.

Ouviu-o a ressonar. Se tivesse ficado combinado para as onze horas, um despertador, provavelmente de um telemóvel, devia começar a soar a qualquer momento. Jessica deve ter considerado o risco de Reine poder adormecer. Deve ter ativado um alarme. E o pobre Reine precisaria de pelo menos dez minutos para acordar completamente antes de conseguir cometer outro homicídio. Comandado por Jessica.

O que significava que o alarme deveria começar a soar naquele momento. O que significava que Molly Blom – apesar de ter apenas um membro operacional – tinha de estar pronta para levar a cabo um contra-ataque no momento em que o despertador tocasse.

Por isso, preparou-se. Ganhou coragem. Para o caso de as onze horas terem sido o momento escolhido.

O tempo passou. Parecia quase uma sessão no ginásio, a ter de olhar repetidamente para o relógio por cima do ombro. Os ponteiros passaram as onze. Portanto, era provável que lhe restasse meia hora, possivelmente uma hora. Teria alguma linha de ação alternativa? Dificilmente. Tinha o corpo firmemente atado, além disso estava em péssimo estado. Tudo o que lhe restava, a única coisa que continuava intacta, era a cabeça.

De alguma forma, o que quer que dissesse a Reine tinha de ser mais forte do que o que Jessica lhe dissera, e ela e Reine viviam juntos há oito

anos, e Jessica tinha passado uma década a treiná-lo. A domá-lo, a fazer-lhe uma lavagem ao cérebro.

Mesmo assim, Molly não vira o mal nos olhos de Reine. Tinha olhos de escravo.

Molly podia utilizar isso como a sua oportunidade. Podia mesmo. Podia falar com ele para o distrair da hora marcada.

Tinha de acreditar nisso.

Às onze e um quarto, algo tocou no bolso do casaco de fato de treino de Reine. Molly tinha adivinhado.

Um quarto de hora para se preparar.

Restava-lhe um quarto de hora de vida.

Reine abriu os olhos e percorreu a cave com o olhar. Demorou algum tempo a tirar o telemóvel do bolso e a desligá-lo. Molly olhou para o aparelho e pensou em triangulação, tentou refletir logicamente: se Sam tivesse apanhado Jessica, talvez tivesse encontrado o número de Reine entre os outros contactos que havia no telemóvel, e estaria a tentar fazer a triangulação da localização deles.

A probabilidade era ínfima, claro, mas o facto de ao menos ser uma possibilidade dava-lhe forças para voltar ao plano original.

– Bom dia, Reine. Dormiste bem? – perguntou Molly na voz mais doce possível.

Reine esfregou os olhos e mirou-a através da penumbra. O que aqueles olhos viram não era muito claro.

– Está muito frio – acrescentou Molly, e tentou sorrir.

Viu os olhos de Reine a rasarem-lhe o ombro e a pousarem no relógio. Molly pensou tê-lo visto a recompor-se.

Pela expressão do homem, viu que Reine sabia o que devia fazer. Olhou para a mesa, para a faca.

– Costumavas chamar Lena à Jessica quando se conheceram? – perguntou Molly. – Na altura chamava-se Lena, não era? Lembras-te disso, Reine? Quando vivias na casa de repouso em Falun?

Reine pestanejou várias vezes, ainda sentado no sofá. Não disse nada.

– Foi lá que cresceste, Reine. Lembras-te?

– Não tenho autorização para te ouvir – disse Reine.

– Foi a Lena ou a Jessica quem te disse para não me ouvires, Reine?

Reine olhou para Molly, encontrou o olhar dela pela primeira vez.

– De quem mais gostas, Reine? Da Lena ou da Jessica?

– Não tenho autorização para te ouvir.

– Mas talvez tu não sejas o Reine? Serás o Sam? O Sam Berger? Lembras-te do Sam? E da Deer? Lembras-te da Deer, não lembras? Do Sam e da Deer?

– Não tenho autorização para te ouvir.

– Lembras-te da agulha no teu braço, Sam? Foste mesmo muito esperto naquele momento, ao dobrar a agulha para que o fluido intravenoso não te entrasse na corrente sanguínea. Porque tu querias fugir pela neve, Sam Berger. Parecias um anjo de neve enquanto corrias pela neve. Lembras-te disso, não é verdade?

– Não tenho…

– Quiseste parar o autocarro com as tuas próprias mãos, Sam. Lembras-te do autocarro, não é? Ia salvar-te. Na altura, querias escapar, Sam, querias sair, fugir. Nunca quiseste isso, quando vivias na casa de repouso. Naquela altura, só querias estar sentado a desenhar, lembras-te? Atualmente tens autorização para desenhar, Reine? A Lena era mais simpática do que a Jessica, não era?

Reine levantou-se e disse:

– Quero fazer mais desenhos.

Molly olhou por cima do ombro, mais sete minutos para viver, mais sete minutos para desbloquear a consciência latente escondida dentro do cérebro limitado de Reine.

– Agora só a Jessica é que desenha, não é? O trevo de quatro folhas. Viste quando ela mo desenhou no rabo ontem à noite?

– É a única coisa que posso desenhar – respondeu Reine, dirigindo-se à mesa. Molly viu-o a lançar nova olhadela ao relógio.

– Os trevos de quatro folhas são desenhados por ti, Reine? Ou pelo Sam? Pelo Sam Berger? Porque é que gostas do Sam e da Deer?

– Eu não gosto deles. São pessoas desagradáveis. Disseram coisas desagradáveis.

– Mas tu *és o* Sam, sabes disso, não sabes? Também fazes coisas desagradáveis. A Lena foi simpática quando foi à casa de repouso pela primeira vez, não foi? Na altura, não precisavas de fugir, Reine. Mas depois a Lena transformou-se em Jessica. E a Jessica é desagradável. Queres fugir da Jessica e foi o que fizeste, Sam, através da neve. Lembras-

te da Farida?

– Farida – disse Reine, e parou a meio caminho da mesa.

– Sim, a Farida – disse Molly. – A Farida das tatuagens. Lembras-te dela, não lembras? Deixaste-a fugir para o autocarro, Reine. Foi bom para ela, deixaste-a fugir. Lembras-te?

– A Farida não queria morrer – disse Reine, imóvel.

– Eu também não quero morrer – afirmou Molly, sentindo as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces. – Por favor, Reine, deixa-me ir, deixa-me ir e podemos fugir juntos para o autocarro, Sam. Há um autocarro que passa lá fora, podemos fugir da Jessica juntos. A Jessica foi tão horrível para ti quando deixaste a Farida ir-se embora. Lembras-te de como ela foi horrível, não lembras? Foi nessa altura que mergulhou as pontas dos teus dedos em ácido para fazer com que as tuas impressões digitais desaparecessem, não foi?

– Não tenho autorização para te ouvir – disse Reine num tom mais alto, e deu outro passo em direção à mesa.

– Chamo-me Molly, Sam. Quero fugir contigo. Molly. Vais mesmo matar a Molly, Reine? Vais mesmo fazer isso?

Outro olhar por cima do ombro dela. Três minutos restantes.

Reine aproximou-se da mesa e gritou:

– Não tenho autorização para te ouvir!

– Mas queres ouvir a Molly, não queres? Queres fugir da Jessica. Podemos fugir juntos. O autocarro passa mesmo aqui à porta, Sam. Podemos apanhá-lo juntos, podemos voar para longe como anjos de neve, como belos anjos de neve. Sam e Molly, tal como devia ser. O meu nome é Molly, sou uma pessoa. Não queres matar-me, Sam.

Reine pegou na faca que estava em cima da mesa. Molly viu-a tremer na mão dele. Sentiu as lágrimas a caírem.

Reine avançou vagarosamente para ela. A faca tremia-lhe violentamente na mão.

– Comigo vais poder desenhar até te fartares, Reine – soluçou Molly. – Podes ter um gabinete próprio e todo o papel que quiseres. Vá lá, vamos fugir, Reine.

Reine parou e olhou para Molly com um olhar estranho.

– Estou sempre a tentar matar-te, Jessica, mas nunca dá resultado. Acabas sempre por voltar.

– Eu sou a Molly, Reine! Tu és o Sam e eu sou a Molly e vamos fugir da Jessica juntos. Podemos matá-la juntos. E depois podes desenhar tanto quanto te apetecer.

Reine agachou-se à frente dela, olhou-a nos olhos e aproximou a faca dela.

– Vamos apanhar o autocarro, Reine – disse Molly. – Vamos apanhar o autocarro para a liberdade, Sam.

A faca parou, ainda tremendo, mesmo por cima do pulso direito.

– Agora tenho de te matar, Jessica – disse Reine.

40

Quinta-feira, 26 de novembro, 10h35

Sam Berger não conseguia tirar as mãos do rosto. Era impossível. Era como se fossem de pedra.

Deer observava-o. Estavam sentados no quarto interior. O interrogatório estava congelado no ecrã. Jessica Johnsson estava a sorrir e, como imagem parada, o sorriso era aterrorizante. Era como se Jessica não tivesse sido real até então.

Ali, no ecrã.

– Não compreendo, de maneira nenhuma – disse Sam Berger.

– Tenho a sensação de que compreendes bastante bem – afirmou Deer.

– Ela vomitou – disse Sam Berger. – Depois de ter ido esquiar.

– Se percebi bem a tua história, estiveram isolados naquelas cabanas durante quase um mês. Mas não podemos confiar em que a Jessica Johnsson diga a verdade. A Molly pode muito facilmente ter estado dois meses fora e, nesse caso, engravidou muito antes de vocês os dois se terem conhecido. Ou então saiu enquanto estavas drogado e conheceu algum figurão local em Kvikkjokk ou algo do género.

– Mas eu lembro-me do corpo dela.

– Como assim?

– Uma marca de nascença que parecia uma estrela sob o seio direito.

– Podes ter visto isso em qualquer altura.

Deer dirigiu-se ao mapa do norte de Dalarna afixado à parede. Disse:

– A Molly está algures nesta zona. Bem, vamos lá para dentro os dois e resolver isto juntos.

Caminhou em direção à porta e abriu-a.

– Que lindo – afirmou Jessica com um sorriso. – A superintendente Rosenkvist a rastejar para fora da carpintaria. Como um caruncho recém-

nascido.

– Onde está a Molly? – rugiu Deer a um centímetro do rosto de Jessica.

– Tudo se torna muito claro quando olho para esta divisão – disse calmamente Jessica. – Estão por vossa conta, nada disto é oficial. O que significa que até podíamos fazer uma troca direta. Sentem-se.

Deer cerrou o punho várias vezes antes de se afastar ligeiramente. Contornou a mesa e sentou-se. Sam Berger sentou-se ao lado dela.

Num tom de voz que soou quase formal, Jessica declarou:

– Daqui a algum tempo, o Reine vai matar a Molly. No entanto, o Reine tem um telemóvel, por isso posso ligar-lhe e travá-lo. Podemos fazer uma troca. Vocês ficam com a Molly, e o Reine fica comigo. Toda a gente se vai embora feliz e contente.

– Verificámos o teu telemóvel – disse Sam Berger. – Não há contactos, nenhuma chamada realizada, nenhuma chamada recebida.

– Por razões de segurança, nem o meu telemóvel nem o dele foram alguma vez utilizados – disse Jessica, dando uma pancadinha na cabeça. – Mas tenho o número aqui.

– Então liga-lhe, porra! – gritou Sam Berger.

– Primeiro temos de acordar o procedimento – afirmou Jessica, olhando de relance por cima do ombro para o relógio na parede. – Temos cinquenta e dois minutos.

Deer e Sam Berger viraram-se para olhar para o relógio.

– Quer dizer que o prazo termina às onze e meia? – perguntou Deer.

Jessica encolheu os ombros.

Os olhos de Sam Berger e de Deer encontraram-se. Encararam-se durante alguns momentos, lendo-se mutuamente.

Depois saíram da divisão. Nas suas costas, ouviram a voz de Jessica:

– Lembrem-se, o relógio não para.

Sam Berger bateu com a porta e disse:

– Ela nunca vai fazer aquela chamada. Está outra vez a tentar retirar algum prazer sádico da situação. Queria ser apanhada e agora está contente. Tudo o que realmente quer é olhar-me nos olhos quando a Molly morrer, mas nessa altura também não sentirá nada. A Jessica quer ver se eu tento matá-la. Então talvez sinta finalmente alguma coisa.

– Concordo – afirmou Deer, que então pareceu ter uma ideia. – Acabei de me lembrar de uma coisa. Parecia que a Jessica tinha saído da fila na

igreja de Särna. Mas e se não tivesse saído?

– Como assim?

– E se já tivesse estado na igreja para receber a palavra-passe?

Sam Berger olhou para Deer.

– A carrinha dela não esteve lá tempo suficiente. Não é possível.

– Mas a Jessica é esperta, não é? – disse Deer. – Pode ter passado à frente de toda a gente, de alguma forma, alegando que o ventilador da filha estava a funcionar apenas graças ao gerador e que tinham desesperadamente de recuperar a eletricidade. Algo deste género.

– Nesse caso, teria escrito a palavra-passe num papel – disse Sam Berger. Já procurei nos bolsos dela. Não havia lá nada.

Os olhos de ambos voltaram a encontrar-se.

– O cemitério – afirmou Deer. – É muito rebuscado, mas a Jessica pode ter deixado lá o papel com a palavra-passe quando estava a passar por entre as lápides.

Regressaram à outra divisão. Sam Berger arrastou Jessica até ao aquecedor, ao qual a prendeu com uma abraçadeira. Depois saíram sem se darem sequer ao trabalho de olhar para ela.

Ouviram-na gritar nas costas deles:

– Agora só faltam três quartos de hora. Não querem que eu ligue?

O carro derrapou no parque de estacionamento junto à igreja de Särna. Ainda havia muitos veículos, mas a fila que conduzia à igreja parecia ter diminuído um pouco. Sam Berger nem sequer tentou estacionar corretamente o carro, limitou-se a abandoná-lo e atravessou a correr a entrada do cemitério. As pessoas observavam-no enquanto escorregava e saltitava no caminho que levava às campas. Deer seguia mesmo atrás dele e amparou-o quando Sam esteve prestes a cair.

– Vais por este caminho – gritou Sam Berger. – Eu vou ao contrário.

Deslizou em direção ao cruzamento e começou a procurar na superfície lisa e brilhante como vidro do caminho em direção à sebe. Estava tudo branco, coberto de neve. Não viu nada que se destacasse contra a brancura, nem mesmo um pequeno papel branco. Alcançou a sebe com uma crescente sensação de desespero. Não tinha encontrado nada.

– Olha para isto – disse Deer em voz alta.

Sam Berger virou-se. Viu-a a caminhar na neve profunda entre duas das maiores lápides. Avançou, escorregou, continuou e virou à esquerda. Deer

estava nesse momento a baixar-se ao lado de uma campa, não muito longe da entrada do cemitério. Então levantou-se. Na mão estendida havia uma bola de papel amarrotado.

Deer desdobrou o papel e olhou para baixo. Então cerrou o punho.

Sam Berger viu o gesto, compreendeu. Contra todas as probabilidades, tinham acertado. Correram para o carro, atiraram-se lá para dentro e arrancaram rapidamente. Olhando para a folha de papel desdobrada, Deer disse:

– Há o raio de uma morada. Numa aldeia chamada Mörkret.

– Mörkret? Estás a gozar? Uma aldeia chamada *Escuridão*? – exclamou Sam Berger quando chegou à curva para Särnavägen. Direita ou esquerda era a questão.

– Para que lado vou? – perguntou.

– Espera – afirmou Deer, abrindo o computador portátil. Os dedos bailaram graciosamente pelo teclado. Depois, Deer olhou para o ecrã.

– Mörkret – disse. – Uma aldeia na paróquia de Särna, no município de Älvdalen. Vinte e cinco quilómetros a oeste daqui. Ou seja, vais para a direita.

O carro derrapou perigosamente quando Sam virou bruscamente à direita. Molly inseriu no GPS do veículo a morada que constava no papel. Depois conteve a respiração.

E obteve um resultado. O GPS focou o destino e indicou uma distância de vinte e sete quilómetros. Tudo parecia encaixar.

Deer recostou-se quando Sam Berger fez com que o carro voltasse a derrapar, segurou-se bem e depois olhou mais uma vez para o portátil.

– É o ponto mais interior do país. E passo a citar: «A pouca distância, a leste da aldeia de Mörkret, à sombra do Fulufjället, encontra-se o ponto da península escandinava mais distante do mar, a pouco mais de duzentos e vinte quilómetros da costa de Hälsland, o fiorde de Trondheim e o fiorde de Oslo.»

– Mörkret – disse Sam Berger, evitando nova derrapagem. – O ponto mais recôndito do interior da Suécia.

A estrada contorcia-se cada vez mais e era progressivamente mais difícil manter o carro a circular nela. Sam Berger não tinha a certeza de estar sequer a respirar.

Deer seguia em silêncio. O seu olhar era vítreo.

– Vinte e três minutos – disse passado algum tempo.

Sam Berger conduzia em contrarrelógio. O mundo assumira dimensões verdadeiramente doentias. A passagem do tempo balbuciava, estremecia, acelerava. A estrada branca reluzente serpenteava entre montanhas brancas e abetos igualmente reluzentes.

Estava tudo branco. Absolutamente branco.

O cérebro também. E no mais fundo do seu ser também estava tudo branco.

Molly, pensou. O pedal do acelerador não ia mais para baixo. Viu a faca de Reine a aproximar-se cada vez mais do corpo dela. Viu o bloco de madeira.

O carro movia-se aos solavancos pelo asfalto gelado.

– A Jessica escreveu tudo – disse Deer. – Este final de jogo está planeado há muito tempo.

– Que queres dizer com isso? – perguntou Sam Berger quando baixou novamente o pé.

– Na carta – explicou Deer. – Na carta que me enviou. Até comentámos isso. A Jessica disse, completamente a despropósito: «Estou na Escuridão.» Numa linha separada, em maiúscula.

– Claro, porque é esperta como o caraças – disse Sam Berger.

Seguiram em silêncio por muito tempo.

O relógio avançava e mostrava agora 11h27.

Faltavam três minutos para Reine Danielsson começar a enfiar a faca em Molly Blom. Sam Berger olhou para o GPS. Faltavam sete quilómetros para chegarem à morada em Mörkret.

Nunca chegariam lá a tempo.

Sam Berger nunca seria capaz de explicar o que aconteceu ao tempo naquele momento. Estava constantemente a sacolejar e a torcer-se, nunca fazendo sentido. Como se tudo estivesse ligeiramente deslocado. E conduzia como nunca antes conduzira.

Será que deviam ter tentado persuadir Jessica Johnsson a fazer a chamada? Poderiam tê-la obrigado? Torturado? Poderiam ter-lhe arrancado as unhas?

Mas aquela cabra só teria gostado disso.

A única opção era acelerar a fundo. E conduzir como um louco. Através do balbuciar absurdo do tempo.

Quando o relógio mostrou que eram onze e meia, ainda continuava tudo apenas branco. Mas agora de um branco mais enjoativo.

Não se enganaram no caminho uma única vez. Mesmo assim, chegaram oito minutos atrasados.

O tempo deixou de agir estranhamente, não houve mais movimentos absurdos.

Sam Berger saiu precipitadamente do carro e correu em direção à casa. Ouviu Deer atrás dele, ouviu-a a mover a patilha de segurança da pistola. Sam nem queria saber de armas naquele momento, só corria. A porta da frente estava entreaberta, abriu-a de rompante, atravessou uma sala, procurando freneticamente de divisão em divisão até que finalmente chegou a uma porta aberta que dava para uma cave.

E mergulhou escadas abaixo em direção ao coração da Escuridão. Viu um relógio na parede, um sofá de veludo vermelho coberto de plástico, uma mesa com um bloco de madeira. Viu uma cadeira vazia com restos de abraçadeiras pendurados, viu uma faca no chão, viu uma figura numa poça de sangue e correu até ela. Virou-a.

Era Reine Danielsson, o sangue escorria-lhe da cabeça, a respiração era difícil e agitada.

Sam Berger rodou nos calcanhares e via agora o rasto de sangue que tinha pisado enquanto descia as escadas. Viu a quantidade de sangue, subiu outra vez a correr para o andar de cima, ouviu Deer a gritar com uma voz estranhamente abafada:

– Vi um rasto de sangue na neve!

Saiu, viu Deer a atravessar a neve a dez metros de distância, viu o rasto de sangue que a colega tinha parcialmente apagado e desatou a correr atrás dela. Passou por Deer.

O rasto de sangue conduzia à imensa brancura, subia uma colina e desaparecia além dela. Tentou dar um primeiro passo encosta acima, mas caiu de borco no chão e afundou-se na neve com um metro de profundidade. Ficou com a boca cheia de neve e não conseguia respirar.

Aquilo durou quase uma eternidade e Sam Berger começou a entrar em pânico. Uma avalanche de pânico. Mas pôs-se de pé e dessa vez as pernas não cederam.

Cuspiu neve, soprou os restos que lhe enchiam as narinas, vomitou neve, mas continuou encosta acima. O progresso era dolorosamente lento. Como

se estivesse a andar sobre areias movediças. Finalmente chegou ao topo da colina e observou o outro lado com um olhar instável e hesitante.

E lá estava ela.

Deitada de bruços, os braços estendidos à sua frente na neve e, em redor da mão direita, um círculo de sangue ia cobrindo progressivamente a brancura.

Como um anjo caído.

Com o cabelo castanho cortado acima dos ombros.

Agachou-se ao lado de Molly Blom, virou-a, não viu movimento por detrás das pálpebras fechadas. O corpo apresentava uma palidez azulada, mas não podia ainda ter congelado até à morte. Verificou a respiração, a pulsação; ambas eram fracas, quase inexistentes.

Levantou-se, tentou olhar para trás sobre a colina, não conseguiu ver Deer, parecia ter desaparecido no interior da casa.

Despiu o blusão acolchoado e tapou com ele o corpo de Molly. Então ergueu-lhe suavemente o braço direito. Uma grande fatia de carne tinha sido cortada da base do polegar até ao pulso. O sangue estava literalmente a jorrar, mas não era claro que a artéria tivesse sido completamente cortada. Sam Berger despiu igualmente a camisola de lã e tentou rasgá-la em tiras, mas não conseguiu. Ouviu passos na neve do outro lado da colina, viu o rosto de Deer a aparecer, completamente pálida. Deer entregou-lhe alguns cobertores e disse:

– O helicóptero da Emergência Médica está a caminho.

Então, Deer viu a ferida no pulso de Molly e o sangue a bombear para fora, e disse:

– Que grande merda.

– O quê? – perguntou Sam, conseguindo finalmente rasgar o tecido.

– A Molly representou a fantasia da Farida Hesari.

– Que raio estás para aí a dizer? – exclamou Sam, fazendo um torniquete em torno do braço de Molly.

– Como é que ela está? – perguntou por sua vez Deer.

Sam abanou a cabeça. Enrolaram o corpo branco-azulado de Molly em cobertores e no blusão acolchoado. Sam Berger pegou-lhe.

A neve começou a cair devagar. Através de uma névoa de lágrimas, Sam viu flocos de neve a flutuar na sua direção. Caíam sem parar, infinitamente. Como se quisessem envolver a parte mais recôndita do

interior num manto de esquecimento.

Sam Berger carregou Molly Blom com cuidado pelos montes de neve. Olhou para o rosto dela.

Molly parecia morta.

A neve caía com mais intensidade à medida que caminhavam e, mal tinham acabado de chegar à casa, um autocarro passou na estrada.

41

Quinta-feira, 26 de novembro, 11h30

Jessica Johnsson continuava sentada, imóvel, encostada ao aquecedor, a observar o relógio de parede a chegar às 11h30. Era a hora em que tudo se concretizava. E estava a acontecer naquele preciso momento.

Era como se toda a energia, toda a tensão, toda a vontade se tivessem esvaído dela.

Acabara.

Ela própria tinha chegado ao fim.

Molly Blom estava morta, Sam Berger destruído. E Jessica Johnsson tinha poder, tinha poder real sobre a vida e a morte.

Ela era Deus. Ela era a encarnação da deusa da morte. Tinha matado a namorada do papá.

Mas agora tudo tinha acabado.

Sentira alguma coisa? Na verdade, não. Era tarde demais para isso. Sabia que Sam Berger voltaria em breve. Talvez viesse matá-la. Havia uma lógica mórbida nisso. Sam Berger é que seria condenado a prisão perpétua, não ela. Fosse como fosse, a vida dela estava terminada. E talvez sentisse alguma coisa durante os segundos finais.

Claro que nunca lhe ocorrera sequer ligar a Reine para o fazer parar o processo.

Não podia deixar de imaginar o que teria acontecido se não tivesse encontrado o trevo de quatro folhas.

Lembrava-se tão vividamente daquele dia. A caminhada ao longo da costa entre Fagersjö e Farsta. A pequena família tinha ido até lá de Rågsved, não era muito longe. A água cintilante do lago Magelungen. O pai, Ove, com a sua máquina fotográfica, a mãe, Eva, cuja barriga tinha começado a crescer. O pequeno amontoado de árvores, o denso campo de

trevos. O caminho que conduzia aos trevos. O vestido de domingo a oscilar elegantemente em torno da barriga das pernas. Levantara-se uma leve brisa que fazia o vestido acariciar-lhe a pele.

Afundou-se lentamente no campo de trevos.

Essa foi a última vez que sentiu alguma coisa. Na altura, pensou como tudo era bom. Claro que, pouco antes de a família se ter posto a caminho, a mãe anunciara a Jessica que ia finalmente dar-lhe um irmãozinho. Mas Jessica ainda não tinha interiorizado completamente aquela informação. Só quando se enfiou naquele pequeno campo e encontrou o trevo de quatro folhas, e no preciso momento em que o exibiu na direção da máquina fotográfica do pai, é que foi acometida por aquele desejo. No preciso momento em que ouviu o clique, desejou não ter um irmãozinho. Cerca de uma semana mais tarde, recebeu a foto depois de ter sido revelada. Lembrou-se de ter escrito o desejo naquele momento, na parte de trás da fotografia. Isso significava que estava feito. E o pai, Ove, lera o que Jessica escrevera; não era para ter lido, mas leu. Ficou pálido. Mas, como era seu costume, não disse nada.

Por acaso era verdade. Sam Berger tinha razão. O pai, o homem da ciência, tinha sem dúvida temido a própria filha. Mudara-se para se afastar dela. E fugira para o outro lado do mundo.

Jessica esperava que o pai ainda estivesse vivo. E que sentisse vergonha.

Aquele sacana cobarde.

E então estava outra vez lá. Era inevitável. Nem mesmo agora, pouco antes de morrer, conseguia deixar de ver a chave a ser enfiada na fechadura. Não conseguia deixar de ver os próprios pés a caminharem em direção à cozinha, e ali, no limiar entre a sala e a cozinha, não conseguiu evitar o rosto pálido e morto da mãe, não conseguiu deixar de ver o horrível caos de sangue a espalhar-se pelo chão.

E olhou o irmão morto nos olhos.

Pensou que aqueles olhos ainda malformados lhe diziam: «Nunca mais voltarás a sentir nada, Jessica.»

Então ouviu um carro, ouviu passos no alpendre e preparou-se.

Estava na hora.

Fechou os olhos. O calor do aquecedor ao qual estava amarrada era estranhamente agradável. Esperava que Sam Berger fosse rápido.

Sentiu que já tinha sofrido o suficiente. Na verdade não queria que lhe

arrancassem as unhas.

Ouviu a porta principal a abrir-se, ouviu passos a avançarem cada vez mais para o interior da casa, ouviu a porta interior a abrir-se, ouviu passos no quarto, ouviu-o a sentar-se na mesa de bétula envernizada.

Não devia estar a gritar e a chorar? Não devia ir simplesmente sentar-se ali sem emitir qualquer ruído, depois de ela ter acabado de lhe matar a amante.

Abriu os olhos.

O homem sentado à mesa não era Sam Berger. Era um homem corpulento com grossos óculos de leitura. Calçou cuidadosamente um par de luvas de pele extremamente finas. Depois olhou para Jessica, sorriu e disse:

– Bem, Jessica, os teus jogos chegaram ao fim. Espero que tenha valido a pena.

– Quem és tu? – exclamou Jessica Johnsson.

– Chamo-me Carsten – respondeu o homem. – Tenho tido muita dificuldade em encontrar-te.

– Mas… – disse Jessica. – Pensava que…

– Eu sei o que pensavas – disse Carsten. – Mas examinei cuidadosamente o teu currículo e o que mais me impressiona é quão *pouco* mereces saber. Tens sido uma menina muito má.

– Tens de compreender…

– Eu não tenho de fazer coisa nenhuma – disse Carsten, sacando uma *Sig Sauer P226* bem polida do bolso de dentro do casaco.

– Quem raio és tu?

Carsten sorriu e disse:

Life's but a walking shadow, a poor player
That struts and frets his hour upon the stage
And then is heard no more: it is a tale
Told by an idiot, full of sound and fury,
Signifying nothing[7].

– Mas que raio…?

– Às vezes – disse Carsten –, acho que o verdadeiro castigo é a completa ignorância no momento da morte. Algumas pessoas simplesmente merecem morrer sem ter a mais pequena ideia do motivo. Não conseguem levar com elas nem sequer um vislumbre de expiação para o inferno.

Porque é para onde tu vais, Jessica, não tenhas dúvidas disso. Diz-lhes que em breve também lá estarei.

– Que raio queres dizer com essa treta? – perguntou Jessica, e começou a puxar a abraçadeira.

– A ideia principal é tu morreres na absoluta ignorância – disse Carsten, e deu-lhe três tiros, bem apontados ao coração.

Durante o seu último segundo de vida, Jessica Johnsson realmente sentiu alguma coisa. Sentiu uma imensa surpresa.

Carsten tirou os óculos grossos e pestanejou várias vezes.

Limpou uma lágrima que tinha ao canto do olho.

Então aproximou-se e enfiou uma grossa meia preta na garganta de Jessica.

Deu um passo atrás para admirar a sua obra.

A visão estava cada vez pior.

E acabaria sozinho no seu terraço andaluz.

Signifying nothing.

---

[7] Em inglês no original. «A vida não passa de uma sombra errante, um fraco ator,*/Que se pavoneia e agita na sua hora em cena,/E não se ouve mais: é um conto/Dito por um idiota, cheio de som e fúria,/Mas que nada significa.*» *(N. do T.)*

42

Sexta-feira, 27 de novembro, 11h14

O corredor que Deer percorria parecia interminável. Através da fila infinita de janelas, pôde ver que o gelo começara a instalar-se em Årstaviken. Conseguia vê-lo mesmo através do forte nevão.

Ia ser um longo inverno.

O hospital de Södermalm estava cheio, como era habitual. Quando abriu a porta, a única coisa que separava o corpo das outras três camas que havia no quarto era uma cortina desbotada. O quarto também parecia desrespeitosamente cheio de estranhos. Três homens vestidos de branco falavam em voz baixa em torno de uma das camas, uma auxiliar de enfermagem trocava um saco de líquido intravenoso junto a uma das outras camas, e via-se um auxiliar de limpeza a esfregar o chão pela porta aberta de uma casa de banho. Ao lado da cama de Molly Blom, no canto mais à direita, encontrava-se um homem amplo com um rosto amplo e um bigode ainda mais amplo.

Deer soltou um suspiro profundo. Aquela era a última coisa de que precisava.

– Conny – afirmou.

Conny Landin, superintendente do Departamento Nacional de Operações, mais conhecido como DNO, disse:

– Desiré.

– Como está a Molly? – perguntou Deer.

– Não sei – respondeu Landin. – Um daqueles médicos já cá vem, depois de acabarem a reunião.

Deer assentiu. Olhou para Molly Blom e perguntou-se o que estaria ela a sentir. Os instrumentos moviam-se ao ritmo da respiração de Molly. Deer interrogou-se se conseguiria realmente respirar sem ajuda.

Landin aclarou a garganta e perguntou:

– Presumo que tenhas visto os tabloides?

– Como é que podia não ter visto? – perguntou Deer, ainda olhando para a grande quantidade de aparelhos hospitalares que rodeavam Molly Blom e faziam o seu corpo inconsciente parecer muito pequeno.

Quase como o de uma criança.

Landin abanou a cabeça e disse:

– É óbvio que sei que me mentiste e que estavas a trabalhar nalguma missão secreta para o Serviço de Segurança, com o Sam Berger. E claro, as regras normais não se aplicam quando se trata do Serviço de Segurança.

Deer fungou e abanou a cabeça. Landin prosseguiu:

– Mesmo assim, manchetes como EX-AGENTE PROCURADO POR HOMICÍDIO DE SUSPEITO não são realmente o que queremos num momento destes…

– Pois não – afirmou Deer.

– A vossa Jessica Johnsson foi baleada com a velha arma de serviço do Sam Berger, uma *Sig Sauer P226* que ele devia ter entregado. Acrescente-se o facto de o ADN dele ter sido encontrado em pelo menos três casos antigos relacionados com a mesma investigação e não é de surpreender que Sam Berger tenha voltado a desaparecer. Presumo que tenhas consciência de que os Assuntos Internos vão querer interrogar-te?

– Sim, claro – respondeu calmamente Deer.

– Quer dizer que seguiste com ela no helicóptero da Emergência Médica até Falun, mas o Sam Berger não?

– Não havia espaço, e duas pessoas precisavam de tratamento urgente. Mas nós tínhamos um carro, o Sam Berger deslocou-se nele até Falun.

– Sim, o carro foi encontrado no parque de estacionamento do hospital. E aí perdemos-lhe o rasto. É óbvio que regressou à casa de Särna e matou a Jessica Johnsson. Foi a conclusão da Polícia de Dalarna.

– Suponho que teremos de ver o que dizem os Assuntos Internos – afirmou Deer quando um dos médicos se aproximou e perguntou:

– São da Polícia, certo?

Apresentaram-se. O médico disse:

– Ora bem, Molly Blom. Não há realmente nenhum parente próximo?

– Provavelmente sou a pessoa mais chegada que vai conseguir encontrar – respondeu Deer. – Como está ela?

– O estado dela ainda não é estável – disse o médico. – Estamos a

observá-la atentamente para ver se a grande quantidade de sangue que perdeu provocou danos permanentes no cérebro.

– E… o bebé? – perguntou Deer quase impercetivelmente.

– O feto está bem – respondeu o médico. – Isso, pelo menos, significa que a Molly vai ficar connosco durante os próximos oito meses, no mínimo.

Deer fitou-o sem compreender. O médico percebeu e corrigiu:

– Quer dizer, se chegássemos ao ponto de uma situação de *atria mortis*.

Então apercebeu-se de que o esclarecimento não tornava propriamente as coisas mais claras.

– Morte cerebral – explicou.

Que foi uma explicação admiravelmente clara.

– Mas ainda não chegámos a esse ponto? – perguntou Deer o mais calmamente possível.

– Não, não – respondeu rapidamente o médico. – Por enquanto, o prognóstico é reservado. Os outros indicadores parecem bons. Vamos fazer uma RM assim que for clinicamente seguro.

– Uma quê?

– Perdão, uma ressonância magnética – disse o médico. – Para nos dar uma imagem mais clara da atividade cerebral.

O médico afastou-se. Landin virou-se para Deer:

– Quero um relatório verbal completo ainda hoje, Desiré. Pode ser daqui a uma hora? Meio dia e meia, no meu gabinete?

Deer assentiu e observou o homem atarracado a abandonar o quarto juntamente com a equipa clínica. Então virou-se para Molly Blom. Avançou até à cama e pegou-lhe na mão. Estava pálida e gelada.

Deer sentia-se mesmo muito em baixo.

O auxiliar de limpeza saiu da casa de banho. Deer só o viu por trás, a resmungar enquanto espremia a esfregona. Virou-se. De repente, o homem estava ao lado dela.

– Espero que o teu coração esteja em boa forma – disse o auxiliar.

Deer voltou a virar-se e fitou-o. Estava a olhar para o rosto ainda por barbear de Sam Berger. Fechou os olhos e abanou a cabeça.

– Que raio aconteceu? – perguntou depois de o choque inicial se ter atenuado.

– Que foi que ouvi sobre morte cerebral? – perguntou Sam Berger,

caminhando até Molly.

Deer deixou-o pegar na mão de Molly.

– Apenas que não é claro – explicou Deer. – A Molly não está em morte cerebral, Sam. E o bebé está bem.

– Seja lá quem for o pai – disse Sam Berger, acariciando lentamente a mão de Molly Blom.

– Que se passa, Sam?

Sam Berger demorou algum tempo a responder. Quando finalmente abriu a boca, falou muito devagar:

– Quando ia de carro a caminho de Falun, ouvi comunicarem na frequência da Polícia um homicídio em Särna. Acabei por ficar a saber que alguém tinha entrado em casa da Jessica e a tinha matado a tiro. E, tendo em conta que já havia alguém a tentar incriminar-me, decidi não dar nas vistas até poder descobrir o que tinha acontecido.

Então recebi a notícia de que tinha sido baleada com a minha velha pistola de serviço.

– Sim, que raio foi isso?

– Não sei – respondeu Sam Berger. – É óbvio que a deixei no armeiro na sede da Polícia quando fui demitido. Alguém a roubou para tentar incriminar-me. Tens de acreditar em mim, Deer.

Deer olhou para Sam e, pela primeira vez em muito tempo, Sam Berger pensou nos olhos de um veado.

– Sim – afirmou Deer. – Acredito em ti. Mas deu tudo para o torto.

– Não sei – disse Sam Berger. – Pelo menos, a Molly ainda está viva. Graças a ti, Deer.

Devolveu-lhe a mão fria de Molly Blom e recuou um pouco. Deer acariciou-lhe a mão e sentiu a dor crescer dentro dela.

Do que precisava agora era de um grande abraço.

Virou-se. Mas Sam Berger já tinha desaparecido.

No corredor, Sam Berger despiu o uniforme de auxiliar de limpeza e olhou para o telemóvel que vibrava. No ecrã lia-se:

«Ponto 0.»

* * *

Aquela única folha de álamo aferrava-se ao galho mais saliente de um

ramo solitário. Sam Berger deteve-se na neve rodopiante e observou a folha, que não tardou a cair. Desceu lentamente e pousou-lhe junto aos pés sem o mais pequeno ruído. Depois, Sam atravessou o que em tempos fora o parque infantil da sua infância em direção à cabana de pesca que quase parecia fosforescente.

Em Edsviken, o barco a remos ficava cada vez mais coberto de neve. E tinha começado a formar-se gelo.

Subiu os degraus até à cabana de pesca. Desta vez não foi recebido por uma *Sig Sauer P226*. Em vez disso, a porta foi aberta pelo chefe, aparentemente desarmado, da Secreta do Serviço de Segurança.

O cabelo grisalho muito curto continuava a assemelhar-se a limalhas de ferro em torno de um íman, mas o olhar era muito diferente, mais conciliatório. Era como se o homem cujo rosto não mostrava nada tivesse alargado o repertório.

Houve também o facto de ter dito:

– Ainda bem que conseguiste aparecer.

Sam Berger olhou para August Steen. Sentaram-se de ambos os lados da velha bancada de trabalho na cabana de pesca. Steen meneou a cabeça durante algum tempo. Então empurrou um *iPad* pela bancada.

Um vídeo começou a passar. Sam Berger reconheceu instantaneamente o interior do esconderijo seguro do Serviço de Segurança, em Särna, lá em cima, em Dalarna. Jessica Johnsson estava amarrada a um aquecedor no outro extremo da divisão. Tinha os olhos fechados. Então, um homem entrou; até ao momento, apenas as costas eram visíveis. Sentou-se na mesa. Jessica abriu os olhos e uma conversa silenciosa decorreu durante algum tempo. No fim, Jessica começou a puxar a abraçadeira. Então, o homem deu-lhe três tiros no peito. Permaneceu sentado durante algum tempo, depois aproximou-se e enfiou uma grossa meia preta na garganta da mulher morta.

Quando se virou, Steen fez uma pausa no filme.

E ficou muito claro que o homem era Carsten.

– Não tem áudio? – perguntou Sam Berger.

– Infelizmente não – respondeu Steen. – Era uma microcâmara, mas sem microfone. O Carsten encontrou tudo o resto.

– Este é o *teu* homem, Steen – disse Sam Berger. – E por acaso é-te muito próximo. Estava aqui contigo da última vez, quando tudo era tão

secreto. Que se passa aqui?

– Apetece-te ver outro filme? – perguntou Steen em vez de responder. – Desenterrei-o pouco tempo antes de vir para aqui. Tem poucas semanas.

Sam Berger assentiu. Começou outro vídeo.

Mostrava um *open space*. Apesar de estar escuro, parecia familiar. Sam Berger demorou um momento a reconhecer o antigo local de trabalho, onde a equipa de Allan Gudmundsson lidara com o caso Ellen Savinger. Um homem entrou em cena, e a filmagem mudou para visão noturna, com as formas a ficarem todas verdes e brancas. O homem foi direito ao armeiro, abriu-o sem qualquer dificuldade e retirou uma pistola.

Steen fez uma pausa.

– Consegues ver claramente de que parte do armeiro a tirou – disse.

– Da minha – disse Sam Berger.

Steen carregou novamente no *Play*. Quando o homem se virou, ficou claro mais uma vez, apesar da visão noturna, que era Carsten.

– Isso iliba-me – disse Sam Berger.

– Mas isso nunca será divulgado – retorquiu Steen.

– Que me impede de pegar no *iPad* e fugir com ele?

– Nada – respondeu Steen e sorriu sem alegria. – Mas os ficheiros têm um prazo de validade. Teriam desaparecido antes de chegares a passar pela porta. Pouparíamos tempo se não nos subestimássemos um ao outro.

Sam Berger olhou para Steen.

– O que se está a passar? – perguntou.

– É uma longa história – respondeu Steen. – Se me deres licença, conto-te a versão resumida.

– Assassinaste a Syl, sacana – rosnou Sam Berger.

– Não – disse calmamente Steen. – A versão resumida?

Sam Berger não disse nada. Steen assentiu e começou:

– A Sylvia Andersson foi assassinada porque tentou, sob instruções tuas, recuperar vários ficheiros na parte mais secreta do arquivo do Serviço de Segurança, não é verdade? Ficheiros que tinham sido apagados no início do novo ano? Esta é a tua teoria, não é, Sam?

Sam Berger olhou Steen na penumbra da cabana de pesca sem qualquer mudança de expressão.

– É verdade que fui eu quem apagou esses ficheiros – prosseguiu Steen. – Porque cerca de um mês antes, começou a ser evidente que tínhamos

uma toupeira no Serviço de Segurança.

– Uma toupeira?

– Desculpa a terminologia da Guerra Fria – disse Steen, sorrindo. – Um traidor, um espião, uma fuga de informação, chama-lhe o que quiseres. Tinha de me certificar de que a toupeira não apanhava aqueles ficheiros.

– A família Pachachi é a chave? – perguntou Sam Berger.

August Steen fez a expressão mais animada que Sam Berger alguma vez lhe vira.

– Foi por isso que tivemos de livrar-nos de ti – disse. – Porque tu percebeste isso. Tivemos de te pôr fora do alcance da toupeira. De te proteger dela.

– Por isso serviste-te da Molly?

– Tens uma ideia errada sobre a Molly Blom – disse Steen. – A Molly tinha rompido connosco, estava pronta para entrar no mundo dos negócios como detetive privada contigo. Salvou-te quando tiveste um colapso aqui nesta cabana, um grave colapso mental. Nós só a contactámos mais tarde. A Molly concordou em manter-te escondido; compreendeu que tinha sido a toupeira a assassinar a tua Syl.

Sam Berger fitou Steen.

– Esta foi a versão resumida – disse Steen após uma pausa. – A Pachachi é extremamente importante para nós, e a única pessoa que conhece a sua verdadeira identidade sou eu. Mas então aparece uma toupeira a tentar descobri-la. Tive de me apressar a apagar todos os ficheiros relacionados com o Pachachi. O tipo fez outras tentativas, assassinou uma velha senil com uma meia grossa, uma mulher que poderia ter identificado o Gundersen, e foi o Gundersen quem nos ajudou a trazer o Pachachi para cá. Assassinou a Sylvia, mesmo que não pareça que a Sylvia tivesse quaisquer informações acerca do Pachachi para lhe dar: pelo menos certamente nada de que nós já não estivéssemos a par. Mas, acima de tudo, levou a filha do Pachachi. Foi raptada pel...

– William – disse Sam Berger, embora quase não conseguisse falar.

– A toupeira tem-na em seu poder neste momento – disse Steen. – Entrou e levou a Aisha antes de o labirinto de Stupvägen estar terminado. Ignorou todas as outras raparigas raptadas e limitou-se a levar a Aisha. Agora mantém o Pachachi calado porque tem a filha dele. Mas a toupeira só consegue as suas trinta moedas de prata quando assassinar o Pachachi.

Quer dizer, consideravelmente mais do que essas trinta moedas.

– De onde vem o dinheiro?

– Provavelmente do Estado Islâmico. Ando à caça da toupeira há um ano e agora o tipo entrega-se assim sem mais nem menos. É completamente louco.

– O Carsten? – exclamou Sam Berger.

Steen assentiu devagar e disse:

– A principal motivação dele era provavelmente a necessidade de um bode expiatório. É óbvio que teria sido preferível escolher alguém do Serviço de Segurança, mas tendo em conta que tu já eras responsável por ter posto a Sylvia Andersson a vasculhar as zonas mais sensíveis dos nossos arquivos, eras realmente uma toupeira plausível.

– O tipo assassinou a Jessica para fazer de mim a tua toupeira? – perguntou bruscamente Sam Berger.

– O motivo primário foi esse – concordou Steen. – Mas é sempre a paixão que trai as toupeiras. O espião perfeito é um espião castrado.

– Espera lá, o Carsten está a tentar incriminar-me porque...

– Secundariamente, sim. Porque é ciumento. Há muita coisa a sugerir que o Carsten julga que afastaste a Molly dele. Há informações sobre vocês os dois nos relatórios de vigilância. Se soubermos o que procurar. E eu não soube, até ser quase demasiado tarde.

– Então e onde está o Carsten agora?

– Provavelmente ainda está algures na Suécia. Juntamente com a criança raptada, a Aisha Pachachi. Creio que está à espera de que o pai lhe faça uma oferta. À espera de que se sacrifique pela filha.

– E porque é que eu estou aqui? Que queres de mim?

Steen olhou para Sam Berger por um longo momento.

– Estamos na iminência de uma coisa em grande – respondeu. – Há indivíduos perigosos a caminho do país. Se o Carsten conseguir silenciar o Ali Pachachi, essa gente poderá levar a sua avante sem problemas. E enfrentaremos o pior ato de terrorismo da história sueca.

Sam Berger fitou-o.

– Que queres de mim, August? – perguntou.

– És melhor do que pensas, Sam.

– A Molly está para ali deitada, possivelmente em morte cerebral. Com um bebé no ventre que pode muito bem ser meu.

Steen abanou a cabeça.

– Como eu disse, o espião perfeito é um espião castrado – afirmou. – Mas a Molly não está em morte cerebral. A situação não é clara. E acredito que a questão da paternidade também seja um tanto dúbia.

Sam Berger olhou para os destroços do relógio ao qual fora acorrentado não há muito tempo.

– O que queres, August? – voltou a perguntar Sam Berger.

August Steen empurrou um telemóvel e um maço considerável de notas na direção de Sam Berger e disse:

– Só quero que estejas pronto; vou precisar de ti em breve. E não te esqueças de que foi emitido um alerta nacional para a tua captura. Mantém-te abaixo do radar.

– Começo a estar habituado a isso – afirmou Sam Berger com um sorriso irónico.

43

Sexta-feira, 27 de novembro, 14h02

Com a neve que caía era quase impossível ver como estava bem guardada a recentemente construída prisão psiquiátrica de alta segurança Helix, em Huddinge. Mesmo assim, o condutor do carro conseguiu entrar, munido de uma autorização falsa emitida pela mais alta hierarquia possível. Estacionou e desligou o motor.

Sam Berger ajustou o retrovisor e olhou para o rosto recém-barbeado. Não se reconheceu.

E sentiu-se terrivelmente sozinho.

Cheirava, sem dúvida, a novo nos corredores notavelmente agradáveis do edifício. A médica precedia-o energicamente com andar de gazela. Sem se virar, disse:

– É uma pena ter feito a viagem em vão.

– Como assim? – perguntou Sam Berger.

– Não são permitidas quaisquer comunicações antes do julgamento – explicou a médica. – Mas pode dar uma vista de olhos pela janela.

A médica parou abruptamente a alguns metros de uma porta com uma pequena janela. Depois virou-se e começou a percorrer o caminho em sentido contrário.

– Tem cinco minutos – disse por cima do ombro. – Depois vem um funcionário buscá-lo.

Sam Berger esperou que a médica desaparecesse. Então aproximou-se lentamente da janela e espreitou lá para dentro.

A primeira coisa que viu foi uma grande janela. Através da neve que caía pesadamente vislumbrou um autocarro a passar na estrada.

Depois viu Reine Danielsson. Estava sentado a uma mesa, a desenhar. A mesa estava coberta de folhas e de uma grande variedade de lápis de cor.

Reine tinha uma expressão extremamente concentrada. Podia até haver algum indício de felicidade escondido por detrás daquele olhar tão focado.

A princípio foi difícil perceber o que estava a desenhar. Então, Sam Berger viu que também havia desenhos nas paredes. O motivo não tardou a revelar-se.

Trevos de quatro folhas. Toda a cela de Reine Danielsson estava decorada com desenhos extremamente pormenorizados de trevos de quatro folhas.

Então, Reine ergueu os olhos para Sam Berger. Sorriu e levantou a mão direita como se fosse acenar. Em vez disso, esticou o indicador e o dedo médio, imitando um revólver de cano duplo.

E disparou.

ARNE

DAHL

PERSEGUIDOS



D.QUIXOTE

«Arne Dahl combina intriga global com inteligência, *suspense* e genuína qualidade literária.»
LARS KEPLER